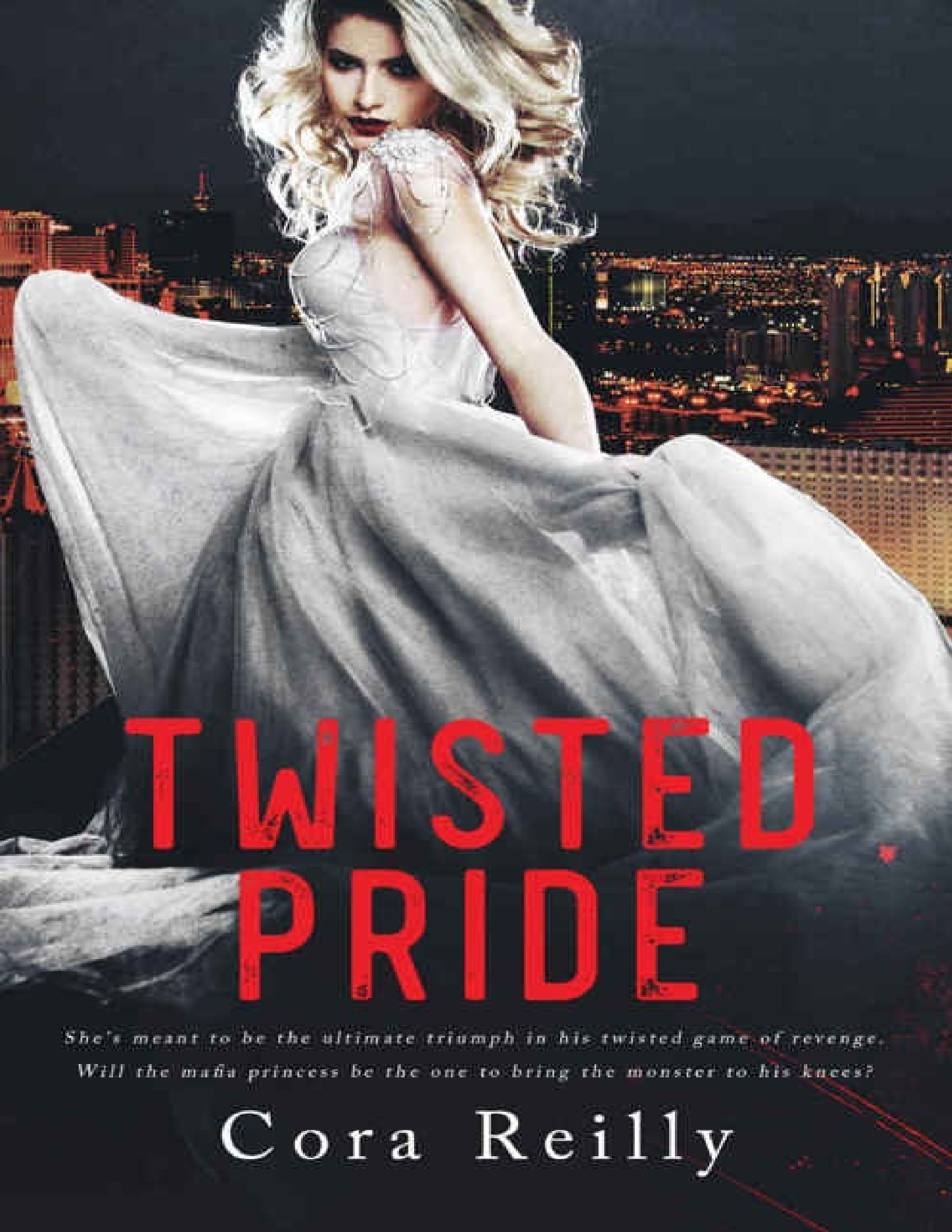

TWISTED
PRIDE
She's meant to be the ultimate triumph in his twisted game of revenge.
Will the mafia princess be the one to bring the monster to his knees?
Cora Reilly

Cora Reilly

#3 Twisted Pride

Série The Camorra Chronicles

Tradução Mecânica: Magali

Revisão: Si

Leitura: Aurora

Data: 05/2019

Twisted Pride Copyright © 2019 Cora Reilly

SINOPSE

Remo Falcone está além da redenção.

Como Capo da Camorra, ele governa com uma mão brutal sobre seu território - um território que a Chicago Outfit rompeu.

Agora Remo está atrás de vingança.

Um casamento é sagrado, roubar uma noiva é sacrilégio.

Serafina é a sobrinha do chefe da Outfit, e sua mão foi prometida em casamento há anos, mas raptada em seu vestido de noiva a caminho da igreja por Remo, Serafina rapidamente percebe que não pode esperar por salvação. No entanto, mesmo nas mãos do homem mais cruel que ela conhece, ela está determinada a se agarrar ao seu orgulho, e Remo logo entende que a mulher à sua mercê pode não ser tão fácil de quebrar quanto ele pensava.

Um homem implacável em uma missão para destruir a Outfit, quebrando alguém que eles deveriam proteger.

Uma mulher com a intenção de deixar um monstro de joelhos.

Duas famílias que nunca serão as mesmas.

A SÉRIE

Série The Camorra Chronicles

Cora Reilly



Prólogo

SERAFINA

Toda a minha vida fui ensinada a ser honrada, a fazer o que se esperava de mim. Hoje fui contra tudo.

Sombrio e altivo, Remo apareceu na porta, vindo reivindicar seu prêmio. Seus olhos percorreram meu corpo nu, e os meus fizeram o mesmo.

Ele era cruel e pervertido. *Além da redenção*.

Atratividade brutal, prazer proibido, promessa de dor. Eu deveria ter ficado com nojo dele, mas não estava. Não por seu corpo e nem sempre por sua natureza.

Eu desliguei a água do chuveiro, com medo do que ele queria, completamente apavorada com o que eu queria. Este era o seu jogo de xadrez; ele era o rei e eu era a rainha presa que a Outfit precisava proteger. Ele me colocou em posição para o seu último movimento: a matança. Cheque.

Ele começou a desabotoar sua camisa e depois a tirou dos ombros. Ele se aproximou, parando diante de mim. — Você sempre me observa como algo que quer tocar, mas não é permitido. Quem está te impedindo, *Angel*?

Capítulo Um

SERAFINA

— Eu mal posso acreditar que você vai se casar em três dias, — disse Samuel, seus pés apoiados ao lado dos meus na mesa de café. Se mamãe visse, ela nos estrangularia.

— Eu também, — disse baixinho. Aos dezenove anos, eu já era mais velha do que muitas outras garotas em nosso mundo, quando entraram no vínculo sagrado do matrimônio, e fui prometida a Danilo há muito tempo. Meu noivo tinha apenas vinte e um anos, portanto um casamento mais cedo não era muito atraente. Eu certamente não me importei. Isso me deu tempo para terminar a escola e ficar em casa com Samuel por mais um ano. Ele e eu nunca havíamos ficado separados por muito tempo, a não ser por alguns dias em que ele tinha negócios a tratar para a Outfit.

Por causa da doença de seu pai, Danilo ainda estava ocupado tomando conta de Indianápolis. Um casamento mais tarde teria sido ainda melhor para ele, mas eu era uma mulher e deveria casar antes do meu vigésimo aniversário. Eu olhei para o anel de noivado no meu dedo. Um diamante bem visível no centro, tivemos que ampliar a banda ao longo dos anos, enquanto meus dedos cresciam. Em três dias, Danilo colocaria um segundo anel em mim.

Mamãe entrou com minha irmã, Sofia, que ao nos ver correu em nossa direção e se enfiou no sofá entre eu e Samuel.

Samuel revirou os olhos azuis, mas envolveu um braço em volta da nossa irmãzinha enquanto ela se apertava contra ele com grandes olhos de cachorrinho, despenteando a juba marrom. Ela puxou ao papai e não herdou os cabelos loiros de nossa mãe como Samuel e eu. — É injusto que você esteja partindo logo depois do casamento de Fina. Eu achei que você teria mais tempo para mim.

Eu a cutuquei. — Hey. — Eu não estava realmente com raiva dela. Entendi aonde ela queria chegar. Sendo oito anos mais nova que nós, ela sempre se sentiu como uma quinta roda[1], já que Samuel e eu éramos gêmeos.

Sofia me deu um sorriso envergonhado. — Eu sentirei sua falta também.

— Eu também vou sentir sua falta, joaninha.

A mãe limpou a garganta, de pé, com as mãos na frente do estômago. Ela estava usando um vestido verde justo e elegante. Seus olhos azuis baixaram para os nossos pés descansando sobre a mesa. Ela tentou parecer severa, mas o tremor de sua boca deixou claro que estava lutando contra um sorriso.

Samuel e eu tiramos os pés da mesa ao mesmo tempo.

— Eu achei que deveria avisá-la que Danilo acabou de ligar. Ele está vindo porque acabou de chegar à cidade e deveria encontrar seu pai e seu tio.

Agora eu entendi porque Sofia também estava usando um lindo vestido de verão. Eu nem sabia que meu pai estava esperando por ele. Eu partiria para Indianápolis amanhã.

Eu me levantei. — Quando?

— Dez minutos.

— Mãe! — Meus olhos se arregalaram em horror. — Como devo me preparar em tão pouco tempo?

— Você parece bem, — Samuel falou, sorrindo, seu cabelo loiro curto propositadamente em desordem. Ele ficava bem com a aparência desgrenhada, mas eu definitivamente não.

Eu estreitei meus olhos. — Oh cale a boca. — Corri para fora da sala, quase esbarrando no pai. Ele recuou, me olhando com um sorriso questionador.

— Eu preciso me preparar!

Eu não tinha tempo para explicar. Ele poderia perguntar a mamãe. Subi dois degraus de cada vez. No momento em que tropecei no banheiro e vi meu reflexo, me encolhi. Meu Deus. Minha pele estava vermelha e meu cabelo enrolado freneticamente ao redor dos meus ombros. Meus jeans e camiseta simples também não exibia uma futura esposa preparada. Droga.

Eu rapidamente lavei meu rosto, em seguida, peguei a chapinha. Meu cabelo era naturalmente encaracolado, mas eu sempre o alisava quando outras pessoas além da minha família estavam por perto. Desta vez eu tinha cinco minutos para fazer isso. Voltei para o meu quarto, vasculhei meu guarda-

roupa. Escolher o vestido certo para tal ocasião teria levado pelo menos uma hora. Agora eu tinha um minuto, se ainda quisesse tempo para me maquiar. Peguei um vestido rosa que encomendei on-line há algum tempo, mas nunca usei e coloquei-o. Imediatamente lembrei por que não havia usado antes: ele terminou vários centímetros acima dos meus joelhos, revelando mais das minhas pernas longas do que eu normalmente mostrava, especialmente quando os homens estavam por perto. Danilo seria meu marido em três dias. Era justo que ele visse um pouco mais do que iria receber.

Uma emoção nervosa tomou conta do meu corpo, mas eu a afastei e rapidamente coloquei os sapatos e então corri para a minha penteadeira. Eu não tive tempo suficiente para caprichar na minha maquiagem. Minha pele era impecável, então decidi não usar base e só coloquei um pouco de blush e rímel antes de sair do meu quarto e correr pelo corredor em direção à escada.

Diminuí consideravelmente meus passos quando ouvi Danilo, Samuel e meu pai no vestíbulo abaixo. Não seria sensato surgir como se eu tivesse me apressado para me preparar para um homem, nem mesmo para meu noivo.

Eles estavam apertando as mãos e trocando amabilidades.

Encontrei Danilo algumas vezes antes. Eu tinha sido prometida a ele desde que tinha quatorze anos e ele dezesseis, mas desta vez parecia mais íntimo. Em apenas três dias eu me tornaria sua esposa e dividiria uma cama com ele. Danilo era muito atraente e fazia muito sucesso com as mulheres, um homem das mulheres, mas para mim ele sempre foi um perfeito cavalheiro. Ele usava uma camisa branca e calça preta, seu cabelo escuro imaculado.

Eu dei o primeiro passo, colocando meu pé de propósito no degrau que rangia, uma longa perna estendida, minha cabeça erguida.

Todos os olhos se voltaram para mim. O olhar de Danilo se concentrou nas minhas pernas expostas, então ele rapidamente ergueu os olhos castanhos para encontrar os meus, sorrindo. Papai e Samuel olharam brevemente para minhas pernas, mas a reação deles não foi nada animada. Papai era paciente e amoroso com mamãe e nós, crianças, até com Samuel, o que tornava fácil esquecer que ele era subchefe de Minneapolis - e temido por isso. Eu fui rapidamente lembrada do quão assustador poderia ser quando ele colocou a mão no ombro de Danilo, com uma expressão dura no rosto.

— Eu gostaria de dar-lhe algo no meu escritório, Danilo, — disse ele em uma voz fria.

Danilo não ficou impressionado com a mudança de humor do meu pai. Ele seria o subchefe mais jovem na história da Outfit, e praticamente já comandava Indianápolis porque seu pai estava muito doente. Ele deu um breve aceno de cabeça. — É claro, — ele disse calmamente, parecendo muito mais velho do que sua idade. Endurecido, adulto. Mais homem do que me sentia mulher. Danilo me deu outro sorriso e depois seguiu meu pai.

Eu desci os degraus restantes e Samuel barrou meu caminho. — Vá se trocar.

— Perdão?

Ele apontou para as minhas pernas. — Você está mostrando muita perna.

Eu apontei para os meus braços e garganta. — Eu também estou mostrando meu pescoço e braços. — Eu levantei uma perna. — E eu tenho pernas bonitas.

Samuel olhou para a minha perna e depois para o meu rosto com uma carranca. — Sim, bem, Danilo não precisa saber disso.

Eu bufei rapidamente e olhei ao redor, preocupado que Danilo estivesse perto o suficiente para ouvir. — Ele vai ver mais do que minhas pernas na nossa noite de núpcias. — O calor involuntário explodiu em minhas bochechas.

A expressão de Samuel obscureceu.

— Saia do meu caminho, — eu disse, tentando passar por ele.

Samuel espelhou meu movimento. — Vá se trocar, Fina. Agora, — ele ordenou em uma voz que provavelmente reservava aos negócios com outros homens feitos.

Eu não pude acreditar em sua coragem. Ele achava que eu iria obedecê-lo só porque era um homem feito? Isso não funcionou nos últimos cinco anos. Eu rapidamente peguei seu estômago e o apertei com força, o que não foi fácil, considerando que Samuel era todo músculo.

Ele estremeceu de surpresa. Eu usei sua distração momentânea para passar

por ele, então fiz um espetáculo balançando meus quadris enquanto me dirigia para a sala de estar. Samuel me alcançou. — Você tem um temperamento impossível.

Eu sorri. — Eu tenho o seu temperamento.

— Eu sou um homem. As mulheres devem ser dóceis.

Eu revirei meus olhos.

Samuel cruzou os braços e encostou-se à parede ao lado da janela. — Você sempre age como uma dama bem-comportada quando os outros estão por perto, mas Danilo terá uma surpresa desagradável quando perceber que não recebeu uma dama, mas uma fúria.

Um lampejo de preocupação me inundou. Samuel estava certo. Todo mundo fora da minha família me conhecia como a princesa do gelo. Nossa família era notória por ser equilibrada e controlada. As únicas pessoas que realmente me conheciam eram meus pais, Sofia e Samuel. Eu poderia ser eu mesma com Danilo? Ou isso o incomodaria? Danilo sempre foi controlado, e foi provavelmente por isso que tio Dante e papai o escolheram para meu marido - e porque ele era o herdeiro de uma das cidades mais importantes da Outfit.

Uma batida soou e me virei para ver Danilo entrar.

Seus olhos castanhos encontraram os meus e ele me deu um pequeno sorriso. Então seu olhar se moveu para Samuel encostado na parede atrás de mim. A expressão de Danilo se estreitou um pouco. Arrisquei um olhar por cima do meu ombro e encontrei meu irmão olhando para o meu noivo como se quisesse transformá-lo em pó. Tentei chamar a atenção de Samuel, mas ele estava contente em matar Danilo com os olhos. Não pude acreditar nele.

— Samuel, — eu disse em uma voz forçada e educada. — Por que você não dá a mim e Danilo um momento?

Samuel desviou o olhar do meu noivo e sorriu. — Eu já estou lhes dando um momento.

— Sozinhos.

Samuel sacudiu a cabeça uma vez, o sorriso escurecendo, os olhos

voltando para Danilo. — É minha responsabilidade proteger sua honra.

Calor subiu pelas minhas bochechas. Se Danilo não estivesse na sala, eu teria pulado no meu irmão e torcido o pescoço dele.

Danilo se aproximou de mim e beijou minha mão, mas seus olhos estavam no meu irmão. Soltando minha mão, ele disse: — Posso garantir que a honra de Serafina está perfeitamente segura em minha companhia. Vou esperar até a noite do nosso casamento para reivindicar meus direitos... quando ela não for mais sua responsabilidade. — A voz de Danilo tinha baixado de forma ameaçadora. Ele nunca havia sugerido sexo antes, e eu sabia que era para provocar meu irmão. Poder jogando entre dois alfas.

Samuel avançou, afastando-se da parede, a mão indo para sua faca. Eu me virei e enfrentei meu irmão gêmeo, colocando minha mão contra o peito dele. — Samuel, — eu disse em um tom de aviso, cavando minhas unhas em sua pele através do tecido de sua camisa. — Danilo é meu noivo. Nos dê um momento.

Samuel baixou o olhar para o meu rosto e pela primeira vez sua expressão não suavizou. — Não, — ele disse com firmeza. — E você não vai desafiar meu comando.

Eu frequentemente esquecia o que Samuel era. Ele era meu irmão gêmeo, meu melhor amigo, meu confidente em primeiro lugar, mas por cinco anos tinha sido um homem feito, um assassino, e não recuaria na frente de outro homem, especialmente alguém que reconhecia como um colega subchefe. Se eu insistir, ele parecerá fraco, e ele deve assumir o papel de subchefe do papai em poucos anos. Mesmo que eu odiasse fazer isso e nunca tivesse feito antes, abaixei meus olhos como se estivesse me submetendo a ele.

Danilo podia ser meu noivo, mas Samuel sempre seria meu sangue e eu não queria que ele parecesse fraco na frente de ninguém. — Você está certo, — eu disse obedientemente. — Eu sinto muito.

Samuel tocou meu ombro e apertou levemente. — Danilo, — disse ele em voz baixa. — Minha irmã vai sair agora. Eu quero conversar sozinho com você.

Meu sangue ferveu, dei a Danilo um sorriso de desculpas antes de sair. Uma vez fora, meu sorriso caiu e eu atravessei o vestíbulo, precisando desabafar. Onde estava papai? Eu virei a esquina e colidi com alguém. —

Cuidado, — veio um sotaque que eu conhecia bem, e duas mãos me firmaram.

Eu olhei para cima. — Tio Dante, — eu disse com um sorriso, em seguida, corei porque tinha esbarrado nele como uma criança de cinco anos de idade, fazendo uma birra. Eu alisei meu vestido, tentando parecer equilibrada. Afinal, meu tio era *puro controle*. Ele tinha que ser como chefe da Outfit.

Dante inclinou a cabeça com um pequeno sorriso. — É algo importante? Você parece chateada.

Minhas bochechas aqueceram ainda mais. — Samuel me envergonhou na frente de Danilo. Ele está sozinho com ele agora. Conversando. Você pode, por favor, verificar antes que o Samuel estrague tudo?

Dante riu, mas assentiu. — Seu irmão quer proteger você. Onde eles estão?

— Sala de estar, — eu disse.

Ele apertou meu ombro antes de sair. A raiva ainda estava fervendo sob a minha pele. Eu faria Samuel pagar por isso. Subi as escadas e entrei em seu quarto. Algumas facas e armas propriedades de um museu decoravam as paredes, mas, além disso, eram praticamente os móveis. Em uma ou duas semanas, Samuel se mudaria para seu próprio apartamento em Chicago e trabalharia diretamente com Dante por alguns anos, antes de retornar a Minneapolis e eventualmente assumir o lugar de papai.

Eu afundei na cama dele, esperando. A cada segundo que passava, eu ficava mais nervosa. Levantei-me e andei pelo quarto. Quando ouvi seus passos, parei e me escondi atrás da porta, tirando meus sapatos com cuidado. A porta se abriu e Samuel entrou. Eu pulei, tentando pousar em suas costas e envolver meus braços em volta do seu pescoço como muitas vezes fiz no passado.

Samuel me pegou, me levantou por cima do ombro, apesar do meu esforço, e me jogou na cama. Então ele realmente me prendeu, despenteando meu cabelo e fazendo cócegas em mim.

— Pare! — Eu gritei entre risadas. — Sam, pare!

Ele parou, mas me deu um sorriso maroto. — Você não pode me vencer.

— Eu gostava mais quando você era um menino magricela e não essa

máquina de matar, — eu murmurei.

Algo sombrio passou pelos olhos de Samuel, e eu toquei seu peito e levemente o empurrei, uma distração de qualquer horror que ele estivesse lembrando. — O quanto você me envergonhou na frente de Danilo?

— Só falei sobre os detalhes de sua noite de núpcias com ele.

Eu encarei Samuel com horror. — Você *não fez*.

— Eu fiz.

Eu me sentei. — O que você disse?

— Eu lhe disse que era melhor ele tratá-la como uma dama na sua noite de núpcias. Sem essa merda dominante ou qualquer coisa.

Minhas bochechas ardiam com o calor e eu bati em seu ombro com força.

Ele franziu a testa, esfregando o local. — O quê?

— O que!? Você me *envergonhou* na frente de Danilo. Como você pôde falar sobre isso com ele? Minha noite de núpcias não é da sua conta. — Meu rosto inteiro estava queimando de constrangimento e raiva. Eu não podia acreditar nisso. Ele sempre foi protetor comigo, é claro, mas isso foi longe demais.

Samuel fez uma careta. — Confie em mim, não foi fácil para mim. Não gosto de pensar que minha irmãzinha fará sexo.

Eu bati nele novamente. — Você é apenas três minutos mais velho. E você faz sexo há anos. Você sabe com quantas mulheres já dormiu?

Ele encolheu os ombros. — Eu sou um homem.

— Oh cale a boca, — eu murmurei. — Como vou encarar Danilo depois do que você fez?

— Se dependesse de mim, você se tornaria uma freira, — disse Samuel, e me perdi.

Ele tinha um jeito de me fazer subir as paredes. Eu me lancei para ele novamente, mas antes foi fútil. A última vez que tive a chance de lutar contra

Samuel foi a mais de cinco anos atrás. Samuel passou os braços em volta de mim por trás e me segurou no lugar.

— Acho que vou levar-lhe para baixo assim. Danilo ainda está conversando com Dante. Tenho certeza que ele vai amar ver sua futura esposa tão desgrenhada. Talvez ele decida não casar com você, vendo que você não é a dama obediente que quer que ele acredite ser.

— Você não ousaria! — Eu chutei minhas pernas, mas Samuel me carregou, alojada em seu peito como se eu fosse uma marionete.

Papai entrou, seus olhos se movendo de mim pressionada contra Samuel para meu gêmeo me agarrando com força. Ele balançou a cabeça uma vez. — Eu achei que as brigas parariam quando vocês envelhecessem.

Samuel me soltou e eu cambaleei. Ele alisou suas roupas, endireitando sua arma e coldres de faca. — Ela começou.

Eu dei a ele uma olhada. Suavizando meu cabelo e roupas, limpei minha garganta. — Ele me envergonhou na frente de Danilo, papai.

— Eu disse a Danilo que iria arrancar suas bolas se ele não a tratasse bem na noite de núpcias.

Eu fiz uma careta para o meu irmão gêmeo. Ele não havia mencionado esse detalhe para mim.

Papai me deu um sorriso melancólico, tocando minha bochecha. — Minha pequena pomba. — Então ele se virou para Samuel e bateu no ombro dele. — Você fez bem.

Eu lancei aos dois um olhar incrédulo. Sufocando meu aborrecimento - e pior, minha gratidão por sua proteção - saí do quarto de Samuel para o meu. Sentei-me na cama, subitamente tomada pela tristeza. Eu estava deixando minha família, minha casa, para uma cidade que não conhecia, um marido que mal conhecia.

Ao som de uma batida desconhecida, levantei-me e caminhei em direção à minha porta, abrindo-a.

Surpresa tomou conta de mim quando vi a forma alta de Danilo. Eu abri

minha porta ainda mais, mas não o convidei a entrar. Isso teria sido muito avançado. Em vez disso, saí para o corredor. — Não posso convidá-lo a entrar.

Danilo me deu um sorriso compreensivo. — Claro que não. Caso esteja preocupada, seu tio sabe que estou aqui em cima.

— Oh, — eu disse, oprimida pela presença dele e pela lembrança do que Samuel tinha feito.

— Eu queria me despedir. Vou partir daqui a alguns minutos — continuou ele.

— Sinto muito, — eu disse com tanta dignidade quanto o meu rosto ardente permitia.

Danilo sorriu com uma pequena carranca. — Pelo quê?

— Pelo que meu irmão fez. Ele não deveria ter falado com você sobre... sobre a nossa noite de núpcias.

Danilo riu e aproximou-se de mim, seu aroma picante me envolvendo. Ele pegou minha mão e beijou-a. Meu estômago revirou. — Ele quer protegê-la. Isso é honroso. Eu não o culpo. Uma mulher como você deve ser tratada como uma dama, e vou tratá-la assim em nossa noite de núpcias e em todas as noites que se seguem.

Ele se inclinou para frente e beijou levemente minha bochecha. Seus olhos deixaram claro que ele queria fazer mais do que isso. Ele recuou, soltando minha mão. Engoli.

— Estou ansioso para casar com você, Serafina.

— Eu também, — eu disse baixinho.

Com um último olhar para mim, ele se virou e saiu. Meu coração batendo no meu peito, voltei para o meu quarto e sentei na minha cama. Eu não estava apaixonada por Danilo, mas podia me imaginar apaixonada por ele. Isso era um bom começo e melhor do que o de muitas outras garotas do meu mundo.

Alguns minutos depois, alguém bateu de novo. Desta vez, reconheci o golpe descarado de um punho contra a madeira. — Entre, — eu disse.

Eu não tive que olhar para cima para saber quem era. Eu reconheceria os passos de Samuel com meus olhos fechados. Ele afundou ao meu lado. — Obrigado por me obedecer quando Danilo estava por perto, — disse Samuel em voz baixa. Ele pegou minha mão.

— Você precisa parecer forte. Eu não queria fazê-lo parecer fraco. — Eu olhei para ele, lágrimas nos meus olhos.

Sua expressão se apertou. — Você odiou isso.

— Claro que sim.

Samuel desviou o olhar, parecendo furioso. — Eu odeio a ideia de que você terá que obedecer a Danilo ou a qualquer outra pessoa.

— Poderia ser pior que Danilo. Ele é um cavalheiro quando está perto de mim.

Samuel riu sombriamente. — Ele é tão bom quanto o subchefe de Indianápolis, Fina, e apesar de sua idade, ele tem seus homens sob controle. Eu o vi em ação. Ele é um homem feito como eu e papai. Ele espera obediência.

Eu o observei curiosamente. — Você nunca esperou minha obediência.

— Eu queria isso, — ele murmurou brincando, em seguida, ficou sério novamente. — Você é minha irmã, não minha esposa. Isso é diferente.

— Você vai esperar obediência de sua esposa?

Samuel franziu a testa. — Eu não sei. Talvez.

— Como você trata as mulheres com quem sai? — Eu nunca conheci nenhuma delas. Homens Feitos levavam estranhas para suas camas antes do casamento, e essas mulheres não eram permitidas em nossas casas.

Rapidamente e inesperadamente, o rosto de Samuel pareceu se fechar. — Não importa. — Ele se levantou. — E não importa como Danilo está acostumado a tratar suas prostitutas. Você é uma princesa da máfia, minha irmã, e juro por minha honra que vou caçá-lo se ele não te tratar como uma dama.

Eu sorri para o meu irmão gêmeo. — Meu protetor.

Samuel sorriu de volta. — Sempre.

Capítulo Dois

REMO

— Você está pronto? Nós temos um casamento para estragar, — eu disse, sorrindo. Excitação chiava sob minha pele, um fogo baixo que queimava mais forte a cada segundo que me aproximava do meu objetivo.

Fabiano suspirou, checando sua arma e empurrando-a de volta ao coldre. — Tão pronto como sempre estarei para essa insanidade.

— Genialidade e insanidade são muitas vezes intercambiáveis. Ambas alimentaram os maiores eventos da história da humanidade.

— Eu acho que você me irrita mais quando soa como Nino que com seu próprio tipo de loucura, — disse Fabiano. — Não consigo acreditar que estou a poucos quilômetros do meu pai e não posso rasgá-lo em pedaços.

— Você vai pegá-lo. Meu plano vai trazê-lo até você eventualmente.

— Eu não gosto da parte final. Tenho a sensação de que esse plano é mais do que matar meu pai e punir a Outfit.

Eu me inclinei contra o assento do carro. — E o que seria isso?

Fabiano encontrou meu olhar. — Sobre você colocar as mãos na sobrinha de Dante por qualquer motivo insano.

Minha boca curvou em um sorriso sombrio. — Você sabe exatamente porque a quero.

Fabiano se recostou em seu próprio assento, expressão tensa. — Eu não acho que você saiba exatamente porque a quer. Mas sei que a garota vai pagar por algo que ela não é responsável.

— Ela faz parte do nosso mundo. Nascida e criada para ser mãe de mais bastardos Outfit. Nascida e criada para obedecer como uma ovelha sem cérebro. Ela foi criada para seguir seu pastor sem hesitação. Ele a levou em direção a um bando de lobos. O erro é dele, mas ela será despedaçada.

Fabiano balançou a cabeça. — Porra, Remo. Você é um filho da puta maluco.

Enrolei meus dedos firmemente em torno de seu antebraço, sobre sua tatuagem de Camorra - a lâmina e o olho. — Você é um de nós. Nós sangramos e morremos juntos. Nós mutilamos e matamos juntos. Não esqueça seu juramento.

— Eu não vou, — ele disse simplesmente.

Eu o libertei. Meus olhos se moveram para frente do hotel, onde os pais de Serafina, Ines e Pietro Mione, tinham acabado de sair pela porta com uma jovem garota de cabelos escuros entre eles. Usando trajes formais para o casamento do ano, Ines parecia muito com seu irmão. Alta, loira e orgulhosa. Orgulhosa e controlada pra caralho.

— Não vai demorar muito agora, — eu disse, olhando para a rua onde o carro com meus dois soldados esperava.

Fabiano colocou as chaves na ignição enquanto observávamos os Miones partirem. — Seu gêmeo estará com ela, — disse ele. — E há também o guarda-costas.

Meus olhos procuraram o cara de meia-idade ao volante de uma limusine Bentley estacionada na entrada do hotel. Um maldito arranjo de flores no capô. Flores brancas. Eu queria esmagá-las sob minhas botas.

— Eles tornaram muito fácil descobrir o carro da noiva, — eu disse com uma risada.

— Porque não esperam um ataque. Isso nunca foi feito antes. Funerais e casamentos são sagrados.

— Houve casamentos sangrentos antes. Eles deveriam ter mais cuidado.

— Mas esses casamentos tornaram-se sangrentos porque os convidados brigaram entre si. Não acho que alguém já atacou um casamento, especialmente a noiva, de propósito. A honra proíbe isso.

Eu ri. — Nós somos a Camorra. Temos nossas próprias regras, nossa própria ideia de honra.

— Acho que eles perceberão isso hoje, — disse ele com firmeza.

Meus olhos examinaram a frente do hotel. Em algum lugar atrás de suas janelas, Serafina estava se preparando para seu casamento. Ela seria preparada a perfeição, uma aparição em branco. Eu mal podia esperar para colocar minhas mãos nela, manchar o tecido perfeitamente branco em vermelho-sangue.

SERAFINA

— Você não precisa ter medo, querida, — disse a mãe em voz baixa para que Sofia não a ouvisse. Minha irmãzinha estava ocupada puxando os grampos, mantendo seu cabelo arrumado acima da cabeça, fazendo caretas.

— Eu não tenho, — eu disse rapidamente, o que era uma mentira. Não era que estivesse com medo de dormir com Danilo, mas estava nervosa e preocupada em me envergonhar. Eu não gostava de ser ruim nas coisas, e eu seria ruim, já que não tinha experiência.

Ela me lançou um olhar sábio. — Tudo bem estar nervosa. Mas ele é um homem decente. Dante fala sempre enaltecendo Danilo. — Mamãe tentou soar casual, mas falhou miseravelmente. Ela acariciava meu cabelo como costumava fazer quando eu era pequena.

Nós duas sabíamos que havia uma diferença entre ser um homem decente e um soldado leal a Outfit. Tio Dante provavelmente baseava seu julgamento de Danilo no segundo. Não que isso importasse. Danilo sempre foi um cavalheiro e seria meu marido em poucas horas. Era meu dever me submeter a ele, e eu faria isso.

Meu cabeleireiro ocupou o lugar de mamãe e começou a prender meu cabelo loiro, arrumando pérolas e cordões de ouro branco. Mamãe notou Sofia brigando com o penteado e rapidamente se aproximou dela. — Pare com isso, Sofia. Você já soltou alguns fios.

Sofia baixou as mãos com um olhar resignado. Então seus olhos azuis encontraram os meus. Eu sorri para ela. Evitando as mãos de mamãe, ela veio para o meu lado e olhou para mim. — Eu mal posso esperar para ser uma noiva.

— Primeiro, você vai terminar a escola, — eu a provoquei. Ela tinha apenas onze anos e ainda não havia sido prometida a ninguém. Nos casamentos dela, era sobre parecer bonita e o nobre cavalheiro com quem se casaria. Eu invejava sua ignorância.

— Pronto, — o cabeleireiro anunciou e recuou.

— Obrigada, — eu disse. Ela assentiu e rapidamente saiu, nos dando um momento.

O vestido era absolutamente deslumbrante. Eu não conseguia parar de me admirar no espelho, virando para a esquerda e para a direita. As pérolas e linhas bordadas em prata atraíam a luz lindamente, e a saia era um sonho que consistia em várias camadas do mais fino tule. Mamãe balançou a cabeça, as lágrimas borrando seus olhos.

— Não chore, mãe, — eu avisei. — Você vai estragar sua maquiagem. E se começar a chorar, vou chorar também e então minha maquiagem também ficará arruinada.

Mamãe assentiu, piscando. — Você está certa, Fina. — Ela enxugou os olhos com o canto de um lenço de papel. Mamãe não era o tipo emocional. Ela era como seu irmão, meu tio Dante. Sofia sorriu para mim.

Uma batida soou e papai espreitou da porta. Ele congelou e lentamente entrou. Ele me observou sem dizer uma palavra. Eu podia ver a emoção nadando em seus olhos, mas ele nunca mostraria isso abertamente. Ele veio em minha direção e tocou dois dedos nas minhas bochechas. — Pombinha, você é a noiva mais linda que eu já vi.

Mamãe levantou as sobrancelhas em choque simulado. Papai riu e pegou a mão dela, beijando os nós dos dedos. — Você foi, claro, uma noiva de tirar o fôlego, Ines.

— E eu? — Perguntou Sofia. — Talvez eu seja ainda mais bonita?

Papai levantou um dedo. — Vou mantê-la como minha filhinha para sempre. Nenhum casamento para você.

Sofia fez beicinho e papai balançou a cabeça. — Precisamos ir para a igreja agora. — Ele beijou minha bochecha, em seguida, pegou a mão de

Sofia. Os três saíram. Mamãe virou mais uma vez e me deu um sorriso orgulhoso.

Samuel apareceu na porta, vestido um terno preto e gravata azul. — Você parece muito elegante, — eu disse a ele e senti uma onda de melancolia. Ele estaria a centenas de quilômetros de mim quando eu me mudasse para a vila de Danilo em Indianápolis.

— E você está linda, — ele disse baixinho, seus olhos me examinando da cabeça aos pés.

Ele se afastou do batente da porta e andou na minha direção, com as mãos nos bolsos. — Vai ser estranho sem você.

— Vou avisar Sofia que ela precisa mantê-lo na ponta dos pés.

— Não será o mesmo.

— Você vai se casar daqui a alguns anos. E logo você estará ainda mais ocupado com os negócios da máfia. Você nem vai notar que parti.

Samuel suspirou, em seguida, olhou para o Rolex que o pai lhe deu por sua iniciação, cinco anos atrás. — Também precisamos ir. A cerimônia deve começar em quarenta e cinco minutos. Vai demorar pelo menos trinta minutos para chegar à igreja.

A igreja ficava fora dos limites da cidade. Eu quis que a celebração acontecesse em um celeiro reformado no campo, cercado por florestas, não na cidade.

Eu balancei a cabeça, em seguida, verifiquei meu reflexo mais uma vez antes de pegar sua mão estendida. Com os braços ligados, saímos da suíte e entramos no saguão do hotel. As pessoas olhavam na minha direção e tinha que admitir que gostei da atenção delas. O vestido custara uma pequena fortuna. Foi justo, já que um grande número de pessoas me veria nele. Este casamento era o maior evento social da Outfit em anos.

Samuel abriu a porta do Bentley preto para mim e eu deslizei no banco de trás, tentando ajeitar a saia do vestido ao meu redor. Samuel fechou a porta e entrou na frente ao lado do motorista, meu guarda-costas.

Nós nos afastamos e meu estômago explodiu com borboletas. Em menos de uma hora eu seria a esposa de Danilo. Ainda parecia irreal. Logo, os prédios altos deram lugar a campos e árvores ocasionais.

Samuel se mexeu no banco da frente, puxando sua arma.

— O que há de errado? — Eu perguntei.

Nós aceleramos. Samuel olhou por cima do ombro, mas não para mim. Eu me virei também e vi um carro logo atrás de nós com dois homens. Samuel pegou o telefone e levou-o ao ouvido. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, outro carro surgiu do lado e colidiu com o nosso. Nós giramos. Eu gritei, segurando o assento enquanto o cinto beliscava minha pele.

— Abaixe-se! — Samuel gritou. Eu me soltei e me joguei para frente, meus braços sobre a minha cabeça. Nós colidimos com outra coisa e paramos. O que estava acontecendo?

Samuel empurrou a porta e começou a atirar. Meu guarda-costas o seguiu. As janelas explodiram e eu gritei quando cacos de vidro caíram sobre minha pele. Um homem gritou e minha cabeça voou para cima. — Samuel? — Eu gritei.

— Corra, Fina!

Eu me enfiei no espaço entre os bancos da frente e encontrei Samuel encostado na lateral do carro, o sangue escorrendo sobre a mão que ele pressionava ao seu lado. Eu lutei para fora da porta e afundei no chão ao lado dele, tocando-o. — Sam?

Ele me deu um sorriso tenso. — Eu vou ficar bem. Corra, Fina. Eles querem você. Corra.

— Quem me quer? — Eu pisquei para ele, sem entender. Ele atirou em nossos atacantes novamente. — Corra!

Eu levantei. Se eles me queriam, me seguiriam se eu corresse e deixariam Samuel em paz. — Chame reforços.

Eu chutei meus saltos, agarrei meu vestido e comecei a correr o mais rápido que pude. Pétalas brancas do arranjo de flores destruídas ficaram presas

aos meus dedos. Ninguém atirou em mim. Isso significava que eles me queriam viva, e eu sabia que isso não poderia ser uma coisa boa. Eu virei para a direita, onde uma floresta se estendia na minha frente. Era a minha única chance de despistá-los. Minha respiração saía em suspiros curtos. Eu estava em forma e era uma boa corredora, mas o tecido pesado do meu vestido me atrasou. Galhos puxaram o vestido, rasgando-o, fazendo-me tropeçar.

Passos mais pesados soaram atrás de mim. Eu não ousei olhar por cima do meu ombro para ver quem estava me perseguindo. Os passos se aproximavam de mim. Oh Deus. Este vestido estava me deixando muito lenta.

Samuel já havia chamado reforços?

E então um pensamento pior baniu esse último. E se Samuel não sobreviveu? Virei para a direita, decidindo correr de volta para o carro. Outro som de passos se juntou ao primeiro. Dois perseguidores.

Medo bateu em minhas veias, mas não diminuí. Uma sombra apareceu no canto do meu olho e, de repente, uma forma alta chegou ao meu lado. Eu gritei um segundo antes de um braço circular minha cintura. A força disso me fez perder o equilíbrio e caí no chão. Um corpo pesado esmagou o meu. O ar saiu dos meus pulmões e minha visão ficou preta pelo impacto de aterrissar com força no chão da floresta.

Eu comecei a chutar, bater, arranhar e gritar com todas as minhas forças. Mas algumas camadas de tule cobriram meu rosto e tornaram o movimento difícil. Se papai e Dante chegassem com reforços, precisavam me ouvir para me encontrar.

Uma mão apertou minha boca e eu a mordi.

— Porra!

A mão se afastou e a voz era familiar, mas não pude identificá-la em meu pânico. O tule ainda obstruía minha visão. Consegui ver duas formas acima de mim. Altos. Um moreno, um loiro.

— Precisamos nos apressar, — alguém rosnou. Eu tremi com a dura brutalidade da voz.

Algo pesado firmou meus quadris, e duas mãos fortes agarraram meus

pulsos, empurrando-os no chão. Eu tentei fugir, mas uma mão veio em direção ao meu rosto. Tentei mordê-la novamente, mas não consegui. Meu raio de ação era limitado com meus braços acima da minha cabeça. O tule foi removido do meu rosto e finalmente pude ver meus agressores. O homem sentado nos meus quadris tinha cabelos e olhos negros e uma cicatriz no rosto. O olhar que ele me deu enviou uma onda de terror pelo meu corpo.

Eu o tinha visto antes, mas não tinha certeza de onde. Meus olhos dispararam para o outro homem segurando minhas mãos e eu congelei. Eu conhecia o homem loiro e aqueles olhos azuis. Fabiano Scuderi, o garoto com quem eu brincava quando era mais nova. O garoto que fugiu e se juntou à Camorra.

Finalmente, clicou. Meu olhar disparou de volta para o homem de cabelos negros. Remo Falcone, Capo da Camorra. Eu empurrei violentamente, uma nova onda de pânico me dando força. Eu arqueei, mas Remo não se mexeu.

— Calma, — disse Fabiano. Uma de suas mãos sangrava de onde eu o mordi. Calma? Calma? A Camorra estava tentando me sequestrar!

Abrindo minha boca, tentei gritar novamente. Desta vez, Remo cobriu minha boca antes que eu tivesse a chance de machucá-lo. — Dê-lhe o tranquilizante, — ele ordenou.

Eu balancei minha cabeça freneticamente, mas algo picou o interior do meu cotovelo e perfurou minha pele. Meus músculos ficaram pesados, mas eu não desmaiei completamente. Eu fui liberada e Remo Falcone deslizou as mãos debaixo de mim, levantando comigo em seus braços. Meus membros pendiam frouxamente ao meu lado, mas meus olhos permaneciam abertos e no meu captor. Seus olhos escuros se fixaram em mim brevemente antes de começar a correr. Árvores e céu passavam enquanto eu olhava para cima.

— Fina! — Eu ouvi Samuel à distância.

— Sam, — eu ofeguei, apenas um sussurro.

Então papai. — Fina? Fina, onde você está?

Mais vozes masculinas soaram, vindo me salvar.

— Mais rápido! — Gritou Fabiano. — À direita! — Galhos estalavam sob

os pés. Remo respirava mais pesado, mas seu aperto em mim permaneceu firme. Saímos da floresta e entramos em uma rua.

De repente, pneus guincharam e a esperança me encheu, mas desapareceu quando fui colocada dentro de um veículo no banco de trás, e Remo deslizou ao meu lado.

— Dirija!

Eu olhei para o teto cinza do carro, minha respiração irregular.

— Nossa, que linda noiva você é, — disse Remo. Eu levantei meus olhos e encontrei os dele, desejando que não tivesse, porque o sorriso torcido em seu rosto queimava através de mim como uma tempestade de terror. Então eu desmaiei.

REMO

Serafina desmaiou ao meu lado. Eu a observei atentamente. Agora que ela não estava se debatendo ou gritando, eu podia admirá-la como uma noiva merecia. Pontos de sangue salpicaram seu vestido como rubis e estragaram a pele macia de seu decote. Pura perfeição.

— Parece que os despistamos, — murmurou Fabiano.

Meus olhos foram atraídos para a janela de trás, mas ninguém nos seguia no momento. Nós machucamos, não matamos os dois companheiros de Serafina, então parte das forças perderia tempo cuidando de seus ferimentos.

— Ela é um belo pedaço de bunda, — Simeone comentou por trás do volante.

Eu me inclinei para frente. — E você nunca mais vai olhar para ela a menos que queira que eu arranque seus olhos e enfie-os na sua bunda. Mais uma palavra desrespeitosa e sua língua fará companhia aos olhos, entendeu?

Simeone deu um aceno brusco.

Fabiano me olhou com uma expressão curiosa. Eu me inclinei para trás e retornei meu olhar para a mulher enrolada ao meu lado no banco. Seus cabelos estavam presos firmemente à cabeça, como se até mesmo essa parte dela precisasse ser domada e controlada, mas um fio rebelde se libertara e se enrolara descontroladamente sobre sua têmpora. Eu o enrolei em volta do meu dedo. Eu mal podia esperar para descobrir quão mansa Serafina realmente era.



Levei Serafina para o quarto do motel e a coloquei em uma das duas camas. Alcançando um galho que se emaranhou em seu cabelo, eu o removi antes de desfazer seu penteado, deixando seu cabelo cair no travesseiro. Eu me endireitei.

Fabiano suspirou. — Cavallaro buscará retaliação.

— Ele não vai nos atacar enquanto a tivermos. Ela é vulnerável e ele sabe que não pode tirá-la de Vegas viva.

Fabiano assentiu com a cabeça, os olhos se movendo para Serafina, que estava deitada na cama, com o rosto inclinado para o lado, o pescoço longo e elegante em exibição. Meu olhar baixou para a renda fina acima do suave volume de seu seio. Um vestido de gola alta. Modesto e elegante, nada vulgar ou excessivamente sexy sobre a sobrinha de Dante, e ainda assim ela teria deixado muitos homens de joelhos. Ela parecia um maldito anjo com seus cabelos loiros e pele pálida, e o vestido branco apenas enfatizava essa impressão. O epítome da inocência e pureza. Eu tive que engolir uma risada.

— O que você está pensando? — Fabiano perguntou cautelosamente enquanto seguia meu olhar em direção à noiva.

— Que não poderiam ter enfatizado mais sua inocência se tivesse tentado. — Eu me aproximei, meu olhar percorrendo seus estreitos quadris. — Eu prefiro as manchas de sangue em seu vestido.

— Era o casamento dela. É claro que enfatizariam sua pureza. Você sabe como é. Meninas em nossos círculos são protegidas até o casamento. Elas devem perder sua inocência na noite de núpcias. Cavallaro e seu noivo provavelmente

farão qualquer coisa para garantir que ela volte a eles intocada. Danilo é subchefe. Seu pai é subchefe. Dante fodido Cavallaro é seu tio. Não importa o que você peça, eles lhe darão. Se você pedir que entreguem meu pai agora, eles farão isso e nos livraremos dela.

Eu balancei a cabeça. — Eu não vou pedir nada ainda. Não tornarei isso tão fácil para eles. Eles atacaram Las Vegas. Eles tentaram matar meus irmãos, tentaram matar você e eu. Eles trouxeram guerra à minha cidade e levarei guerra para o meio deles. Eu vou destruí-los de dentro. Eu vou quebrá-los.

Fabiano franziu a testa. — Como?

Eu olhei para ele. A sugestão de cautela em sua voz era quase imperceptível, mas eu o conhecia bem. — Quebrando alguém que eles deveriam proteger. Se há uma coisa que sei, é que mesmo homens como nós raramente se perdoam por deixar as pessoas que deveriam proteger se machucar. Sua família ficará louca de preocupação por ela. Todos os dias se perguntarão o que está acontecendo com ela. Eles imaginarão quanto ela está sofrendo. Sua mãe vai culpar seu marido e irmão. E eles vão se culpar. Sua culpa se espalhará como câncer entre eles. E vou alimentar sua preocupação. Eu os separarei.

Fabiano baixou o olhar para Serafina, que começou a se mexer levemente. O rasgo em seu vestido de casamento mudou, expondo sua longa perna nua. Ela estava usando uma liga branca de renda. Fabiano pegou a saia do vestido e cobriu sua perna. Eu inclinei minha cabeça para ele.

— Ela é uma inocente, — ele disse de forma neutra.

— Ela não voltará para eles inocente, — eu disse sombriamente.

Fabiano encontrou meu olhar. — Machucá-la não vai quebrar a Outfit. Eles se unirão para derrubá-lo.

— Vamos ver, — murmurei. — Vamos ligar para Nino e ver qual caminho escolher. — Fabiano e eu nos aproximamos da mesa e colocamos o telefone no viva-voz.

Quando terminamos nossa ligação Serafina gemeu. Nós nos viramos para ela. Ela acordou sobressaltada, desorientada. Ela piscou lentamente para a parede e depois para o teto. Seus movimentos eram lentos, moles. A respiração dela acelerou, e ela olhou para o seu corpo, suas mãos sentindo suas costelas, em seguida, mais abaixo, descansando em seu abdômen - como se ela achasse que a havíamos fodido enquanto estava desmaiada. Eu supus que fazia sentido. Ela teria ficado dolorida.

— Se você continuar se tocando assim, não serei responsável por minhas ações.

Seu olhar disparou para nós, seu corpo endurecendo.

— Nós não tocamos em você enquanto estava inconsciente, — Fabiano disse a ela.

Seus olhos dispararam entre ele e eu. Era óbvio que ela não tinha certeza se poderia acreditar nele.

— Você saberia se Fabiano ou eu a tivéssemos fodido, confie em mim, Serafina.

Ela apertou os lábios, medo e desgosto rodando em seus olhos azuis. Ela começou a se contorcer e balançar como se estivesse tentando sair da cama, mas não conseguia controlar seu corpo. Por fim, fechou os olhos, o peito arfando, os dedos tremendo contra o cobertor.

— Ela ainda está drogada, — disse Fabiano.

— Vou pegar uma coca. Talvez a cafeína a deixe sóbria. Eu não gosto dela tão fraca e indiferente. Não é um desafio.

SERAFINA

Eu assisti Remo sair da sala e me forcei a sentar. — Fabiano, — eu sussurrei.

Ele chegou mais perto e se ajoelhou diante de mim. — Fina, — ele disse simplesmente. Só meu irmão me chamava por esse nome, mas Fabiano sempre brincava conosco quando éramos pequenos e me conhecia pelo apelido.

Minha mãe não me criou para implorar, mas eu estava desesperada. Eu toquei a mão dele. — Por favor, me ajude. Você fazia parte da Outfit. Você não pode permitir isso.

Ele afastou a mão, os olhos duros. — Eu *sou* parte da Camorra.

Ele se levantou e olhou para mim sem uma sugestão de emoção.

— O que vai acontecer comigo? O que o seu Capo quer comigo? — Eu perguntei com voz rouca.

Por um segundo seus olhos suavizaram, e essa foi a resposta mais aterrorizante que ele poderia ter me dado. — A Outfit nos atacou em nosso próprio território. Remo está retaliando.

Um terror gelado arranhou minhas entranhas. — Mas eu não tenho nada a ver com seus negócios.

— Você não, mas Dante é seu tio e seu pai e noivo são membros de alta patente da Outfit.

Eu olhei para as minhas mãos. Meus dedos estavam brancos como giz, agarrados ao tecido do meu vestido. Então notei as manchas vermelhas e rapidamente soltei o tule. — Então ele vai fazê-los pagar, me machucando? — Minha voz quebrou. Limpei a garganta, tentando com força e não conseguindo manter a compostura.

— Remo não divulgou seu plano para mim, — ele disse, mas eu não acreditei nele por um segundo. — Ele pode usá-la para subornar seu tio a entregar partes de seu território... ou seu Consigliere.

Tio Dante nunca desistiria de parte de seu território, nem mesmo pela família, não importava o quanto minha mãe lhe pedisse, nem entregaria um de seus homens, *seu Consigliere*. Ele não podia, não por uma garota. Eu estava perdida.

Minha visão nublou novamente e caí de volta no colchão.

Através da nebulosidade, ouvi a voz de Remo. — Mudança de planos. Deixe-a dormir até as drogas saírem de seu sistema enquanto dirigimos. Perdemos muito tempo neste lugar. Nino ligou novamente. Ele sugere que saíamos agora. Ele enviou nosso helicóptero para nos pegar no Kansas. Ele ouviu de Grigory que Cavallaro convocou todos os soldados a procurarem sua sobrinha e ainda estamos à margem de seu território.

Dante estava tentando me salvar. Papai e Danilo estariam procurando por mim também. E Samuel, meu Samuel, procuraria por mim. Se ainda estivéssemos no território da Outfit, nem toda a esperança estava perdida.

Capítulo Três

SERAFINA

Eu acordei em um carro, enrolada em mim mesma, meio emaranhada no meu vestido. Fabiano estava no banco de trás ao meu lado, mas não olhou para mim. Em vez disso, ele estava checando a janela traseira. Outro homem sentou na frente atrás do volante e ao lado dele estava Remo.

Eu não tinha certeza se eles haviam me dado outro tranquilizante ou se meu corpo tinha problemas para combater os efeitos da primeira injeção. Eu não tinha comido o dia todo e quase não tinha bebido nada. Um gemido baixo passou pelos meus lábios.

Fabiano e Remo olharam para mim. Os olhos escuros de Remo enviaram um arrepio de medo pela minha espinha, mas o olhar de Fabiano também não ofereceu nenhum consolo. Fechei meus olhos novamente, odiando o quão vulnerável eu me sentia.

Eu não tinha certeza de quanto tempo ficamos no carro, mas na próxima vez que acordei, estávamos em um helicóptero. Eu lutei para me sentar. A avenida com hotéis e cassinos se estendia abaixo, e meu estômago se contraiu quando o helicóptero começou sua descida sobre Las Vegas. Eu não disse uma palavra a Fabiano ou Remo, e eles não falaram comigo também. A tensão ainda era palpável no helicóptero, mas eles haviam escapado da Outfit e agora eu estava em Las Vegas. No território da Camorra. À sua mercê.

No momento em que desembarcamos, Fabiano me ajudou a sair do helicóptero enquanto Remo conversava com alguém no telefone. Eu precisava lavar meu rosto e clarear a minha cabeça para poder pensar direito novamente. Eu estava no meu vestido de noiva há quase vinte e quatro horas. Eu me sentia pegajosa e lenta e exausta. E sob isso tudo um terror que tive dificuldade em conter dentro de mim.

Fui empurrada para outro carro e, finalmente, paramos na frente de um clube de strip-tease chamado Sugar Trap.

Fabiano agarrou meu braço novamente quando Remo avançou sem um

único olhar para mim.

— Fabi, — eu tentei, mas ele aumentou seu aperto. — Eu preciso ir ao banheiro e lavar o rosto. Eu não me sinto bem.

Ele me levou para dentro do clube de strip deserto em direção ao banheiro feminino e me seguiu para dentro esperando nos lavatórios. Remo havia basicamente me ignorado, mas eu tinha a sensação de que isso mudaria em breve.

Fui ao banheiro, odiando saber que Fabiano podia me ouvir. Não havia nada que eu pudesse usar como arma, e mesmo que houvesse, como isso me ajudaria cercada por Camorristas? Larguei a saia quando terminei, respirando fundo, tentando esconder minhas emoções.

— Serafina, — veio à voz de advertência de Fabiano. — Não me faça tirá-la daí. Você não vai gostar disso.

Endireitando meus ombros, saí, sentindo-me insegura devido à desidratação.

Eu me inclinei sobre o lavatório e lavei meu rosto e bebi alguns goles de água.

— Você pode tomar uma Coca-Cola do bar, — disse Fabiano. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me agarrou pelo braço e me arrastou para fora. Meus pés descalços doíam. Eu devo tê-los cortado no chão da floresta. Meus olhos percorreram a sala. Não estava mais deserta. Como se atraídas pela comoção, várias mulheres seminuas se reuniram no bar.

Elas evitavam olhar para mim e percebi que não podia esperar pela ajuda delas. Nem uma única pessoa em Las Vegas provavelmente se arriscaria a me ajudar.

— Coca-Cola, — Fabiano gritou para um homem de pele escura atrás do bar, que pegou uma garrafa, abriu e entregou para Fabiano. O homem propositalmente não olhou para mim.

Bom Deus. Onde eles me trouxeram? Que tipo de inferno era Las Vegas?

— Beba, — disse Fabiano, segurando a garrafa para mim. Eu peguei e

tomei alguns longos goles. O líquido frio e doce pareceu reviver meu cérebro e meu corpo.

— Venha. — Fabiano me levou através de uma porta e ao longo de um corredor de paredes nuas em direção à outra porta. Quando ele abriu e entrou comigo, meu estômago se revoltou.

Dentro havia dois homens desconhecidos, ambos Falconis, presumi. Todos eram altos, com expressões duras e esse ar de crueldade desenfreada pelo qual eram famosos. Um deles tinha olhos cinzentos e parecia mais velho do que o outro cara. Eu tentei lembrar seus nomes, mas então meus olhos encontraram os de Remo e minha mente ficou em branco.

O Capo da Camorra havia tirado a camisa. Havia um ferimento novo no lado esquerdo que fora costurado, mas ainda havia sangue ao redor. Minha pulsação acelerou em minhas veias com a visão de seus músculos e cicatrizes.

— Seu gêmeo quase me pegou lá, — disse Remo com uma risada sombria. — Mas não o suficiente para me impedir de capturar sua amada irmã. — Ele disse amada como se fosse algo imundo, algo sem valor.

Fabiano me soltou e se juntou aos outros homens, deixando-me em pé no meio da sala como um pedaço de carne que precisava de inspeção. O medo se instalou em meus ossos porque talvez fosse exatamente o que eu era para eles. Carne.

Remo apontou para o homem de olhos cinzentos. — Esse é meu irmão Nino. — Então ele apontou para o homem mais jovem ao lado dele. — E meu irmão Savio.

Remo se aproximou, cada músculo da parte superior do corpo esticando, como se ele fosse um predador prestes a atacar. Eu permaneci firme. Eu não recuaria um centímetro. Eu não lhe daria nada. Não meu medo e nem uma única lágrima. Ele não podia forçá-los de mim. Eu não me enganei achando que poderia impedi-lo de tomar qualquer outra coisa.

— Serafina Cavallaro. — Meu nome era uma carícia em seus lábios enquanto ele caminhava lentamente em torno de mim. Ele parou atrás de mim, então não podia vê-lo.

Eu suprimi um arrepio. — Cavallaro não. Esse é o nome do meu tio, não meu.

A respiração de Remo se espalhou pelo meu pescoço. — Em todos os aspectos, você é uma Cavallaro.

Eu cavei as unhas nas minhas palmas. Os olhos cinzentos de Nino seguiram o movimento sem um lampejo de emoção no rosto. Fabiano empoleirou-se na mesa, olhando para o homem atrás de mim, mas não para mim. Sávio me olhava com uma mistura de curiosidade e avaliação.

Eu não disse nada, apenas olhava obstinadamente para frente. Remo me circulou e parou na minha frente. Ele era um homem alto e desejei meus sapatos de salto. Eu não era exatamente pequena, mas descalça apenas o topo da minha cabeça alcançava seu queixo. Eu levantei minha cabeça ligeiramente, tentando parecer mais alta.

A boca de Remo se contraiu. — Ouvi dizer que você deveria se casar com seu noivo, Danilo Mancini, ontem, — disse ele com um sorriso torcido. — Então roubei a sua noite de núpcias.

Lembrei-me das palavras reconfortantes de mamãe. Que Danilo seria bom para mim. Que não tinha que ter medo dele reivindicar seus direitos depois do nosso casamento. E as palavras de Samuel que caçaria Danilo se ele não me tratasse como uma dama.

Enquanto olhava para o rosto de Remo Falcone, minha preocupação em fazer sexo com Danilo parecia ridícula. A Camorra não seria boa comigo. O nome do Capo era falado em sussurros abafados e aterrorizados, mesmo entre as mulheres da Outfit. E um terror diferente de tudo que já senti me dominou, mas eu o afastei. O orgulho era a única arma que eu tinha, e iria mantê-lo até o final.

— Eu me pergunto se você deixou seu noivo prová-la antes de seu casamento, — Remo murmurou, sua voz um vibrato baixo cheio de ameaças, seus olhos escuros me arranhando.

A indignação me encheu. Como ele ousa sugerir algo assim? — Claro que não, — eu disse friamente. — O primeiro beijo de uma honrada mulher da Outfit acontece no dia do casamento.

Seu sorriso se alargou, como um lobo, e percebi meu erro. Ele me pegou em uma armadilha. Meu orgulho foi a arma que ele usou contra mim.

REMO

Ela manteve a cabeça erguida apesar do erro. Seus longos cabelos loiros desciam pelas costas. Olhos azuis frios me avaliaram como se eu não valesse a atenção dela. *Perfeita.*

Nobre e prestes a sofrer uma dura queda.

— Tão orgulhosa e fria, — eu disse, passando um dedo pela sua bochecha e garganta. — Assim como o bom e velho tio Dante. — Ela virou o rosto com uma expressão de nojo.

Eu ri. — Oh sim, aquele orgulho idiota da Outfit. Eu mal posso esperar para livrá-la disso.

— Vou carregar esse orgulho para o túmulo comigo, — disse ela arrogantemente.

Inclinei-me ainda mais perto, meu corpo pressionando levemente contra o dela. — Matá-la é a última coisa em minha mente, acredite em mim. — Eu deixei meus olhos viajarem pelo comprimento de seu corpo. — Há coisas muito mais divertidas que posso pensar.

O terror brilhou em seu rosto, apenas brevemente, depois desapareceu. Mas vi isso. Então a morte não incomodava a garota, ou assim ela achava, mas a ideia de ser tocada por mim abriu uma fresta nesse exterior orgulhoso.

— Então você nunca beijou um homem antes, — eu murmurei, inclinando-me tão perto que nossos lábios estavam quase se tocando.

Ela permaneceu firme, mas um leve tremor percorreu seu corpo. Ela apertou os lábios, recusando uma resposta.

— Isto vai ser divertido.

— Minha família e noivo derrubarão Las Vegas se você me machucar.

— Oh, espero que sim, para que eu possa me banhar em seu sangue, — eu disse. — Mas duvido que você valha a pena quando eu terminar com você. Ou seu noivo vai se contentar com as sobras de outro homem?

Ela finalmente deu um passo para trás.

Meu sorriso alargou. Seus olhos dispararam para algo atrás de mim. Para alguém. Eu segui seu olhar para Fabiano. Seus olhos encontraram os meus, sua expressão dura e implacável, mas eu o conhecia de dentro para fora. Ele conhecia Serafina desde criança, brincara com ela. Havia uma sugestão de tensão em seus olhos, mas ele não viria em seu auxílio, nem Nino ou Savio.

Eu me virei para ela. — Ninguém vai te salvar, então é melhor você parar de esperar por isso.

Ela estreitou os olhos para mim. — Eu decido o que esperar. Você pode governar Las Vegas e esses homens, mas você não decide sobre mim, Remo Falcone.

Nunca antes alguém tinha cuspido meu nome desse jeito, e isso me provocou um arrepio de emoção.

— Oh, Serafina, — eu disse sombriamente. — É aí que você está errada, e eu vou provar isso a você.

— E eu vou provar que você está errado. — Seus olhos azuis seguraram os meus, de volta ao controle, de volta ao seu eu orgulhoso. Mas ela me deu uma abertura antes, mostrou-me uma rachadura na máscara e não conseguiu desfazê-la. Eu sabia como pressioná-la.

— Por mais que eu goste de bater papo com você, preciso lembrar o motivo pelo qual você está aqui. E isso é para me vingar de seu tio Dante.

Um lampejo de medo naqueles olhos orgulhosos. Deixei meu olhar percorrer o comprimento dela, por cima de seu vestido de casamento rasgado e ensanguentado.

— Precisamos enviar ao seu tio uma mensagem, um belo vídeo seu, — eu

murmurei. Eu balancei a cabeça em direção a Fabiano. — Leve-a para o porão. Eu vou me juntar a você em alguns minutos. — Eu queria ver como ele reagiria.

O queixo de Fabiano ficou tenso, mas ele deu um aceno conciso. Ele agarrou o pulso de Serafina, e ela ficou tensa, mas não lutou contra ele, não como ela, sem dúvida, teria lutado contra mim. Ele começou a puxá-la. Ela não implorou a ele como achei que faria. Em vez disso, ela me deu outro olhar de desgosto. Ela achou que poderia me desafiar, achou que poderia manter seu orgulho e raiva. Eu mostraria a ela porque me tornara o Capo da Camorra.

— O que você vai fazer com ela? — Perguntou Savio, tentando soar imperturbável, mas ele não era como Nino e eu. Ele tinha um pouco de humanidade nele.

— O que eu disse. Deixá-la mandar uma mensagem para o tio Dante... e gravar um material adicional.

— Então você vai transar com ela em frente a câmera? — Perguntou Savio.

Olhei para Nino, que me observava com os olhos estreitos, como se ele também não tivesse certeza dos meus motivos. Eu sorri. — Não estrague minha surpresa. Todos nós assistiremos ao vídeo juntos assim que terminar.

Eu dei a eles um aceno de cabeça e desci as escadas. No momento em que entrei no corredor no porão, Fabiano saiu da última porta e fechou-a. Seus olhos se fixaram em mim. Ele me encontrou no meio do caminho e segurou meu braço. Eu levantei minhas sobrancelhas.

— A virgindade de Serafina pode ser usada como um trunfo contra Dante e Danilo.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Obrigado por sua opinião, Fabiano. Eu sou o Capo. Eu já tenho meu plano formulado. Não se preocupe.

— Você tem? — Fabiano murmurou, e eu o puxei nariz a nariz.

— Cuidado. Você já me traiu por uma mulher antes. Não faça disso um hábito.

Fabiano balançou a cabeça. — Porra. Eu não vou te trair. Fui a Indianápolis com você e sequestrei Serafina. Não cacei meu pai como eu queria. Coloquei-a na sua porra de cela para você. Eu sou leal, Remo.

— Bom, — eu disse, recuando. — Serafina é minha prisioneira e eu decido o que acontece com ela, entendeu?

— Entendido, — disse Fabiano, cerrando os dentes. — Posso ir para Leona agora?

— Vá. Vou mandar Simeone vigiar a cela esta noite.

— Ele é um maldito pervertido, Remo.

— Ele também sabe que vou cortar seu pau se descumprir minhas ordens. Agora vá se divertir com sua garota enquanto eu cuido da minha.

Capítulo Quatro

SERAFINA

Fabiano me arrastou por um lance de escadas até um porão.

— Fabi, — eu disse implorando, puxando o seu aperto.

— Fabiano, — ele rosnou, nem mesmo olhando para mim quando me puxou através de outro corredor estreito e vazio. Ele parecia furioso.

Antes que eu pudesse pronunciar outra palavra, ele abriu uma porta pesada e entrou em uma sala comigo. Meus olhos dispararam ao redor. Uma cela.

Meu estômago revirou quando vi o banheiro e o chuveiro em um canto, mas ainda pior quando notei o colchão manchado no chão em frente a eles. Manchas vermelhas e amarelas. O terror me atingiu com força e, de repente, percebi o que deveria acontecer aqui.

Meus olhos voaram para uma câmera no canto à minha direita e depois de volta para Fabiano. Ele era o Executor da Camorra e, enquanto meus pais tentaram me proteger, Samuel foi mais aberto às informações. Eu sabia o que os Executores faziam, especialmente em Las Vegas.

Fabiano examinou meu rosto e me soltou com um suspiro. Eu tropecei para trás e quase perdi o equilíbrio quando meus pés ficaram presos no meu vestido. — Você vai...? — Eu consegui dizer.

Fabiano balançou a cabeça. — Remo vai lidar com você.

Eu congelei. — Fabiano, — eu tentei novamente. — Você não pode permitir que isso aconteça. Não deixe que ele me machuque. Por favor. — A palavra tinha um gosto amargo na minha boca. Implorar não era algo que me ensinaram, mas essa não era uma situação para a qual eu já havia me preparado.

— Remo não vai... — Fabiano parou e fez uma careta.

Afastando meu medo, aproximei-me de Fabiano e agarrei seus braços. — Se você não está disposto a me ajudar, então pelo menos me diga o que posso

fazer para impedir Remo de me machucar. O que ele quer de mim?

Fabiano recuou, então eu tive que soltá-lo. — Remo odeia fraqueza. E a seus olhos as mulheres são fracas.

— Então, estou à mercê de um homem que odeia mulheres.

— Ele odeia fraqueza. Mas você é forte, Serafina. — Ele se virou e saiu, fechando a pesada porta e me trancando.

Eu me virei, meus olhos vasculhando os arredores por algo que pudesse usar contra Remo, mas não havia nada, e ele não era um homem que poderia ser espancado em uma briga. Forte? Eu era forte? Não me sentia assim agora. Medo batia no meu peito, em cada fibra do meu corpo.

Meus olhos correram para o colchão mais uma vez. Ontem, Danilo deveria me reivindicar em lençóis de cetim no vínculo sagrado do matrimônio. Hoje Remo me quebraria em um colchão sujo como uma prostituta comum.

Eu me encostei contra a parede de pedra áspera, lutando contra o meu pânico crescente. Durante toda a minha vida fui criada para ser orgulhosa e nobre, honrada e bem-comportada, e isso não me protegeu.

O rangido da porta me deixou tensa, mas não me virei para ver quem havia entrado. Eu sabia quem era, podia sentir seus olhos cruéis em mim.

Eu olhei para a câmera mais uma vez. Tudo o que aconteceria seria gravado e enviado ao meu tio, noivo e pai. E pior... Samuel. Engoli. Eles me veriam no meu pior. Eu não deixaria chegar a isso. Eu manteria minha cabeça erguida, não importa o que acontecesse.

— Você está me ignorando? — Remo perguntou se aproximando por trás de mim, e um pequeno arrepio percorreu minha espinha.

— Isso já funcionou? — Eu disse, desejando que minha voz saísse mais forte, mas já era uma luta forçar essas quatro palavras para fora da minha garganta apertada.

— Não, — disse Remo. — Eu sou difícil de ignorar.

Impossível ignorar.

— Vire-se, — Remo ordenou.

Eu não me movi, me concentrando na pedra cinza a minha frente. Não era apenas um ato de desafio. Minhas pernas se recusaram a se mexer. O medo me manteve congelada, mas Remo não precisava saber disso.

Seu hálito quente passou pelo meu pescoço, e eu fechei meus olhos, enfiando meu lábio inferior entre os meus dentes para abafar um som. — Desobediência declarada? — Ele perguntou em voz baixa. Suas palmas pressionaram minhas omoplatas, e quase amassei sob seu peso, mesmo que ele não colocasse muita pressão por trás do toque.

— Pensando bem, — disse ele suavemente. — Esta posição funciona bem também.

O tilintar suave de uma lâmina sendo desembainhada me fez pular. Remo se apoiou em ambos os lados de mim, uma longa adaga em uma mão. Seu peito pressionado contra as minhas costas. — Eu vou te dar uma escolha, Serafina. Você pode sair do seu vestido sozinha ou eu vou cortá-lo. O que vai ser?

Engoli em seco. Eu esperava outra escolha, uma pela qual Vegas era famosa. Uma onda de alívio me encheu, mas foi de curta duração. Eu movi minha mão e cobri a lâmina com a palma, em seguida, enrolei meus dedos em torno do aço frio.

— Se você me der sua faca, vou me cortar do meu vestido, — eu grunhi.

Remo riu. Um som sombrio e sem alegria. — Você quer minha faca?

Eu balancei a cabeça, e para meu choque, Remo soltou o cabo e segurei sua adaga pela lâmina, à borda afiada cortando minha carne. Remo recuou, seu calor saindo do meu corpo. Eu olhei para a arma mortal na minha mão. Lentamente, respirando fundo, me endireitei e peguei o cabo. Eu sabia que Remo não me dera uma chance justa. Ele estava brincando comigo, tentando quebrar meu espírito, mostrando-me que até mesmo uma faca não mudava o fato de que eu estava à sua mercê.

O que ele não sabia era que Samuel e eu passamos toda a nossa vida brigando um com o outro, como os irmãos sempre fazem, mas quando ele se

tornou um homem feito, começou a trabalhar comigo nas minhas habilidades de luta porque sabia como nosso mundo tratava as mulheres. Ele tentou me fazer forte, e eu era. Eu sabia como usar uma faca, como derrotar um adversário. Mas nunca venci contra Samuel e ele sempre teve o cuidado de não me machucar. Remo era mais forte que Samuel, e me machucaria, gostaria disso. Eu não podia vencer Remo em uma luta, nem mesmo quando tinha uma faca e ele não.

As palavras de Fabiano passaram pela minha mente. *Remo odeia fraqueza*. Mesmo que eu não conseguisse vencer Remo, poderia mostrar-lhe que não era fraca.

— Talvez eu devesse pegar minha faca de volta, já que você não sabe o que fazer com ela, — disse Remo, quase desapontado. Ele se aproximou.

Em um movimento fluido, eu me virei e acertei Remo enquanto minha outra mão puxava meu vestido. Remo bloqueou meu ataque, batendo no meu pulso. Meus anos de treinamento com Samuel me impediram de deixar cair à faca, apesar da dor aguda no meu pulso.

Um sorriso cruzou o rosto de Remo, e soltei meu vestido batendo meu punho em seu abdômen enquanto o golpeava com a faca mais uma vez. A lâmina roçou seu braço e o sangue escorreu, mas Remo nem estremeceu. Seu sorriso aumentou quando ele deu um passo para trás, completamente imperturbável.

Eu me lancei contra ele, mas fiquei presa na minha saia longa. Esbarrei em Remo e tentei acertar um corte mais mortal. Nós caímos e Remo caiu de costas comigo em cima dele. Eu o montei e apunhalei seu estômago, mas ele segurou meu pulso com um sorriso torcido no rosto. Tentei forçar a faca, mas Remo não se mexeu. E então, de repente, ele me mostrou como era quando ele realmente revidava.

Ele empinou seus quadris, e antes que eu pudesse reagir, caí de costas e Remo estava em cima de mim. Eu lutei, mas ele empurrou minha saia para cima e se ajoelhou entre as minhas pernas, aproximando-se até que sua pelve empurrou contra mim e eu não podia usar minhas pernas para afastá-lo. Seus dedos circularam os meus pulsos e ele os pressionou no colchão acima da minha cabeça, a faca ainda ao meu alcance e totalmente inútil. Ele me tinha presa sob seu corpo forte, completamente à sua mercê, ambas as minhas mãos presas ao

chão.

Seus olhos escuros exibiam excitação e um lampejo de admiração. Por um momento, senti orgulho, mas então percebi minha situação. Eu estava de costas, em um colchão sujo, sob Remo. Ele me tinha onde queria desde o começo.

O medo dominou minha determinação, e meu corpo enrijeceu, meus olhos correndo para o colchão nojento embaixo de mim. Eu respirei fundo, tentando manter meu pânico à distância. Remo me olhou atentamente. — Solte a faca, — ele murmurou, e eu fiz. Eu nem hesitei.

Seja forte.

Eu engoli em seco, lembrando-me da câmera. Eu levaria meu orgulho para o túmulo comigo. — Simplesmente acabe com isso, Remo, — eu disse em desgosto. — Estupre-me. Eu cansei de seu jogo doentio. Eu não sou uma peça de xadrez.

Os olhos escuros de Remo vagaram pelo meu rosto, meu cabelo, meus braços esticados acima da minha cabeça. Ele se inclinou para baixo, seu rosto cruel se aproximando. Ele parou quando nossos narizes estavam quase escovando. Seus olhos não eram negros; Eles eram o marrom mais escuro que já vi. Ele segurou meu olhar e eu segurei o dele. Eu não olharia para longe, não importava o que ele fizesse. Eu queria que ele me visse como eu era. Não uma fraca, não um peão, mas um ser humano.

— Não assim, Serafina, — disse ele. Sua voz era baixa e sombria, hipnotizante, mas era o seu olhar que me mantinha cativa. — Não como uma prostituta em um colchão manchado. — Ele sorriu, e foi pior do que qualquer olhar ou ameaça.

Ele baixou sua boca até que seus lábios tocaram os meus levemente, apenas um pouco, e ainda assim um choque me atravessou. — Eu não comecei a jogar e você não é uma mera peça de xadrez. Você é a rainha. — Ele pegou a faca e se endireitou, liberando-me no processo. Ele se levantou devagar, erguendo-se totalmente e olhou para mim.

— E o que você é neste jogo de xadrez? — Eu sussurrei duramente, ainda deitada no colchão.

— Eu sou o rei.

— Você não é imbatível.

Seus olhos percorreram-me até que voltaram ao meu rosto. — Vamos ver. — Ele embainhou sua faca. — Agora tire esse vestido. Você não vai precisar mais disso.

Eu me sentei. — Eu não vou me despir na sua frente.

Remo riu. — Oh isso vai ser divertido. — Ele esperou, e eu retornei seu olhar de forma constante. — É a faca, então, — disse ele com um encolher de ombros.

— Não, — eu disse com firmeza, lutando para ficar de pé. Eu olhei para ele e levei as mãos para trás, puxando o zíper com um chiado audível. Nunca tirando os olhos dele, puxei o tecido até que finalmente caiu no chão, um halo fofo ao redor dos meus pés.

— Branco e dourado como um anjo, — Remo meditou sombriamente enquanto tomava cada centímetro de mim.

Mesmo a força de vontade conseguiu impedir que minhas bochechas ardessem de calor, estar exposta assim diante de um homem pela primeira vez. Parada em nada além da minha liga branca, calcinha de renda branca e um espartilho, arrepios percorreram minha pele ao exame de Remo.

Ele preencheu a distância entre nós e prendi a respiração. Ele parou perto de mim, olhos escuros traçando meu rosto, e levantou a mão, fazendo-me endurecer. O canto da sua boca se contraiu. Então seu polegar roçou minha bochecha. Eu recuei, longe do toque, o que o fez sorrir novamente.

— Timidez virginal, que cativante, — Remo disse sombriamente, zombando de mim. — Não se preocupe, *Angel*, não vou contar a ninguém que sou o primeiro homem a te ver assim.

Eu olhei para ele, lutando contra as lágrimas de vergonha e fúria quando ele se abaixou, pegando o vestido. — Afaste-se. — Eu rapidamente saí do vestido, e Remo se endireitou com o tecido manchado preso debaixo do braço.

Ele me olhou. — Você é um espetáculo para ser visto. Aposto que Danilo

sentiria tesão só de olhar para você. Eu só posso imaginar o que ele sente agora, sabendo que você está em minhas mãos, sabendo que ele nunca conseguirá o que foi prometido.

Eu balancei a cabeça. — Tudo o que você tomar, sempre será menos do que ele teria conseguido, porque eu teria me dado a ele de boa vontade, corpo e alma, e não há nada que você possa fazer sobre isso. Você terá que se contentar com o prêmio de consolação, Remo Falcone.

Remo recuou devagar, uma expressão estranha no rosto. — Você deveria tomar um banho, Serafina. Vou pedir a uma das prostitutas que traga roupas limpas. — Ele se virou e desapareceu com um clique suave da porta.

O ar deixou meus pulmões em um sopro. Eu passei meus braços a minha volta, tremendo, tentando manter a calma. Foi preciso um esforço considerável para enfrentar Remo, e agora tudo desmoronava em ondas de emoção. Eu enrijeci quando me lembrei da câmera, mas depois decidi que não importava. Remo sabia que eu estava com medo dele. Minha frente corajosa não estava enganando-o.

REMO

Serafina era tudo que eu esperava e muito mais. Uma rainha no meu jogo de xadrez, de fato. Nobre e orgulhosa como uma rainha e arrogante e mimada como uma também. Ela me fez querer quebrá-la. Quebrar as asas brancas. Um anjo na aparência, mas um com asas cortadas, feliz por estar ancorada, feliz por nunca vagar pelo céu. Satisfeita em se tornar a bela ave domesticada na gaiola dourada de Danilo.

Esvaziei meu uísque e bati no bar. Jerry encheu meu copo. As prostitutas estavam reunidas no outro extremo do bar o mais longe possível de mim. Como sempre.

— Ela é tão bonita, — a prostituta que levou as roupas para Serafina disse as outras.

Ela era. Serafina era uma obra-prima, quase linda demais. Os cabelos dourados e a pele imaculada contra o colchão sujo pareciam um sacrilégio, até para mim, e eu cometi quase todo pecado concebível.

Bebi outro uísque, considerando voltar ao porão, para Serafina. *Tudo o que você tomar, sempre será menos do que ele teria conseguido. Você terá que se contentar com o prêmio de consolação.*

Suas palavras batiam insistentemente na minha mente. E porra, eu sabia que ela estava certa. Tirar de Serafina o que eu queria não seria uma vitória. Não havia desafio em fazê-lo. Ela era mais fraca e estava à minha mercê. Eu poderia tê-la em todos os sentidos pela manhã e acabar com isso, mas seria uma derrota. Não era o que eu queria. Longe disso. Eu nunca havia me contentado com um prêmio de consolação. Eu não queria menos do que ela teria dado a Danilo. Eu queria mais. Eu queria tudo dela.

Eu bati o copo no balcão e me virei para a prostituta mais próxima. — No meu escritório. Agora.

Ela assentiu e saiu correndo. Eu a segui, dolorosamente duro. Duro pra caralho desde que vi Serafina de calcinha. Desesperado pra caralho para me enterrar em sua boceta e arrancar sua inocência dela. Eu sempre consegui o que queria. Eu nunca esperei por nada. Mas se eu quisesse o triunfo final, teria que ser paciente, e seria o maior desafio da minha vida.

A prostituta estava sentada na minha mesa, mas levantou-se quando entrei. Eu abri o zíper da minha calça e baixei minha cueca. Ela sabia a deixa. Nós já tínhamos fodido antes. Eu sempre a escolhi. Ela ficou de joelhos quando emaranhei minha mão em seu cabelo vermelho e comecei a foder sua boca. Ela tomou tudo de mim enquanto empurrava dentro dela, batendo no fundo de sua garganta, fazendo-a engasgar, mas pela primeira vez não fez nada para saciar a fome ardente em minhas veias. Eu fiz uma careta para o rosto dela, tentando imaginar que era Serafina, mas a prostituta me olhou como a porra de uma submissa, uma reverência repugnante. Sem orgulho, sem honra. Todas elas tiveram uma escolha e escolheram o caminho mais fácil, nunca o doloroso. Elas nunca entenderiam que nada poderia ser ganho sem dor. Fraca. Repugnante.

Eu aumentei a pressão em seu cabelo, fazendo-a estremecer, quando gozei em sua garganta. Recuando, meu pau pingando deslizou para fora de sua

boca. Ela olhou para mim, lambendo os lábios como se eu tivesse lhe dado um presente do caralho. Meus dedos coçaram para pegar minha faca e cortar sua garganta, aliviá-la de sua existência miserável.

Ela baixou o olhar.

— Levante-se, — eu rosnei, perdendo minha paciência. Ela ficou de pé. — Na mesa.

Ela se virou e se inclinou sobre a mesa, empinando a bunda, em seguida, estendeu a mão para trás e puxou a saia para cima, revelando sua bunda nua. Ela separou as pernas e se apoiou na mesa. Sem orgulho. Sem honra.

Eu pisei atrás dela, bombeando meu pau, mas eu já estava ficando duro de novo. Eu peguei uma camisinha, rasguei-a com os dentes e rolei-a pelo meu pau. Cuspindo na minha mão, eu lubrifiquei meu pau embainhado, em seguida, pressionei contra seu rabo e comecei a empurrar para dentro dela. Os nós dos dedos da prostituta ficaram brancos enquanto ela segurava a mesa. Quando estava enterrado até as bolas na sua bunda, inclinei-me para frente até que meu peito estava nivelado com suas costas e, pela primeira vez, ela ficou tensa. Eu nunca cheguei tão perto dela. Eu levei a boca perto de seu ouvido enquanto meus dedos apertavam seus quadris.

— Diga-me, Eden, — eu sussurrei duramente. Ela prendeu a respiração, me ouvindo dizer seu nome. Nunca fiz isso antes. Elas achavam que eu não sabia seus nomes, mas eu conhecia cada filho da puta que possuía, soldado e prostituta. — Você já pensou em me mandar me foder?

— Claro que não, Mes...

— Do que você ia me chamar? Mestre? — Eu bati nela uma vez, fazendo-a ofegar. — Diga-me, Eden, eu sou seu maldito mestre?

Ela hesitou. Ela nem sabia como responder essa porra de pergunta, e isso me deixou furioso. — Eu não sou seu maldito mestre, — eu rosnei.

— Sim, — ela concordou rapidamente.

Eu virei seu rosto para que ela tivesse que olhar nos meus olhos. — Você tem um pingo de honra no seu corpo usado? — Eu perguntei gentilmente.

Ela piscou.

Minha boca deu um grunhido. — Não. Nenhum pingo do caralho. — Eu agarrei seu pescoço e comecei a empurrar dentro dela. Ela estremeceu e isso me deixou delirando. Ainda batendo nela, eu murmurei em seu ouvido: — Você já se perguntou onde está Dinara?

Ela ficou tensa sob mim, mas eu não desisti. — Você já pensou nela?

Ela soltou um soluço. Ela não tinha o direito de chorar, não tinha razão, porque ela não estava chorando por sua filha, mas apenas por si mesma. Uma mão desgraçada. — Você já se perguntou se eu faço com sua menina o que estou fazendo com você agora?

Ela não disse nada. Eu me endireitei e continuei fodendo até que finalmente gozei. Eu recuei, joguei a camisinha no chão e limpei-me com uma toalha que mantinha à mão antes de puxar minha cueca e calças.

Ela virou-se, mascara borrada sob os olhos, e eu joguei a toalha para ela. — Se limpe. E descarte o maldito preservativo. Está pingando meu esperma por todo o chão. — Ela pegou a toalha do chão e limpou o chão primeiro e depois se limpou. Puta suja.

— Saia da minha frente antes que eu te mate, — eu disse.

Ela passou correndo por mim, abriu a porta e quase esbarrou em Savio, que recuou com uma expressão de nojo. Ele levantou uma sobrancelha quando entrou. — Você ainda está fodendo essa cadela? Por que você simplesmente não a mata como ela merece?

— Ela não merece a morte. Seria muito gentil matá-la. — E dei a Grigory minha palavra de que a cadela iria sofrer.

Sávio assentiu. — Talvez. Mas eu achei que você estaria fodendo uma boceta virgem, não este pedaço de lixo usado.

— Eu não estou com vontade de uma boceta virgem.

Savio parecia curioso. — Eu imagino que vai ser muito apertado e quente saber que você é o primeiro a estar lá.

— Nunca estive com a porra de uma virgem, então não posso te

dizer. Existe uma razão pela qual você está aqui perturbando minha fúria pós-foda?

— Qual é a diferença entre isso e sua fúria pré-foda? Ou o seu humor geral, diga-se de passagem?

— Você é um burro esperto como Nino.

Savio entrou e apoiou o quadril contra a mesa. — Eu achei melhor te contar que Simeone entrou no porão com uma bandeja de comida para sua menina e não voltou ainda.

Eu empurrei Savio ao passar, tão furioso que tive problemas em não matar todas as pessoas na porra do bar. Eu corri escada abaixo quando ouvi Simeone gargalhando e o vi na porta da cela de Serafina, não dentro dela. Eu desacelerei, sabendo que não havia pressa. Ele não era tão estúpido. Estúpido o suficiente, mas não tão estúpido para tentar tocar algo que era meu.

— Saia, seu pervertido nojento, — ouvi a voz de Serafina.

— Cale a boca, prostituta. Você não está em Chicago. Aqui você não é nada. Eu mal posso esperar para enterrar meu pau em sua boceta, uma vez que Remo termine de quebrar você.

— Eu não vou tomar banho na sua frente. Saia!

— Então vou ligar para Remo e dizer-lhe para punir você.

Ah... então ele me ligaria? Interessante. Eu me aproximei, sem fazer nenhum som. As costas de Simeone se contorciam como se ele estivesse ocupado se masturbando, o que provavelmente era o caso.

Minha boca puxou em um rosnado, mas eu segurei minha raiva.

Mais silêncio seguiu e eu me aproximei calmamente. O perfil de Simeone apareceu na minha visão, encostado na porta com a mão segurando o seu pau feio enquanto se masturbava furiosamente. Parei a poucos passos dele e lá estava Serafina no chuveiro, de costas para ele.

Simeone estava praticamente salivando no chão e se masturbando, observando Serafina tomar banho. Ela era um espetáculo para ser visto, nenhum argumento. Sua pele era pálida como mármore. Sua bunda duas esferas brancas

onde eu queria afundar meus dentes. Não havia uma mancha em sua pele, nem uma única imperfeição, tão diferente da minha. Ela tinha sido protegida toda a sua vida, mantida a salvo dos perigos deste mundo, e aqui ela estava à minha mercê.

— Vire-se. Eu quero ver seus peitos e boceta, — Simeone ordenou, sua mão se movendo mais rápido em seu pênis.

Simeone estava tão envolvido assistindo e se masturbando que não me notou. — Se você não se virar, eu ligo para Remo.

— Eu não vou virar, seu porco! — Ela assobiou. — Então chame Remo. Eu não me importo!

— Sua putinha! Eu mesmo vou te virar.

Simeone fez um movimento como se fosse empurrar a porta, quando Serafina se virou, um braço envolto protetoramente sobre os seios, a outra mão protegendo sua boceta. A água escorrendo pelo rosto quase escondeu as lágrimas. Ela deu a Simeone o olhar mais desgostoso que eu já vi, a cabeça erguida... e então ela me viu.

— Viu, isso não foi tão difícil, foi? — Simeone disse asperamente.

Meu lábio se curvou. Eu puxei a faca do meu coldre, deslizei meus dedos pelo punho, saboreando a sensação do metal frio contra a minha pele. Ela assistiu imóvel enquanto eu andava até Simeone. Seus perfeitos lábios orgulhosos não emitiram um aviso.

Eu passei meu braço em torno de sua garganta em um aperto esmagador e pressionei minha faca contra seu abdômen inferior. Ele gritou de surpresa e soltou seu pênis. — Você ia me ligar? — Eu perguntei.

Seus olhos arregalados de terror piscaram para mim quando seu rosto ficou vermelho pela pressão do meu aperto. Eu afrouxei meu aperto para que ele pudesse falar.

— Remo, eu me certifiquei que ela não estivesse fazendo besteira. Não é como parece.

— Hmm. Você sabia que nenhum homem viu o que acabou de ver?

Ele balançou a cabeça freneticamente. Levantei meu olhar para Serafina, que observava com uma expressão congelada.

— Veja bem, agora você viu algo que eu não tinha intenção de compartilhar, — expliquei em uma voz agradável. Eu deslizei a faca em seu abdômen, apenas alguns centímetros. Ele gritou, agitando-se em meu aperto. Segurei-o firmemente, meus olhos nunca deixando Serafina. O sangue escorria pela minha mão. Seu sangue sujo.

Serafina baixou os braços para o lado. Eu não acho que ela percebeu. Ela me olhou em horror aberto. Pela primeira vez, sua máscara orgulhosa havia escorregado e revelado sua verdadeira natureza: uma mulher bondosa e frágil. E eu observei seus seios firmes e os cachos dourados no ápice de suas coxas, perfeitamente aparados em um triângulo. Para sua noite de núpcias. Que pena que o pobre Danilo nunca veria isso. Ela era minha para ser tomada.

— Remo, — Simeone balbuciou. — Eu não vou contar a ninguém o que vi. Por favor, eu te imploro.

— Eu acredito em você, — eu disse suavemente. — Mas você vai se *lembrar.* — Eu afundei ainda mais a faca em sua carne, movendo devagar, deixando-o saborear cada centímetro da lâmina. — Você imaginou como seria afundar seu pau imundo em sua boceta?

Ele gorgolejou.

A faca estava enterrada até o punho em seu abdômen. — Você imaginou enterrar-se ao máximo dentro dela? — Seus olhos estavam inchados, sua respiração ofegante.

Eu torci a faca e ele gritou novamente. Então eu a puxei de volta tão lentamente quanto tinha entrado. Suas pernas cederam e eu o deixei cair no chão. Ele apertou a ferida, chorando como um covarde. Levaria mais dez ou quinze minutos antes de morrer. Ele gostaria que fosse menos. — Lembra o que eu te falei sobre seus olhos e língua? Seu pau vai se juntar a eles.

Eu baixei a faca até seu pênis, e Serafina se virou com um suspiro.

SERAFINA

Minhas mãos estavam espalhadas contra os azulejos brancos do chuveiro. Eu não conseguia respirar. O terror entupiu minha garganta. Nada na minha educação me preparou para isso. Nada poderia ter. Eu estava desmoronando rápido. Mais rápido do que jamais pensei ser possível.

Orgulho e honra eram os pilares do nosso mundo, os pilares da minha criação. Eu precisava me apegar a isso. Ele poderia tirar tudo de mim, mas não isso. Nunca isso.

Simeone estava gritando e pressionei as palmas das minhas mãos contra os meus ouvidos, tentando ignorá-lo - sem sucesso.

Princesa do gelo não mais.

Meus olhos estavam embaçados pelas lágrimas e pela água. Mas a imagem de Remo afundando sua faca em um homem com aquele sorriso torcido em seu rosto estava gravada em minha mente. Como eu deveria manter meu orgulho? Como poderia manter minha cabeça erguida e não deixá-lo ver meu medo? Nada jamais me assustara mais do que Remo Falcone.

Monstros não são reais, minha mãe havia me dito há muito tempo quando eu tinha medo de dormir no escuro e continuei rastejando na cama de Samuel. Eu não tinha acreditado nela naquela época, e isso foi antes de conhecer Remo.

Os gritos pararam.

Estremeci e abaixei minhas mãos lentamente. Algo vermelho chamou minha atenção. Eu olhei para o chão do chuveiro onde a água vermelha estava em volta dos meus pés. Eu pisquei. E então percebi. Chuveiro ao nível do chão. Remo enfiando a faca no homem... Meus pés pareciam ainda mais pálidos contra o vermelho. Minha visão mudou e algo se rompeu em mim. Eu estava de pé no sangue de alguém.

Eu me ouvi gritando e tentei sair do sangue, mas o chão estava escorregadio. Eu me virei, segurando as paredes do chuveiro. E então vi o resto da cela. O chão inteiro estava coberto de sangue, e em meio a tudo estava Remo,

alto e sombrio, a faca ainda brilhando em sua mão. Seu peito e braços estavam manchados de sangue. Vermelho. Vermelho. Vermelho. Em toda parte.

Eu ainda estava gritando e gritando até que não consegui mais gritar porque não havia mais ar nos meus pulmões. E eu não conseguia respirar.

Remo embainhou sua faca e se aproximou de mim.

Eu me debati, tentando me afastar dele, do sangue, da visão do homem morto atrás de Remo.

Meus pés escorregaram no piso e eu estava caindo. Meus joelhos afundaram no sangue, minhas mãos seguiram.

Remo me puxou para cima, meu corpo pressionado contra o dele, e o cheiro de sangue encheu meu nariz. Eu agarrei seus ombros por equilíbrio. E então puxei uma mão para trás e ela estava vermelha. E um olhar para baixo. Vermelho. Minha pele. Vermelho. Tudo vermelho.

Meus olhos encontraram o corpo coberto de sangue de Remo. Vermelho. Vermelho. Vermelho.

Eu comecei a lutar contra o seu domínio. Eu lutei com tudo que tinha. — Por favor, — eu ofeguei. Remo me levantou em seus braços e eu não tinha mais nenhuma luta em mim. Ele me carregou descalço pela cela, passando por cima do homem morto. Quando ele se livrou de seus sapatos?

Uma risada histérica borbulhou na minha garganta, mas se transformou em um soluço. Isso era demais.

Remo entrou em outra cela e me colocou no chão do chuveiro. Eu afundei, deitando de lado, incapaz de permanecer na posição sentada. Meu peito estava arfando, mas eu não estava respirando. Através da minha visão nebulosa, vi Remo tirando suas roupas ensanguentadas e andando em minha direção. Nu. Eu não registrei mais do que isso.

Eu fechei meus olhos.

Ele colocou seus braços sob meus joelhos e costas e me levantou mais uma vez. Então água fria caiu em cima de mim, e eu respirei fundo, meus olhos se abrindo. Remo se deslocou comigo em seus braços, inclinando-se para frente,

sua testa pressionada contra os azulejos enquanto olhava para mim. Seu corpo me protegeu da água fria caindo sobre nós, e seus olhos escuros seguraram os meus.

— Demora um pouco antes que a água esquente aqui, — ele disse calmamente.

Tão calmo. Meus olhos procuraram seu rosto. Assustadoramente calmo. Nenhum sinal de que ele tivesse acabado de matar um homem de maneira bárbara. Estremeci, meus dentes batendo. Mesmo quando a água ficou quente, meus dentes continuaram a bater, e eles não pararam nem quando Remo saiu do chuveiro comigo ainda em seus braços.

Remo saiu da cela e me levou pelo corredor. O pânico rasgou meu peito.

— Porra, — alguém disse. Um homem.

— Pegue-me uma porra de cobertor, Savio, — Remo rosnou.

Ele aumentou seu aperto enquanto me levava para cima. Fechei os olhos, muito abalada para lutar. Algo suave e quente me cobriu, e então fui colocada em couro quente.

— Você não pode dirigir pela cidade nu. E ainda há sangue em seu corpo.

— Você pode dirigir, — disse Remo, e então seu corpo relaxou ao meu lado.

— Para onde diabos vamos levá-la?

— Casa.

— Nino não vai gostar dessa porra. Você sabe como ele é protetor com Kiara.

— Eu não dou à mínima. Agora cale a boca e dirija.

Eu me concentrei em respirar, focada em lembrar o que me fazia feliz. Samuel. Mãe. Papai. Sófia.

Eu não tinha certeza de quanto tempo tinha passado. Os minutos pareceram se misturar, quando Remo me pegou de novo e eventualmente me colocou em algo macio. Meus olhos se abriram, com as pálpebras pesadas e queimando de tanto chorar.

A primeira coisa que registrei foi a cama em que estava deitada. Lençóis de cetim macios, vermelho-sangue. Uma majestosa cama de dossel feita de madeira preta, os postes torcidos como se dois galhos tivessem se enrolado em volta de outro para formar um. Cortinas vermelho sangue pesadas pendiam do dossel, bloqueando a luz do sol brilhante que entrava no quarto. Eu coloquei minha mão trêmula contra o lençol suave, branco contra vermelho, como no chuveiro. Estremeci e comecei a hiperventilar novamente.

Remo apareceu ao lado da cama e afundou, fazendo com que o colchão cedesse sob seu peso. Ele estava nu, exceto por um coldre de faca, que estava preso ao peito. Músculos e cicatrizes e força mal contida.

Eu desviei meus olhos, meus dentes começando a bater novamente. Remo se aproximou de mim. — Não, — eu disse fracamente. Então, mais firme: — Não me toque.

Os olhos escuros de Remo seguraram os meus atentos. Ele se inclinou até que seu rosto encheu minha visão. — Depois do que você me viu fazer hoje, ainda me desafia? Você não acha que se submeter a mim tornará as coisas menos dolorosas para você? — Sua voz era suave, baixa, quase curiosa.

— Sim, — eu sussurrei, e algo mudou em seus olhos... era decepção? — Mas eu prefiro sentir dor a me submeter à sua vontade, Remo.

Ele sorriu sombriamente e se aproximou de mim novamente. Antes que eu pudesse reagir, ele puxou um cobertor sobre o meu corpo, cobrindo minha nudez. Meus olhos se arregalaram.

— Como você pode saber o que prefere se nunca experimentou? Nem dor... — ele roçou os lábios levemente em minha boca, não um beijo, mas uma ameaça —... nem prazer.

Um arrepio percorreu minha espinha. Minha garganta estava seca, meus membros pesados.

— Eu quero mostrar-lhe ambos, *Angel*. — Ele fez uma pausa, seus olhos escuros queimando em mim. — Mas temo que você prefira se matar a se entregar a mim. — Ele puxou a faca e colocou ao meu lado. — Você deve acabar com a sua vida, tomar o caminho mais fácil, porque ninguém virá salvá-la, e eu não vou parar até quebrá-la, corpo e alma.

Eu acreditei nele. Como eu não poderia com a intensa determinação e frieza em seus olhos escuros? Eu peguei a faca, em seguida, me sentei e pressionei a lâmina contra a garganta de Remo. Ele não recuou, apenas me olhou com olhos inquietantes.

— Eu nunca vou me matar. Não farei isso com minha família. Mas você nunca vai me quebrar. Eu não deixarei.

Remo inclinou a cabeça, novamente com um toque de curiosidade. — Se você quiser me matar, faça isso agora porque não terá outra chance, *Angel*. — Minha mão segurando a faca tremeu. Remo não tirou os olhos de mim quando se aproximou, apoiado em um joelho e depois no outro até que se inclinou sobre mim. Eu pressionei com mais força e o sangue escoou para a superfície. Meus olhos se concentraram no revestimento vermelho da lâmina contra a pele de Remo.

Remo se moveu sobre mim e pressionou a faca com mais força em sua carne. Eu cedi, obcecada pelo sangue escorrendo por sua garganta, por seu cheiro, sua cor brilhante.

Remo se abaixou em cima de mim, a faca entre nossas gargantas, seu corpo cobrindo o meu com apenas o cobertor entre nós. Ele me olhou, olhos escuros descascando camada por camada de paredes protetoras que tentei segurar.

Histeria rodou no meu peito, as memórias do porão arranhando os cantos da minha mente. Remo enrolou a mão ao redor da minha e do punho, em seguida, lentamente tirou minhas mãos dele e me tirou a faca. Ele deixou cair na cama ao nosso lado.

Eu podia sentir cada centímetro de seu corpo forte e musculoso contra o meu, mas meus olhos não podiam se concentrar em nada além do sangue em sua pele, pingando do corte que eu havia infligido. Ele pressionou dois dedos na minha garganta, sentindo meu pulso errático. — Ainda nas garras do pânico,

hmm?

Engoli. Ele se afastou e se levantou. Então ele se inclinou sobre mim. — Você está segura em seus momentos mais fracos, *Angel*. Eu não gosto de quebrar os fracos. Eu vou te quebrar quando você estiver forte.

Ele pegou a faca e se virou, me dando as costas. Meus olhos traçaram a tatuagem do anjo caído ajoelhado. Era assim que Remo se via? Um anjo caído com asas quebradas? Um anjo negro renascido do inferno?

E o que eu era?

Antes de sair do quarto, ele me olhou por cima do ombro. — Não tente fugir, *Angel*. Há mais homens como Simeone esperando para colocar as mãos em você. Eu odiaria ter que mandá-los atrás de você e machucá-la.

Como se alguém pudesse me machucar mais do que Remo faria.

Eu forcei um sorriso. — Nós dois sabemos que você está mentindo. Você não vai deixar ninguém me machucar.

Remo levantou uma sobrancelha escura. — Eu não vou?

— Você não vai porque quer ser o único a me quebrar, me fazer gritar.

A boca de Remo puxou em um sorriso que levantou os pequenos cabelos da minha pele.

Um sorriso que me assombraria para sempre.

— Oh, eu vou fazer você gritar, *Angel*. Isso eu juro.

Suprimindo um estremecimento, cavei minhas unhas nas palmas das mãos e forcei mais palavras da minha garganta apertada. — Não perca seu tempo. Mate-me agora.

— Todos nós temos que deixar parte de nós mesmos morrer para nos erguermos mais fortes. Agora durma bem. Voltarei mais tarde para gravar uma mensagem de vídeo adequada para sua família.

— Por que você me salvou de Simeone? Por que não o deixou começar a tortura que você tem em mente para mim? Por que me trouxe aqui para sua

mansão?

Remo me olhou como se também estivesse se perguntando a mesma coisa, e seu silêncio me disse que meu palpite estava correto; esta era de fato a mansão Falcone. Surpreendeu-me que ele arriscaria me trazer para a casa de sua família.

— Como você disse, eu vou ser o único a fazê-la gritar e mais ninguém. — Ele fechou a porta.

Fechei meus olhos e puxei as cobertas ao meu redor.

Um jogo de poder. Um jogo de xadrez distorcido.

Eu não seria um peão ou uma rainha, e Remo não seria o rei.

Capítulo Cinco

REMO

Peguei uma calça de moletom para vestir antes de descer para a sala de jogos, onde Savio, Nino e Adamo estavam sentados. Desde que Kiara se juntou a nossa família, meus dias andando nu pela casa quando me agradava haviam acabado. Meus irmãos me observavam como se eu fosse uma bomba prestes a detonar.

Eu dei-lhes um sorriso.

Adamo balançou a cabeça, mas não disse nada. Ele não tentou esconder sua aversão a mim ou sua relutância em se tornar um camorrista.

Nino se levantou devagar. — Você não deveria tê-la trazido aqui.

Eu peguei o menu de pizza. — Savio, peça pizza para nós e uma a mais para a Serafina.

Nino contornou o sofá. Meus olhos cintilaram sobre a tensão em seus membros. — Remo, leve-a para outro lugar.

— Não, — eu disse. — Ela vai ficar aqui, sob este teto, onde eu posso ficar de olho nela.

Meu irmão parou na minha frente, uma careta profunda franzindo suas sobrancelhas. Isso era o equivalente a uma explosão de raiva dele. — Esta situação pode causar outro episódio em Kiara.

— Kiara é sua esposa, não minha. Certifique-se de que ela não veja nada que não deveria ver. Onde ela está, afinal?

— Na nossa ala. No momento em que Savio me disse que você estava trazendo Serafina, eu lhe pedi para ficar lá.

— Viu? Não há problema. — Passei por ele em direção ao bar e peguei uma cerveja. Nino me seguiu enquanto Savio pedia pizza ao fundo.

— É um problema enorme. Sua prisioneira está lá em cima, livre para

vagar pela casa como bem quiser. Ela pode andar pela casa e encontrar Kiara.

— Eu duvido que Serafina faça isso agora. Ela está muito abalada e provavelmente tendo seu sono de beleza enquanto falamos. Ela não pode escapar da casa, e um de vocês terá que protegê-la para garantir que ela não faça algo estúpido.

Nino me avaliou. — Eu realmente espero que você saiba o que está fazendo. Isto é suposto derrubar a Outfit. Não se esqueça disso, Remo.

Minha boca se abriu. — Isso irá esmagá-los. Eles vão sangrar devagar, dolorosamente, sem nunca sentir minha lâmina. Isso irá destruí-los.

Nino deu um aceno de cabeça porque, mesmo que as emoções ainda fossem difíceis de entender, ele sabia o efeito que jogos mentais tinham em uma guerra.

— Você me enoja, — murmurou Adamo.

— Quatro dias, — eu lembrei a ele.

Ele se levantou, projetando o queixo para fora. — E se eu disser não?

Savio o empurrou. — Você seria uma porra de desgraça, um traidor. O que você faria? Para onde você iria?

Adamo empurrou-o de volta. — Eu não dou à mínima. Qualquer coisa é melhor do que me tornar como você.

Eu andei em direção a ele. Ele ergueu o queixo. — Você diz isso porque desde o dia do seu nascimento foi protegido. Você nunca foi submetido a uma verdadeira crueldade. Você é um Falcone, Adamo, e um dia terá orgulho de ser um deles.

— Eu gostaria de não ser um Falcone. Eu queria que você não fosse meu irmão.

— Adamo, — Nino advertiu, olhando para o meu rosto.

— Foda-se! — Adamo gritou e correu para o andar de cima.

— Ele cairá em si, eventualmente, — Nino divagou.

— Quanto tempo até a pizza chegar? — Perguntei a Savio.

Ele trocou um olhar com Nino antes de responder: — Vinte minutos.

— Hora de um telefonema, — eu disse, acenando para Nino, que hesitou brevemente, mas depois pegou seu celular e percorreu os contatos.

Nino me passou o telefone com o número que eu não reconheci. — Esse é o número de Dante, se ele não mudou desde nossa última ligação anos atrás.

— Bom. Pegue algumas roupas de Kiara. Uma camisola branca se ela tiver uma.

Nino franziu a testa profundamente, mas passou por mim e desapareceu em sua ala.

— Como você vai mantê-la sob controle? Certificar-se de que ela não tentará fugir ou se matar?

— Ela tem sido protegida toda a sua vida. Ela está longe de casa, longe dos homens que a protegeram. A liberdade a assusta mais que o cativeiro.

Savio riu. — Você parece muito certo disso.

Eu sorri abertamente. Nino voltou, parecendo mais perto de chateado como sempre. Ele alcançou as roupas para mim. Entre elas, uma camisola de cetim prateada. Perfeito. — Kiara suspeita que haja algum problema.

Peguei as roupas, sem me incomodar em comentar, e passei por ele em direção à minha ala, onde entrei no quarto de Serafina sem bater. Meus olhos vagaram da cama vazia para a parede atrás dela, onde Serafina tentou abrir a janela, o que ela não podia fazer sem as chaves necessárias.

Ela se virou, o lençol vermelho-sangue enrolado em volta de seu corpo, seus cabelos loiros uma juba selvagem escorregando por seus ombros. Sua pele brilhava inocentemente branca contra o vermelho dos lençóis. Eu queria correr minha língua por cima para ver se teria um gosto tão puro quanto parecia.

Não encolhida na cama como eu esperava, mas tentando escapar. Este passarinho parecia desesperado para escapar da minha gaiola, só para entrar direto na de Danilo. Seus olhos e rosto continham restos de seu pânico anterior, mas ela ergueu o queixo para cima e estreitou os olhos para mim. Determinada a

brincar com os meninos grandes.

Entrei no quarto. Seus ombros se ergueram, um ato de desafio, mas sua mão voou para pressionar o lençol contra seu corpo, os dedos esticados contra o vermelho, visivelmente agitados. Sem tirar os olhos dela, coloquei as roupas na cama, pegando a sugestão de seu doce perfume. Eu peguei mais cedo, como se ela tivesse sido massageada com óleo de baunilha em preparação para sua noite de núpcias. Minhas narinas se abriram. — Tentando escapar da minha gaiola, passarinho?

Ela me lançou um olhar arrogante. — Você é muito fã de criaturas com asas.

— Eu gosto de quebrá-las.

Seus lábios se curvaram e ainda assim ela conseguiu ser perfeitamente bonita. Eu podia adivinhar as imagens que passavam por sua mente, de mim torturando pequenos animais. Isso era para covardes, para homens incapazes de enfrentar um adversário digno. — Eu não sou esse tipo de psicopata.

— Que tipo você é, então?

Eu sorri. — Você não conseguirá abrir a janela. Não desperdice sua energia tentando escapar.

— Você instalou as fechaduras especificamente para mim, ou você tem o hábito de prender as mulheres no seu quarto para que possa estuprá-las e torturá-las para seu entretenimento pessoal?

Eu andei em direção a ela, apoiei-a contra o peitoril da janela, em seguida, me apoiei contra o vidro, olhando para ela. — Não, — eu disse. — Meu pai mandou instalar para minha mãe.

Desgosto brilhou no rosto de Serafina. — Vocês, os Falcones, são todos monstros.

Eu me inclinei, respirando o cheiro dela. — Meu pai era um monstro. Eu sou pior.

Sua pulsação acelerou em suas veias. Eu podia ver o medo dela pulsando contra a pele imaculada de sua garganta. Eu dei um passo para trás, em seguida,

acenei para as roupas. — Para você. Amanhã de manhã você vai usar a camisola prata.

Serafina andou até a cama de lado para ficar de olho em mim, em seguida, fez uma careta para o monte em sua cama.

Levantei o telefone ao ouvido e apertei o botão de chamada. Depois do segundo toque, a voz fria de Dante soou. — Cavallaro.

— Dante, bom ouvir sua voz.

A cabeça de Serafina se virou para mim, e ela afundou na cama, sua máscara orgulhosa quebrando quando seus dedos se fecharam em um punho, segurando o lençol.

O silêncio ecoou do outro lado e eu sorri. Eu gostaria de ver a expressão de Cavallaro enquanto ele estava sendo confrontado com as consequências de suas ações, e a percepção de que sua sobrinha pagaria por seus pecados.

— Remo.

Eu ouvi vozes masculinas no fundo e uma mulher histérica. A mãe de Serafina. — Gostaria de falar com você, de Capo para Capo. De um homem que teve seu território violado para outro. Dois homens de honra.

— Eu sou um homem de honra, Remo. Eu não sei o que você é, mas honrado não é.

— Vamos concordar em discordar sobre isso.

— Serafina está viva? — Ele perguntou baixinho.

Eu trilhei meus olhos sobre a mulher deslumbrante, segurando os lençóis vermelhos em torno de seu corpo nu.

Eu ouvi uma voz furiosa no fundo. — Eu vou quebrar todos os ossos do seu corpo!

— Esse é seu gêmeo?

A dor atravessou seu rosto e ela engoliu em seco.

— Ela está viva? — Dante repetiu, sua voz tremendo de raiva.

— O que você acha?

— Ela está, porque viva ela vale mais que morta.

— De fato. Eu não tenho que lhe dizer que vou matá-la da maneira mais dolorosa que posso imaginar se um único soldado da Outfit violar meu território para salvá-la, e posso ser muito criativo quando se trata de infligir dor.

Mesmo à distância, eu podia ver o sangue dela batendo furiosamente em suas veias enquanto olhava para o punho.

— Eu quero falar com ela.

— Ainda não.

— Remo, você cruzou a linha, e vai pagar por isso.

— Oh, eu tenho certeza que você pensa assim.

— O que você quer?

— Ainda não é hora para esse tipo de conversa, Dante. Eu não acho que você esteja pronto para isso. Amanhã de manhã teremos outra chamada. Configure uma câmera. Eu quero você, o irmão, pai e noivo dela em um quarto em frente a essa câmera. Nino lhe dará instruções sobre como configurar tudo. Vou montar uma câmera para que possamos nos ver e ouvir.

Os olhos de Serafina encontraram os meus.

— Remo... — A voz de Dante continha um aviso, mas eu tirei o telefone do meu ouvido e encerrei a ligação.

Serafina olhou para mim com os olhos arregalados. Eu me aproximei e ela endureceu, mas por outro lado não demonstrou seu medo, apesar da exaustão em seu rosto. — Amanhã vamos começar a jogar, *Angel*.

Eu saí, querendo que ela refletisse sobre minhas palavras. Nino esperava no corredor quando fechei a porta. Eu levantei minhas sobrancelhas ao passar. — A pizza chegou?

Nino seguiu logo atrás de mim, em seguida, agarrou meu ombro. — Que tipo de vídeo você tem em mente para amanhã?

Eu o observei, tentando avaliar seu humor, mas mesmo agora ainda era difícil. — Eu vou dar a ela uma escolha.

Nino balançou a cabeça uma vez, quase desaprovando. — Essa mulher é inocente. Ela não é devedora. Não é uma prostituta que rouba dinheiro. Ela não fez nada.

— Kiara mudou você.

— Não a esse respeito. Nós nunca atacamos inocentes, Remo. Nós nunca colocamos a mão em alguém que não merecesse isso, e essa mulher, essa garota... ela não fez nada para merecer essa alternativa.

Eu segurei seu olhar. — Você me conhece melhor do que ninguém, — murmurei. — E ainda aqui estamos nós.

Nino inclinou a cabeça, os olhos cinzentos se estreitando. — Você está fazendo um jogo perigoso. Você não conhece bem o seu oponente para ter certeza de sua escolha.

— Ela vai escolher o que todas fazem, Nino. Ela é uma mulher. Ela foi mimada toda a sua vida. Ela vai pegar o caminho mais fácil. Eu quero ouvi-la dizer na frente da porra da câmera, quero que Dante ouça a sobrinha oferecer o corpo dela para mim, que todos eles ouçam, e ela vai.

Lá embaixo, peguei uma das caixas de pizza antes de voltar para o quarto de hóspedes na minha ala. Desta vez, Serafina estava sentada na cama e não olhou para cima quando entrei. Ela segurava a camisola prata em suas mãos. — E se eu me recusar a usá-la?

— Você pode usar a camisola para o show ou ficar nua. Seu sangue ficará tão sedutor contra sua pele branca quanto contra a camisola.

Um pequeno arrepio percorreu seu corpo e ela deixou a peça de roupa cair no chão em seus pés descalços.

Eu me aproximei. — Aqui. Você não come há mais de um dia. —

Coloquei a caixa de pizza na mesa de cabeceira.

Ela olhou desconfiada. Esperei que ela a afastasse, tentasse me punir pela fome, como minha mãe sempre tentara com nosso pai. Não funcionou com ele e não funcionaria comigo.

— Eu espero que esteja envenenada, — ela murmurou, em seguida, pegou uma fatia e deu uma grande mordida. Ela mastigou então levantou os olhos para os meus. Ela engoliu quase desafiadoramente. — Você vai me ver comer?

Talvez quebrar suas asas não fosse tão fácil quanto eu pensava.



Bem cedo na manhã seguinte, Fabiano se aproximou. Eu estava dando chutes contra o saco de pancadas na nossa sala de jogos, precisando liberar minha energia reprimida.

Ele encostou-se ao batente da porta, avaliando-me por alguns segundos.

— Diga o que você tem a dizer, — eu rosnei e acertei um chute duro.

— Jerry me ligou do Sugar Trap algumas horas atrás para que eu pudesse lidar com a bagunça que você criou. Eu encontrei Simeone com seu pênis enfiado em sua boca. Não tenho certeza se quero saber o que aconteceu.

Eu estreitei meus olhos. — Se você não quisesse saber, não estaria aqui.

Ele se afastou do batente da porta e se aproximou de mim. — Ele a tocou?

Eu parei meus chutes. — Ele não fez isso. Ele achou que poderia assistir Serafina tomando banho.

Fabiano avaliou meu rosto. — Onde ela está?

— Na cama.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Na sua cama?

Eu não disse nada, mas encontrei os olhos dele em frente.

Ele suspirou. — Então, você... — Ele procurou pela palavra certa e desistiu. — Eu achei que você queria usar sua virgindade como trunfo contra Cavallaro e seu noivo?

Tentei avaliar os sentimentos de Fabiano, mas ele era bom demais em disfarçá-los. Se ele usou esse tipo de esforço para esconder seus sentimentos, desaprovaria que eu tomasse Serafina a força.

Eu andei em direção a ele. — Você nutre sentimentos por ela?

Ele fez uma careta. — Sério? Eu tenho Leona. Eu não estou interessado em Fina.

— Mas não gosta da ideia de eu machucá-la?

— Você é o Capo. Você faz com ela o que quiser, mas não, eu não gosto da ideia de você puni-la por algo que a Outfit fez.

Eu respeitava Fabiano por sua honestidade. A maioria dos homens era covarde demais para me dizer a verdade na minha cara. — Então você deve sair agora porque tenho uma ligação com Dante e sua família em duas horas, e Serafina vai desempenhar o papel principal.

Ele desviou o olhar, um músculo em sua bochecha pulsando. — Eu deveria voltar para Leona.

— Faça isso. Vá para sua garota. E eu irei para a minha.

— Ela não é sua, Remo. Ela não escolheu você. Isso é uma grande diferença, — disse Fabiano antes de se virar e sair. Voltei para o saco de pancadas e chutei mais forte do que antes.

SERAFINA

Mesmo na manhã seguinte, a pizza pesava no meu estômago, mas pelo menos agora meu estômago estava se revirando por outro motivo além do terror. Eu considerei comer outra fatia no café da manhã. Eu precisava de toda a

energia que conseguisse se quisesse descobrir uma maneira de derrotar Remo em seu próprio jogo, porque não importava o quanto eu estivesse protegida, sabia que Remo não teria organizado uma videochamada com minha família se não fosse lhes mostrar algo que iria machucá-los.

Eu mal dormi a noite toda. Remo não tinha trancado minha porta depois que saiu, mas não tentei me aventurar lá fora, temendo que fosse uma armadilha. Eu ainda estava muito abalada para planejar meu voo de uma maneira que garantisse seu sucesso.

Deslizei a camisola de cetim sobre minha cabeça, mesmo que não quisesse dar a Remo nem mesmo essa pequena vitória, mas teria que escolher minhas batalhas se quisesse sobreviver.

Passos em frente à porta me fez endurecer, e me levantei da cama, preferindo ficar de pé ao encarar Remo, mas não foi o assustador Capo que entrou. Savio Falcone estava na porta, seus olhos castanhos me examinando. Eu passei meus braços em volta do meu peito antes que pudesse me deter.

— Venha, — ele ordenou com um aceno para a porta aberta.

Eu andei em sua direção, e ele fez um movimento para agarrar meu braço. — Não se atreva a me tocar, — eu assobiei.

Suas sobrancelhas se ergueram e ele sorriu arrogantemente. — Então mova sua linda bunda. E aceite meu conselho, nunca fale com Remo desse jeito ou você desejará nunca ter nascido.

Eu enviei-lhe um olhar mordaz enquanto o seguia pela casa, observando o que me cercava. Era um lugar espaçoso e estranho que rapidamente me deixou confusa. Eu podia sentir os olhos de Savio em mim ocasionalmente, mais curiosos do que maliciosos, mas ainda assim sua presença me deixava nervosa. Ele era alto, musculoso e confiante demais.

Por fim, ele me levou por uma escada íngreme até um porão.

— É claro que vocês, Falcones, têm sua própria câmara subterrânea de tortura, — eu murmurei, mas até eu pude ouvir a pitada de pânico em minha voz.

Um cheiro de mofo e abandono pairava no ar. Felizmente sem excrementos ou sangue.

Savio não disse nada, mas fez sinal para eu entrar em uma sala à direita. Remo já estava lá dentro. — Aqui está ela. Vou me encontrar com Diego. Conte-me como foi, — disse Savio com uma risada.

— Você vai ter que ver a gravação, — disse Remo, seus olhos escuros fixos nos meus. — Fique ali, — ele ordenou, apontando para um ponto no centro da sala. Eu segui seu comando, meu cérebro zumbindo. O quarto estava vazio. Nenhum colchão, nenhuma cadeira, nada, exceto por uma mesa com uma câmera apontada para mim.

Remo andou ao meu redor, examinando minha roupa. A camisola de cetim prata se agarrava ao meu corpo, e enquanto meus mamilos enrugavam no porão frio, os olhos de Remo foram atraídos para eles. Eu estremeci.

Nino entrou também, e meu terror aumentou quando o observei reajustar a câmera e colocar uma tela grande sobre a mesa no canto. Ele virou a tela de modo que estivesse com a frente para a nossa direção. — Remo, — disse ele, e seu irmão foi até ele. Nino franziu a testa, mas Remo tocou seu ombro e olhou para mim. Minhas unhas encontraram o caminho para a carne macia da minha palma.

A tela brilhou a vida, e nela vi minha família e Danilo, e minhas pernas quase cederam.

Samuel saltou, seus olhos tão cheios de desespero me rasgaram, e papai tinha círculos escuros sob seus olhos. Dante e Danilo eram melhores em controlar suas emoções, mas eles também não pareciam seus habituais ‘eus’ compostos.

— Estou tão feliz que você tenha vindo, — disse Remo em um sotaque britânico, todo elegante e sofisticado. Errado. Um homem como ele envolto em um ar de violência e crueldade era qualquer coisa, menos um cavalheiro inglês.

Remo sorriu cruelmente para eles e se virou para mim, e seus olhos escuros brilharam de excitação. — Serafina, em Las Vegas as mulheres têm uma escolha... — Sua voz voltou ao normal, vibrando baixo e ameaçador.

— Não se atreva! — Samuel gritou, se lançando em direção à câmera como se fosse Remo. Dante agarrou seu braço para detê-lo, mas até meu tio parecia à beira do controle.

Remo os ignorou, exceto por uma contração do lábio. Ele puxou a faca que usou para matar Simeone e a mostrou para mim. — Elas podem pagar pelos seus pecados com dor ou prazer.

Eu estremeci. — Você não tem o direito de julgar os pecados de outras pessoas, — eu sussurrei duramente. Remo andou lentamente atrás de mim, muito perto, sua respiração quente contra o meu pescoço. Meus olhos pousaram na tela e encontraram o olhar desesperado de Samuel. Ele parecia à beira de quebrar. Eu precisava ser forte por eles, por ele e papai, e até Dante e Danilo. Pela Outfit.

— O que você escolhe, Serafina? Você vai se render à tortura ou pagar com seu corpo?

Eu segurei o olhar de Samuel. Eu levaria meu orgulho para o túmulo comigo. As mulheres foram construídas para dar à luz. Esses homens poderiam enfrentar a dor e eu também.

Remo voltou a minha visão. — Se você não escolher, eu farei a escolha para você. — Seus olhos e rosto disseram que ele sabia a minha escolha, tinha certeza disso, porque eu era uma mulher fraca e insignificante.

Eu sorri arrogantemente. — Eu vou escolher a picada do aço frio sobre o toque de suas mãos indignas sem hesitar, Remo Falcone.

Seus olhos brilharam com surpresa, respeito... e emoção aterrorizante. — Vou desfrutar de seus gritos.

— Remo, isso é o suficiente, — ordenou Dante.

Remo apenas olhou para mim, murmurando, — Nós só começamos. — Sem um aviso, ele me segurou, girou em torno de mim e me puxou contra seu corpo - seu peito, *cada centímetro dele* pressionando contra as minhas costas e bunda. Sua mão segurou meu queixo, inclinando minha cabeça para cima, então eu fui forçada a olhar para ele. Ele queria ver meus olhos, minha expressão, meu medo e terror enquanto me fazia gritar.

Eu retornei seu olhar com todo o ódio e nojo que poderia invocar. Eu esperava que fosse forte o suficiente para privá-lo dos meus gritos, rezei por isso. — Onde você gostaria de sentir minha lâmina?

Ele segurou o aço reluzente bem diante dos meus olhos, deixando-me ver

sua borda afiada. Eu tinha visto que as tatuagens da Camorra de Remo e Nino cobriam cicatrizes em seus antebraços. Talvez significasse algo, talvez não. Eu não tinha nada a perder neste momento.

— Ou você mudou de ideia sobre a sua escolha? Você vai pagar com o seu corpo afinal de contas?

Eu não confiava na minha voz porque o terror entupia minha garganta, e Remo poderia ver. Segurei seu pulso e guiei a faca para o meu braço até que a lâmina fria tocou a pele macia do meu antebraço, perto das minhas veias.

Algo cintilou nos olhos de Remo e o triunfo me encheu, porque por algum motivo esse ponto o atingiu. Eu mantive minha mão na sua enquanto a lâmina descansava contra a minha pele sensível.

Remo apertou e eu fiquei tensa com a leve queimadura, mas ele não estava realmente cortando ainda - como se ele não conseguisse fazer isso. Eu não acreditava que era porque ele tinha reservas sobre me machucar; esse era o homem mais cruel do oeste depois de tudo. E definitivamente não era porque ele não podia suportar destruir minha pele imaculada. Eu tinha certeza que ele adoraria ser o primeiro a deixar uma marca. Havia algo mais o impedindo, algo sombrio e poderoso. Eu empurrei contra sua mão, empurrei-a no meu braço e a lâmina cortou minha pele, mas Remo resistiu.

Eu procurei seus olhos escuros, me perguntando o que se passava em suas profundezas, com medo de nunca descobrir. Os olhos de Remo endureceram, ficaram sombrios, brutais e, finalmente, ele pressionou a lâmina e cortou minha pele. A dor aguda queimou através de mim, e eu tremi sob a força dela, minha mão ainda em cima dele quando ele passou a faca pela minha pele, mas não o impedi. Por alguma razão, seus olhos refletiam minha dor como se ele pudesse sentir mais profundamente do que eu.

Remo liberou meu queixo, seu braço serpenteando ao redor da minha cintura para me manter em pé, mas mantive minha cabeça inclinada para cima, meus olhos ardendo nos dele. Mordi meu lábio inferior enquanto um grito arranhava minha garganta. Cobre encheu minha boca. Em seguida, derramou sobre o meu lábio, pelo meu queixo.

Remo parou a lâmina, algo nos olhos dele me mantendo congelada.

— Chega! — Papai rugiu. — Pare com isso. Pare com isso agora!

As sobrancelhas de Remo se juntaram enquanto nossos olhares permaneceram trancados. Ele soltou minha cintura e recuou. Minhas pernas cederam e caí no chão, meus joelhos colidindo com o piso duro. Eu mal registrei a dor. Sentei-me em minhas coxas enquanto embalava meu braço no meu colo. O corte não era tão profundo quanto eu pensava, mas o sangue encharcava minha camisola de cetim prata, e o sangue do meu lábio rapidamente se juntou a ele. Eu olhei para cima para ver Remo desligando a câmera e depois a tela. O rosto desesperado de Samuel desapareceu de vista.

Nino estava contra a parede, com os olhos no meu pulso e uma expressão inquietante no rosto. Remo estava de costas para mim, de frente para o irmão, mas seus ombros estavam arfando.

Eu forcei meu corpo a levantar, apesar do tremor das minhas pernas, e deixei meu braço sangrando cair na minha frente em exibição.

Nino desviou o olhar e olhou para Remo. Eu não sabia o que se passava entre eles, sem ter certeza de que queria descobrir.

Remo virou lentamente a cabeça, seus olhos cruéis encontrando os meus, lagos escuros de raiva me deixando sem fôlego. Pela primeira vez ele não sorriu ou riu, não parecia superior ou furioso. Ele parecia quase confuso em seu próprio jeito aterrorizante e sobrenatural.

E jurei a mim mesma que não importava o preço, não importava o quanto me custaria, um dia eu seria aquela a deixar Remo Falcone de joelhos, aquela que quebraria o homem mais cruel que conheci.

Capítulo Seis

REMO

A expressão de Nino estava tensa, mas ele não estava prestes a enlouquecer novamente. Ele estava olhando nos meus olhos, não mais para Serafina. Ele engoliu, em seguida, a máscara fria tomou seu rosto e ele se endireitou. Meus olhos caíram para as cicatrizes em seu pulso cobertas pela nossa tatuagem, depois para cicatrizes semelhantes na minha pele, não tão retas, nem tão focadas. Eu quase toquei a porra da cicatriz na minha sobrancelha como fiz nas semanas depois...

— Você terá que costurá-la sozinho. Você jogou este jogo e perdeu. Você subestimou seu oponente, — ele disse lentamente, em seguida, saiu, deixando-me ali, furioso e em êxtase pra caralho.

Eu me virei devagar. Serafina estava oscilando, mas tentando ficar de pé. Seu queixo estava coberto de sangue da ferida no lábio, de mordê-lo para parar um grito. Ela não me deu um único. Meu olhar desceu ainda mais. Sua camisola estava manchada com o sangue ainda escorrendo do corte em seu braço, que ela aninhou contra seu peito.

Ela deveria escolher de forma diferente, como todas as outras mulheres sempre fizeram. Em vez disso, ela me pegou desprevenido, tomou o caminho doloroso, forçou a porra da minha mão. Ela não tinha me dado o triunfo de oferecer seu corpo para mim em uma bandeja de prata na frente de Dante fodido Cavallaro e seu noivo. Nino estava certo. Eu subestimei minha oponente porque a comparei com as mulheres com quem lidei até agora, mas Serafina não era nada parecida com elas. Orgulhosa e nobre. Eu não a subestimaria novamente.

E eu conseguiria esse grito do caralho. Eu teria mais do que isso.

Meus olhos foram atraídos para o braço dela. Por que ela escolheu esse local? Quando olhei de volta, Serafina encontrou meu olhar com um triunfal. Ela sabia que havia vencido.

Eu andei em direção a ela, a raiva fervendo sob a minha pele. Ela ficou tensa, oscilou novamente, mas não caiu. Eu peguei o braço dela e inspecionei a

ferida. Não era profunda. Eu não tinha colocado pressão suficiente na lâmina para cortar fundo. Eu não queria cortá-la, o que era uma experiência nova. Ver o sangue em sua pele perfeita não me dava à profunda satisfação que normalmente fazia.

— Como se sentiu ao me machucar? Isso excita você? — Ela perguntou ferozmente.

Inclinei-me perto, segurando seu queixo. Ela segurou a respiração enquanto eu arrastava minha língua sobre o lábio inferior, provando seu sangue. Eu sorri sombriamente. — Não tanto quanto isso.

Ela recuou e tropeçou, mas eu a peguei, porque esta não era a queda que ela tomaria.

— Precisamos tratar sua ferida.

Ela não protestou e me seguiu silenciosamente de volta para o primeiro andar, e meu aperto em seu braço a manteve firme. Eu a levei para o meu quarto e depois para o banheiro, onde mantinha o único kit médico na minha ala. Nino era quem costumava lidar com esse tipo de merda. Ela encostou-se à pia. — Você deveria se sentar, — eu disse a ela.

— Eu prefiro ficar de pé.

Eu a soltei e ela agarrou a borda da pia para se firmar. Eu me abaixei para pegar o kit médico, mas meus olhos foram atraídos para a fenda alta em sua camisola, revelando uma perna longa e esbelta. Ela se moveu ficando de frente para mim. Eu sorri para ela, mas sua pele estava pálida e um brilho fino cobria seu rosto. Peguei o estojo médico e me endireitei, olhando-a mais atentamente para julgar se ela ia desmaiar ou não. Ela estreitou os olhos para mim e endireitou os ombros com esforço óbvio.

O canto da minha boca se contraiu. Eu peguei as bandagens. A ferida não era profunda o suficiente para exigir pontos. Eu não conseguia me lembrar da última vez que um corte feito por mim não precisou de pontos - ou de um funeral.

Peguei o spray desinfetante e ela endureceu, mas não emitiu um som quando o spray ardido atingiu sua ferida, mas mordeu o lábio inferior

novamente.

— Se você continuar fazendo isso, o resultado será duas vezes mais doloroso.

Ela me enviou um olhar mordaz, mas soltou o lábio inferior.

Comecei a colocar a bandagem em sua ferida, sentindo uma estranha aversão por ver o corte que eu havia feito. Eu não conseguia definir o sentimento; era estranho para mim.

— Então é assim que vai ser? Você me corta e me costura novamente?

— Eu não estou costurando você. Eu estou colando você.

Ela não disse nada, mas eu podia sentir seus olhos em mim. Ela tocou meu antebraço com a minha tatuagem da Camorra, escovando as cicatrizes entrecruzadas lá. — Eu me pergunto quem infligiu esses cortes, — ela murmurou.

Eu congelei e minha cabeça disparou. Ela segurou meu olhar com o mesmo brilho de triunfo que eu tinha visto no porão.

— Eu me pergunto quem te costurou depois? Você e Nino se cortaram em alguma cerimônia fraternal e se costuraram quando terminou? Vocês têm os mesmos cortes. Talvez eu deva perguntar a ele.

Eu a empurrei contra a pia com meu corpo, minhas mãos apertando o balcão de mármore enquanto eu tremia de raiva... e outras emoções que nunca havia me permitido.

Serafina olhou para mim, apesar do medo tomar conta de suas feições perfeitas.

— Nunca mencione essas cicatrizes novamente. E você não vai falar com Nino sobre isso, nem uma única palavra, entendeu? — Eu rosnei.

Ela apertou os lábios, sem dizer uma palavra. Uma gota de sangue passou por seus lábios e escorreu pelo queixo.

Expirando, recuei, peguei um pano e encharquei-o com água morna. Eu agarrei seu queixo, mas ela pegou meu pulso.

— Fique quieta, — eu pedi, e ela baixou a mão e me deixou limpar seu queixo. Então dei uma olhada mais atenta no lábio dela. Seus dentes só tinham cortado a camada superior da pele. — Você é sortuda. Isso vai se curar sozinho. — Eu estava tão perto dela que o cheiro dela me atingiu de novo.

Sua voz me tirou disso. — Quanto tempo você vai me manter aqui?

— Quem disse que vou deixá-la partir? — Eu perguntei em voz baixa antes de recuar e levá-la para fora do meu quarto.



Depois de devolver Serafina ao quarto de hóspedes, que tranquei desta vez, eu estava prestes a começar o treinamento diário, chutando o saco de pancadas, quando Kiara invadiu a sala de jogos. Nino estava logo atrás dela e tentou detê-la, mas ela se afastou de suas mãos e se aproximou de mim, parecendo furiosa.

Eu me virei para ela, levantando as sobrancelhas. Ela não parou até que estava bem na minha frente e me empurrou com força, seus olhos cheios de lágrimas. Eu peguei seus pulsos porque ela parecia querer me bater em seguida, e isso era algo que nós dois não queríamos que acontecesse.

Um segundo depois, um aperto de aço se fechou ao redor do meu antebraço. — Solte-a agora, — Nino ordenou.

Eu encontrei seu olhar, não gostando de seu tom nem um pouco. Seu aperto aumentou ainda mais. Um aviso. Uma ameaça. Nós nunca tínhamos realmente lutado um contra o outro, por uma boa razão, e eu sacrificaria minha merda de vida antes que permitisse que isso acontecesse. Mas Kiara poderia ser a razão pela qual Nino arriscaria.

Savio levantou-se devagar e até Adamo largou o controle.

Soltei seus pulsos e Nino soltou meu braço. Ele inclinou a cabeça em reconhecimento, um silencioso agradecimento.

— O que você está fazendo com essa garota? — Kiara perguntou com força.

Eu estreitei meus olhos. — Eu não posso ver como isso é da sua conta.

— É da minha conta se você está forçando-se em uma mulher, — ela sussurrou, mas sua voz tremeu.

— Eu sou o Capo. Eu governo esta cidade. Eu decido o que acontece com as pessoas no meu território.

Eu me virei para encarar o saco de pancadas, mas Kiara se espremeu na frente dele. A fúria queimou através de mim, mas eu empurrei por minha garganta apesar do gosto amargo da porra. Ela era de Nino. Ela era uma maldita Falcone. Agarrei-a pela cintura e a coloquei para o lado como uma boneca antes de encarar o saco de pancadas mais uma vez. Ela congelou sob o meu toque como de costume. Infelizmente, isso durou apenas uma porra de segundo.

Ela entrou na minha frente novamente.

— Kiara, — disse Nino em aviso, mas ela olhou para ele.

— Não! Ninguém me protegeu. Não vou ficar parada enquanto o mesmo acontece com outra pessoa.

— Saia do meu caminho, — eu disse em voz baixa, sentindo minha própria raiva aumentando.

— Ou o quê? — Ela sussurrou asperamente.

— Eu disse saia do meu caminho, Kiara.

Ela deu um passo em minha direção, deixando-nos quase peito a peito. — E eu disse não. É uma montanha na qual estou disposta a morrer[2]. Eu não me importo com sua vingança a Outfit ou com o que aconteceu no seu passado. Uma mulher inocente não vai sofrer por isso.

Eu não podia acreditar que ela mencionou o nosso maldito passado. Nino nunca deveria ter lhe contado sobre isso!

Nino se aproximou, me observando, não Kiara. O pavor de medo cintilou em seus olhos - algo que eu ainda tinha que me acostumar, porque meu irmão sempre foi insensível até que ele conheceu Kiara.

Eu tentei passar por sua esposa, mas ela agarrou meu pulso. Meu olhar

disparou para os dedos finos, em seguida, de volta para o rosto dela. Nino se mexeu levemente, os músculos tensos. Eu dei a ele um sorriso irônico. Ele estava pensando em me atacar? Sua expressão ficou cautelosa. Eu encontrei seu olhar e torci minha mão livre para que ele visse minha tatuagem e as cicatrizes entrecruzadas abaixo dela. Ele deveria saber que não importa o quão irritante sua esposa fosse, eu nunca a machucaria. As sobrancelhas dele se juntaram e ele relaxou com um pequeno aceno de cabeça.

Kiara apertou mais forte. — Você me protegeu do meu tio quando ele queria me humilhar dançando comigo no meu casamento. Você ajudou o Nino a matá-lo...

Eu a interrompi, ficando cansado de sua emotividade. — Você pode se acalmar. Quero que Serafina venha para minha cama de bom grado e não à força. Então você pode me libertar agora.

Ela me olhou atentamente. — Ela não vai. Por que ela deveria? Você a sequestrou.

— E você foi forçada a um casamento indesejado com meu irmão. Qual é a diferença?

Ela tirou os dedos do meu pulso. Nino passou o braço em volta do ombro dela. — Não é o mesmo, — ela sussurrou.

— A única diferença é que, no seu caso, sua família decidiu quem ficaria com você, enquanto a família de Serafina não teve escolha. Nenhuma de vocês teve uma escolha real.

Ela balançou a cabeça e olhou para Nino com tanto amor do caralho que eu sabia que nunca poderia machucar um único cabelo em seu corpo. Ela voltou seu olhar para o meu. — Deixe-me falar com ela, — disse ela, não pedindo, mas *mandando.*

— Isso é uma porra de ordem, Kiara? — Eu perguntei em uma voz ameaçadora. Talvez ela precisasse lembrar que eu era seu Capo.

Nino apertou seu ombro, mas ela segurou meu olhar, em seguida, saiu de seu domínio e se aproximou de mim. — Não, — ela disse suavemente, olhando para mim com aqueles grandes olhos castanhos como se isso aquecesse meu

coração. — Estou pedindo sua permissão como sua cunhada e como uma Falcone.

— Foda-se, — eu rosnei e olhei para Nino. — Você não poderia ter escolhido uma esposa tonta? Ela é tão boa em manipulação quanto você.

A boca de Nino se contorceu e ele parecia orgulhoso. Orgulhoso pra caralho.

— Eu não tenho certeza porque aguento todos vocês, — murmurei.

— Isso significa que tenho permissão para falar com ela? — Kiara perguntou esperançosamente.

— Sim. Mas devo avisá-la... Serafina não é tão dócil quanto você. Se eu fosse você, tomaria cuidado. Ela pode acabar te atacando para se salvar.

— Eu vou me arriscar, — disse ela, em seguida, virou-se e foi direto para a minha ala. Nino a seguiu porque estava obviamente preocupado com sua segurança.

Soltei um fôlego e chutei o saco de pancadas com tanta força que o gancho se soltou do teto e o saco caiu no chão.

Savio riu quando veio até mim. — No começo, eu realmente detestava a ideia de ter Kiara sob nosso teto, mas gosto mais da presença a cada dia.

— Por que você não liga para alguém para consertar essa porra de saco, em vez de me irritar?

Savio sorriu. — Farei isso, Capo. Eu conheço alguém em quem você pode liberar sua energia reprimida. Eu deveria treinar com o Adamo. Por que você não assume? O garoto preciso de um bom chute na bunda.

— Por que eu simplesmente não te penduro no gancho e uso você como um saco de pancadas?

Savio riu e saiu andando.

Olhei para a bagunça no chão mais uma vez, me virei para Adamo, que tinha os braços cruzados sobre o peito e me encarava. — Vamos lá, garoto. Treine comigo.

Adamo e eu nunca tínhamos treinado juntos, a menos que você contasse as brigas simuladas que eu tinha com ele quando era um garotinho e ainda não odiava minhas entranhas.

Por um momento, pareceu que ele recusaria, mas depois levantou. Ele se arrastou atrás de mim daquela forma irritante que adotou recentemente, apenas para me fazer subir as paredes. Peguei minhas chaves e as joguei na direção de Adamo. — Pegue.

Ele fez, franzindo a testa.

— Você vai nos levar até lá.

— Sério? — Ele perguntou e por uma vez não estava olhando para mim.

— Sério. Agora se mexa. Eu não tenho o dia todo.

Adamo passou apressado por mim, sem se arrastar, e eu segui atrás dele, balançando a cabeça e sorrindo. Nada deixava esse garoto tão excitado quanto dirigir carros ou, melhor, competir com eles.

Quando cheguei à entrada da garagem, ele já estava atrás do volante do meu novo Lamborghini Aventador verde néon, sorrindo como o gato que pegou a porra do canário. No momento em que minha bunda bateu no banco do passageiro, ele acelerou o motor e nós disparamos pela entrada da garagem.

— Há um portão no final. Você se lembra disso, certo? — Eu murmurei, colocando o cinto.

Adamo apertou o botão e os portões se abriram, e nós corremos através deles com cerca de uma polegada entre os espelhos laterais e o aço implacável.

Eu balancei a cabeça, mas Adamo não diminuiu a velocidade. Nós atravessamos o tráfego, e buzinas nos seguiram em todos os lugares. Um carro da polícia saiu de um beco lateral e começou a nos perseguir com sirenes uivando e luzes piscando.

— Oh homem, — Adamo choramingou, pisando nos freios e encostando.

O policial saiu, colocou a mão na arma e caminhou na nossa direção enquanto o colega ficou para trás, com a arma ao lado. Esse era o problema com um carro novo.

Adamo abriu a janela e o oficial olhou para ele. — Saia do carro.

Inclinei-me para frente, meu antebraço com a minha tatuagem apoiada contra o painel e sorri sombriamente para o homem. — Infelizmente, oficial, nós temos um lugar onde precisamos estar.

O policial registrou minha tatuagem e meu rosto deu um passo para trás. — Isso foi um mal entendido. Viagem em segurança.

Eu balancei a cabeça e afundei de volta contra o assento. — Dirija.

Adamo me olhou com uma expressão de admiração nos olhos. Então ele se afastou do meio-fio em um ritmo mais lento, mas ainda muito rápido. Seu humor azedou no momento em que saímos do carro em frente ao cassino abandonado que servia como nosso ginásio.



Eu esperei por Adamo na gaiola, mas ele levou seu tempo para se aprontar. Quando ele finalmente se aproximou de mim, eu realmente desejei que ele fosse outra pessoa, porque queria destruir meu oponente de forma cruel. Adamo subiu e fechou a porta antes de me encarar.

Ele cresceu nos últimos meses. Ele ainda era muito mais magro do que Nino e eu, e até mesmo Savio, mas ele estava em boa forma apesar de sua relutância em lutar. Seus braços pendiam frouxamente ao seu lado enquanto ele me observava com apreensão.

— Vamos lá, garoto. Mostre-me o que você aprendeu.

— Não me chame de garoto, — ele resmungou.

Eu sorri desafiadoramente. — Me faça. Até agora, nada que eu tenha visto deu a entender que você é mais do que um garoto mal-humorado.

Ele fechou as mãos em punhos, estreitando os olhos.

Melhor.

— Pelo menos eu não gosto de machucar garotas.

Então era isso que o estava deixando irritado. — Você não gosta de fazer mais nada com elas também, — eu zombei, tentando finalmente levá-lo a agir de acordo com sua raiva. Eu não dava a mínima se Adamo era virgem ou não. Eu não entendia nem um pouco, mas ele podia foder quem quisesse, sempre que quisesse.

— Eu gosto de garotas.

— Não de suas bocetas, obviamente.

Ele corou vermelho brilhante. Nós ainda tínhamos muito trabalho a fazer.

— Você já beijou uma menina, pelo menos? — Eu dei um passo para perto dele.

Ele olhou para longe e meu sorriso se alargou. — Quem foi? Uma garota da escola? Ou uma prostituta depois de tudo?

Seus olhos brilharam de raiva e ele me atacou. Seu chute foi surpreendentemente bem colocado, mas eu bloqueei com ambos os meus antebraços, em seguida, dei um soco no lado de Adamo - não tão duro quanto eu queria, no entanto. Ele engasgou, mas ainda enviou vários socos na minha direção.

Encontramos um bom ritmo e eu pude ver Adamo se soltando, como se esse fosse um dos seus irritantes videogames. Eu tive que admitir que estava gostando do treino. Não era mais do que isso, porque, se eu tivesse realmente lutado contra Adamo, o garoto estaria no chão. Eventualmente, nós nos inclinamos contra a gaiola, bebendo água e pingando suor.

— Eu não achei que você fosse se segurar. Achei que você chutaria a minha bunda porque sou uma decepção a seus olhos.

Eu abaixei a garrafa. — O que faz você pensar que me segurei?

Ele bufou. — Você é o lutador mais forte que conheço. Eu não teria chance contra você.

— Ainda não. Talvez um dia. E você não é uma decepção.

Ele balançou a cabeça. — Eu nunca vou ser como você e Nino ou até mesmo Savio.

— Eu não quero que você seja como qualquer um de nós. Eu só quero que você seja um Falcone e tenha orgulho disso.

Adamo me encarou com uma carranca, depois olhou para a garrafa. — Podemos fazer outra rodada?

— Claro, — eu disse, mesmo que estivesse ansioso para voltar para Serafina.

— Não segure tanto desta vez, — disse Adamo.

Meus lábios se arregalaram e abaixei a garrafa. Eu deveria ter lutado com Adamo antes.

SERAFINA

Deitei na cama, olhando para o teto, me preocupando com a minha família, especialmente com Samuel. Ele era tão protetor comigo, e se ele fizesse algo estúpido como atacar e fosse morto? Eu queria ser salva, mas se algo acontecesse com Sam, eu não sobreviveria. Eu preferia sentir dor e suportar a presença de Remo do que ver meu irmão se machucar.

Um grande peso se instalou no meu estômago quando me lembrei do brilho em seus olhos quando Remo colocou a faca contra a minha pele. Aquele olhar doeu muito mais do que o corte raso. Mas o corte me deu uma informação importante sobre Remo. Ele tinha uma fraqueza e tinha algo a ver com aquelas cicatrizes e seus irmãos.

Passos soaram na frente da minha porta e alguém bateu. Eu me sentei surpresa. Ninguém se incomodava em bater.

A tranca soou e a porta se abriu quando eu estava de pé, e uma jovem de cabelos e olhos escuros, usando um vestido de verão vermelho, entrou. Ela era mais baixa que eu e deveria ser a fonte das roupas que Remo me trouxe para usar; explicava por que o maxi vestido que eu usava terminava no meio da panturrilha.

Eu não a conhecia, mas sabia quem ela era. Nem uma única pessoa em nosso mundo não a conhecia.

— Kiara Vitiello, — eu disse. A pobre mulher da Famiglia que foi jogada aos lobos Falcone para ser devorada. Todos ouviram falar dessa união. Foi a fofoca do ano entre as mulheres da Outfit. Eu só senti pena da menina, mas ela não parecia precisar ou querer.

— Kiara Falcone agora, mas sim, sou eu. — Ela olhou por cima do ombro com uma pequena carranca, e eu segui seu olhar, encontrando Nino Falcone de pé atrás dela.

— Você não precisa ficar. Serafina e eu vamos conversar. Ela não representa perigo para mim.

Ele estava preocupado que eu atacaria sua esposa? Talvez usá-la como um escudo de segurança humana me tirasse da mansão, mas eu não era tão corajosa assim. Se eu falhasse, sabia o que isso significaria, porque o brilho nos olhos de Nino enviou um arrepio gelado pela minha espinha.

— Eu vou ficar, — disse ele com firmeza, olhando diretamente para mim enquanto entrava, fechava a porta e encostava-se a parede. — E se você fizer um movimento em direção a minha esposa, as consequências serão muito desagradáveis.

As bochechas de Kiara ficaram vermelhas. Ela me deu um sorriso de desculpas antes de se aproximar dele, tocando seu peito. Eu não ouvi o que ela estava dizendo, mas a expressão de Nino permaneceu estoica. Ele balançou a cabeça uma vez e ela suspirou.

Ela veio em minha direção. Eu olhei para ela cautelosamente. Não só ela tinha sido uma Vitiello, mas agora ela era uma Falcone. Nenhum dos nomes me deixou à vontade.

— Eu sinto muito. Ele é muito protetor, — ela disse com um pequeno sorriso.

Olhei para Nino uma vez mais. — Isso é óbvio.

Sua expressão permaneceu uma máscara fria. Remo teria me dado seu sorriso torto ou aquele olhar assustador de costume, e eu tinha que admitir que

preferia o rosto ilegível de Nino, porque não tinha dúvida de que ele era tão brutal e confuso quanto seu irmão, mas ainda mais difícil de ler.

Kiara estendeu a mão. — Me chame de Kiara.

Eu hesitei então peguei. — Serafina.

Seus olhos caíram para o meu braço. — Eu sinto muito.

— Você não deve sentir muito por isso, — eu disse a ela quando voltei para a cama e afundei.

— Temo que seja o único que você vai conseguir, — disse ela com uma ponta de desaprovação. Pelo menos ela parecia chocada com seu maluco cunhado me machucando.

— Eu não quero o pedido de desculpas de Remo. Eu quero que ele esteja deitado aos meus pés em seu próprio sangue.

Mandei um sorriso para Nino, avaliando sua reação, mas sua expressão não mudou. Ele poderia muito bem ter sido esculpido no gelo. Se ele não pudesse ser insultado em descuido, minhas chances de passar por ele eram nulas. Se eu alguma vez tentasse uma fuga, teria de me certificar de que ele não estivesse por perto.

Os olhos de Kiara se arregalaram quando ela se empoleirou na beira da minha cama, alisando o vestido. — Eu acho que você terá que ir para o final da fila. O mundo está cheio de pessoas que querem o mesmo.

Eu gostei dela. Sufocando um sorriso, perguntei: — Você é uma delas?

Ela franziu os lábios. — Não, eu não sou.

— Ele é o único machucando você então, — eu disse com um aceno de cabeça para o marido sem emoção, só que agora algo perigoso brilhou em seus olhos. Ele definitivamente não era indiferente a sua esposa.

Kiara olhou para Nino e o sorriso nos lábios dela me surpreendeu. — Nino nunca me machucaria. Ele é meu marido.

Ela parecia honesta e mais... ela soava apaixonada. Eu tinha ouvido os rumores do que tinha acontecido com ela e o que os Falcones tinham feito com

seu tio. Talvez ela fosse apenas grata.

— Por que você está aqui? — Eu perguntei eventualmente.

— Eu achei que você gostaria de companhia feminina.

— Eu gostaria de voltar para minha família, para minha casa. Eu gostaria que Remo parasse seus jogos distorcidos. Isso é o que eu gostaria, — eu sussurrei duramente, me sentindo mal por atingi-la, mas não sendo capaz de me impedir.

Ela assentiu. — Eu sei.

— Eu duvido que você tenha vindo oferecer sua ajuda. Você é fiel aos Falcones.

Mais uma vez, os olhos dela se moveram para Nino. — Eu sou. Eles são minha família.

Desviei o olhar, pensando na minha própria família, em Samuel, e meu coração se apertou com força. Ela me assustou quando se aproximou, e Nino também ficou tenso e endireitou o corpo. Apesar da minha aparente apreensão, ela aproximou sua boca do meu ouvido e sussurrou: — Esses homens são cruéis e brutais, mas não é tudo que existe neles. Eu acho que você pode ficar sob a pele de Remo. Eu desejo isso para vocês dois. — Ela se afastou e se endireitou. — Vou ver o que posso fazer para que você passe seus dias fora desse quarto. Nós poderíamos nos sentar no jardim. Não há razão para que seu cativeiro seja mais desagradável do que o absolutamente necessário.

Eu olhei para Kiara. Ela me surpreendeu, mas se ela realmente achava que alguém poderia ficar sob a pele de Remo Falcone, então a vida em Las Vegas havia distorcido seu cérebro.

Capítulo Sete

SERAFINA

Não havia relógio em nenhum lugar da sala, mas deveria ser começo da tarde agora. Exceto pela pizza fria e água da torneira, não recebi nada para comer ou beber. Talvez essa fosse outra parte do jogo de Remo.

Olhando pela janela, tentei encontrar o fim da propriedade, mas do meu ponto de vista os jardins em volta da mansão Falcone pareciam intermináveis.

O que Samuel estaria fazendo agora? Eu fechei meus olhos. Ele se culparia pelo que aconteceu. Eu o conhecia. Ele sempre se viu como meu protetor. Eu queria poder ouvir sua voz, poder lhe dizer que não era culpa dele. E mamãe e papai...

Esperava que pelo menos tivessem encontrado uma maneira de manter a verdade de Sofia. Ela era muito jovem, inocente demais para ser sobrecarregada pela crueldade do nosso mundo.

O som de batidas seguidas pela maçaneta sendo virada me fez encarar a porta. Estremeci com a dor no meu antebraço. Um adolescente de calção e camiseta entrou no meu quarto. Ele tinha o cabelo castanho encaracolado ligeiramente mais comprido e era magro, mas musculoso.

— Ei, — disse ele hesitante, olhos castanhos gentis. — Remo me enviou para buscá-la.

Eu não me movi do meu lugar na janela. — O que você é, seu servo?

O menino deu um sorriso honesto e vulnerável. Um sorriso que poucos podiam dispor em nossos círculos. — Eu sou seu irmão mais novo, mas isso é tão bom quanto aos olhos de Remo.

Sua bondade me confundiu. Não parecia falsa. Meus olhos voaram para o seu antebraço, livres das marcas da Camorra, da faca e do olho. — Você ainda não foi introduzido.

O sorriso se desvaneceu. — Eu serei em dois dias.

— Mas você não quer, — eu disse curiosamente.

Cuidado substituiu a simpatia aberta. — Nós não devemos deixar Remo esperando.

Ele abriu mais a porta e gesticulou para eu atravessar. Perguntei-me o que ele faria se eu me recusasse a segui-lo. Ele era mais alto que eu e definitivamente mais forte, mas tive a impressão de que ele teria dificuldade em colocar as mãos em mim. Se ele fosse meu único adversário, eu poderia ter me arriscado, mas Remo estava no andar de baixo.

Finalmente, fui até ele e o segui pelo longo e sinuoso corredor.

— Eu sou Adamo, a propósito, — disse ele.

Olhei para ele. — Serafina.

— Eu sei.

— Eu suponho que vocês, irmãos Falcone, participaram do sequestro, — eu murmurei.

Suas sobrancelhas se uniram, mas ele permaneceu em silêncio. Havia um indício de... constrangimento e desaprovação em seu rosto.

Depois de alguns minutos, chegamos à parte inferior da mansão, em algum tipo de centro de entretenimento com bar, sofás, TV e um ringue de boxe. Um saco de pancadas estava entre entulhos, e Remo estava olhando para ele como se o tivesse insultado pessoalmente. Ele também estava de calção e nada mais.

A lembrança de como ele me segurou sobe o chuveiro, de como fui pressionada nele completamente nua ressurgiu. Eu não tinha registrado muito na época, nem mesmo no rescaldo imediato, mas agora meu olhar se arrastou sobre a exibição de músculos firmes, as muitas cicatrizes que falavam de seu passado e presente violentos. Cada centímetro de Remo gritava perigo. Sua altura, seus músculos, suas cicatrizes, mas pior: seus olhos.

Eles me encontraram e como sempre foi uma luta para entende-los. Ao redor de Remo você se sentia como o ômega em uma matilha de lobos. Seus olhos queriam evitar os dele em um impulso *primitivo* profundamente enterrado porque Remo *era* o alfa. Não havia dúvida.

Adamo saiu do meu lado e foi até o sofá, onde sentou e pegou um controle. Uma arma estava na mesa de café em frente a ele.

Remo se aproximou. — Adamo, — ele cortou, indicando a arma. Droga.

Adamo pegou-a e enfiou-a debaixo da perna.

— Eu nem saberia como usá-la, — eu menti.

Remo sorriu sombriamente. — Você é uma boa mentirosa. — Sua pele brilhava com um suor fino como se não tivesse se incomodado em tomar banho depois de um treino.

— Por que me chamou? Você tem outra sessão de tortura planejada para mim?

Remo olhou para o meu ferimento, sua expressão endurecendo - maçãs do rosto marcadas e mandíbula apertada. — Há comida na cozinha para você e algo para beber, a menos que prefira bebidas destiladas, então é aqui que vai conseguir. — Ele acenou em direção ao bar à minha esquerda, onde uma série de garrafas, a maioria delas consumida pela metade e aguardando. Scotch, bourbon, uísque, gim...

Eu definitivamente não me embebedaria enquanto estivesse sendo mantida em cativeiro pela Camorra. — Estou livre para andar pela casa? — Perguntei.

Remo sorriu. — Não acho que tenhamos alcançado esse nível de confiança ainda.

— Não vamos alcançar qualquer nível de confiança, Remo.

Passos ecoaram no corredor atrás de mim, e me virei levemente, mas não o suficiente para perder Remo de vista. Eu preferia mantê-lo na minha linha de visão. Como se soubesse exatamente o que eu estava fazendo, um canto de sua boca se contraiu para cima.

Sávio entrou com aquele estilo arrogante. — Consegui alguém para consertar o saco de pancadas.

Remo desviou o olhar de mim. — E você levou quatro horas?

— Cuidei de alguns outros negócios enquanto fazia isso, — disse Savio

com um encolher de ombros.

Remo balançou a cabeça com evidente desaprovação. — Um dia eu vou perder seriamente a cabeça com você.

Savio não parecia preocupado, e eu duvidava que fosse porque era tão sem emoção quanto Nino. Savio sabia que não tinha nada a temer do irmão mais velho. A realização me surpreendeu, e arquivei para uso posterior.

— Agora que você está aqui, fique de olho na nossa convidada enquanto ela come na cozinha. Vou tomar um banho e depois assumir seu posto.

Minha boca se curvou. — Eu não sou sua convidada. Eu sou uma prisioneira.

— Semântica, — disse Remo.

Talvez em sua mente distorcida.

— Eu poderia vigiá-la, — resmungou Adamo do seu lugar no sofá.

Savio e Remo trocaram um olhar. Ou eles se preocupavam que seu irmão mais novo me ajudasse ou se preocupavam que ele não seria capaz de me impedir de escapar. Interessante.

Remo estreitou os olhos e passou por mim, seu braço roçando o meu, fazendo-me recuar.

— Venha, — Savio ordenou. Meus olhos se demoraram em Adamo, que estava franzindo o cenho observando Remo sair. Talvez os Falcones tivessem um elo fraco no meio deles.

Afastando meu olhar, segui Savio para a parte de trás do andar térreo e através de uma porta, que se abria para uma enorme cozinha.

Ele apontou para uma panela no fogão. Eu me aproximei e levantei a tampa, encontrando uma sopa cremosa de cor laranja. — O que é isso?

— Como eu saberia? — Disse Savio, sentando em uma cadeira na mesa da cozinha. — Provavelmente algo sem carne. Kiara é vegetariana.

Fiz uma careta, tentando decifrar a emoção em sua voz. Eu pensei ter

detectado um sinal de proteção quando ele disse o nome dela. Virando-me para o fogão, cheirei. — Sopa de abóbora, — eu disse.

Savio encolheu os ombros. — Vou querer uma tigela também.

Eu olhei para o bastardo arrogante. Ele achava que eu serviria seu almoço? — Por que você não tira sua bunda preguiçosa da cadeira e serve sua própria tigela?

Ele levantou sua bunda da cadeira e avançou na minha direção. Ele se apoiou contra o fogão em cada lado da minha cintura, encurralando-me. — Eu não sou Remo, — ele disse baixinho, — mas sou um Falcone, e amo uma matança. É melhor você controlar sua língua.

Eu não disse nada. Sávio era assustador à sua maneira. A sopa começou a borbulhar nas minhas costas, e Savio finalmente se retirou, virando-se. Eu abri uma gaveta para procurar uma concha quando um plano tomou forma. Remo estava no andar de cima, tomando banho. Eu não tinha visto Nino em lugar nenhum, apenas Adamo estava na sala de estar e provavelmente um empregado que, conhecendo Vegas, não viria em minha ajuda. Era a melhor oportunidade que tinha até agora.

Agarrei a panela pesada pelas alças e balancei para ganhar impulso, mas antes que eu pudesse soltá-la, Savio se virou. Eu catapultei a panela com a sopa fervente para ele. Em uma demonstração impressionante de reflexos, ele se lançou para o lado, evitando a panela e a maior parte de seu conteúdo. Manchas de sopa laranja o cobriam da cabeça aos pés. Aproveitei a minha chance e tentei passar por ele. Sua mão disparou, apertando meu pulso, e ele me empurrou para longe com um ar exasperante de arrogância. Girando em torno de mim, meus quadris colidiram com a borda da mesa. Eu caí para frente, meus cotovelos batendo na madeira, minha bunda projetando-se de uma forma indigna.

— Eu gosto da sua bunda desse ponto de vista, — comentou Savio.

— Contanto que você goste à distância, — alertou Remo.

Eu me virei.

De pé na porta aberta, Remo notou a bagunça no chão e em seu irmão. — Que porra aconteceu aqui?

Savio fez uma careta para a camisa e franziu o cenho para mim. — Essa cadela tentou me cozinhar vivo.

Eu me endireitei, tentando esconder o temor de qual seria o meu castigo pelo ataque, mas então Remo riu, um estrondo baixo que levantou arrepios na minha pele.

— Estou feliz que você ache engraçado, — murmurou Savio. — Cansei. Da próxima vez que estiver ocupado, me faça um favor e peça a Nino para vigiá-la. — Ele saiu sem outro olhar.

— Limpe isso, — Remo ordenou com um aceno de cabeça para o chão, o divertimento havia sumido de sua voz.

Eu permaneci onde estava.

Remo contornou o lago laranja no chão e parou bem na minha frente, me forçando a inclinar minha cabeça para trás. Ele segurou meu queixo. — Deixe-me dar um conselho, Angel. Escolha suas batalhas com sabedoria, — ele murmurou ameaçadoramente. — E agora você vai limpar o chão. Eu não dou à mínima se suas mãos nobres não devem ficar sujas.

Eu abaixei meus olhos da dureza de seu olhar, mas tentei mascarar enquanto me afastava de seu toque. — Onde tem um esfregão?

Remo se virou e dirigiu-se para a porta. — Eu volto em exatamente dois minutos e você não vai se mover um centímetro, entendeu?

Pressionei meus lábios, um pequeno ato de desafio - se é que isso poderia ser considerado - porque Remo sabia que eu obedeceria. Poucas pessoas teriam ousado desafiar Remo naquele momento. Eu esperava um dia estar entre elas.

REMO

Eu fui até a área de serviço. Savio estava encostado no bar, tomando uma bebida e alimentando seu ego machucado. — Da próxima vez você deve prestar mais atenção.

Ele olhou — Eu acho que de nós dois, você tem mais motivos para se preocupar. Ela é sua, não minha. Espere até ela tentar ferver o seu pau.

— Eu posso controlar Serafina. Não se preocupe. — Peguei um esfregão e um balde no armário antes de voltar para a cozinha. Serafina estava exatamente no mesmo lugar, franzindo a testa para o chão.

Ela continuou me surpreendendo. As fotos que eu tinha visto dela na internet e os artigos que acompanhavam haviam sugerido que ela era uma princesa do gelo. Fria, orgulhosa, frágil. Tão fácil de esmagar quanto neve fresca, mas Serafina era como gelo eterno. Quebrá-la com força era difícil, não impossível, porque eu sabia como quebrar, mas essa seria a abordagem errada. Mesmo gelo eterno rendia-se ao calor.

Eu lhe entreguei o balde e o esfregão, que ela pegou sem protestar. Ela evitou meus olhos quando começou a encher o balde com água e jogá-la no chão. Tornou-se aparente muito rapidamente que Serafina nunca havia usado um esfregão em sua vida. Ela usou muita água, inundando o piso.

Encostado no balcão, observei-a em silêncio. Ela deveria ter usado um pano, ajoelhado e limpado o chão adequadamente, mas eu sabia que seu orgulho iria impedi-la de se ajoelhar na minha presença. Orgulhosa, forte e meticulosamente linda, até suada e coberta de sopa.

O chão ainda estava sujo de sopa quando ela finalmente desistiu. — O esfregão não está funcionando corretamente.

— Não é culpa do esfregão. Confie em mim.

— Eu não fui criada para limpar o chão, — ela retrucou, fios rebeldes de cabelo grudados em suas bochechas e testa.

— Não, você foi criada para aquecer a cama de um homem e abrir as pernas para ele.

Seus olhos se arregalaram, a raiva torcendo suas feições perfeitas. — Fui criada para cuidar de uma família, para ser uma boa mãe e esposa.

— Você não sabe cozinhar, não sabe limpar e provavelmente nunca trocou uma fralda em sua vida. Ser uma boa mãe não parece estar no seu futuro.

Ela empurrou o esfregão para longe, assim que ele caiu no chão, ela avançou, parando bruscamente no meio caminho. — O que você sabe sobre ser uma boa mãe? Ou um ser humano decente?

Meu peito se contraiu brevemente, mas ignorei isso. — Eu sei como trocar uma fralda para começar, e protegi meus irmãos quando eles precisavam. Isso é mais do que você pode dizer de si mesma.

Ela franziu a testa. — Quando você trocou uma fralda?

— Quando Adamo era criança, eu já tinha dez anos, — eu disse. Era mais do que eu queria revelar, a principio. Meu passado não era da conta de Serafina. — Agora venha. Duvido que você possa fazer melhor que isso. A equipe de limpeza virá amanhã de qualquer maneira.

— Você me deixou limpar mesmo que tenha pessoas para isso?

— Seu orgulho será sua queda, — eu disse.

— E sua fúria será a sua.

— Então nós vamos cair juntos. Não é o começo de toda história trágica de amor? — Minha boca torceu com a palavra. Que desperdício de energia. Nossa mãe amava nosso pai. Ela o odiava também, mas seu amor a impediu de fazer o que era necessário. Ela deixou o nosso pai bater e estuprá-la, deixou-o bater em nós porque isso significava que ele não colocaria as mãos nela. Ela nunca o enfrentou. Ela se encolheu e pior... virou a raiva dele em nossa direção para se proteger. Seu único ato de desafio foi punir nosso pai matando seus filhos. Ela tentou se vingar, matando sua própria carne e sangue, porque era muito fraca para retaliar de qualquer outra forma. Em uma casa cheia de armas, ela não conseguiu encontrar a coragem de enfiar uma lâmina nas costas de nosso pai como deveria ter feito na primeira vez que ele bateu nela. Ela escolheu o caminho mais fácil.

— Não teremos uma história de amor. Nem trágica, nem triste, e definitivamente infeliz. Você pode levar meu ódio — disse Serafina ferozmente.

— Vou aceitá-lo, — eu murmurei. — O ódio é muito mais forte que o amor.



Nino se juntou a mim no terraço à noite. — Savio me contou o que aconteceu.

— Ela tem personalidade forte.

— Ela é problema, — ele corrigiu. — Mantê-la sob este teto representa um risco considerável.

Eu dei a ele um sorriso irônico. — Não me diga que você está com medo de uma menina.

A expressão de Nino não mudou. — Felizmente, o medo não está entre as emoções que desbloqueei.

— Então continue assim, — eu disse. O medo era tão inútil quanto o amor - e ainda mais incapacitante.

— Estou preocupado com Adamo. Sua iniciação é daqui a dois dias. Manter Serafina como prisioneira na mansão pode aumentar sua relutância em prestar juramento.

Eu me virei para ele. — Você acha que ele vai recusar a tatuagem?

Nino suspirou. — Eu não sei. Ele está fugindo. Não consigo mais que ele fale comigo. Kiara é a única com quem ele passa algum tempo.

— Adamo está se rebelando, mas ainda é um Falcone. Devo pressioná-lo mais?

Nino sacudiu a cabeça. — Eu acho que isso o faria se afastar ainda mais. Temos que torcer para que ceda eventualmente.

— A iniciação será na frente de nossos subchefes e capitães. Se ele se recusar... — Eu parei.

Nino assentiu porque entendeu. Adamo recusar a tatuagem seria vergonhoso, uma traição. Havia apenas uma punição por recusar a tatuagem: a morte.

— Eu suponho que não seria a primeira vez que teríamos que matar um número considerável de Camorristas, — eu disse.

— Esses homens são leais. Seria lamentável descartá-los e enfrentaríamos muitos oponentes de uma só vez.

— Não vai chegar a isso.

Nino assentiu novamente e ficou quieto ao meu lado. — Você deu a Serafina algo para dor?

— Dor? — Eu ecoei.

— Sua ferida pode doer.

— É um corte superficial. Não pode causar-lhe mais do que um leve desconforto.

Nino sacudiu a cabeça. — Foi o que pensei quando tratei a ferida de Kiara, mas ela era surpreendentemente sensível à dor. E Serafina não deve ser diferente. Talvez pior. É provavelmente o primeiro corte que sofreu, provavelmente o primeiro ato de violência, Remo. Ela sentirá a dor mais profundamente do que você e eu.

Eu considerei suas palavras e percebi que ele provavelmente estava certo. Pelo que eu sabia, Serafina provavelmente nunca fora tocada por seus pais. O primeiro ato de violência... Eu não remoí esses pensamentos. — Temos alguma coisa para dor?

— Eu tenho Tylenol no meu quarto. Posso levar para ela depois do jantar. Kiara está fazendo sua lasanha de queijo novamente.

— Não, eu entregarei a ela quando levar uma fatia da lasanha.

— Ok, — Nino murmurou, olhando-me com cuidado.

— O quê? — Eu rosnei, seu julgamento silencioso irritando meus nervos.

— Originalmente, o plano era manter Serafina no Sugar Trap.

— Originalmente eu não sabia que tipo de mulher ela era. E ela está mais segura aqui. Não quero que ninguém ponha as mãos nela. Isso arruinaria meus

planos.

— Vou pegar o Tylenol, — disse Nino, virando-se e deixando-me ali de pé.

Entrei e fui para a cozinha, que cheirava a ervas e algo mais picante. Kiara olhou sobre a tábua de cortar. Ela estava cortando tomates e jogando-os em uma tigela com alface.

— Ninguém come salada por aqui, — eu lhe disse enquanto caminhava em sua direção. A tensão de seu corpo era quase imperceptível.

— Eu como, e Nino também, e talvez Serafina prefira manter-se saudável também, — disse Kiara. Eu parei ao lado dela e olhei para o forno, onde uma forma grande estava borbulhando com queijo.

— Serafina tem problemas mais urgentes.

Os olhos de Kiara dispararam e eu agarrei sua mão antes que ela pudesse cortar os dedos. — Nino precisa te mostrar como segurar uma faca corretamente, — eu exigi, em seguida, a soltei.

Ela largou a faca. — Quando você vai mandá-la de volta?

Eu olhei para ela.

Ela colocou um fio atrás da orelha, desviando o olhar. Kiara ainda era rápida em submeter-se. — Você *vai* mandá-la de volta, certo?

Nino entrou com o Tylenol, olhando entre sua esposa e eu. Ele franziu a testa, mas não comentou.

— Quando a lasanha estará pronta? — Perguntei.

— Deve estar pronta agora. — Ela pegou a alça, e recuei para que ela pudesse abrir o forno. Ela assentiu. — Perfeito.

Nino pegou luvas de forno e gentilmente empurrou a esposa para o lado. — Deixe-me tirar.

Ele colocou a forma borbulhante no fogão, e Kiara sorriu para ele, tocando seu braço. — Obrigada.

Sua expressão suavizou, e isso ainda não entrava na minha cabeça. Meu

irmão amando - ou o que ele fosse capaz - Kiara. Tirando o Tylenol do seu bolso, ele me entregou. — Dê-me um pedaço de lasanha para Serafina.

Kiara franziu os lábios, mas fez o que lhe foi dito. — Por que ela não pode jantar conosco?

— Ela é uma prisioneira, — murmurou Savio quando entrou. Ele ainda estava chateado por causa do incidente da sopa.

— Ela pode ser uma prisioneira e jantar conosco, não acha? — Ela olhou para Nino em busca de ajuda. Ele tocou sua cintura e um olhar passou entre eles que não consegui ler.

Cansado de suas trocas silenciosas, saí com a lasanha e o Tylenol. Quando entrei no quarto, Serafina estava sentada no peitoril da janela, com os braços ao redor das pernas. Eu me perguntei que tipo de roupa ela usaria em Minneapolis. Eu não podia imaginá-la usando vestidos compridos como Kiara. Serafina não se virou quando entrei, nem mesmo quando atravessei o quarto e coloquei o prato na mesa de cabeceira dela.

— Diga a Kiara que lamento ter desperdiçado a sopa dela.

— Você lamenta? — Eu perguntei quando parei na frente dela. Seus olhos azuis ainda estavam firmemente focados na janela.

— Lamento por desperdiçar, não por jogar no seu irmão. Lamento ter errado, no entanto. Você pode dizer isso a ele.

Sufoquei um sorriso e a observei atentamente, sua boca elegantemente curvada, sua pele imaculada. Meus olhos baixaram para o antebraço. Ela segurava seu braço em um ângulo estranho, assim não o pressionaria contra sua perna. Eu lhe entreguei o Tylenol. — Para a dor.

Seu olhar caiu na minha palma. Então ela olhou para cima. Eu poderia dizer que ela considerou recusar, mas novamente me surpreendeu pegando os comprimidos, as pontas dos seus dedos escovando as cicatrizes na palma da minha mão. Suas sobrancelhas loiras franziram.

— Essas são marcas de queimaduras, não são?

Retirei minha mão e enrolei em um punho ao meu lado. — Coma. Eu

tenho planos para você amanhã. — Me virei antes de sair e trancar a porta dela.

Capítulo Oito

SERAFINA

Na manhã seguinte, tomei um banho rápido, esticando o braço para fora do box para que não molhasse. Os analgésicos ajudaram com a dor. Eu não esperava esse tipo de consideração de Remo, e suspeitei que ele tivesse segundas intenções para o gesto, mas me dera outra peça do quebra-cabeça. As cicatrizes nas palmas das mãos tinham um significado especial. Eu tinha a sensação de que estavam conectadas às cicatrizes que sua tatuagem cobria.

O som da fechadura me assustou, e eu rapidamente coloquei outro dos longos vestidos de verão de Kiara antes de sair do banheiro, meu cabelo ainda úmido e descalça.

Remo estava com os braços cruzados na frente da janela, alto e moreno e pensativo como um namorado em filmes românticos. Ele se virou e examinou meu corpo. Era inquietante como o seu olhar parecia físico na minha pele.

— Vou levá-la para passear nos jardins.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Por quê?

— Você prefere passar seu tempo escondida aqui?

— Não, mas desconfio de seus motivos.

Remo sorriu sombriamente. — Quero manter seu corpo e mente sã. Seria uma pena se essas quatro paredes a quebrassem antes que eu pudesse.

Eu o encarei, feliz por ele não poder ouvir meu pulso trovejante.

— Agora vem, — ele ordenou com um aceno de cabeça em direção à porta, seus olhos se demorando no meu corpo.

Eu o segui e quase esbarrei nele quando ele parou no corredor, olhando para os meus pés. — Você não vai colocar sapatos?

— Eu colocaria se tivesse algum que me servisse. Kiara calça 35 e eu 37.

Remo me olhou um momento antes de tocar a parte inferior das minhas costas, e eu cambaleei para frente em surpresa. Ele indicou que eu fosse à frente, os cantos de sua boca se inclinando para cima, aqueles olhos escuros me avaliando.

Meu corpo formigou do seu toque, e meu coração pulsou no meu peito. A proximidade de Remo me aterrorizava e ele sabia. Eu me assegurei de manter distância, mas Remo seguiu atrás de mim, seu olhar queimando meu pescoço, sua estrutura alta uma sombra sobre minhas costas.

Consegui relaxar quando saímos para o sol brilhante. Remo levou-me através dos extensos jardins que tinham diferentes piscinas, alvos de tiros montados e vegetação perfeitamente cuidada. A grama quente parecia maravilhosa debaixo dos meus pés descalços, mas não deixei isso me distrair do meu objetivo principal: vasculhar meus arredores.

Remo estava estranhamente calmo, o que era inquietante porque significava que algo estava acontecendo por trás daqueles olhos sombrios e cruéis.

— Você pode tentar fugir, mas não pode escapar, — Remo disse com firmeza enquanto eu examinava os limites da propriedade. Os altos muros ao redor das construções estavam cobertos de arame farpado e, quando nos aproximávamos o suficiente, ouvíamos o zumbido da eletricidade.

— Você está procurando por uma brecha em nossas medidas de segurança? — Ele perguntou com uma sugestão de diversão sombria. — Você não vai encontrar nenhuma.

— Tudo, *todo mundo*, tem uma fraqueza. É só uma questão de encontrá-la, — eu disse baixinho, parando.

Remo parou na minha frente, seus olhos escuros triunfando enquanto lentamente traçavam o meu corpo. — E você é a fraqueza de Dante, Serafina.

— Sou apenas sua sobrinha. Dante condenou tantos homens à morte em sua vida, você realmente acha que ele se importa com a vida de uma garota?

Remo segurou a parte de trás da minha cabeça, mantendo-me no lugar enquanto aproximava nossos rostos. Eu permiti, relaxando em seu domínio,

sabendo que não era a reação que ele queria. Seus olhos escuros procuraram os meus e tive que lutar para não desviar o olhar.

— Me pergunto se você realmente acredita ou se espera que eu acredite nisso, — disse ele em voz baixa.

— É a verdade.

Seus lábios se abriram em um sorriso cruel. — A verdade é que você é uma mulher, algo precioso, algo que eles devem proteger. Está enraizado neles, queimando-os irrevogavelmente desde o dia do seu nascimento. Sua honra determina que eles mantenham você segura, e a cada segundo que você está em minhas mãos, eles estão falhando com você, falhando consigo mesmo. A cada segundo que passa, a vergonha de seu fracasso corrói sua honra. Como Homens Feitos, vivemos em honra e orgulho. Eles são os pilares do nosso mundo, do nosso maldito ego, e vou derrubá-los pilar por pilar até que cada membro da Outfit seja esmagado pelo peso de sua porra de culpa.

Minha respiração se alojou em minha garganta e não pude fazer nada além de olhar para o homem à minha frente. Talvez ele tenha me subestimado, mas eu - e temi até mesmo a Outfit - tinha subestimado Remo Falcone também. Suas ações falavam de violência mal contida e o levaram a acreditar que ele não tinha qualquer controle, que ele poderia ser levado a atos precipitados. Mas Remo era perigosamente inteligente. Um homem implacável com poder e inteligência para se vingar.

— Talvez eles se sintam culpados, mas não vão vacilar. Eles não arriscarão qualquer parte da Outfit por mim. Não pela saúde do meu corpo, não pela minha vida, e muito menos pela minha inocência, Remo. Então tome um ou todos. Você não vai enfraquecer Dante ou a Outfit.

O polegar de Remo acariciou o lado da minha garganta. Eu não tinha certeza se ele fez isso de propósito ou sem perceber, e não foi o toque, mas o brilho em seus olhos que me fez tremer.

— Eles protegerão sua inocência a qualquer custo porque é a única coisa pura em suas malditas vidas. Eles acham que a sua inocência poderia lavar seus pecados, mas eles respiram o pecado. Todos nós o fazemos. Cem virgens não podem lavar o pecado de nossas veias. Definitivamente não das minhas.

— Nem mesmo um anjo? — Eu murmurei, inclinando a cabeça para cima, olhando para ele através dos meus cílios. Meu pulso acelerou em minhas veias, ciente do risco que eu estava correndo. Mas fui forçada a entrar no jogo de Remo, querendo ou não, e eu poderia ser um peão ou uma jogadora.

Algo nos olhos escuros de Remo mudou, algo faminto e letal se desdobrando. Ele se aproximou mais, sua respiração quente contra meus lábios. — Você está fazendo um jogo perigoso, *Angel*.

Eu sorri. — Assim como você.

Seus lábios pressionaram contra os meus. Eu não esperava por isso. Quase beijos, como ameaças de toques em minha pele, tinham sido sua tática... até agora. Esta não era uma ameaça de toque. Era substancial e, no entanto, parecia a promessa de um beijo, uma ameaça do que estava por vir. Atordoada pela ação de Remo, segurei seu olhar. Finalmente, eu me afastei e levantei a palma da mão para bater nele, mas ele pegou meu pulso. Ele me puxou para perto mais uma vez.

— Esse é o beijo que Danilo teria dado a você na igreja, e talvez até mais tarde em sua noite de núpcias. Educado. Controlado. Reverente. — Sua voz baixou. — Isso não é um beijo.

Raiva surgiu através de mim. — Você...

A boca de Remo caiu sobre a minha, os dedos machucando meu quadril enquanto sua outra mão segurava meu pulso entre nossos corpos. Seus lábios conquistaram os meus, sua língua saboreando a costura da minha boca, sugando meu lábio inferior, exigindo entrada. Calor escorreu através de mim e meus lábios se separaram ligeiramente. Pouco. Um lampejo de submissão e Remo mergulhou a língua na minha boca, me provando, me consumindo. Seu gosto era inebriante, o calor de seu corpo era insuportável. Seu polegar pressionou meu pulso, sua palma deslizando do meu quadril para a parte inferior das costas. Pequenas faíscas de eletricidade seguiram no rastro de seu toque.

Minha cabeça nadando, eu era incapaz de me afastar, incapaz de me mover. Finalmente, Remo me libertou. Eu respirei desesperadamente, tonta, confusa, meu corpo formigando da cabeça aos pés.

Remo exalou. — Isso, *Angel*, é um beijo. É o único tipo de beijo que você

vai conseguir de mim, e é o beijo que vai usar para medir cada beijo que se segue.

Eu tropecei para longe de Remo, tremendo. — O que você fez? — Eu gaguejei. Pressionei os dedos trêmulos nos meus lábios, horror me atingindo como um raio. Esse deveria ser o privilégio de Danilo. O meu primeiro beijo.

Remo o tomou.

Não.

Eu tinha lhe dado isso.

Remo balançou a cabeça, encarando-a. — Eu a cortei com minha faca e você não derramou uma única lágrima, mas um beijo faz você chorar?

Eu me afastei, tentando controlar minhas emoções. Toda a minha vida fui criada para ser a esposa perfeita, para me entregar ao meu marido. E assim permiti que Remo saqueasse parte do meu presente. Por um momento, senti vontade de chorar. Então senti o calor de Remo contra minhas costas, sem tocar, mas flutuando entre nós.

— Você está com medo da ira de Danilo se ele descobrir que seu anjo esconde algumas penas negras sob o branco de sua plumagem?

Eu olhei por cima do meu ombro para o rosto marcante dele. — Você não sabe nada sobre Danilo ou eu.

— Sei a sua fraqueza e sei a dele.

Eu o enfrentei mais uma vez. — Você também tem uma fraqueza, e um dia seus inimigos vão usá-la contra você com a mesma crueldade que concede a eles.

— Talvez, — ele rosnou. — Talvez eles se levantem depois que eu tenha queimado seu orgulho, mas nem todo mundo é construído para erguer-se das cinzas.

Eu zombei. — Você parece um mártir. O que você sabe sobre queimar?

Remo não disse nada, apenas olhou para mim com uma intenção cruel, a mesma expressão que eu tinha visto quando ele me cortou.

Meus olhos correram para a ferida no meu braço, e o olhar de Remo seguiu. Tijolo após tijolo, eu estava derrubando uma parede que Remo não tinha intenção de baixar.

Remo agarrou meu braço e me levou de volta para a mansão. Eu não disse nada, nem olhei na direção dele. Eu sabia quando recuar, sabia quando desistir, porque essa batalha estava apenas começando.



No segundo em que fiquei sozinha no meu quarto, fui para o banheiro e joguei água fria no rosto para clarear as ideias. Olhando para cima, eu me encolhi no estado dos meus lábios. Vermelhos e inchados.

Eu ainda podia sentir o toque de Remo, ainda podia sentir o gosto dele. Como pude deixar isso acontecer? Eu deveria tê-lo empurrado, mas não o fiz. Remo havia parado. Não só permiti que ele roubasse meu primeiro beijo, como também o apreciei de uma forma distorcida e arrebatadora.

Voltei para o quarto e me sentei na cama, olhando para o dossel escuro. Algo sobre Remo me dominou. Ele tinha um jeito de me atrair. Eu levantei o braço para olhar para a minha ferida. Ainda parecia frágil, mas parecia estar se curando. Fiquei feliz por sua presença; não só me permitia vislumbrar por trás da máscara cruel de Remo, mas também servia como um lembrete do que ele era: um monstro. Um beijo não mudava isso. Eu não podia deixar sua manipulação chegar até mim. Remo era o Capo. Ele sabia como fazer as pessoas agirem como queria que elas agissem.

Eu cobri meu rosto com as palmas das minhas mãos, respirando profundamente, acalmando-me. Eu gostaria de poder falar com Samuel, ver seu rosto, estar em seus braços. Sem ele, me sentia perdida. Ele encontraria uma solução. Meu estômago se contraiu pensando no meu irmão. Se Samuel soubesse que eu tinha permitido que Remo me beijasse, não tinha levantado sequer um dedo para impedi-lo, o que meu irmão pensaria de mim? E Danilo? Ele era meu noivo. Aquele beijo foi prometido a ele.

Samuel permaneceu na linha da frente de meus pensamentos. Ele era a pessoa com quem eu realmente me importava. E minha família. Deus minha

família. Eu gostaria que eles nunca descobrissem sobre o beijo, mas tinha a sensação de que Remo contaria tudo sobre isso.

REMO

Um fodido beijo quando eu queria muito mais. Mas beijar Serafina foi como a primeira tragada em um cachimbo de crack. Viciou desde o primeiro contato. Eu queria beijá-la novamente, queria roubar cada pedaço de sua inocência.

O som dos passos me fez olhar para cima. Nino veio na minha direção e afundou no sofá à minha frente. Ele me avaliou daquela maneira analítica que sempre fez.

— O que aconteceu?

— Tive um gostinho de Serafina.

Nino assentiu, seus olhos se estreitando ao pensamento. — Você a beijou?

— Sim, mas não será o último beijo que terei dela.

— Como ela reagiu?

— Ela não lutou se é isso que você está perguntando, — eu disse baixinho.

Ele franziu a testa. — Eu não vim falar com você sobre Serafina. É obviamente um tópico que você não permitirá que eu argumente.

— O que você quer falar comigo, então?

— Acho que devemos conversar com Adamo. Amanhã é o dia dele, então quero ter certeza de que ele esteja na mesma página que nós.

Eu balancei a cabeça. — É provavelmente o melhor. Onde ele está?

Já que ele não estava jogando seus jogos, ele só podia estar no andar de cima emburrado ou se masturbando. Provavelmente o último, considerando que

ele não obtinha nenhuma ação. — Eu tenho algo para adoçar o acordo com ele, — eu disse.

Nino ergueu as sobrancelhas. — Não me diga que você comprou um carro para ele?

Eu sorri abertamente. — Ele está fazendo catorze anos então por que não? Estou cansado de ele bater os meus carros. Talvez ele trate suas posses com mais cuidado.

— A idade legal para dirigir é quinze anos em Nevada.

— E as drogas e os homicídios são contra a lei. Aonde você quer chegar?

— Ele vai se matar em uma das nossas corridas, — Nino falou. — Você vai discutir a questão das drogas com ele?

— Eu vou. Por que você não o chama? Vamos levá-lo para um test drive e conversar com ele.

— Quem vai cuidar de Kiara e Serafina? Savio saiu para se encontrar com Diego novamente.

— Vou ligar para Fabiano enquanto você encontra nosso irmãozinho.

Nino se levantou e desapareceu, e eu liguei rapidamente para Fabiano. — Remo, o que você precisa? Estou ocupado com aquele idiota do Mason.

— Faça isso rápido. Eu preciso de você aqui para vigiar Serafina e Kiara, enquanto Nino e eu conversamos com Adamo.

— Sobre amanhã, eu suponho, — disse Fabiano. Eu podia ouvir um homem chorando ao fundo.

— Sim. Esteja aqui o mais rápido possível.

— Quinze minutos. — Fabiano desligou.

Lá em cima eu podia ouvir uma comoção. Adamo estava sapateando e Nino falava com ele em um tom calmo.

Eu me levantei e fui para o hall de entrada, pegando as chaves do primeiro carro de Adamo. Nino apareceu na escada com um olhar de desaprovação no

rosto. Adamo seguiu logo atrás dele com uma carranca no próprio rosto de bebê. Nino parou ao meu lado e pude ver que ele não estava impressionado com as artimanhas de Adamo, e foi por isso que ele subiu e eu não. Perder a cabeça com ele hoje não ajudaria em nada.

Adamo parou no último degrau com os braços cruzados sobre o peito. — O que você quer? Estou ocupado.

— Calma, — Nino murmurou para mim. Depois de treinar juntos, pensei que Adamo e eu tivéssemos chegado a uma espécie de trégua. Aparentemente, ele mudou de ideia novamente.

Eu agarrei a frente de sua camisa e puxei-o para mais perto. Eu lhe dei uma folga porque ele era uma criança, mas minha paciência tinha seus limites. — Por que você não tira essa carranca do seu rosto, garoto, ou vou te dar uma razão para isso.

Ele projetou o queixo para fora. — Faça. Então terei outro motivo para recusar a tatuagem amanhã.

— Adamo, — Nino advertiu.

Meus dedos apertaram e olhei em seus olhos longo e sério. — Você acha que pode sobreviver sozinho?

— Eu tenho amigos, — ele murmurou.

— Amigos que o mantêm por perto, porque você lhes dá erva e crack de graça. Eles não dão a mínima para você. Se você não puder fornecer drogas gratuitas, eles vão te deixar, — eu rosnei.

Adamo empalideceu. — Quem te contou?

— Você acha que eu não percebi que alguém está roubando nossas merdas há meses? Fabiano tem estado de olho em você.

— A punição por roubar da Camorra é a morte, — disse ele desafiadoramente.

— É, — eu disse. — Mas não para você.

A porta de entrada estava destrancada e Fabiano entrou, as mangas da

camisa enroladas, os antebraços tingidos de rosa. O sangue era difícil de lavar.

Os olhos de Adamo se arregalaram. — O que você fez?

Fabiano acenou para Nino e eu em saudação.

— Fabiano conversou com um de seus amigos, aquele pedaço inútil de merda do Mason.

— Você o matou? — Adamo perguntou horrorizado. Fabiano levantou uma sobrancelha para mim.

Eu balancei a cabeça. Não era hora de divulgar informações ainda. Adamo poderia falar.

— Não machuque Harper, — sussurrou Adamo.

Eu fiz uma careta ao tom de sua voz. — Aquela garota em seu grupo de viciados?

Fabiano fez uma careta. — Ela estava com Mason quando fui atrás dele, chupando o pau dele.

— Você está mentindo! — Adamo saiu do meu domínio e pulou em Fabiano, tentando socá-lo. Fabiano bloqueou-o e empurrou-o para o chão, mas Adamo levantou-se e avançou nele novamente. Eu não intervi. Adamo precisava perceber que suas ações tinham consequências, e isso me dava tempo para tolerar a porra da verdade de que meu irmão havia se apaixonado por uma cadela inútil que provavelmente sussurrava palavras doces em seu ouvido em troca de drogas.

Fabiano agarrou o braço de Adamo e enfiou-o de cara na parede. — Pare com essa merda, — ele avisou, — ou vou me defender de verdade.

Ele soltou Adamo, que se virou imediatamente, a cabeça corada e os olhos cheios de pavor. — O que você fez com Harper?

Fabiano olhou para mim. Nino balançou a cabeça para mim, obviamente preocupado que eu fosse perder a cabeça.

— Não me diga que a putinha lhe deu um boquete em troca de drogas, Adamo. Você deveria ser mais esperto. — Nós tínhamos tantas putas fodidas que

podiam chupar nossos paus, por que ele se contentava com uma garota que o usava?

Adamo olhou com raiva. — Harper e eu estamos apaixonados. Você não entenderia.

— Ela chupou o pau de outro homem. Como isso significa 'estar apaixonada'? — Eu rosnei.

— Ela não faria isso! Você está tentando arruinar as coisas para mim.

Fabiano suspirou. — Eu não estou mentindo. Mason estava com seu pau enfiado até as bolas na garganta dela.

— Cale a boca, — disse Adamo ferozmente.

— Eu lhe disse que é difícil encontrar o que você está procurando, — disse Nino ao nosso irmão. — As pessoas sempre tentam ganhar algo estando com você.

Adamo balançou a cabeça, um brilho teimoso em seus olhos. — O que você fez com ela?

Eu balancei a cabeça para Fabiano.

— Nada. Eu a mandei embora antes que desse um jeito em seu amigo.

— Ele está vivo.

— Quebrei alguns de seus ossos, mas vivo, sim, — disse Fabiano.

Deveria tê-lo matado. Se eu soubesse os detalhes exatos, teria dado a ordem de matar.

Adamo pareceu aliviado. — Você os manteve vivos, então farei a tatuagem amanhã, certo?

— Esse não era o plano, — eu disse. — Eu achei que você gostasse de ser um Falcone.

Adamo desviou o olhar. — Você nunca poupa ninguém sem um bom motivo.

— Pegue um teste de drogas, Nino, — eu pedi.

Nino desapareceu em sua ala.

— Estou limpo, — Adamo desabafou, mas sua voz tremeu.

Eu virei de costas para ele, meus dedos se enrolando em punhos. Por que Adamo tornava isso tão difícil? Eu não sabia como lidar com a merda dele, especialmente as drogas. Ele precisava perceber que estava trilhando um caminho perigoso.

— Eu disse a verdade, — disse Fabiano a Adamo.

— Talvez Mason tenha forçado. Você não sabe de nada — murmurou Adamo.

Nino voltou e fez sinal para que Adamo o seguisse até o banheiro de hóspedes para que ele pudesse fazer xixi na vareta de teste. Quando eles saíram e vi a expressão de Nino, enlouqueci. Eu agarrei Adamo pelo colarinho e o joguei no chão.

— O que eu te disse sobre tomar drogas? Você quer acabar como todos os perdedores vadios perambulando pelas nossas ruas? Que porra há de errado com você?

Adamo encolheu os ombros. — Meus amigos e eu só usamos de vez em quando para relaxar.

Eu respirei asperamente. Adamo estava completamente imóvel debaixo de mim. Eu respirei fundo, sufocando a fúria que queimava através de mim, então fiquei de pé. — Você nunca mais pegará nada ou matarei todos os seus supostos amigos. Pais ricos ou não. E agora você levará seu carro novo para um test drive até a casa de Harper e dirá a ela que não vai mais lhe dar drogas grátis. Se ela quiser drogas, pode vir até mim e pagar o preço normal. Entendido?

Adamo piscou para mim. — Entendido, — disse ele lentamente, sentando-se. — Meu carro novo?

Eu joguei as chaves no chão ao lado dele. — Comprei para você o Ford Mustang Limgene vermelho e preto que está como seu protetor de tela há meses.

Adamo pegou as chaves. — Pelo meu aniversário?

— Pelo seu aniversário e sua iniciação. Agora fale com Harper e leve Nino com você — eu disse e entrei na sala de estar, direto para o saco de pancadas. Comecei a chutar e socar, mas minha raiva não diminuiu.

Fabiano se juntou a mim depois de um momento. — Eu suponho que não preciso mais vigiar as meninas?

Eu não disse nada. Eu não queria pensar em Serafina agora, porque se começasse a pensar nela, poderia acabar estragando o meu próprio plano.

Fabiano entrou na minha linha de visão. — Aquela garota o seduziu.

— Eu sei, — eu rosnei e enviei a bolsa voando. O gancho guinchou, mas ficou ancorado no teto. — Que tal um treino de socos?

— Você não parece querer treinar. Parece que você quer destruir alguém — comentou Fabiano, mas começou a desabotoar a camisa. Eu puxei minha própria camiseta e a tirei sobre a minha cabeça, em seguida, tirei minhas calças e entrei no ringue de boxe, usando apenas minha cueca.

Fabiano fez o mesmo e parou na minha frente. Fiz sinal para ele avançar e ele entrou no modo de ataque imediatamente.

Nós batemos e chutamos forte e rápido. Os socos de Fabiano falavam de raiva reprimida, e os meus próprios estavam cheios de fúria. Eu o empurrei para as cordas, mas ele se conteve. — Isso é por causa de Serafina? — Eu zombei.

— Não, — ele atirou de volta. — Eu sempre gosto de chutar sua bunda, Remo.

Ele pulou em mim novamente.

— O que está acontecendo aqui? — Kiara perguntou da entrada.

Nós a ignoramos.

— Se ninguém se incomodar em me responder, subirei as escadas e falarei com Serafina.

— Você não vai, — eu exigi, e Fabiano deu um soco forte no meu lado.

Rosnando, eu dei um chute lateral e acertei o ombro dele. — Kiara! — Eu

levantei minha mão na direção de Fabiano para fazer uma pausa no treino.

Ela congelou. — Eu achei que ela poderia jantar conosco. Eu tenho macarrão com queijo no forno.

— Você não vai chegar perto dela sem alguém te vigiando, entendeu?

Ela assentiu eventualmente. Então seus olhos se moveram para Fabiano. — Por que você não liga para Leona? Eu fiz comida suficiente para vocês se juntarem a nós.

— Essa é uma boa ideia, — eu disse, em seguida, pulei para fora do ringue. Era óbvio que eu não me livraria da minha raiva hoje.

— Você deixará Serafina descer, então?

— Não, — eu disse secamente.

— Por que não? — Kiara perguntou, e eu fui em direção a ela. Ela não recuou quando parei bem na sua frente.

— Porque não confio em mim ao redor dela hoje, ok?

Kiara assentiu, uma profunda linha de preocupação se formando entre as sobrancelhas. — OK.

— Posso levar sua comida mais tarde, — sugeriu Fabiano.

Eu lancei-lhe um olhar duro. — Sim, por que não? — Minha voz soou como um aviso.

Ele segurou meu olhar por um longo tempo até que pegou o telefone do bolso de sua calça e o levou ao ouvido. Eu coloquei minhas roupas de volta, não dando a mínima que estava suado. Kiara seguiu atrás de mim enquanto eu afundava no sofá. Ela não sabia o que era bom para ela. Agora que ela não estava completamente apavorada com a minha presença, estava começando a me irritar.

— É por causa do Adamo?

— O quê?

— Seu humor azedo.

Eu sorri sombriamente. — Você ainda não me viu com um humor azedo, e se eu puder evitar, não vai.

Ela franziu os lábios. — Ele está em conflito. Ele não quer desapontá-lo, mas também não quer matar e torturar em seu nome.

Eu não disse nada, só devolvi o olhar dela até que ela desviou o seu. Ela tinha mais dificuldade em segurar meus olhos do que Serafina.

— Ele matou antes.

— E ele se sente culpado por isso.

Eu me apoiei nas minhas coxas. — Ninguém o obrigou naquela época. Ele poderia ter se escondido como todos os outros espectadores da luta. Ele poderia ter fugido. Ele poderia ter atirado na perna ou braço do babaca, mas Adamo atirou na cabeça dele. Talvez Adamo não queira ser um assassino, mas ele é. Está na nossa natureza, Kiara. Ele pode lutar o quanto quiser, mas eventualmente a escuridão se infiltra. É o que é.

— Talvez, — ela concordou.

— Fabiano foi um bom menino uma vez. Cachinhos dourados[3] com remorso e uma camisa branca limpa e engomada, mas agora ele é meu Executor.

Fabiano bufou. — Eu nunca fui bom e definitivamente não Cachinhos dourados.

— Eu deveria preparar o jantar. Você pode me ajudar com o pote de mostarda na cozinha? Eu não consigo abri-lo, — disse Kiara.

Eu balancei a cabeça em direção a Fabiano. — Ele pode ajudá-la.

Kiara se mexeu ansiosamente, seus olhos deslizando para Fabiano e depois de volta para mim. Minhas sobrancelhas se ergueram. Eu levantei.

Fabiano deu de ombros. — Leona estará aqui em cinco minutos.

Eu segui Kiara até a cozinha e peguei o pote de mostarda que ela estendeu para mim. — Eu não achei que viveria para ver o dia em que alguém tivesse menos medo de mim do que de Fabiano ou de qualquer outra pessoa.

Kiara corou. — Eu sei que estou segura com você, — ela disse calmamente.

Porra, ela estava. Eu lhe entreguei o frasco aberto. — Aqui.

— Obrigada.

— Você está segura perto de Fabiano também, — eu disse a ela.

— Eu sei, — disse ela. — Mas demora um pouco mais para a mensagem chegar ao meu cérebro.

— Você deve ter cuidado com um cérebro que a faz amar meu irmão e confiar em mim, Kiara, — eu murmurei.

Ela riu. — Não é o meu cérebro, é o meu coração.

Estreitei meus olhos, em seguida, girei e saí, sem humor para o absurdo emocional.

Capítulo Nove

SERAFINA

Eu não tinha certeza se era o plano de Remo para me quebrar, deixar-me remoer meus próprios pensamentos o dia todo. Eu não tinha nada para fazer exceto reviver o beijo desta tarde, dividida entre a culpa e um lampejo de excitação aterrorizante, porque aquele beijo tinha sido diferente de tudo que eu já senti antes. E toda vez que essa percepção me atingiu, minha culpa duplicou. Eu sabia que não deveria gostar disso - não só porque Danilo era o homem que eu deveria ter beijado, mas também porque Remo era o último homem que estava autorizada a beijar.

Sempre que Samuel voltava de uma noite com amigos enquanto eu estava presa em casa, era subjugada por uma onda de desejo e ciúme. Eu queria ser livre para festejar com ele, mas isso teria sido minha ruína - mesmo que Samuel estivesse ao meu lado para proteger minha honra. Eu não podia ser vista em um clube, dançando a noite toda. Tivemos algumas festas secretas em casa, o que foi estimulante mesmo que Samuel estivesse colado ao meu lado a cada segundo para que nenhum de seus amigos chegasse perto de mim. Não que algum deles ousasse. Eles eram todos homens feitos ou na direção de se tornar um. Meu pai era subchefe. Meu tio era o chefe da Outfit. Meu noivo tão bom quanto o subchefe de Indianápolis e meu irmão um homem feito. Nenhum cara nunca olhou para mim duas vezes, pelo menos não os caras permitidos perto de mim. Eu poderia estar nua e me jogar para esses caras e eles não teriam piscado um olho... com medo de perdê-lo - e a sua vida.

E eu estava bem com isso, tinha aceitado porque estávamos ligados pelas regras do nosso mundo. Não era como se eu quisesse foder como Samuel, mesmo que as poucas histórias que ele compartilhou comigo no início, quando estava excitado sobre a perda de sua virgindade, tivessem me deixado curiosa.

A fechadura clicou e eu rapidamente sentei, me preparando. Eu não permitiria que Remo me pegasse de surpresa novamente.

Meus olhos se arregalaram quando Fabiano entrou, carregando um

prato. Eu fiquei de pé. Por que ele estava aqui? Ele me ajudaria afinal?

Fabiano olhou meu rosto e sacudiu a cabeça como se pudesse ler minha mente. — Vim trazer o jantar para você.

Ele entrou, mas deixou a porta entreaberta, e me perguntei por que ele fez isso. Eu duvidava que fosse para que eu pudesse fugir. Ele estava preocupado em ficar sozinho em um quarto comigo?

— Aqui, — ele estendeu o prato com macarrão e queijo fumegante para mim.

Eu o encarei. — Você se lembra de quando você, Samuel e eu brincávamos juntos? Lembra-se de quando você e ele fingiam serem meus protetores? Você se lembra disso? — Por um momento não fizemos nada além de olhar um para o outro, mas ele não me permitiu vislumbrar por trás de sua máscara sem emoção.

Com um suspiro, ele passou por mim e colocou o prato na minha mesa de cabeceira.

— Você deve comer, — disse ele com firmeza.

Eu me virei para encará-lo. — Por quê? Então continuarei saudável apenas para que Remo possa me quebrar?

Fabiano olhou para o meu braço e o pegou, inspecionando a ferida de perto. — Isso foi Remo quem fez?

— Quem mais gosta de fatiar pessoas?

A boca de Fabiano se transformou em um sorriso irônico. — Quase todo homem na Máfia, Fina.

Ele tocou a ferida levemente. — Não é profundo.

— Sinto muito que minha ferida não cumpra seus altos padrões. Da próxima vez talvez você deva me cortar.

Fabiano balançou a cabeça. — Remo corta profundamente. Bate duro. Mata brutalmente. Ele não faz cortes meia boca assim.

Eu puxei meu braço. — E daí? Talvez ele queira salvar a diversão

sangrenta para mais tarde.

Os olhos azuis de Fabiano procuraram meu rosto com uma pequena carranca. — Talvez.

Por alguma razão, seu escrutínio me incomodou. — Quando as pessoas disseram que você era um traidor que fugiu com o rabo entre as pernas, eu não quis acreditar nelas, mas agora vejo que estavam certas.

Fabiano se inclinou, e o olhar era um que eu não tinha visto em seu rosto antes, um que me lembrou de que ele era agora Executor. — Eu não fugi. Eu sou leal.

Eu bufei.

Ele deu um passo mais perto e eu recuei. — Eu sou. Meu maldito pai ordenou a um dos seus homens que me matasse. Aquele homem não pode seguir em frente com isso e me deixou no território de Bratva para que eles pudessem terminar o trabalho por ele. Sem Remo, eles teriam conseguido. Estou vivo por causa do meu Capo, por causa daqueles quatro irmãos Falcone que ficaram juntos quando o mundo estava contra eles e contra mim.

Eu pisquei, totalmente chocada com suas palavras. — Seu pai tentou matar você? Por que você não contou a Dante?

Ele olhou — Eu não sou um delator de merda. E os Cavallaro estão metidos com o bastardo do meu pai há muito tempo. Eu não dou à mínima se seu avô o considera muito. Meu pai é uma desgraça.

— Meu avô está muito doente. Ele provavelmente não viverá muito mais.

— Bom, — disse Fabiano ferozmente.

Engoli. — Mesmo que meu avô não proteja mais o seu pai, Dante não o entregará à Camorra. Ele lidará com isso.

Fabiano sorriu tristemente. — Dante entregará meu pai. Confie em mim. — Ele deu um passo para trás. — Eu só gostaria que você não fosse a única a fazer isso acontecer.

Eu toquei no braço de Fabiano. — Eu sei que você não pode me ajudar a escapar, mas pelo menos me deixe falar com Samuel, Fabi. Sinto falta dele

terrivelmente.

— Essa não é uma decisão dele, — disse Remo em voz baixa enquanto entrava no quarto. Fabiano deu um aceno conciso, trocando um olhar com seu Capo que eu não conseguia ler. Então ele saiu sem outro olhar para mim.

— Tentando convencer meu Executor a me trair?

— Infelizmente, todo mundo que conheci até agora é leal a você. — Era verdade e eles não podiam nem culpar o medo. Apesar de sua reputação, as pessoas próximas a Remo pareciam tolerá-lo, talvez até gostassem dele. Remo deixou a porta aberta também, e manteve uma boa distancia entre nós. Algo sobre ele estava diferente, e isso despertou meu alarme.

— Deixe-me falar com meu irmão, — eu disse. Eu não consegui dizer, por favor.

Remo inclinou a cabeça, sua expressão avaliando. — E o Danilo? Você não quer conversar com seu noivo? Afinal, ele seria seu marido agora se não fosse por mim.

— Samuel. Eu quero falar com o Samuel.

Seus olhos se estreitaram brevemente antes de me percorrer. — O que eu ganho em troca por permitir que você fale com ele?

— Eu não sou uma prostituta, — eu rosnei. — Eu não te darei *algo* em troca de uma chamada.

Remo se aproximou devagar, como um predador. — Você vai me dar de graça?

— O inferno vai congelar antes que isso aconteça.

Ele me apoiou na parede. A vibe violenta que ele emitia estava ainda mais forte do que a habitual, e isso estava começando a me deixar nervosa. Eu não sabia o que o deixava no limite, mas sabia ser cautelosa.

— Seu irmão não vale um beijo? — Ele provocou.

— Meu irmão não quer que eu dê um beijo por ele.

— Você já deu seu primeiro beijo, Angel. O que importa mais alguns? — Seus olhos escuros percorreram meu rosto até que se demorou em meus lábios.

Eu fiz uma careta. — Um beijo e você me deixará falar com meu irmão? Amanhã?

— Um beijo, — ele concordou com um sorriso sombrio.

Eu fiquei na ponta dos pés, agarrei seu pescoço para puxá-lo ainda mais para baixo, e esmaguei meus lábios contra os dele por um segundo antes de recuar. — Ai está. Um beijo.

Remo balançou a cabeça, seu rosto ainda perto do meu. — Isso não foi um beijo.

— Você não estipulou os detalhes do beijo. Eu te beijei. Agora cumpra sua parte do acordo.

Remo segurou meu rosto, me envolvendo com seu corpo. — Eu lhe mostrei o que considero um beijo. Não vou me contentar com menos.

Eu o olhei furiosa, mas tentar encarar Remo era uma ideia ridícula.

— Não é corajosa o suficiente? — Ele murmurou.

Eu tremi com o baixo vibrato de sua voz. Agarrando sua camisa, eu o puxei violentamente. Nossa boca se chocou, mas Remo se manteve imóvel, esperando que eu desse o próximo passo, me desafiando a fazê-lo. Com uma explosão de indignação, minha língua cutucou seus lábios e apesar do calor subindo em minhas bochechas, eu segurei seu olhar escuro. Meu momento de controle foi arrancado de mim no segundo em que Remo aprofundou o beijo. Ele assumiu a liderança, exigiu com a boca e a língua que eu me rendesse. Eu tive dificuldade em acompanhar. Seu cheiro e calor me sugaram, fez meu corpo renascer da maneira mais aterrorizante possível.

A mão de Remo tocou minha cintura e então subiu, mais perto do meu peito. Minha reação foi instintiva, incutida pelo treinamento de defesa com Samuel; Eu puxei meu joelho para cima. A reação de Remo foi rápida, sua mão abaixando, mas o impulso ainda fez meu joelho roçar sua virilha. Ele rosnou e eu parei, congelada de medo por causa do brilho em seus olhos. Ele respirou duramente, seu olhar me queimando com intensidade. No entanto, um lampejo

de alívio me encheu porque duvidei que teria encontrado forças para terminar o beijo.

— Você não deve tocar em alguém sem sua permissão explícita ou eles podem tentar se defender, — eu disse, porque obviamente não sabia quando calar a boca.

— Eu não peço permissão para nada, — Remo disse bruscamente.

Apesar das minhas mãos trêmulas, pressionei minhas palmas contra o peito de Remo e empurrei. Ele não se mexeu, levantando uma sobrancelha escura. Eu segurei seu olhar, e ele deu um passo deliberado para trás, finalmente me libertando. Meus olhos correram para suas mãos, fechadas em punhos brancos ao seu lado, em seguida, de volta para o seu rosto. Eu tremi com a dureza de sua expressão e sem pensar nisso, desviei o olhar e caminhei em direção à janela, colocando espaço entre nós.

Ele me seguiu e sua respiração se espalhou pelo meu ouvido enquanto ele se inclinava. — É melhor eu sair agora. Esta noite não é um bom momento para estar perto de você. Boa noite, *Angel*.

Seus dedos afastaram meu cabelo, e ele pressionou um beijo no lado do meu pescoço, o ponto sensível entre o meu ombro e garganta, me fazendo pular de surpresa. Eu coloquei a mão sobre o local, atordoada pelo formigamento.

A porta fechou com um clique suave, depois a fechadura girou. Eu soltei meu fôlego e me apoiei contra o peitoril da janela. Remo permitiria que eu falasse com Sam agora? Eu deveria ter perguntado, mas estava muito sobrecarregada pela presença de Remo.

Este jogo estava ficando perigoso em mais de um sentido. A única questão era quem perderia o controle primeiro?

REMO

Fiquei em frente à porta de Serafina, os dedos apertando a maçaneta com

força. Eu tive vontade de voltar e ver quanto mais poderia coagir Serafina com seu irmão, mas resisti à vontade. Respirando fundo, encostei minha testa na madeira. Foi assim que Nino me encontrou.

Eu vi as pernas dele pelo canto do meu olho, e mesmo sem olhar para cima, podia imaginar a expressão de análise que ele estava me dando. — Como foram as coisas com Adamo e Harper?

Eu me endireitei e, como previsto, Nino estava me olhando com aquele escrutínio silencioso que me tirava do sério. — Dante ligou. Ele quer falar com você novamente. Ele parece estar perdendo a paciência, — disse ele.

— Ele não vai arriscar um ataque, não se isso significa que eu poderia matar Serafina.

Nino inclinou a cabeça. — Ainda assim... devemos começar a fazer exigências.

— Talvez você esteja certo. Pense em alguma demanda ridícula com a qual ele não concordará; Eu não terminei de jogar ainda. Peça a ele Indianápolis ou Minneapolis. Eu não me importo.

Um músculo na mandíbula de Nino enrijeceu, um sinal claro de seu aborrecimento comigo. — Tudo bem. Vou mandar uma mensagem para ele.

— Diga a ele que permitirei que Serafina converse por vídeo com o irmão dela amanhã. É melhor ele estar pronto às oito da manhã.

— Você ficará sem tempo. A iniciação do Adamo começa às onze.

— Terei tempo o suficiente, — eu disse franzindo a testa. — Você não me contou o que aconteceu com Harper.

— Como esperado, ela usou Adamo para lhe fornecer drogas. No momento em que ele disse a ela que não poderia lhe dar mais nada, ela o derrubou e admitiu transar com aquele outro cara. Adamo está esmagado. Ele estava levando isso muito a sério.

— Ele está com raiva?

— Irritado com Mason, não com a garota.

Eu sorri. — É o bastante. Nós ainda precisamos de alguém com quem o Adamo possa lidar amanhã. Diga a Fabiano que quero que ele leve Mason para a iniciação.

Nino pareceu pensativo. — Talvez funcione. Ciúme e coração partido são bons motivadores para atos brutais.

— Onde ele está?

— Lá fora, fumando. Eu lhe permiti um cigarro.

— Eu vou falar com ele.

— Não tenho certeza se ele é o melhor parceiro de diálogo no momento.

— Nem eu.

— Esse é o problema, — disse Nino com um sorriso torto.

— Vá foder sua esposa e pare de me irritar.

— Você não foi ao Sugar Trap desde que trouxe Serafina para cá.

Suspirei. — Talvez eu não esteja a fim de boceta de prostituta. Estou tirando alguns dias de celibato.

— Você não faz isso desde que começou a foder.

— Pare de analisar tudo, Nino. — Eu rosnei e me afastei antes de lhe dar um soco.

Eu encontrei Adamo em uma espreguiçadeira ao lado da piscina, franzindo as sobrancelhas para o escuro, o cigarro pendendo de sua boca dando ao seu rosto um brilho misterioso. Ele não olhou para cima quando afundei ao seu lado.

Ele deu uma tragada profunda em seu cigarro, e levou todo o meu quase inexistente controle para não arrancar a porra da sua boca.

— Eu odeio isso, — ele murmurou.

— Odeia o quê?

— Odeio que pelo nosso sobrenome as pessoas sempre querem algo de nós.

— Você não deveria ter tentado fazer amigos dando-lhes drogas, — eu disse. — Nós não somos o Papai Noel. Vendemos a merda, não a distribuímos gratuitamente, e nunca usamos essa merda.

— Quando as pessoas vão gostar de mim por mim e não pelo que posso lhes dar? Eles só veem meu nome. É tudo com o que se importam.

— Você tem pessoas que se importam com você, — eu disse asperamente.

Adamo olhou para mim.

— Você me custou milhões até agora com os carros que destruiu e as drogas que fez sumir. O que eu faria a qualquer um que me roubasse?

— Você iria torturá-los e matá-los, — disse Adamo em voz baixa.

— Eu iria e mataria. — Eu parei. — Mas aqui está você, são e salvo, e sabe que vai continuar assim até o dia em que eu der meu último suspiro.

Adamo abaixou a cabeça.

— Amanhã você vai jurar lealdade à Camorra. Você fará o juramento e a tatuagem — ordenei.

— Eu não dou a mínima para a Camorra, — sussurrou Adamo, e minha raiva aumentou, mas depois ele falou de novo. — Mas eu vou jurar lealdade a você, porque mesmo que odeie o que você, Nino e Savio fazem, vocês são minha família.

Eu me endireitei então olhei para o meu irmão por mais um minuto. — Não desperdice sua energia pensando naquela garota. Ela é inútil. Existem muito mais garotas por aí. Ela te usou. Talvez agora você comece a usá-las também.

Adamo franziu a testa. — Eu não posso evitar me sentir assim. — Ele engoliu audivelmente. — Ela estava transando com ele o tempo todo.

— E daí? Você a fodeu. Ele transou com ela. Você segue em frente.

— Eu não, — ele disse baixinho. — Nós não chegamos tão longe.

— Por favor, me diga que ela pelo menos te deu um boquete, — eu murmurei.

O embaraço passou pelo rosto de Adamo.

— Posso te fazer uma pergunta? — Ele disse baixinho.

Eu tinha a sensação de que isso estava se transformando na conversa sobre sexo que eu evitei com Savio, jogando-lhe duas prostitutas; Ele aceitou de bom grado.

— Quanto tempo leva para conseguir controlar?

— Controlar? — Eu repeti. Não me incomodava em me controlar durante o sexo, mas tive a sensação de que Adamo não estava falando desse tipo de controle.

Adamo jogou o cigarro no chão. — Para se segurar, sabe? Eu meio que... você sabe...

— Gozou no segundo em que ela colocou a boca em você, — eu disse.

Adamo fez uma careta e desviou o olhar. — Sim.

Eu ri.

Adamo franziu o cenho. — Não tire sarro de mim.

— Eu não estou, — eu disse. — Você nunca esteve com uma garota, então é bem normal.

— Isso aconteceu com você também?

— Não, mas eu fodi com raiva. Isso me deu melhor controle.

— Aposto que Mason e Harper deram boas risadas pelas minhas costas — disse ele com tristeza, depois acrescentou em voz baixa, — quero matá-lo. Mason.

— Eu sei.

Os olhos de Adamo se arregalaram. — Você vai me fazer matá-lo amanhã.

— Você terá que matar alguém na frente de nossos soldados. É ele ou alguém que você não odeia. Mason é um homem morto de qualquer maneira. Ele pode morrer pela sua mão ou pela de Fabiano.

Eu observei meu irmão. Ele estava mordendo o lábio, olhando para a piscina. — Eu farei isso. — Toquei seu ombro, e pela primeira vez ele não tentou me afastar.

Capítulo Dez

SERAFINA

Eu ainda estava na cama quando a chave girou e não tive tempo de sentar antes que Remo entrasse no quarto.

Sentindo-me vulnerável deitada na cama, empurrei-me em uma posição sentada. Remo me olhou com uma expressão atenta. Eu estava apenas de regata e short e estava ciente de quão pouco o tecido cobria. Engolindo o nervosismo, saí da cama, não querendo mostrar fraqueza. Os olhos de Remo seguiram cada movimento meu, demorando-se nos meus seios. Meu corpo me traiu quando meus mamilos endureceram no ar frio.

— Tenho quase certeza que Deus projetou seu corpo para levar os homens à insanidade, — Remo disse sombriamente.

Sufocando o entusiasmo animado que as palavras de Remo enviaram através de mim, eu respondi: — Você acredita em Deus?

— Não. Eu não. Mas olhando para você, eu poderia me transformar em um crente.

Eu bufei. — Há um lugar acolhedor e aconchegante no inferno reservado apenas para você.

— Eu já queimei antes.

Eu lancei-lhe um olhar. Ele disse as mesmas palavras antes, e me perguntei o que exatamente ele quis dizer com isso.

— Você tem uma videochamada com seu irmão em cinco minutos, então é melhor se apressar.

Eu não tinha um roupão de banho para cobrir minhas roupas, então peguei um vestido, mas Remo balançou a cabeça. — Fique como você está. — Ele agarrou meu braço, em seguida, fez uma pausa, olhos escuros vagando sobre mim.

— Eu pensei que estávamos com pressa?

— Você está. Eu não estou. Não dou à mínima se você conversar com seu irmão ou não. — Apesar de suas palavras, ele me levou para fora do quarto, pelo corredor e para o andar de baixo.

— Novamente em sua câmara de tortura? — Eu perguntei, tremendo violentamente quando meus pés descalços atingiram o primeiro degrau de pedra que levava ao porão. Eu não tinha certeza de como o chão poderia estar tão frio quando lá fora o sol estava brilhando.

Eu gritei quando Remo me levantou em seus braços. — Não quero que você pegue um resfriado. Isso seria uma vergonha. Vou ter que pedir a Kiara para comprar roupas que combinem com você.

Eu estava congelada em seus braços. — Você pode me mandar de volta para Minneapolis. Eu tenho roupas suficientes lá.

— Eu acho que Danilo quer você em Indianapolis, Angel, ou você se esqueceu?

Eu percebi que tinha. Meu casamento parecia muito distante e era a última coisa em minha mente.

Remo riu sem alegria. Suas manipulações estúpidas estavam me afetando. Como ele estava fazendo isso?

Eu não respondi a sua pergunta por que ele sabia. Meu corpo traidor lamentou a perda de seu calor quando ele me colocou de pé na cela onde gravou a última mensagem para minha família. Eu passei meus braços a minha volta, de repente, sobrecarregada pelas memórias. Meu olhar voou para minha ferida. Com o Tylenol, eu mal notei a sua existência e estava desaparecendo. Não era a dor ou o corte que me incomodava. Era a lembrança das expressões de Samuel e papai quando me viram nas mãos de Remo. Eles estavam sofrendo mais do que eu, e essa foi a pior coisa de tudo isso.

Remo se aproximou de mim, seu corpo uma presença quente nas minhas costas, e ele pegou meu pulso, levantando-o para que pudesse inspecionar minha ferida. Seu polegar traçou levemente minha pele. Ele se inclinou. — Eu não vou cortar você de novo, Angel. Não tenha medo.

Não era isso que mais assustava. — Você não vai? — Eu perguntei intrigada, inclinando a cabeça para que pudesse avaliar seu rosto. Por que Remo diria algo assim?

Remo corta profundamente. Bate duro. Mata brutalmente.

Remo deixou cair meu pulso, algo em sua expressão mudando, suas defesas entrando em vigor. — Hora da sua chamada com Samuel.

Ele foi até a tela na mesa e ligou-a, seguido pelos alto-falantes. Eu me aproximei quando o rosto de Samuel apareceu. Meu coração se apertou violentamente com a visão. Seu cabelo estava uma bagunça, sua expressão assombrada e círculos escuros espalhados sob seus olhos. Ele provavelmente não tinha dormido desde o meu sequestro.

A culpa caiu sobre mim por não estar tão mal quanto todos imaginavam. Eu poderia dizer que Samuel estava lutando para manter sua expressão controlada. Ele não mostraria fraqueza na frente de seu inimigo.

— Sam, — eu disse baixinho, minha voz tremendo.

— Fina, — ele murmurou. Seus olhos examinaram-me e a roupa minúscula em que eu estava. Ele engoliu em seco, um músculo em sua mandíbula flexionando. — Como você está?

— Estou bem, — eu disse. Suas sobrancelhas se uniram em descrença.

— Por quanto tempo ela permanecerá assim depende da disposição do seu Capo em atender minhas exigências, — acrescentou Remo.

O que exigências?

Samuel começou a tremer. Eu pressionei a palma da mão no meu peito, deixando-o saber que ele estava no meu coração. Ele espelhou o gesto, em seguida, seus olhos endurecendo quando se fixaram no meu antebraço. — Quão ruim está isso?

— Não muito, — eu disse.

Eu podia ver que ele não acreditava em mim. Ele pensou que eu estava tentando protegê-lo. Eu podia sentir os olhos de Remo em nós o tempo todo, mas tentei ignorá-lo.

— Como mamãe e papai estão?

A expressão de Samuel era cautelosa. Ele não podia me contar tudo com Remo por perto. — Eles estão preocupados com você.

— Como Sofia está? — Eu sussurrei, lutando contra as lágrimas.

Os olhos de Samuel voaram para Remo e eu endureci em troca. Eu não deveria ter mencionado minha irmã na frente dele.

Remo fez um som impaciente. — Eu não sequestro crianças, não se preocupe.

— Você só sequestra mulheres inocentes, — Samuel rosnou.

Remo pressionou atrás de mim e a expressão de Samuel mudou de fúria para pavor. — Quem disse que ela ainda é inocente?

Samuel levantou. Remo agarrou meu quadril em alerta, mas eu não me importei.

— Não é nada disso, — eu disse ferozmente.

Os olhos de Samuel encontraram os meus, perscrutando, e um lampejo de alívio apareceu em seu rosto.

Remo agarrou meu queixo, virou minha cabeça e me deu um beijo duro. Eu congelei em choque, incapaz de acreditar que ele estava fazendo isso na frente do meu irmão.

Ele me soltou abruptamente. — Quão inocente ela volta para você depende da sua cooperação. Diga isso ao seu tio, Samuel.

Eu me contorci nos braços de Remo e olhei para Samuel, minhas bochechas esquentando de vergonha.

— Leve-me em seu lugar. Eu trocarei de lugar com ela.

— Não! — Eu gritei desesperadamente, mas Samuel não estava olhando para mim. Eu me virei para Remo, com os olhos arregalados. Um sorriso cruel brincou em seu rosto. Eu peguei seu olhar. — Não, — eu disse com força. Seus olhos demoraram nos meus lábios, em seguida, mergulharam mais baixo antes

que eles se trancassem nos meus mais uma vez e alívio passou por mim. Remo não me trocaria pelo meu irmão gêmeo. Ele não me liberaria. Não antes de conseguir o que queria. Eu não tinha certeza do que era isso, mas tinha uma sensação horrível de que não era algo que meu tio pudesse lhe dar.

— Serafina vale muito, receio. Hora de dizer adeus.

Eu me virei para o meu irmão gêmeo. — Eu te amo, Sam, — eu sussurrei. Palavras que nunca tinha dito a ele quando outras pessoas estavam por perto, porque as emoções não pertenciam a um público, mas eu não me importava mais. Deixe Remo ver o quanto eu amava minha família.

Um olhar assombrado passou pelo rosto de Samuel, e ele me surpreendeu com a rouquidão, — E eu amo você, Fina. Eu vou te salvar. — Para ele dizer essas palavras na frente de outro homem, seu inimigo, ele deve estar ainda mais preocupado com a minha vida do que eu pensava.

As lágrimas se derramaram então. Remo passou por mim e desligou a tela. Eu não as segurei. Deixei as lágrimas fluírem livremente, sem me importar se Remo as via. Remo me observou com os olhos apertados. Talvez minhas emoções o incomodassem. Eu não poderia me importar menos.

— Eu pensei que Danilo era o homem que possuía seu coração, mas agora vejo que estava errado.

Eu limpei meus olhos. — Ele é meu irmão gêmeo. Eu nunca estive sem ele. Eu andaria através do fogo por ele.

Remo assentiu lentamente. — Eu acredito em você.

REMO

Nino, Adamo, Savio e eu dirigimos juntos para a iniciação. Meus pensamentos continuaram se desviando para Serafina. Eu a tranquei no quarto de novo e Fabiano ficaria de olho nela e Kiara enquanto estivéssemos fora. Eu preferia tê-lo na iniciação também, mas alguém precisava proteger Kiara e

garantir que Serafina não fizesse algo estúpido. Eu duvidava que ela encontrasse uma maneira de sair do quarto, mas se alguém pudesse fazê-lo, era ela.

Nino estava dirigindo e Savio e Adamo sentaram-se atrás. Isso me lembrou do passado, dos meses que passamos fugindo dos russos, parte da Camorra e das outras famílias da máfia. Nós estávamos na estrada quase constantemente, nunca ficando em lugar nenhum por muito tempo, e ainda assim nossos perseguidores quase nos pegaram algumas vezes.

Nino olhou para mim como se também estivesse lembrando-se daqueles dias.

Nós paramos em frente a um dos nossos cassinos nos arredores de Vegas, onde a iniciação aconteceria. O estacionamento estava lotado de limusines. Meus soldados já estavam lá. Eu saí primeiro, sem esperar que o porteiro abrisse minha porta, e entrei no cassino com meus irmãos em meus calcanhares. O local estava fechado desde ontem para a ocasião. Lá dentro, rostos familiares me cumprimentaram. Alguns dos meus homens estavam bebendo no bar. Outros estavam envolvidos em conversas entre si. Nenhum deles estava jogando pôquer ou roleta, embora os croupiers estivessem lá apenas por precaução. Eles sabiam que era um teste. Um alcoólatra não deveria gerir um bar. E meus subchefes e capitães não deveriam jogar ou usar drogas. Soldados inferiores tinham as rédeas mais soltas.

Onze subchefes e seus consiglieres foram convidados para a iniciação. A maioria deles era pouco mais velho que eu. Quando assumi o poder, removi a maioria dos antigos subchefes e escolhi seus jovens herdeiros ou bastardos ambiciosos. Semelhante a mim e meu relacionamento com meu pai, apenas alguns deles ficaram tristes ao ver seus pais partirem. Apenas três cidades ficaram sob o domínio dos subchefes mais velhos, que eram leais até os ossos.

Eu apertei suas mãos antes de nos reunirmos no centro da sala. Eu coloquei uma mão no ombro de Adamo. Ele ficou de pé, por uma vez sua expressão não traía suas emoções, mas eu podia sentir sua tensão sob a minha palma. — Hoje nós viemos aqui para iniciar meu irmão Adamo.

Os homens acenaram uma saudação a ele. Todos eles estavam usando terno para a ocasião, e meus irmãos e eu seguimos a tradição nos vestindo a rigor. — Como todo iniciado, deve ser pago com sangue.

Nino arrastou um Mason lutando em nossa direção. Fabiano havia o trancado no armário da lavanderia. Adamo ficou tenso sob a minha mão e eu apertei seu ombro levemente.

Nino jogou o babaca no chão. Ele não estava mais na escola. Um desistente, que conseguiu reunir um bando de jovens ricos e muito mais jovens ao seu redor e os apresentou às drogas. Seu pai tinha sido um homem feito antes que eu o eliminasse na minha reivindicação de poder, mas o filho era ainda mais inútil que o pai.

Sua boca estava coberta com fita adesiva e seus olhos estavam arregalados de terror. Eu entreguei a Adamo uma das minhas armas. Como iniciado, ele não podia trazer suas próprias armas. Adamo apontou o cano na cabeça de Mason. Eu estava perto o suficiente para ver o leve tremor de suas mãos. Eu apertei seu ombro novamente, um encorajamento, tanto quanto um lembrete para não mostrar fraqueza, e então ele puxou o gatilho.

Mason caiu para frente morto. Adamo estremeceu sob minha mão e abaixou lentamente à arma, sua expressão era dura, mas em seus olhos eu podia ver o sinal de conflito. Ficaria mais fácil com o tempo. Os homens acenaram com a cabeça em aprovação e Adamo encontrou meu olhar.

— É hora de fazer a tatuagem.

Nino avançou com o equipamento de tatuagem e Savio carregou uma cadeira. Adamo sentou-se, levantou a manga e estendeu o antebraço.

— Acho que é hora de algum entretenimento enquanto esperamos que Nino termine a tatuagem.

Eu bati palmas e um dos garçons abriu outra porta. Uma fileira de nossas mais belas prostitutas entrou na sala, seminuas. A maioria dos meus homens aceitou minha oferta, mas alguns escolheram beber em vez de entretenimento feminino. Eu me aproximei de meus irmãos. Nino ainda estava delineando a faca. Ele era rápido e preciso. Eu não gostava que mais ninguém fizesse nossas tatuagens. Mesmo Savio ficou ao lado de Adamo, mas seus olhos vagaram pela sala procurando uma prostituta para mais tarde. A mandíbula de Adamo estava cerrada enquanto ele observava Nino lhe tatuar. Matar o incomodava mais do que Savio, Nino ou eu, mas, como todos nós, ele superaria isso.

— Você quer uma bebida, Adamo? — Perguntou Savio.

Adamo olhou surpreso. — Claro.

— Uísque, puro?

Adamo deu um aceno de cabeça e estremeceu quando Nino começou a preencher a pupila do olho. Savio voltou com quatro copos em uma bandeja e entregou um para cada um de nós. Eu levantei meu copo. — Nós contra o mundo.

— Nós contra o mundo.

Nós bebemos o uísque, e Adamo começou a tossir, não acostumado a bebidas destiladas. Nino levantou a agulha com uma careta. — Vou estragar tudo se você continuar se movendo. — Ele largou seu copo vazio e esperou que Adamo se acalmasse antes de continuar.

Quando a tatuagem terminou, Nino se levantou e eu chamei meus homens. As prostitutas permaneciam nos fundos. Elas sabiam que não eram bem-vindas. Adamo olhou para o braço coberto pela tatuagem. Eu estendi o braço com a minha tatuagem. Adamo fechou os dedos sobre ela e eu fechei a minha sobre a dele, fazendo-o chiar de dor. — Você vai ser meu olho?

— Eu vou.

— Você vai ser minha faca?

— Eu vou.

— Você vai sangrar e morrer por nossa causa?

— Eu vou, — disse Adamo com firmeza.

— Hoje você me dá sua vida. É minha para tomar decisões até a morte te libertar. Bem-vindo à Camorra, Adamo.

Eu o soltei e recuei. Nino bateu no seu ombro e Savio fez o mesmo. Então meus soldados receberam meu irmão em nosso mundo. Ninguém prestou atenção ao cadáver deitado em seu próprio sangue no chão. Os faxineiros removeriam depois.

O álcool fluía mais livremente. Savio e Adamo sentaram-se juntos no bar. Uma visão rara. Logo, duas prostitutas se aproximaram, uma agarrou Savio, a outra se pressionou contra Adamo.

Adamo balançou a cabeça e depois de um momento, Savio desapareceu com as duas prostitutas pela porta atrás do bar.

Nino se juntou a mim onde estava apoiado contra uma mesa de roleta. Eu troquei algumas palavras com cada um dos meus subchefes. A maioria deles retornaria às suas cidades muito em breve, preocupados que Dante pudesse atacar depois de tudo.

— Estou surpreso que você não esteja fodendo uma prostituta.

Meus olhos se desviaram para as mulheres reunidas, mas nenhuma delas chamou minha atenção.

— Eu fodi todas elas antes. Está ficando cansativo.

Nino levantou as sobrancelhas, mas não comentou. — Devemos ir até Adamo.

Eu balancei a cabeça, mas nós dois paramos quando uma das prostitutas, CJ, sentou-se ao lado dele no bar e eles começaram a conversar.

— Talvez ela possa convencê-lo a perder sua virgindade, — eu murmurei.

Nino deu de ombros. — Ela é uma mulher decente. Ele poderia fazer pior na sua primeira vez.

Eu dei a ele uma olhada. — Você pode cortar a merda compassiva?

Ele sorriu. — Não tem nada a ver com compaixão. CJ é uma escolha boa e lógica para a Adamo. Ela é habilidosa e tentará agradá-lo. Além disso, ela vai fingir que ele é uma boa foda. Lógica pura.

— Você gosta de me irritar com sua lógica.

— É bastante gratificante, sim.

Eu balancei a cabeça para o meu irmão. — Um dia desses, você, Savio e Adamo serão minha morte.

— A única coisa que vai te matar é a sua falta de controle.

Meus pensamentos voltaram para Serafina, a visão dela no pequeno roupão de banho, a maneira como seus mamilos enrugavam no frio. Foda-se o controle. Foda-se a paciência. Eu nunca quis nada tanto quanto Serafina, e ainda assim não poderia tê-la.

Nino sacudiu a cabeça. — Troque a garota por Scuderi antes que você vá fundo demais.

— Eu vou trocá-la no momento em que ela me deixar ir fundo dentro dela.

— Lhe dizer, ‘eu te avisei’, um dia será tão satisfatório quanto incomodá-lo com minha lógica.

— É o meu jogo, Nino. Eu sou o melhor jogador no campo. Eu vou vencer.

— Não haverá vencedores, Remo.

Capítulo Onze

SERAFINA

Era hora do almoço quando alguém bateu. Eu não tinha visto Remo desde que ele me trouxe de volta para o meu quarto depois da minha ligação com Samuel ontem. Sávio me trouxe o café da manhã sem uma palavra. Ele provavelmente ainda estava chateado.

Kiara abriu a porta com um sorriso tímido e dias sacolas nas mãos. — Eu comprei roupas para você. Espero que sirvam.

Ela entrou seguida por Nino. Eu pulei do peitoril da janela. Meus membros estavam começando a ficar lentos devido à falta de uso. Eu me exercitava quase diariamente antes do meu sequestro, e agora tudo o que fazia era sentar.

— Suponho que significa que a minha estadia não vai acabar tão cedo, — eu disse amargamente.

Kiara suspirou. — Eu não sei.

Meus olhos se moveram para Nino, que parecia o seu estoico habitual, não que eu esperasse uma resposta dele.

Kiara me alcançou as sacolas. — Eu comprei sandálias e tênis. Alguns shorts, tops e vestidos. E calcinhas. Eu realmente espero ter acertado o tamanho.

Eu tirei tudo dela e fui para o banheiro me trocar. As roupas se encaixavam, mesmo que não fosse meu estilo habitual. Saí do banheiro de bermuda e blusa, além das sandálias.

— Então? — Kiara perguntou esperançosamente.

— Tudo se encaixa.

— Por que você não se junta a mim nos jardins? É lindo lá fora e tenho certeza de que você não aguenta mais essas paredes.

Eu fiz uma careta. — Eu não suporto esta cidade, mas adoraria me juntar a você. — Meus olhos se voltaram para o seu marido cuja expressão tinha

endurecido em sua sugestão. — Se ele permitir.

Nino deu um aceno rápido, mas era óbvio que não aprovava.

Eu segui Kiara para fora do quarto enquanto Nino andava atrás de nós para me vigiar.

— Deixe-me pegar a salada que preparei para que possamos almoçar, — disse Kiara quando chegamos ao andar térreo. Eu fiz um movimento para segui-la até a cozinha, mas Nino agarrou meu pulso, me impedindo. — Você vai ficar aqui.

Eu puxei meu pulso fora de sua mão, estreitando meus olhos para ele. — Não me toque.

Nino sequer estremeceu. — Se você está pensando em tentar algo, não faça. Eu não quero te machucar, mas se você machucar Kiara, vou tornar isso muito doloroso para você.

— Não é ela que eu quero machucar. Ela não pode evitar ser casada com você.

— De fato, — concordou Nino.

Kiara voltou com o que parecia ser uma salada Cesar, o olhar dela voando entre seu marido e eu. — Tudo certo?

— Sim, — eu disse, porque mesmo que odiasse os Falcone, a proteção de Nino era algo que eu podia respeitar.

Logo estávamos sentados em volta da mesa do jardim, comendo salada. Meus olhos começaram a vagar pelas instalações mais uma vez, mas eu sabia que não havia maneira fácil de escapar. Para minha surpresa, Nino nos deu mais espaço. Ele sentou em uma cadeira nas sombras com um laptop que pegou na saída.

— Eu não posso imaginar quão horrorizada você deve ter ficado quando lhe disseram que Nino Falcone seria seu marido, — eu disse.

Kiara mastigou devagar e engoliu em seco. — Foi um choque no começo. A Camorra não tem a melhor reputação.

Eu bufei. — Eles são monstros.

— Os monstros da minha família me machucaram. Eu não experimentei nenhum tipo de humilhação ou dor em Las Vegas, — ela disse firmemente.

— Ainda. Eu já estava nervosa no dia do meu casamento. Não consigo imaginar como deve ter sido para você.

Kiara encolheu os ombros. — E o seu noivo? Que tipo de homem ele é?

— Ele é subchefe de Indianapolis.

— Isso não responde à minha pergunta... ou talvez sim.

— Eu não o conhecia muito bem, — eu disse quando Remo surgiu. — Mas tenho toda a intenção de conhecer Danilo melhor quando finalmente for casada com ele.

Remo me deu um olhar duro. — Tenho certeza que ele será uma delícia.

Eu estreitei meus olhos. — Ele é.

— Vou levar Serafina para passear pela propriedade, — disse ele a Kiara. Ela assentiu e ele se virou para mim. — Vamos.

Apesar do meu aborrecimento com seu tom de comando, fiquei de pé, feliz por mover minhas pernas. Os olhos de Remo me examinaram da cabeça aos pés enquanto ele me conduziu passando a piscina. — Kiara comprou roupas para você.

— Eu preciso me exercitar, — eu disse, ignorando o comentário dele. — Eu não posso ficar sentada o dia todo. Estou enlouquecendo. A menos que seja o que você quer, precisa me deixar correr em uma esteira.

Remo sacudiu a cabeça. — Não há necessidade de uma esteira. Eu corro todas as manhãs às sete. Você pode se juntar a mim.

Eu me permiti uma rápida varredura de seu corpo. Claro que ele se exercitava. Seu corpo era todo músculo. Eu sabia que ele e seus irmãos lutavam em gaiolas lutando e correr era uma boa maneira de melhorar sua resistência. — Isso parece razoável.

A boca de Remo se contraiu. — Estou feliz que você pense assim.

— O que você pediu ao meu tio pela minha liberdade? — Eu perguntei a ele depois de um tempo.

— Minneapolis.

Eu parei bruscamente. — Isso é ridículo. Meu tio não te dará nenhuma parte do território dele. Nem meu pai desistiria de sua cidade para me salvar.

O sorriso de Remo escureceu. — Eu acho que seu pai teria prazer em me dar sua cidade se dependesse dele.

Engoli. Eu não queria pensar na minha família. Não quando Remo estava me observando de perto. Eu chorei o suficiente na frente dele ontem. — Você sabe que Dante não vai atender às suas exigências.

Remo assentiu.

— Então por que fazê-las?

— Este é um jogo de xadrez, Angel, como você disse. Preciso posicionar minhas peças antes de atacar.

Remo parecia tão incrivelmente seguro de si mesmo, que me preocupava que talvez ele realmente ganhasse no final.

Eu me afastei dele e continuei andando. — Estou surpresa que Luca Vitiello tenha concordado com o seu plano. Eu costumava pensar que a Famiglia era honrada, mas aparentemente eles desceram tão baixo quanto a Camorra agora.

Remo tocou meu ombro e me fez parar. — Diga-me, Serafina, qual é a diferença entre um casamento arranjado com Danilo e ser minha prisioneira?

Eu olhei para ele incrédula, mas antes que pudesse responder, ele falou de novo.

— Você não escolheu Danilo. Você será dada a ele como uma prisioneira relutante e o anel em volta do seu dedo será o seu grilhão, o casamento sua gaiola. — Seus olhos escuros seguraram triunfo como se eu não pudesse argumentar em minha defesa. Meus olhos dispararam para o anel em volta do

meu dedo. Sua visão não tinha o mesmo orgulho e emoção que costumava ter.

— Você terá que se render ao corpo dele, quer o deseje ou não, e seu corpo e alma estarão à sua mercê. Diga-me de novo, como seu casamento arranjado é diferente de ser minha prisioneira?

Remo se inclinou, segurando meu olhar o tempo todo, e eu não recuei. Seus lábios roçaram meu queixo, depois minha bochecha e finalmente minha boca. — Seu 'não' não significa nada em um casamento. Você chama isso de liberdade?

Pressionando meus lábios, eu olhei para ele, orgulhosa demais para admitir que suas palavras faziam sentido. Remo tinha um jeito de torcer as coisas do jeito que ele queria, até que você acreditasse que elas eram a verdade.

— Você já fantasiou sobre Danilo? Você o deseja?

Eu gritei. — Isso não é da sua conta.

Remo balançou a cabeça enquanto acariciava minha garganta, então minha clavícula com as pontas dos dedos ásperos. — Você não fez. Sua mente disse sim a ele, e você esperava que seu corpo a seguisse. — Seus dedos na minha pele tornaram difícil pensar, mas eu não queria lhe dar a satisfação de me afastar. — Eu me pergunto quanto tempo vai levar para sua mente me dizer sim porque seu corpo tem gritado sim desde o primeiro momento.

Eu me afastei dele. — Você é insano. Nem meu corpo nem minha mente dizem sim para qualquer parte sua, Remo. Acho que ser o soberano incontestável de Las Vegas fez de você um megalomaníaco.

Os olhos escuros de Remo enviaram outro arrepio pela minha espinha, e eu me afastei, correndo tanto de sua expressão aterrorizante quanto do peso da verdade. Apesar do meu ódio pelo Capo da Camorra, seus beijos e proximidade causavam estragos em mim.

Suspeitei que fosse devido ao meu cativeiro, uma forma da Síndrome de Estocolmo. Eu me assegurei de manter distância enquanto Remo me levava de volta para o meu quarto, e ele não tentou me tocar novamente. Antes de me trancar, perguntei: — O que você realmente quer, Remo?

Ele me olhou com uma intensidade inquietante. — Você sabe o que eu

quero.

— Corpo e alma, — eu murmurei.

Um canto de sua boca se levantou. — Corpo e alma.

Ele fechou a porta e eu fiquei com o redemoinho de pensamentos na minha cabeça. Eu precisava descobrir uma maneira de fugir. Talvez minha família já estivesse planejando algum resgate insano. Samuel certamente estava. Se não abertamente então definitivamente em sua cabeça. Não havia como alguém sobreviver a um ataque ao território da Camorra. E não me enganei pensando que Remo iria me libertar tão cedo. Ele estava fazendo exigências, mas não queria que elas se cumprissem. Ainda.

REMO

Como prometido, peguei Serafina às sete para que ela pudesse correr comigo. Normalmente eu preferia fazer minha corrida matutina sozinho, mas não pude resistir à presença dela.

Serafina usava shorts, uma camiseta e tênis.

Ela me seguiu em silêncio pela casa, mas parou quando a conduzi para a entrada da garagem. — Onde estamos indo?

— Nós vamos correr, como eu disse. Você acha que dou voltas no jardim?

Eu abri a porta do meu Bugatti SUV para ela, e ela entrou sem outra palavra. Eu fui para trás do volante e desci pela estrada, sentindo os olhos dela em mim. Eu gostei da sua confusão.

Levei-nos até uma trilha em um desfiladeiro próximo, onde corri antes. Logo estaria quente demais, mas no início da manhã a temperatura estava perfeita para correr. Serafina me seguiu para fora do carro e olhou em volta do estacionamento de cascalho. Nós éramos as únicas pessoas ao redor. Seus olhos estavam avaliando e atentos. Ela tentaria algo, e eu tinha que admitir que mal podia esperar por isso.

Nós corremos um ao lado do outro por um tempo antes que ela falasse. — Você não está preocupado que eu possa fugir?

— Eu peguei você uma vez antes.

— Eu estava presa no meu vestido de noiva, então estava muito lenta.

— Eu sempre vou te pegar, Angel.

Depois de trinta minutos, fizemos uma pausa para beber. Eu poderia dizer que Serafina estava explorando o terreno. Tomando um gole de água, observei enquanto ela se agachava e amarrava os tênis novamente. Quando ela se endireitou, soube pela tensão em seus membros que ela estava prestes a fazer alguma coisa. Ela jogou areia no meu rosto e realmente conseguiu atingir um pouco meus olhos. Através da visão embaçada, eu a vi correr. Rindo, apesar dos meus olhos ardentes, fui atrás. Eu lidei com pior.

Serafina era mais rápida do que da última vez, e não ficou na trilha, o que foi um grande risco da parte dela. Se ela se perdesse por aqui, morreria de desidratação antes de encontrar o caminho de volta à civilização. Eu peguei meu próprio ritmo. Serafina pulava para evitar pedras e praticamente voou pelo chão. Era uma bela vista. Muito mais bonita do que tê-la trancada em um quarto.

Eventualmente, eu a alcancei. Suas pernas eram muito mais curtas e ela era menos musculosa. Quando cheguei perto o suficiente, coloquei meu braço ao redor de sua cintura como da última vez. Nós dois perdemos o equilíbrio no impacto e caímos. Eu caí de costas com Serafina em cima de mim. Ela bateu o joelho no meu estômago e se debateu para sair dos meus braços. Antes que ela pudesse causar danos reais, eu rolei e a pressionei no chão com meu peso, seus pulsos acima da cabeça.

— Te peguei, — murmurei, ofegante, pingando suor.

O peito de Serafina arfava, os olhos indignados e furiosos. — Você gosta da perseguição.

— Na verdade, não, — eu disse em voz baixa, aproximando nossos lábios. — Mas com você eu gosto.

— Você sabia que eu iria correr, — ela murmurou.

— Claro. Você está destinada a ser livre. O que me faz perguntar por que permite que alguém como Danilo prenda você.

Ela se contorceu debaixo de mim. — Me deixe sair.

— Estou gostando de estar em cima de você e entre suas pernas ágeis. — Eu balancei minha pélvis ligeiramente.

Ela endureceu. — Não.

Eu lambi uma gota de suor de sua garganta antes de me afastar dela e me levantar. Serafina ignorou minha mão estendida e levantou cambaleante. Seu cabelo tinha caído do rabo de cavalo e ela estava coberta de sujeira e suor.

— Eu prefiro você assim.

Ela franziu a testa. — Suja?

— Indomável. Vê-la naquela atrocidade branca nem se compara. Muito perfeita, muito arrumada, muito falsa. Aposto que Danilo teria adorado.

Ela não disse nada e eu sabia que parte das minhas palavras a atingiu. Meus olhos foram atraídos para o antebraço, que ela estava esfregando distraidamente. Uma pequena parte do corte se abriu novamente e estava sangrando.

Um lampejo de culpa me pegou desprevenido. Não era uma emoção que eu sentia com muita frequência. Eu peguei o braço dela e inspecionei a ferida. Havia entrado sujeira nela. — Precisamos limpar isso para evitar a infecção.

Seus olhos azuis examinaram meu rosto, mas tive dificuldade em ler a expressão dela. Eu a levei de volta para o carro. Estava ficando muito quente e depois da perseguição, nós dois precisávamos de um banho. Peguei uma nova garrafa de água do porta malas e despejei sobre a ferida de Serafina, limpando-a com cuidado com as pontas dos dedos. Ela estremeceu ocasionalmente, mas não disse nada. — O tratamento silencioso não é o seu estilo habitual, — eu comentei.

— Você não me conhece.

Eu sorri. — Eu te conheço melhor do que a maioria das pessoas. Melhor

que Danilo.

Ela não me contradisse.

— O ódio pode te libertar, — eu disse.

— Assim como o amor, — disse ela. — Mas duvido que você entenda.

Serafina ficou em silêncio no caminho de volta para a mansão, com o olhar distante enquanto espiava pela janela lateral.

Eu a levei de volta ao seu quarto, sabendo que ela tinha muito que pensar antes de entrar no meu próprio quarto para tomar um banho. Quando voltei para a sala de jogos mais tarde, Savio estava descansando no sofá, digitando em seu telefone. Quando me viu, ele o largou e sorriu.

— Nino não está feliz por você ter levado a cadela para correr.

Eu afundei ao lado do meu irmão. — Isso ofende sua lógica.

Savio riu. — Mas sinceramente, Remo, ele tem razão. Aquela garota é imprevisível.

— Isso a torna ainda mais divertida, — eu disse.

Sávio me deu um olhar curioso. — Você está gostando disso mais do que pensei. E você nem sequer a fodeu... ou fodeu?

— Não, eu não a fodi. Serafina é um desafio surpreendente.

— Muito trabalho para o meu gosto, — disse Savio com um encolher de ombros. — Eu prefiro garotas que calem a boca quando mando, que chupam meu pau quando quero. Menos aborrecimento.

— Eventualmente, você terá feito tudo. Fodido em todas as posições possíveis, feito toda a merda que pode imaginar. Torna-se mais difícil conseguir a emoção do começo.

Ele se apoiou em seus joelhos. — Você não está pensando em mantê-la... está?

— Não.

Eu liguei para Dante à tarde. Ele atendeu após o segundo toque, sua voz fria e dura, mas com uma tensão subjacente que me estimulou.

— Dante, eu queria perguntar quando você vai cumprir minha exigência.

— Eu não vou, assim como você pretendia. Eu não tenho tempo para seus jogos, Remo. Isso é entre nós, entre você e eu. Por que não nos encontramos pessoalmente, Capo a Capo, e resolvemos isso como homens?

— Você quer duelar comigo? Como você é arcaico, Dante. Você não me pareceu o tipo primitivo.

— Terei prazer em convencê-lo do contrário.

Eu quase concordei porque a ideia de empurrar minha faca repetidamente no *Gold Fish*[4] era muito sedutora. Lutar contra Dante seria o ponto alto. Já que cortar Luca em pedacinhos estava fora de questão por enquanto, Dante era o oponente que eu desejava. Havia apenas uma coisa que eu queria mais do que matar Dante: ter Serafina em todos os sentidos possíveis e destruir a Outfit através dela.

— Teremos que adiar nosso duelo para um momento posterior, Dante. Por enquanto, tenho exigências que quero que você cumpra se quiser que sua sobrinha volte para a família inteira.

— Eu não vou negociar com você, Remo. Você não terá um centímetro do meu território. Agora diga o que você realmente quer. Nós dois sabemos o que é.

Eu duvidava que ele soubesse o que eu realmente queria. Talvez apenas Nino soubesse. — E o que eu quero?

— Você quer meu Consigliere. Fabiano é seu Executor e assumo que o acordo que você fez com Vitiello implicou sua promessa de entregar Scuderi para que todos vocês possam desmembrá-lo juntos.

— Duvido que Luca faria parte do desmembramento de Scuderi. Ele prefere cortar você em pedaços, Dante.

— Vitiello não é o aliado que você acha que é. Sua Famiglia é propensa à traição. É insensato da sua parte me fazer seu inimigo.

— Dante, somos inimigos desde o momento em que reivindiquei o poder. E no momento em que seus malditos soldados invadiram meu território, isso se tornou pessoal. Eu não preciso de Luca como um aliado enquanto sei que o ódio dele por você supera o ódio dele por mim.

— Um dia a dele e a sua precipitação serão suas quedas.

— Muito provavelmente, — eu rosnei. — Mas até que isso aconteça, sua consciência terá que viver com a queda gradual de Serafina.

Eu desliguei. A cada dia que Serafina estava em minhas mãos, minha situação ganhava mais força.

Capítulo Doze

SERAFINA

Os próximos dias depois da minha tentativa de fuga, caí em uma estranha rotina. Remo me pegava para correr pela manhã. Às vezes eu me perguntava se ele queria que eu arriscasse escapar de novo porque a perseguição lhe excitava, mas não desperdiçaria minha energia nisso. Remo era muito forte e rápido. Eu tinha que vencê-lo com sagacidade. Infelizmente, ele era tão inteligente quanto cruel. Ele podia torcer minhas palavras mais rápido do que eu achava possível, e ocasionalmente me peguei apreciando nossos estranhos debates.

Eu não tinha que me conter quando estava perto de Remo. Não tentei lhe mostrar meu melhor lado como fizera com Danilo porque não me importava com a aprovação dele. Eu era eu mesma, sem filtro, descuidada, e estranhamente Remo parecia tirar um proveito doentio disso. O Capo era um mistério para mim. Ele não tentou me torturar ou tomar-me a força como eu esperava, e não pude evitar, mas ter cautela porque os motivos de Remo eram cruéis.

— Depois que eu te libertar, você voltará para Danilo como um pombo-correio bem treinado. — Remo disse enquanto corríamos pela trilha do desfiladeiro um dia.

— Suas analogias com pássaros estão ficando velhas, — eu murmurei. Eu estava feliz por Remo não saber que meu pai me chamava de pomba. Ele só usaria isso a seu favor.

— Mas elas são muito adequadas, Angel.

Eu lancei um olhar para ele. Ele tinha um sorriso estranho no rosto. Sua camisa se agarrava ao seu corpo com o suor e mostrava o contorno de seus músculos e os coldres das armas. — O que você é no seu esquema de ornitologia? O abutre esperando que o pobre pombo caia do céu para que possa dilacerá-lo?

Remo soltou uma risada profunda, que enviou um arrepio chocante pela minha espinha. Eu acelerei, tentando forçar meu corpo a obedecer. — Eu não acho que você cairá do céu. Vou ter que te arrancar do ar como uma águia.

Eu bufei, sem me importar que fosse um som indigno. — Você é insano.

Ele ficou em silêncio, seguindo facilmente meu ritmo acelerado. Remo estava em forma ao ponto de admiração, eu tinha que reconhecer isso.

Depois que voltamos para o carro, compartilhamos uma garrafa de água. — Por que você está fazendo isso?

Ele levantou uma sobrancelha. — Te dando água?

— Tratando-me decentemente.

Ele sorriu sombriamente. — Por que você parece quase desapontada?

Em parte foi porque eu sabia que o homem na minha frente era implacável e cruel até o âmago. Mais monstro que homem. A parte mais fraca estava aliviada e não queria questionar seus motivos. — Quando a tortura começará?

Remo apoiou o braço no teto do carro e olhou para mim. — Quem disse que a tortura ainda não começou? Só porque não estou te torturando não significa que não estou torturando outros através de você.

Eu vacilei. Minha família. Eles estavam sofrendo porque imaginavam os horrores que eu estava passando, horrores que não estavam ocorrendo - ainda.

— Você é um monstro, — eu disse.

Remo se aproximou ainda mais, irradiando calor e energia, o cheiro de suor fresco e seu aroma proibido me envolvendo. Devolvi o olhar dele. Olhos sombrios. Olhos de um monstro, mas Deus me ajude, eles sempre me mantinham congelada com sua intensidade.

— Sabe, Angel, eu acho que você gosta da minha monstruosidade mais do que quer admitir.

Eu não tive a chance de rebater. Os lábios de Remo esmagaram os meus, sua língua deslizou para dentro e meu corpo reagiu com uma onda de calor. Eu agarrei seus ombros, encontrando sua língua com o mesmo fervor.

Então a percepção me atingiu. Eu tentei empurrá-lo, mas Remo não se mexeu. Ele passou os braços em volta de mim, moldando nossos corpos. Empolgante, aterrorizante, inebriante.

Mordi o seu lábio inferior, mas Remo não recuou. Ele rosnou na minha boca e aumento seu aperto, seu beijo se tornando ainda mais duro. O gosto do sangue dele rodou na minha boca, e me afastei em igual desgosto e fascinação doentia. A boca de Remo estava coberta de sangue. Ele realmente parecia um monstro então. Um sorriso sombrio curvou seus lábios, e eu abri a porta e entrei no carro, tentando recuperar o fôlego, tentando escapar de sua presença avassaladora. Eu avistei meu reflexo no retrovisor e me encolhi. Meus lábios também estavam vermelhos com o sangue de Remo. Naquele momento, eu não parecia menos monstruosa do que ele.



No momento em que Remo me pegou na manhã seguinte, eu sabia que não era para correr. Primeiro ele chegou muito cedo, e segundo estava apenas de cueca. Eu afastei meu olhar do corpo dele.

— Precisamos gravar motivação adicional para o seu tio, — explicou Remo. — Venha.

Eu me empoleirei na cama, sem me mover nem um centímetro. Outra gravação?

Quando não segui seu comando, Remo ergueu as sobrancelhas. — Venha, — disse ele com mais força, e levou um esforço considerável para permanecer imóvel. Eu retornei seu olhar com teimosia.

Ele se aproximou e se inclinou sobre mim. — Talvez eu esteja sendo muito tolerante com você, — ele murmurou, dedos empurrando meu queixo para cima.

Eu sorri, em seguida, engasguei quando Remo me puxou aos meus pés e me jogou por cima do ombro. Sua mão grande e quente descansou na minha bunda enquanto ele me carregava, e por alguns momentos eu congelei em estado de choque. Mais por causa da reação do meu corpo à sensação da palma da mão de Remo do que da minha cabeça pendurada sobre o ombro dele. Eu comecei a me remexer e Remo apertou minha bunda em aviso.

Eu bati meu cotovelo na sua lateral, mas além de uma expiração aguda, Remo não vacilou. — Ponha-me no chão, — eu chiei, horrorizada pela maneira

como meu núcleo apertou ao sentir a mão de Remo no meu traseiro. Se ele descobrisse, eu morreria.

Remo não me colocou no chão, no entanto, até que estávamos de volta à cela. Minha cabeça nadou por um momento, mas quando minha visão clareou notei as algemas penduradas em uma corrente na parede. Remo me empurrou para frente. — Braços para cima, — ele ordenou.

— O quê? — Eu engasguei.

Ele não esperou que eu obedecesse. Agarrou meus pulsos e me prendeu. Confusão, em seguida, terror me atravessou. Talvez ele estivesse finalmente cansado de torturar os outros enquanto se divertia comigo.

Remo se inclinou e eu estremeci. Seus olhos escuros percorreram meu rosto e ele sacudiu a cabeça. — Acalme-se. Precisamos dar um show à sua família. Darei a essa garganta perfeita um chupão para algumas fotos convincentes, nada mais. Não faça uma tempestade em um copo d'água por nada, Angel.

— Você quer fazer a minha família acreditar que estou presa em uma cela?

— Entre outras coisas, — ele murmurou. Suas mãos alcançaram a bainha da minha camiseta e puxaram com força. O tecido se desfez até que apenas a costura do decote a manteve unida. Meus mamilos endureceram e Remo observou silenciosamente, em seguida, soltou uma respiração dura.

Engoli. — Essas fotos são falsas. Eu não estou pendurada em correntes o dia todo, e você não tira a minha roupa, — eu murmurei.

Ele sorriu para mim. — Você preferiria que eu não as falsificasse, Angel?

Eu engoli novamente, arrepios subindo na minha pele.

— Eu acho que não, — disse ele em uma voz ligeiramente mais áspera, em seguida, cuidadosamente afastou os cabelos da minha garganta. Prendi a respiração quando seus lábios estavam quase na minha pele. — Você cheira tão doce. Possuir você um dia será o mais doce triunfo da minha vida.

— Você nunca vai me possuir.

Remo pressionou seus lábios na minha pele. Então sua língua saiu,

lambendo meu ponto de pulso. Ele chupou e mordiscou minha garganta, seus dedos segurando minha cabeça, inclinando-a para o lado. Meus olhos se fecharam. As sensações eram estranhas e hipnotizantes. A boca de Remo na minha garganta parecia enviar ondas de choque através do meu corpo, criando sensações que eu nunca tinha experimentado antes. Seu corpo quente pressionou em mim, seu perfume inundando meu nariz.

Eu estava imóvel, atordoada, confusa com a reação do meu corpo. Como minha garganta poderia ser um ponto tão sensível do meu corpo? Como isso poderia me inundar com tanto desejo proibido?

Ele se afastou, mas não se endireitou imediatamente, seu rosto ainda estava perto da minha garganta enquanto ele exalava. Quando ele finalmente se levantou, seus olhos escuros enviaram uma nova onda através do meu corpo. As pontas dos seus dedos roçaram minha garganta macia e meus lábios se separaram em um pequeno suspiro. Nossos olhos se encontraram e um canto de sua boca se levantou.

— Você gostou disso?

— Claro que não, — eu retruquei.

— Eu achei que você fosse uma boa mentirosa.

Minhas bochechas aqueceram e eu o encarei, mas não disse nada porque não tinha certeza se minha próxima mentira seria mais convincente.

— Está tudo bem, Angel, — disse Remo em voz baixa. — Há coisas piores do que desfrutar de prazer.

Eu queria atacá-lo, mas ele não era nem o principal motivo da minha raiva. Estava furiosa comigo mesma, enfurecida com meu corpo por suas reações.

— Eu sou do Danilo, — eu disse com firmeza.

Remo estreitou os olhos. — Você está me lembrando disso ou a si mesma?

— Estou prometida a ele. Eu o quero, não a você.

— Você pode ter um subchefe, alguém que recebe ordens de outro homem, ou o Capo, um homem que comanda outros homens.

— Eu posso ter um monstro ou um homem.

— Você realmente acha que Danilo não é um monstro?

— Ele não é um monstro como você.

Remo assentiu. — Ele é um monstro menor. Quem se contentaria com menos?

— Você nem me quer, Remo. Tudo que você quer é segurar meu destino sobre a cabeça da minha família. Pare de brincar.

Ele recuou, virou-se e pegou o telefone. — Pareça quebrada por um momento.

Eu o fulminei.

— Essa não é a aparência que estamos procurando. — Ele esperou. Então sua mandíbula apertou e ele veio em minha direção novamente, segurando meu queixo. — Eu disse isso antes, escolha suas batalhas com sabedoria. Não sou paciente e nem decente.

Ele recuou e finalmente satisfeito com a minha expressão, tirou algumas fotos. A culpa deixou um gosto amargo na minha boca, mas eu não tinha certeza de quanto tempo levaria para a minha família me libertar, se eles conseguissem, e tinha que pensar em autopreservação, mesmo que me odiasse por isso.

Ele me soltou e eu esfreguei meus pulsos, em seguida, toquei minha garganta macia. Remo me observou. — Eu gosto de ver minhas marcas em você.

Eu não disse nada.

Mais tarde, passei muito tempo olhando meu reflexo no espelho do banheiro. Remo deixou suas marcas como ele disse. Elas eram vermelhas e roxas, e me fizeram sentir uma onda de vergonha por causa de como meu corpo reagiu. Eu não tinha certeza do que havia de errado comigo.

Uma batida me tirou do meu devaneio. Arrastando-me para longe do espelho, fui para o quarto, onde encontrei o Falcone mais novo. Ele parecia um pouco perdido no meio do meu quarto.

— Eu trouxe alguns livros e sorvete para você. É um dos dias mais quentes

do verão. Achei que você gostaria de se refrescar, — ele disse, segurando quatro livros e uma tigela cheia de sorvete.

Seu olhar se moveu para a minha garganta e suas sobrancelhas se uniram. Ele passou por mim e colocou tudo na minha mesa de cabeceira antes de enfiar as mãos nos bolsos, parecendo desajeitado. Meus olhos se demoraram na tatuagem fresca em seu antebraço.

— Você é um homem feito agora.

Ele olhou para baixo e assentiu lentamente. — Eu sou um Falcone.

Fui até a mesa de cabeceira para dar uma olhada em tudo.

— É chocolate. É tudo que temos. Savio gosta de doces. O resto de nós não tanto.

— Então você me deu sorvete de Savio? Ele vai adorar isso depois da sopa que joguei nele.

Adamo desatou a rir. — Eu gostaria de ter estado lá. Ele é tão arrogante. Aposto que sua expressão foi hilária. — Ele ficou sério e pigarreou.

Eu sorri. — Ele ficou chocado.

Era difícil acreditar que Adamo estava relacionado ao Remo. Havia uma ligeira semelhança, mas o cabelo de Adamo era encaracolado e não tão escuro, e seus olhos eram um marrom mais quente. Mas a maior diferença era a personalidade deles. Peguei a tigela e empurrei uma colherada do deleite açucarado em minha boca antes de afundar na cama.

Adamo chegou um pouco mais perto e encostou-se a um dos postes. — Eu não tinha certeza de que tipo de livros você gosta, então trouxe uma biografia, um thriller, um romance e um livro sobrenatural. Não temos muitos livros novos. Eu acho que não posso te emprestar meu kindle. Você poderia usá-lo para outras coisas.

Eu sorri. — Tudo bem. — Apesar da minha intenção de odiar todos os Falcone, era difícil não gostar de Adamo. — Eu acho que vou recusar o thriller, no entanto. Eu tive muita emoção em minha vida recentemente.

— Eu sei, — disse Adamo calmamente. Ele indicou minha garganta. — O

que aconteceu aí?

O calor atingiu minhas bochechas e me permiti experimentar outro bocado do sorvete para reunir meus pensamentos.

Adamo me observou atentamente. — Ele te machucou?

Eu considerei mentir, inventar uma história brutal para separar os irmãos, mas por alguma razão não podia fazer isso. — Não. Ele está machucando minha família fazendo-os acreditar que está me machucando.

O alívio atravessou o rosto de Adamo e, por um segundo, isso me aborreceu, mas depois pensei em Samuel e entendi.

— Você vai se unir a eles em breve, — disse ele.

Eu engoli e assenti. Adamo tocou meu ombro levemente e recuou. — Desculpe, eu deveria ter pedido antes de tocá-la.

Eu balancei a cabeça. — Como você acabou sendo tão educado e gentil quando está relacionado ao Remo? Você foi criado por pais diferentes?

— Remo e Nino foram criados por nossos pais, mas Savio e eu fomos criados por Remo e Nino.

Eu o encarei. — Eles criaram você?

Ele balançou a cabeça e esfregou a parte de trás da cabeça como se percebesse que não deveria ter me contado. — Eu tenho que ir.

Eu tentei imaginar Remo cuidando de uma criança. Isso me surpreendeu, especialmente porque todos eles estavam fugindo na época.

A noite tinha caído e eu estava lendo na cama, quando de repente as luzes se apagaram. Eu pisquei na escuridão inesperada e saí da cama, colocando o livro na mesinha de cabeceira.

Seguindo a trilha do luar prateado, olhei pela janela. As luzes no jardim e

todas as outras janelas da mansão que eu podia ver também estavam apagadas. Ao longe, eu conseguia distinguir as luzes de outras casas.

Meu pulso acelerou. O que estava acontecendo? Meus olhos procuraram as sombras no perímetro, e então vi duas figuras correndo pelo gramado em direção à casa.

A Outfit. Tinha que ser.

Eles vieram me salvar.

A euforia pulsou através de mim, seguida de medo. Este era o território de Remo. Os Falcones conheciam cada centímetro de sua propriedade e a Outfit não. E se Samuel estivesse entre os atacantes?

Eu me agarrei ao peitoril da janela, imobilizada pelo terror ao pensamento. Dante e meu pai nunca teriam permitido que meu irmão viesse para cá. Ele era o herdeiro de Minneapolis. Ele era importante demais para um negócio tão arriscado.

Talvez a escuridão desse uma vantagem a Outfit. Talvez tenha pegado Remo e seus irmãos de surpresa. Quem sabia quantos deles estavam na mansão?

A fechadura do meu quarto girou e eu encarei a porta. Esta era a minha chance de fugir. A Outfit não sabia onde eu estava sendo mantida na casa. Eles provavelmente esperavam me encontrar no porão. Eu precisava encontrá-los primeiro. Levaria muito tempo para eles procurarem em todas as partes da mansão.

Uma figura alta entrou no quarto. Era difícil distinguir, e não importava quem tinha entrado. Eu saltei sem hesitação, atacando meu oponente, esperando acertar meu cotovelo em seu estômago. Infelizmente, iluminada pelo luar, eu era um alvo fácil. Meu oponente me deu um passo para trás, em seguida, agarrou meu ombro e me empurrou para frente. Eu colidi contra a parede e um peito firme pressionou contra minhas costas.

— Sem sopa hoje? — Provocou Savio, mas sua voz estava cheia de tensão. Tentei me afastar da parede, mas Savio não se mexeu. — Eu tenho que te derrubar ou você vai parar de lutar?

Eu joguei minha cabeça para trás, na esperança de bater em seu nariz, mas

ele era mais alto do que eu lembrava, e a parte de trás da minha cabeça colidiu com o queixo dele.

— Foda-se, — ele rosnou. Ele colocou os braços em volta do meu peito e cintura como Samuel tinha feito de brincadeira não muito tempo atrás, e apesar do meu ataque, ele me levou através do quarto e me empurrou para o banheiro. — Eu não vou levar você para o nosso quarto do pânico assim. Foda-se.

Eu me virei para encará-lo.

— Não se mova, — ele rosnou.

— A Outfit vai chutar suas bundas. Aposto que você borrou as calças quando as luzes se apagam — eu assobiei.

Savio riu. — Foi Nino quem apagou as luzes. Nós conhecemos cada centímetro desta porra de casa de cor. Nós não precisamos de luzes. A propósito, nossa câmera de vigilância mostrou um cara de cabelos loiros. Eu me pergunto quem vai matá-lo. Remo ou Nino?

Eu congelei. Samuel?

Savio fechou a porta do banheiro. Eu corri para frente e bati meus punhos contra a madeira. — Deixe-me sair! Deixe-me sair!

— Grite o quanto quiser, — disse Savio. — Talvez atraia um filho da puta da Outfit para que eu possa me divertir também.

Eu pressionei minhas palmas contra a porta e afundei lentamente em meus joelhos. Savio tinha que estar mentindo. Samuel não estava aqui. Se Remo ou Nino colocassem as mãos nele...

Capítulo Treze

REMO

Meus irmãos e eu estávamos assistindo a luta de gaiola do próximo adversário de Savio. Kiara já havia adormecido contra Nino como de costume. Eu duvidava que ela tivesse visto mais do que alguns segundos da luta. Violência simplesmente não estava em sua natureza.

— Eu mal posso esperar para lutar com ele, — disse Savio quando seu próximo adversário chutou o outro lutador contra a gaiola. Nada mal.

Meu telefone acendeu e os telefones dos meus irmãos também. Por um momento nenhum de nós se moveu. Eu o peguei. Um alarme foi disparado. Que porra é essa? Eu abri o alerta. Alguém ou alguma coisa havia tocado o arame farpado elétrico no alto dos muros.

Nino foi mais rápido. Ele mostrou o telefone com a imagem ao vivo da área afetada. Quatro homens colocaram uma escada sobre a cerca, enfiaram uma tábua de madeira sobre os fios elétricos e subiram o muro.

Eu levantei, pegando minha arma e uma faca. Nino acordou Kiara, depois se virou para Adamo. — Leve Kiara para o quarto do pânico. Atire para matar, sem perguntas.

— Qual é o problema? — Kiara sussurrou. Nino balançou a cabeça, beijou-a e empurrou-a para Adamo, que segurou a mão dela e puxou-a, pegando a própria arma.

— Eu vou desligar as luzes no local, — disse Nino. — Nós podemos emboscá-los mais facilmente dessa maneira.

Eu balancei a cabeça. — Savio, vá pegar Serafina. Eu a quero no quarto do pânico também.

Savio franziu a testa. — Eu quero chutar bundas da Outfit.

— Savio, — eu rosnei. Eu não podia acreditar que a Outfit realmente ousou atacar nossa mansão. Não era o estilo de Dante. Muito arriscado.

Com um olhar furioso, Savio subiu as escadas. Nino digitou o código em seu telefone que estava conectado ao nosso sistema de controle central e a escuridão caiu sobre nós. Meus olhos demoraram alguns segundos para se adaptar. O luar entrava pelas janelas e logo meu irmão e o ambiente se tornaram mais do que formas abstratas. Eu me aproximei de Nino.

— Eles estão indo em direção à ala norte, — disse ele. As câmeras tinham visão noturna, então não tivemos problemas em acompanhar o progresso dos atacantes. Uma cabeça loira estava entre eles, e eu tinha a sensação de que sabia quem era. Samuel veio salvar sua irmã gêmea, provavelmente sem as ordens de seu Capo. Se eles estivessem aqui a mando de Dante, teriam recuado no segundo em que as luzes se apagaram. Que eles ainda continuassem com isso significava que alguém que não se importava com sua vida estava liderando.

— Vamos, — eu disse. Nino e eu rastejamos para o jardim, passando pela piscina, na direção em que os atacantes estavam indo. — Samuel é meu, — eu disse baixinho.

Nino não disse nada, apenas desligou o telefone para que o brilho da tela não nos entregasse. Chegamos ao canto da ala norte e ambos nos agachamos. Eu olhei ao redor e vi dois homens, um deles loiro, trabalhando na porta do terraço da ala de Savio, enquanto os outros dois examinavam a área, com as armas apontadas para frente. Eles tinham virado a mesa e estavam meio escondidos atrás dela. Era madeira maciça. Talvez isso segurasse as balas.

— Dois vivos, Samuel e outro, — ordenei. Nino deu um aceno conciso. Ele me daria um sermão depois. Ele estava chateado por estarmos sendo atacados porque eu trouxe Serafina para cá, por ter colocado sua esposa em perigo.

Nino e eu levantamos nossas armas e começamos a atirar. Quem quer que fossem nossos oponentes, não eram os melhores. O primeiro caiu quase imediatamente. Os dois na porta do terraço caíram atrás da mesa e começaram a atirar também. Eventualmente ficamos sem balas. A diversão estava prestes a começar. Nino puxou a faca. Agarrando minha própria faca, corri para os três atacantes restantes. Dois eram meus, um para Nino.

Samuel me atacou com sua faca e eu a bloqueei com a minha. O outro desgraçado da Outfit tentou atingir meu estômago. Eu me esquivei desse ataque

também e enfiei minha lâmina em sua coxa. Ele caiu com um grito, mas eu o agarrei pelo colarinho e o empurrei para bloquear o próximo ataque de Samuel. Sua faca foi direto para o estômago do companheiro. Antes que Samuel pudesse atacar novamente, Nino o agarrou por trás, com um braço em volta da garganta e o outro sobre o braço com a faca. Larguei o bastardo da Outfit e pulei para frente, acertando o pulso de Samuel e o torci para que ele largasse a faca.

Ele grunhiu, mas não largou a faca. Ele lutou como um louco e Nino perdeu o equilíbrio. Porra.

Ambos aterrissaram no chão, Samuel em cima de Nino. Agarrando minha arma, lancei-me contra Samuel, agarrei-o pela garganta e bati na sua têmpora com o cabo da arma. Com um gemido, ele amoleceu. Nino empurrou-o de cima dele. Toquei a garganta de Samuel para me certificar de que ele estava vivo.

— Você manteve seu atacante vivo? — Eu perguntei a Nino, ofegante.

— Claro. Eu sabia que era improvável que você não matasse pelo menos um deles.

Eu ri. Nino se aproximou de mim. — Se nós o torturarmos devagar, mandarmos seus pedaços para os pais dele e Dante, a Outfit cederá a nossa exigência. Não consigo imaginar que eles se arrisquem a perder tanto Serafina quanto Samuel.

— Eu não acho que ele agiu sob as ordens de Dante.

— Provavelmente não. Mas Dante não vai abandonar o sobrinho porque tentou salvar sua irmã gêmea.

Eu balancei a cabeça. — Coloque o outro sobrevivente em uma cela e acorde-o. Descubra tudo o que ele sabe. Vou mandar Savio se juntar a você ou ele não vai parar de reclamar.

— E quanto a Samuel?

— Vou levá-lo para outra cela. Então terei uma conversa com Serafina.

— Vamos lidar com os dois juntos?

Eu considerei o homem loiro no chão. — Sim. Se ele é como Serafina, vai ser divertido quebrar.

SERAFINA

As luzes voltaram. Meus olhos queimaram do clarão repentino. Eu ainda estava ajoelhada no chão do banheiro quando a voz de Remo soou.

— Vá para o porão e ajude Nino a torturar o idiota da Outfit.

Eu podia sentir a cor se esvaindo do meu rosto. Eu tinha ouvido o tiroteio, tinha rezado para que a Outfit vencesse...

Obriguei-me a ficar de pé quando a fechadura girou.

Remo entrou coberto de sangue, e eu comecei a tremer, apavorada que meus maiores horrores se tornassem realidade.

Por um segundo, Remo me olhou. — Seu irmão tentou salvá-la.

O terror me agarrou como um torno. Eu não conseguia respirar. Eu não queria acreditar. — Você está mentindo, — eu ofeguei, voz quebrada e vazia.

Um sorriso sombrio curvou seus lábios. — Ele é corajoso.

Eu corri em direção a Remo, agarrei sua camisa ensanguentada.

Os olhos escuros de Remo seguraram os meus. O brilho predatório neles fez meu coração bater ainda mais rápido.

— Não, — eu disse novamente. — Samuel não está aqui. Ele não arriscaria. Dante não permitiria isso.

— Eu acho que seu irmão gêmeo alegremente daria sua vida por você, Angel. Eu duvido que ele tenha recebido ordens do seu tio. Isso significa que não há reforços.

Engoli. Oh Samuel. Meu protetor. Como você pode ser tão idiota?

Se Samuel estivesse morto, eu não poderia continuar vivendo, não com o conhecimento de que ele havia morrido para me salvar. Lágrimas queimaram

uma trilha quente pelas minhas bochechas. — Se você... se você...— Eu não podia nem dizer. — Então me mate agora.

— Ele não está morto ainda, — Remo murmurou, olhos escuros observando meu rosto. — Vamos ver quanto tempo ele dura, no entanto.

Samuel não estava morto. Ainda não.

Meus olhos se arregalaram. — Deixe-me vê-lo.

Remo tocou minha garganta, aproximando-se. — Por quê? Então você poderá se despedir?

Eu mordi meu lábio. — Para ver a verdade.

Remo sorriu. — Eu não estou mentindo. — Ele agarrou meu pulso e me arrastou para fora do meu quarto. Ele me levou para o porão e, segurando-me pelo braço, para que eu não pudesse invadir o interior, ele abriu uma das celas. Dentro estava Samuel, coberto de sangue e sem se mexer, exceto por seu peito subindo e descendo. Seu cabelo loiro estava emaranhado de sangue. Meu peito apertou com tanta força que tive certeza que desmaiaria a qualquer momento.

— O que você fez?

— Não muito ainda, — disse ele enquanto fechava a porta. — Bati na cabeça dele. Quando ele acordar, Nino e eu cuidaremos dele. — Eu sabia o que isso significava.

Um grito aterrorizante e agonizante ecoou pelo porão. Eu me encolhi violentamente.

— Isso é o que Nino está fazendo. Ele está falando com o outro sobrevivente.

Logo, esses seriam os gritos de Samuel. Logo ele seria submetido aos horrores dos quais queria me salvar. Horrores dos quais fui poupada. Bile subiu pela minha garganta.

Meu gêmeo sofreria e morreria por mim.

Eu agarrei o braço de Remo, meus olhos implorando a ele, mesmo sabendo

que ele não tinha um coração que eu pudesse suavizar. — Por favor, não faça. Torture-me em vez disso.

Remo sorriu sombriamente, segurando meu rosto. — Eu não quero te torturar. E eu disse que nunca mais vou te cortar novamente, Angel.

Claro. Eu sabia o que ele queria, o que ele quis desde o começo, e hoje ele conseguiria. Engolindo meu orgulho porque não valia a vida de Samuel, me ajoelhei bem na frente de Remo. Inclinei meu rosto para cima, lágrimas ardendo em meus olhos. — Eu estou de joelhos. Estou te implorando para poupá-lo. O que você quiser, é seu, Remo. Pegue. Pegue tudo.

Seus olhos escuros brilharam com uma emoção que não consegui ler. — Você não implorou por sua própria vida. Você não me ofereceu seu corpo para evitar a dor, mas o faz pelo seu irmão?

— Eu faço. Eu faria qualquer coisa por ele, — eu sussurrei. — Estou te oferecendo tudo. Você pode ter tudo. Eu darei a você livremente, voluntariamente, se você poupar meu irmão.

Remo agarrou meu braço e me levantou. Sem outra palavra, ele me arrastou para cima e para o seu quarto. Ele me soltou e fechou a porta. Sua respiração era dura.

Meus dedos tremiam quando peguei meu vestido e o puxei sobre a minha cabeça. Os olhos de Remo queimavam minha pele enquanto eu soltava meu sutiã, deixando-o cair no chão. Engolindo em seco, eu empurrei minha calcinha pelos meus quadris até que elas se juntaram ao meu sutiã no chão.

— É seu, — eu disse baixinho. Tudo o que eu conseguia pensar era em Samuel naquele porão, deitado em seu próprio sangue e a tortura que o esperava nas mãos de Remo e Nino. Eu tinha ouvido os rumores do que eles fizeram ao tio de Kiara.

Sem tirar os olhos do meu rosto, Remo avançou em minha direção. Suas mãos tocaram minha cintura e eu estremeci. — Tão forte, — Remo murmurou. — Tão difícil de quebrar.

— Você ganhou. Você me quebrou. Eu te implorei. Estou te oferecendo meu corpo. Por favor, poupe Samuel.

Seus olhos percorreram o comprimento do meu corpo antes de se trancarem nos meus mais uma vez. — Você não está quebrada, Angel. Sacrificar-se por alguém que você ama não é fraqueza.

— Poupe meu irmão, Remo. — Com as mãos trêmulas, peguei seu cinto, mas ele me parou. E meu mundo desmoronou porque se ele não aceitava minha oferta, o que mais eu poderia dar a ele em troca da vida de meu irmão? O que mais ele queria?

Remo se inclinou para o meu ouvido. — Uma oferta tão tentadora. — Ele exalou. — Você me odiaria ferozmente.

— Eu odiaria, — eu sussurrei.

— Você odiaria. Então você não me odeia ferozmente ainda?

Eu estremeci. Eu não suportava seus jogos mentais, não agora, não quando a vida de Samuel dependia disso.

Remo beijou o local abaixo da minha orelha. — Eu *vou* poupar o seu irmão, Angel, — disse ele em voz baixa, e eu congelei porque não podia acreditar. — Vou mandá-lo de volta para a Outfit com uma mensagem. Precisa ser alta e clara para que eles entendam que não terei meu território violado.

Balancei a cabeça em silêncio. Concordaria com qualquer coisa para salvar meu irmão. Eu não entendia nada disso.

— Você vai descer comigo para a cela ao lado de Samuel. Vou ter uma conversa com ele. — Eu enrijeci nos braços de Remo. — *Apenas uma conversa* e informá-lo que suas ações têm consequências, e então voltarei para sua cela e você vai gritar e implorar como se eu estivesse te machucando. Você vai fazê-lo acreditar. Então eu vou libertá-lo para que ele possa voltar para casa com os restos do outro soldado da Outfit e o conhecimento de que você sofrerá brutalmente por cada um dos seus erros.

Eu dei um aceno de cabeça. Samuel se odiaria por isso. Ele sofreria mais do que antes, mas era melhor que a alternativa. Eu precisava salvá-lo, não importava o custo. Eu poderia dizer a verdade quando estivesse de volta em casa.

— Bom, — Remo disse calmamente. Ele recolheu minhas roupas do chão,

seus olhos nivelados com o meu centro por um momento antes de se endireitar. — Agora se vista.

Eu não entendia porque ele não tinha me tomado quando era óbvio o quanto ele me queria. Ele poderia ter-me de todos os modos que quisesse. Eu não teria lutado com ele. Ele poderia ter enviado a mensagem de aviso registrando as torturas e os gritos de Samuel e enviando o vídeo para minha família. Ele não precisava manter Samuel vivo para entregá-lo.

O que mais ele poderia querer?

REMO

Serafina se ofereceu para mim, mas fez isso por desespero, por amor a seu irmão. Não porque ela queria.

Ela amava seu irmão ferozmente, queria protegê-lo a qualquer custo, como eu faria com meus irmãos. Eu respeitava isso. Eu nunca admirei uma mulher ajoelhada mais do que a Serafina. Ela me seguiu em silêncio pela mansão. Eu poderia ter pedido qualquer coisa dela, mas não era assim que queria que as coisas fossem. Longe disso.

Abri a porta da cela ao lado da de Samuel e Serafina entrou.

A porta da terceira cela se abriu e Nino saiu, coberto de sangue, as sobrancelhas se unindo quando viu Serafina. Eu fechei a porta e olhei para ele.

— O que está acontecendo? — Ele perguntou. Seus olhos examinaram meu rosto. — *Remo.*

Eu sorri. — Mudança de planos.

Ele se aproximou. — Nós não vamos deixá-lo ir.

— Nós vamos.

Savio se juntou a nós no corredor, roupas encharcadas de sangue

também. Ele não disse nada, apenas nos observou com cuidado.

Nino sacudiu a cabeça. — Você está se perdendo em seu jogo.

— Eu não estou. Eu sei exatamente o que estou fazendo, Nino. Torturar e matar Samuel não causará o mesmo impacto que o meu plano. Ele se tornaria um mártir. Sua morte aproximaria ainda mais Dante e sua família. Eles se uniriam pela sua perda. Mas a vergonha e a culpa os dilacerarão.

— Então isso não é sobre Serafina?

— Claro que é. Ela é o centro do meu jogo.

Nino balançou a cabeça novamente. — Nós prometemos a Fabiano o pai dele, e eu quero esse jogo encerrado. Eu a quero fora da nossa mansão. Acelere o processo.

— Algumas coisas levam tempo.

— Seu jogo evoluiu muito desde que a sequestramos. Tem certeza de que é porque acha necessário ou porque ela está te obrigando?

— Ela não está me obrigando a fazer nada. Você me conhece. Eu não posso ser coagido a fazer nada.

— Eu vou até Kiara. Adamo levou-a de volta para nossa ala. Eu não tenho a paciência necessária para você hoje à noite. — Nino se afastou.

Savio ergueu as sobrancelhas.

— O que o bastardo da Outfit disse? — Eu murmurei.

— Ele era um dos soldados mais jovens. Homem feito do grupo de Samuel. Aparentemente, o idiota loiro já tem seguidores fiéis na Outfit de Minneapolis.

— Eu presumo que Dante e Pietro Mione não sabiam?

— Eles não sabiam.

— Você pode sair. Eu vou lidar com isso sozinho.

Savio hesitou. — Você tem certeza de que seu plano vai funcionar? Nino é

o gênio lógico.

— Ele não leva em consideração as emoções. A guerra emocional é muito mais eficaz neste caso do que a violência aberta.

— Não é tão divertido se você me perguntar.

Eu balancei a cabeça. — Oh, é divertido para mim, confie em mim.

Savio bufou. — Eu vou tomar um banho. Tenha qualquer tipo de diversão que você preferir.

Ele saiu e eu entrei na cela de Samuel. Seus pulsos e tornozelos estavam amarrados, mas seus olhos estavam abertos e cheios de ódio em seu rosto ensanguentado. — Seu filho da puta, — ele disse asperamente.

Eu sorri. — Teria cuidado com os insultos se fosse você.

— Foda-se, — cuspiu Samuel. — Como se qualquer coisa que eu dissesse importasse. Você vai me torturar até a morte de qualquer maneira.

Ajoelhei-me ao lado dele. — Eu não acho que é o castigo certo para você, *Sam*.

O medo substituiu o ódio em seus olhos. Ele arqueou-se. — Não faça isso! Não se atreva a tocá-la.

Eu me endireitei. — Alguém terá que sofrer por isso. E sei que você vai sofrer duas vezes mais se eu machucar sua irmã gêmea.

— Não! Torture-me. Mata-me.

— Infelizmente, isso não é uma opção. Você retornará a Outfit com a lembrança dos gritos de sua irmã.

Samuel congelou. — Não, — ele suspirou.

Eu me virei.

— Remo! — Ele rugiu, mas eu fechei a porta da cela.

Eu entrei na cela de Serafina. Ela estava pálida e ainda tão meticulosamente orgulhosa e bonita, que me permiti um momento para admirá-

la.

Ela inclinou a cabeça para mim, seus olhos azuis queimando de emoção. — Samuel ficará seguro?

— Por minha honra.

Seus lábios se curvaram, mas ela não disse nada.

— Eu espero que você seja convincente. Eu quero seus melhores gritos.

Seus olhos se estreitaram brevemente, querendo me chutar, como de costume. Era muito melhor do que sua rendição desesperada.

Ela fechou os olhos, peito arfando, elegante garganta flexionando.

Eu precisava ter essa mulher. Corpo e alma e tudo mais que ela pudesse oferecer. Eu queimava com o desejo de possuí-la de todas as formas possíveis.

Finalmente, Serafina gritou, e foi tão real que meu corpo reagiu ao som, mas não de um jeito que normalmente acontecia, não com excitação e a emoção da caça. Havia algo próximo a repulsa enchendo meu corpo, ouvindo seus gritos agonizantes e imaginando que eram reais.

Minhas mãos se fecharam em punhos, meus músculos enrijeceram porque um instinto profundamente enterrado queria que eu a protegesse de qualquer que fosse a causa desses gritos. Infelizmente para ela, nada poderia protegê-la de mim.

Eu não podia mais aguentar. Eu andei em direção a ela, agarrando seu braço. — Chega, — eu rosnei, respirando com dificuldade.

Os olhos de Serafina se abriram. Eles procuraram meu rosto, e um segundo tarde demais percebi que ela se aprofundou mais do que qualquer um foi permitido. — Chega, — eu repeti, minha voz tremendo de raiva e confusão.

— Chega? — Ela sussurrou tão suavemente. O som era como uma porra de carícia.

Talvez eu devesse encerrar agora. Fazer o que o Nino disse, acabar com esse maldito jogo. Livrar-me de Serafina e Samuel.

Eu segurei sua cabeça e pressionei minha testa na dela. Ela tremia, oprimida.

— Talvez eu deva matar você.

— Talvez, — ela respirou. — Mas você não vai.

Eu deveria tê-la contrariado, mas ela estava certa e sabia disso.

— Você prometeu.

Eu me afastei dela. — E cumprirei minha promessa. Eu vou libertar seu irmão agora. Vou mandar um dos meus homens levá-lo e os cadáveres para Kansas City. Como ele voltará para o território da Outfit a partir daí é um problema dele.

Ela assentiu.

— Venha, — eu pedi.

Eu não a toquei quando a levei de volta para o quarto dela. Ela foi até a janela e se empoleirou no peitoril da janela, puxando as pernas contra o peito. Eu parei com meus dedos contra o interruptor de luz, em seguida apertei, deixando o quarto no escuro.

Serafina torceu a cabeça, olhando para mim. Ela estava iluminada pelo luar prata enquanto se empoleirava na moldura da janela. Ela nunca pareceu mais um anjo do que neste momento, e eu percebi que estava em um caminho instável.

Suas palavras sussurradas quebraram o silêncio. — Eu me pergunto de quem é o jogo mais perigoso, o seu ou o meu, Remo?

Capítulo Quatorze

SERAFINA

Nos dois dias seguintes, Remo manteve distância. Nós não saímos para correr e Kiara ou um dos irmãos dele me trouxeram comida.

O brilho em seus olhos quando eu gritei no porão, era difícil de descrever, mas eu sabia que por algum motivo isso o incomodava.

Nino me informou esta manhã que Samuel estava de volta a Minneapolis. Eu acreditei nele. Remo tinha prometido e apesar de meus sentimentos difíceis em relação ao Capo, eu sabia que ele manteria essa promessa. Também sabia que Samuel e minha família estavam sofrendo todos os dias que eu estava aqui.

Nino me tratou ainda mais friamente do que antes - se é que isso era possível. Eu sentia que as coisas entre Remo e ele estavam tensas por causa de Samuel. Nino provavelmente teria matado meu irmão. Era a solução óbvia, a que Dante teria escolhido. Mas Remo... ele era imprevisível. Cruel. Feroz.

Eu não o entendia.

Se ele tivesse torturado e matado Samuel, eu o teria odiado com um abandono brutal, teria feito tudo o que pudesse para matá-lo. Mas ele não fez. Eu estava com medo de seus motivos, mas mais do que isso... Eu estava com medo porque uma parte torcida de mim estava grata. Eu não sabia exatamente por que, mas Remo fizera isso por minha causa.

Já passava da meia-noite quando ouvi minha porta se abrir. Eu não conseguia dormir, minha mente zumbindo com pensamentos.

Deitada de lado, observei a figura alta entrar. Eu sabia que era Remo pelo jeito que ele se movia, por sua alta estatura, e seu cabelo preto bagunçado. — Você está acordada, — disse ele em voz baixa.

— Você queria me ver dormir?

Ele se aproximou. Seu rosto estava nas sombras e meu pulso acelerou. Ele

afundou na beira da cama e eu rolei de costas.

— Não, — ele disse em um tom estranho. — Eu prefiro você acordada.

Ele se inclinou sobre mim, um dos braços apoiados ao lado do meu quadril.

— O que você quer? — Eu murmurei.

— Eu quero que você vá embora.

Meus olhos se arregalaram. — Então me deixe ir.

— Eu temo que não seja tão fácil. — Ele se abaixou e, em seguida, sua palma tocou minha barriga e deslizou para baixo. Prendi a respiração, me transformando em uma mistura de choque e antecipação. Ele me espalmou através das cobertas e minhas roupas. O toque era leve, quase questionador, e eu estava completamente congelada. Meu centro formigou e isso, mais do que o toque de Remo, enviou uma feroz pontada de medo através de mim. Eu queria que ele me tocasse sem uma barreira entre nós, queria provar algo totalmente proibido, algo que eu não estava autorizada a querer.

Nenhum de nós disse nada. Eu sabia o que me paralisava, mas o que continha Remo?

Ele exalou devagar e se levantou. Sem outra palavra, ele desapareceu.

Bom Deus, o que estava acontecendo? Com ele. Comigo. Com nós dois.



Aquela visita no meio da noite parecia ter feito algo para Remo, porque ele voltou à nossa rotina anterior de me levar para correr e passear pelos jardins. Eu não tinha certeza se deveria estar aliviada ou preocupada. Quase senti falta de nossas discussões diárias porque ele me levou a sério e ficou estranhamente excitado com meus retornos. Ele não queria que eu fosse a dama contida. Longe disso. Remo prosperou no caos e no conflito. Sua presença me deixava sem fôlego e oprimida.

Eu olhei de canto para Remo enquanto ele caminhava ao meu lado em silêncio. Sua expressão era dura, seus olhos negros severos. Eu parei e depois de um momento ele também. Ele estreitou os olhos.

— Por que você realmente deixou Samuel ir? Eu quero a verdade.

Remo olhou para mim. — Eu acho que você está esquecendo o que é. Eu não te devo a verdade. Nem te devo essas porra de passeios pelos jardins. Você é minha prisioneira, Serafina.

Serafina? — Que tal 'Angel'? — Eu retruquei.

Remo segurou meus braços. — Cuidado. Acho que lidar com você com luvas de pelica lhe deu uma ideia errada.

— Eu acho que tenho exatamente a ideia certa.

Os dedos de Remo apertaram. Eu levantei minhas mãos e as pressionei contra o peito dele. Os músculos se flexionaram sob o meu toque. Remo baixou o olhar para as minhas mãos e, em seguida, voltou a olhar para cima. A expressão em seu rosto queimou uma trilha feroz pelo meu corpo. Fúria e desejo.

Remo me puxou contra ele, tirando o meu fôlego. Uma mão segurou meu pescoço e sua boca pressionou contra minha orelha. — Eu não me lembro de você me afastando quando toquei sua boceta algumas noites atrás, *Angel*, — ele rosnou.

A vergonha tomou conta de mim da memória, mas pior, muito pior... desejo.

— Todo dia você me quer um pouco mais. Eu posso ver em seus olhos, posso ver a luta neles. Você não tem permissão para me ter como eu não tenho permissão para tê-la.

— Você é Remo Falcone. Você é o Capo. Você governa o oeste. Quem poderia impedi-lo de me ter? — Murmurei. Meu Deus. O que havia de errado comigo?

Seus dedos se moveram em meu pescoço, soltando-me, e ele recuou para encontrar meu olhar, e eu desejei que não tivesse, porque a ferocidade em seus olhos era como o primeiro suspiro de ar depois de prender a respiração por muito

tempo.

— A única força nesta terra que pode me parar é *você*. Você é a única a quem eu permitiria fazer isso — disse ele em uma voz sombria. Ele me beijou, deslizando seus lábios sobre os meus. — Quanto mais você vai?

Eu queria aprofundar o beijo. Meus dedos tremiam contra o peito de Remo. Queria desviar o olhar de seus olhos escuros e, ao mesmo tempo, queria me afogar em seu poder. Queria muitas coisas quando ele estava por perto. Coisas que eu sempre seria proibida de querer.

Um homem de crueldade incomparável. Meu captor. Meu inimigo.

Eu tropecei para trás, ofegando.

— Você quer fugir de novo? — A diversão sombria em sua voz não era tão convincente como normalmente. Ele parecia tenso.

Eu não queria fugir, e esse era o problema porque deveria querer fugir do desejo. Eu dei outro passo para trás.

Remo sorriu sombriamente. — Eu não acho que já vi você com tanto medo de mim como está agora.

Apavorada. Eu estava completamente aterrorizada. Me virei e corri de volta para a mansão. No terraço, colidi com Kiara e tivemos que nos agarrar para manter o equilíbrio. Meus olhos encontraram os de Nino - ele estava de pé atrás dela como sempre - e por um momento tive certeza de que ele me atacaria, mas Kiara se afastou de mim.

— Ei, você está bem? — Ela perguntou, tocando meu braço, parecendo preocupada.

Eu balancei a cabeça bruscamente.

— Tem certeza disso? Remo fez alguma coisa?

Foi ele? Ou eu? As linhas estavam ficando embaçadas. Remo estava certo. A cada dia que eu ficava aqui as coisas se complicavam. O cativeiro me quebrou, só que não da maneira que eu pensava.

O olhar de Nino passou por nós. Eu sabia quem ele estava procurando.

— Não, — eu sussurrei em resposta à sua pergunta.

Kiara franziu a testa. — Vamos. Vamos entrar.

— Kiara, — Nino advertiu.

— Não, — ela disse com firmeza. — Isso está ficando ridículo. Serafina não vai me machucar.

Ela pegou minha mão e me levou para dentro, onde me empurrou para o sofá. Remo e Nino ficaram do lado de fora. Eu podia ouvir o estrondo baixo de suas vozes. Soou como se eles estivessem discutindo.

Kiara me entregou um copo de água e sentou ao meu lado. — É por causa do seu irmão? Nino disse que eles permitiram que ele voltasse para a Outfit. Isso é bom, não é?

Eu assenti. Isso era. Meu irmão. Minha família. A Outfit. Meu noivo. Eu devia a todos eles lealdade. Eu lhes devia resistência e uma luta.

— Serafina? — Kiara tocou minha coxa.

Encontrei seu olhar compassivo e toquei sua mão. — Estou me perdendo.

Seus olhos se arregalaram e depois voaram para as janelas francesas. — Você sabe, estava completamente apavorada com Remo no começo. Mas eu vi lados dele que me fizeram perceber que ele é mais do que brutalidade e crueldade.

— Remo é o homem mais cruel que conheço. Ele está além da redenção.

Ela sorriu tristemente. — Talvez ele só precise de alguém que lhe mostre o caminho para a redenção.

Eu ri duramente. — Espero que você não pense que serei eu. O único caminho que mostrarei a ele é o caminho para o inferno. Eu o odeio.

Kiara apertou minha coxa, mas não disse nada. Fiquei aliviada quando Nino me levou para o meu quarto, não Remo.

Eu tracei a linha do corte curado no meu antebraço, desejando que ainda estivesse fresco, desejando que Remo me machucasse novamente. Mais do que

isso, gostaria de não precisar desse tipo de lembrete do porque Remo Falcone estava além da redenção. Eu não deveria precisar lembrar.



No dia seguinte, Remo e eu fizemos nossa corrida mais longa até agora, apesar do sol excepcionalmente quente do final de agosto. Parecia que nós dois precisávamos aliviar a energia reprimida. Nós mal nos falamos. Eu tentei manter minha mente em branco, tentei não pensar na minha família que estava sofrendo porque Remo se recusou a fazer uma nova exigência. A culpa tornava-se mais difícil de suportar todos os dias. A culpa por não sofrer do jeito que eu deveria.

Meus olhos registraram uma sombra acima de nossas cabeças. Um grande pássaro de rapina preto e branco com uma cabeça vermelha. — Olha, — eu ofeguei. — Lá está seu animal espiritual. Um abutre.

Remo parou e riu. Uma risada real. Não sombria, provocante ou cruel. — É bom saber que você me acha tão repulsivo.

Eu desejei. Ele pegou uma garrafa de água da pequena mochila e me entregou. Deus, como eu desejei achar o corpo de Remo repulsivo. Tomei um gole de água e entreguei a garrafa de volta.

— Quando você vai pedir ao meu tio por Rocco Scuderi? — Eu perguntei para me distrair e a ele.

A expressão de Remo endureceu, seus olhos voltaram para o céu. — Os abutres esperam que sua presa caia morta. Eu acho que a Outfit está quase lá.

— Você não pode ganhar este jogo. No momento em que você me devolver, a Outfit se levantará e contra-atacará. Uma interminável espiral de violência começará.

— Por que você diz isso, Angel? Você não quer ser devolvida? Danilo está ansioso para se casar e dormir com você.

Segui o voo do grande pássaro, imaginando como seria se sentir livre daquele jeito. Um casamento com Danilo parecia tão irreal nesse momento, tão distante, quando já estive a menos de quarenta minutos de casar com ele. Aquela

garota do lindo vestido de noiva branco, ela parecia uma estranha todos os dias. Meus olhos foram atraídos para a minha mão, mas o anel não estava lá. Pela primeira vez desde meu noivado com Danilo, esqueci-me de colocar o anel pela manhã.



— Um mês, — Remo lembrou enquanto me guiava através do jardim.

Levei um momento para entender o que ele queria dizer. — Desde que você me capturou, — eu disse baixinho.

Um mês. Às vezes, parecia muito mais tempo, outras vezes, como ontem. Eu nunca pensei que sobreviveria a um único dia nas mãos da Camorra, nas mãos de Remo Falcone, e agora havia sobrevivido a muitos outros. Remo era mais paciente do que eu pensava. Eu tinha quase certeza de que minha família e a Outfit estavam a ponto de entregar Scuderi, mesmo que meu avô desaprovasse. Ele era um homem velho a beira da morte.

Olhei para os meus pés descalços na grama. Quando criança, adorava andar descalça, mas acabei parando porque me disseram que era indigno. Princesa do gelo. Eu gostava de ser ela em público, mesmo que ela não fosse um reflexo do meu verdadeiro eu. Era quem eu deveria ser como sobrinha de Dante, como esposa de Danilo. Controlada. Digna. Graciosa.

Eu peguei Remo me observando. Sem controle. Emoção desenfreada. Paixão furiosa.

Um mês.

Eu desviei meus olhos. Remo me levou para mais perto da mansão.

— Eu quero saber o que está acontecendo na sua cabeça, — disse Remo.

Eu estava feliz que ele não pudesse. — Talvez eu lhe diga se você me disser o que está acontecendo na sua.

Remo parou. — Agora estou imaginando como seria enterrar meu rosto entre suas pernas, Angel.

Eu congelei. Remo obviamente gostou do meu choque se o sorriso dele fosse uma indicação. Eu não tive a chance de responder por que um gemido baixo soou acima de nós. Meus olhos correram para a janela aberta, minhas sobrancelhas se juntando. Remo se moveu atrás de mim, ficando muito perto e inclinando-se ligeiramente para frente para que seu rosto ficasse ao lado do meu. Ele acenou para a janela. — Aquele é o quarto de Nino e Kiara.

Uma mulher gemeu de novo, um som descontrolado e abandonado cheio de prazer.

Eu dei um passo para trás, mas esbarrei em Remo, que não se mexeu. — Esse é o som que uma mulher faz quando um homem a devora.

— Você é nojento, — eu gritei, tentando fugir, mas os braços de Remo me envolveram por trás, mantendo-me no lugar.

— Por favor, — Kiara ofegou. — Por favor, mais.

— Você quer saber por que eu sei que Nino está atualmente lambendo a boceta dela? É porque você não o ouve. Seu rosto está enterrado nela.

Os gemidos de Kiara ficaram mais altos, desesperados, e então ela gritou.

Eu queria estar enojada, mas meu corpo reagiu ouvindo esses sons. Calor reunindo entre minhas pernas.

— Você já fez esse som, Angel? — Ele murmurou. — Não, você não fez. Mas não se pergunta como seria se sentir sobrecarregada com tanto prazer para forçar esse tipo de gemido de seus lábios?

Eu parei de lutar, mas Remo não soltou seu abraço em mim. Seu peito firme, quente e forte, ainda pressionado contra minhas costas. — Uma língua entre suas coxas, lambendo, sugando. Você não quer saber como isso se sentiria?

Eu pressionei meus lábios, mas não pude fazer nada sobre o fio de umidade entre minhas coxas. Acima de nós, novos gemidos ecoavam. Kiara, seguidos por grunhidos mais profundos e mais contidos.

— Você é uma mulher adulta e, no entanto, nunca gozou tão duro a ponto de se perder. Você nunca teve um homem enterrado entre suas coxas, comendo-a. — A boca de Remo tocou minha orelha. Então sua língua deslizou ao longo da

borda externa até alcançar meu lóbulo. Ele o circulou, em seguida, puxou-o entre os lábios e chupou levemente, e eu senti todo o caminho entre as minhas pernas. Ele soltou meu lóbulo da orelha e exalou. Algo duro cavou na parte inferior das minhas costas. Eu deveria ter recuado em desgosto, mas estava totalmente congelada.

— Você está molhada, Serafina? Molhada para mim? — Remo sussurrou no meu ouvido, e um pequeno arrepio passou pelo meu corpo traidor ao ouvir sua voz.

— Eu nunca vou me curvar à sua vontade, Remo, — eu sussurrei duramente.

— Quem disse que eu quero que você se curve, Angel? Eu quero que você me dê livremente porque quer, porque escolheu. Você já escolheu alguma coisa só porque queria? Ignorando as consequências? Sem considerar o que é esperado de você? Toda a sua vida você se curvou à vontade de seus pais, de seu tio, à vontade da Outfit e, uma vez que eu a liberte, se curvará a vontade de Danilo.

Eu odiava Remo, o odiava por fazer sentido, o odiava por ficar sob a minha pele. E me odiei por deixá-lo.

— Um dia você vai perceber que nunca esteve mais livre do que durante seu tempo comigo. O que quer que você faça, ninguém da Outfit saberá, e mesmo que eles descubram, não vão culpá-la, Angel.

Fechei meus olhos, tentando ignorar quão bom o corpo de Remo estava contra o meu, tentando bloquear os gemidos aumentando de forma crescente, mas meu centro palpitante era difícil de esquecer. Os braços de Remo em volta de mim mudaram até o polegar roçar a parte de baixo do meu seio. Eu parei, mas não o afastei, não pronunciei uma palavra de protesto. Sua boca encontrou minha garganta, mordiscando, lambendo, mordendo, e sua mão escorregou debaixo da minha camisa. As pontas dos dedos ásperos deslizaram sobre a minha pele, mais e mais alto até chegarem ao meu mamilo através da renda do meu sutiã.

Meus lábios se separaram da sensação.

— Você não vai me mandar parar? — Remo murmurou no meu ouvido antes de sua língua arrastar uma trilha molhada pela minha garganta. Sua mão livre segurou meu rosto e o torceu para que ele pudesse agredir minha boca com

um beijo exigente. Sua língua lambeu cada fenda da minha boca, saboreando, consumindo, possuindo meus lábios.

— É melhor você me mandar parar, Angel, porque se eu não parar agora, temo que não vá parar de jeito nenhum.

Eu mal escutei as palavras dele, muito apanhada na sensação que seus dedos no meu mamilo criaram, muito sobrecarregada pelos gemidos que soavam acima de nós. Remo soltou meu rosto e mamilo, segurou meus quadris em um aperto contundente e ficou de joelhos. Olhando por cima do meu ombro, o choque tomou conta de mim ao ver o Capo se ajoelhando diante de mim.

Ele empurrou a minha saia e mordeu minha nádega, em seguida, deslizou sua língua sobre o local. Sua palma segurou minha outra nádega, firme, amassando possessivamente antes de deslizar para cima e enfiar os dedos sob a tira da minha calcinha. Ele puxou com força e o tecido encharcado pressionou contra o meu centro e clitóris. Eu ofeguei em surpresa e prazer.

Remo riu contra a minha bunda, em seguida, circulou sua língua sobre a pele macia enquanto seus dedos continuavam puxando minha calcinha. Como isso pode ser tão bom, tão irresistivelmente perfeito? Como a sensação de tecido esfregando contra a minha pele sensível me derrubava daquele jeito?

Remo puxou com mais força e eu arqueei, mordendo meu lábio para manter os sons abafados. Ele chupou a pele da minha nádega em sua boca enquanto dava a minha calcinha alguns puxões duros. Ondas de calor e formigamento se espalharam do meu centro para todas as terminações nervosas do meu corpo. Eu estava chegando perto de algo impossível, maravilhoso, alucinante. Algo que eu nunca senti, nem perto. Então Remo baixou a mão e soltou minha pele da boca. Eu tive que segurar um som de protesto. Agarrando meus quadris, Remo me virou. Eu olhei para ele. Ele ajoelhado diante de mim, seus olhos escuros e possessivos, um sorriso perigoso brincando em torno de seus lábios.

Mesmo ajoelhado aos meus pés, Remo esvaia domínio, controle, poder. Olhando para ele eu ainda me sentia como a que ele colocou de joelhos.

Eu estreitei meus olhos, querendo me afastar dele. Longe de sua violência e escuridão que pareciam me atrair como uma corrente.

Como se ele pudesse sentir a minha resistência, Remo aumentou seu aperto nos meus quadris e se inclinou para frente, pressionando um beijo suave na minha calcinha branca, bem em cima do meu nó latejante. Minha mão voou para frente, segurando seus ombros musculosos para me equilibrar. Seus olhos me perfuraram até o âmago com sua intensidade quando ele inclinou sua bochecha áspera contra a minha coxa, sua boca perto do meu centro. — Eu posso sentir o cheiro de sua excitação, Angel, — disse ele em uma voz crua que viajou pelo meu corpo como um choque elétrico.

Enquanto eu observava, ele sorriu, abriu a boca, mostrou a língua e traçou o pequeno vale onde minha calcinha se agarrava às minhas dobras. Eu comecei a tremer.

— Você vai me deixar puxar sua calcinha e provar sua boceta?

Eu não disse nada. Nem sim, mas pior. Pior... eu não disse não. Porque eu não queria. Eu queria Remo, nunca quis nada mais.

REMO

Serafina olhou para mim com ódio, mas não lutou quando enfiei meus dedos no cós de sua calcinha. Eu esperei alguns segundos, saboreando seu silêncio, banhando-me em sua rendição. Eu puxei sua calcinha. Ela estremeceu, mas levantou os pés para que eu pudesse tirá-la. Eu empurrei sua saia para cima. — Segure, Angel.

Seus dedos elegantes enrolaram em torno da bainha de sua saia, e ela apertou-a contra o estômago liso.

Eu estava no nível dos olhos com sua boceta. O cabelo aparado acima de seu clitóris brilhava com seus sucos, e seus lábios estavam inchados de excitação. Eu me inclinei para frente, respirando seu perfume inebriante. Antes de sequestrar Serafina, eu tinha imaginado diferentes cenários de como iria conquistá-la, quebrá-la, mas esse não estava entre eles. Eu tive que admitir que gostei imensamente.

Eu corri minhas palmas ásperas até suas coxas lisas. Ela tremia, mas não de medo, e porra... com Serafina eu preferia qualquer emoção, menos medo.

Meus polegares acariciaram suas dobras suaves e as separaram, revelando seu pequeno broto. Ela soltou um suspiro trêmulo, o rosto meio aterrorizado, meio expectante. — Minha boca sendo a primeira a provar sua boceta, eu serei muito minucioso, Angel.

Eu me inclinei para frente e lambi seu clitóris levemente. Ela mordeu o lábio, sufocando um som. Ela fechou os olhos, as bochechas ardendo. Eu recuei alguns centímetros. — Sim, não assista, meu anjinho. Talvez você consiga fingir que sou outra pessoa.

Seus olhos se abriram furiosos e ela devolveu meu olhar. Ela não desviaria o olhar novamente.

Eu mergulhei com pequenas e gentis lambidas, testando sua reação. Uma inundação de seus sucos foi minha recompensa. Eu nunca estive com uma virgem ou com alguém inexperiente, e não lambia uma mulher há muito tempo, muito menos era gentil com uma. Esta era uma nova experiência, mas me vi desfrutando. Meu pau latejava toda vez que minha língua mergulhava entre os lábios dela, de sua abertura até o clitóris. Eu provei cada parte de sua doce boceta, tracei o suave interior de seus lábios, sua abertura, sabendo que meu pau logo reivindicaria essa parte dela.

Serafina tremeu, suas pernas começaram a ceder.

— Segure-se na parede, — eu pedi, e ela obedeceu sem protestar, inclinando-se para frente, seus antebraços apoiados contra a fachada áspera, cabelos dourados encortinando seu rosto enquanto ela olhava para mim comendo sua boceta. Meus dentes roçaram seu clitóris levemente, e ela estremeceu, um pequeno gemido escapando.

Eu escovei o interior de seu joelho e empurrei. Ela se separou para mim até ficar com as pernas em um V sobre mim. Eu inclinei minha cabeça para cima, minhas mãos agarrando seus quadris e firmemente puxei-a para baixo na minha boca e chupei cada dobra levemente antes de fechar meus lábios em torno de seu clitóris. Ela começou a balançar contra o meu rosto quase desesperadamente, e eu obedeci a sua exigência silenciosa praticamente me enterrando em sua boceta, lambendo-a, mergulhando em seu aperto, sugando. Então seus lábios se

separaram, as sobrancelhas se juntando em choque e surpresa, e ela ficou tensa.

Meus olhos bebiam a expressão em seu rosto, o selvagem abandono da paixão em seus traços perfeitos, o choque, a resignação, o prazer. Possessividade não era um dos meus traços de caráter, porque eu possuía tudo o que importava, mas vendo Serafina no auge de seu orgasmo e sabendo que eu era o primeiro homem a dar-lhe isso, me senti possessivo pra caralho. Ela era minha, corpo e alma, e seria até eu decidir libertá-la.

Eu sorri contra ela enquanto sua boceta latejava. Depois de outra longa lambida, inclinei a cabeça para trás contra a pedra áspera e lambi meus lábios. A percepção encheu os olhos de Serafina e seu rosto se contorceu de horror e vergonha.

Eu sorri sombriamente. Ela balançou a cabeça, recuando, puxando a saia até cobrir sua boceta novamente.

Eu fiquei no chão, meu pau latejando nas minhas calças, meu queixo coberto com seus sucos, e meu corpo inchou com doce triunfo. — Corra, *anjo*. Fuja do que você fez, — eu murmurei com um sorriso sombrio, e Serafina o fez. Ela se virou, cabelos loiros chicoteando no ar, e se afastou.

Ninguém sabia mais do que eu que você não podia fugir do que fez.

Eu me levantei, limpei meu queixo com as costas da minha mão e saí para encontrar meu anjo. Ela recebeu prazer; agora era hora de dar algo em troca.

Eu não queria nada menos que a última parte dela. Sua inocência, seu coração, sua alma, seu corpo. Sua pureza e sua escuridão.

Eu levaria tudo.

Capítulo Quinze

SERAFINA

Eu nunca tinha experimentado esse senso apurado de vergonha antes. Eu não parei de correr até chegar ao quarto e fechar a porta, mas mesmo assim continuei até o banheiro, tirando minhas roupas, precisando que elas saíssem. Eu as deixei cair no chão, tudo exceto pela minha calcinha, que ainda estava com Remo.

O que eu fiz?

Liguei o chuveiro e escorreguei sob o jato de água morna, esfregando-me bem, esfregando entre as minhas pernas, mas a sensação quente, úmida e latejante permaneceu. Não iria embora. Eu caí contra a parede. Eu tinha deixado Remo colocar sua boca em mim, sua língua dentro de mim e tinha gostado.

Meu corpo zumbia com os resquícios de prazer, uma memória distante que meu corpo estava ansioso para relembrar. Eu nunca tinha experimentado sensações como essa. Mas pior, as palavras de Remo se provaram verdadeiras. Eu nunca me senti mais livre do que naquele momento com Remo entre minhas pernas, me dando prazer. Foi incrível, libertador e totalmente errado. Durante toda a minha vida fui ensinada a ser honrada, a fazer o que se esperava de mim e hoje fui contra tudo.

Alto e sombrio, Remo surgiu na porta, vindo reivindicar seu prêmio. Seus olhos percorreram meu corpo nu, e o meu fez o mesmo.

Ele era cruel e perverso. *Além da redenção*.

Atratividade brutal, prazer proibido, promessa de dor. Eu deveria ter nojo dele, mas não tinha. Não de seu corpo e nem sempre de sua natureza.

Eu desliguei a água, com medo do que ele queria, completamente aterrorizada com o que eu queria. Este era o seu jogo de xadrez; ele era o rei e eu era a rainha presa que a Outfit precisava proteger. Ele me colocou em posição para o seu último movimento: a matança. Xeque.

Ele começou a desabotoar sua camisa e depois deu de ombros. Ele se

aproximou, parando diante de mim. — Você sempre me observa como algo que quer tocar, mas não é permitido. Quem está te segurando, *Angel*?

— Nada está me segurando. Eu não quero, — eu murmurei com falsa bravata, a mentira soando alta e clara.

— É mesmo? — Remo perguntou calmamente. Ele pegou minha mão e eu deixei. Deixei-o colocar a palma da minha mão contra o peito forte, deixei-o deslizar para baixo, sobre as linhas duras dos músculos, sobre as cicatrizes ásperas. Ele colocou minha mão sobre o cinto e a soltou. — Você não quer por uma vez se livrar dos grilhões da sociedade? Fazer algo proibido?

O que eu queria mais do que qualquer coisa era que seu sorriso torto sumisse. Segurei seu cinto e puxei-o para mim, com raiva, desesperadamente, porque eu estava caindo, já perdida, satisfeita em me perder. Seus lábios se chocaram contra os meus, a língua dominando minha boca, as mãos ásperas contra a minha bunda. Ele me puxou para cima e contra ele, então sua ereção pressionou contra o meu centro.

Eu ofeguei, que ele engoliu com os lábios.

Meus dedos engancharam em sua cintura, assustados e curiosos. Remo pegou meu olhar, o seu faminto e severo. Ele arrancou sua boca da minha, me apoiando na parede. — Seja corajosa, Angel.

Eu enfiei meus dedos em seu cinto e segurei seu olhar quando abri a fivela. O tilintar foi o som da minha última parede desmoronando. Segurando seu zíper, puxei-o lentamente para baixo, aterrorizada e excitada. Então eu parei.

Remo se inclinou para baixo, sua boca roçando minha orelha. — Eu não sou um homem paciente. Você está brincando com fogo.

Afastando meu nervosismo, virei meu rosto, levando meus próprios lábios ao ouvido dele. — Oh, Remo, eu serei seu primeiro anjo. Paciência é uma virtude, e você será recompensado por isso. — Eu beijei sua orelha, em seguida, passei minha língua sobre a borda.

Ele exalou e se afastou para que pudesse olhar para o meu rosto, e o brilho em seus olhos quase fez meus joelhos cederem. Por um segundo, eu o tinha. Eu segurava as rédeas do homem mais cruel e poderoso do oeste, e era

emocionante. Mas Remo não seria Remo, não seria Capo, se não soubesse como recuperar seu poder.

Ele pegou as calças e as abaixou junto com suas boxers. Sua ereção saltou livre, e Remo se apoiou contra a parede com as mãos em ambos os lados da minha cabeça.

Eu olhei para ele e afundei de volta contra a parede. Ele era longo e grosso e incrivelmente duro. Eu rasguei meu olhar para longe, só para ser atingida pelo olhar penetrante de Remo.

Minhas bochechas ardiam com o calor, e Remo sorriu quando se inclinou para frente, passando a língua sobre a minha bochecha aquecida. — Diga-me, Angel, qual será a recompensa pela minha paciência?

Eu fiquei na ponta dos pés, cravando meus dedos no pescoço de Remo, empurrando-me para cima e contra ele. Sua dureza esfregou contra o meu estômago nu, e ele gemeu um som baixo e perigoso. — Algo proibido. Algo que não está destinado a ser seu.

O corpo de Remo ficou tenso, ansioso, e ele inclinou minha cabeça para trás, seus lábios roçando os meus. — Algo que você prometeu a outra pessoa?

Minha garganta se apertou, mas Remo me beijou com força, não me permitindo pensar nisso. Ele colocou uma das minhas pernas por cima do seu quadril, abrindo-me. Seus dedos roçaram meu centro, e então dois dedos violaram minha abertura. A dor me atravessou. Eu me arranquei de sua boca, enrijecendo, um som sufocado saindo da minha garganta.

Remo parou, seus dedos profundamente dentro de mim. Ele recuou, uma sugestão de surpresa em seu rosto, depois desapareceu. Ele me olhou atentamente, quase curiosamente. Meu peito arfava enquanto eu tentava me acostumar com a sensação de ter seus dedos em mim. Remo encostou sua testa na minha. — Eu acho que você está certa, Angel, minha recompensa valerá a pena.

Raiva me inundou. — Você gosta de me machucar? — Eu sussurrei.

Remo beijou meus lábios. — Isso não sou eu te machucando. Este sou eu tentando não te machucar. Você saberá quando eu quiser te machucar. — Ele

puxou seus dedos para fora, então os deslizou de volta para dentro. Meus músculos se agarraram a ele, e eu exalei. Ele segurou meu olhar quando estabeleceu um ritmo lento. Eu inclinei minha cabeça contra a parede, nunca desviando meus olhos.

Os olhos escuros de Remo me arrastaram mais e mais fundo em seu abismo. O prazer lentamente substituiu a sensação de estar sendo esticada. Comecei a balançar meus quadris, fazendo com que a ereção de Remo esfregasse minha barriga. Sua respiração aprofundou, mas ele continuou bombeando seus dedos em mim em um ritmo lento, me observando, sua outra mão agarrada à parte externa da minha coxa. Um profundo pulsar se propagou do meu centro, e eu ofeguei, e não de dor desta vez. O polegar de Remo passou por cima do meu cerne e eu me parti de dentro para fora, em milhares de partículas cheias de sensação.

Remo me observou avidamente, quase reverentemente, e eu sorri, sem saber o por quê. Eu ainda estava me recuperando quando Remo tirou seus dedos e agarrou minha outra coxa, levantando-me, minhas costas contra a parede, meu corpo preso entre ela e seu peito. E eu sabia o que ele queria. Minhas mãos voaram até o peito, resistindo. Quando sua ereção roçou a parte interna da minha coxa, eu soltei um grito; — Não!

Os olhos escuros de Remo voaram para os meus, zangados, incrédulos... mas ele parou. — Não assim, — eu disse baixinho. — Não contra uma parede.— Isso aconteceria nos meus termos, não nos dele.

Sua raiva diminuiu. — Você está certa, — ele disse sombriamente. Ele me levantou mais, então minhas pernas se envolveram em torno de sua cintura, e meu centro pressionou contra seu abdômen. Então ele saiu comigo do banheiro e entrou no quarto. — Eu vou te foder na cama, Angel. Eu coloquei lençóis brancos para a ocasião. Seria uma pena se eu não os manchasse com seu sangue.

Choque e indignação passaram por mim porque percebi que meus lençóis eram brancos já há alguns dias, mas então Remo me beijou. Eu enterrei minhas unhas em seus ombros com raiva e duelei com sua língua.

Nós disputamos e beijamos e de repente estávamos na cama. Remo se ajoelhou entre as minhas pernas, afastando-as ainda mais, sua boca dura contra a minha garganta, e eu fiquei imóvel, fraca, assustada. Era isso.

Remo parou acima de mim e levantou a cabeça. Nossos olhos se encontraram. Eu não sei o que ele viu nos meus, mas ele espalmou meu rosto, me assustando. Seus beijos se tornaram suaves, gentis, quase cuidadosos. Tão errado. Isso não era Remo. Isso era uma mentira. — Shh, Angel. Eu serei gentil.

Seus dedos acariciaram meus seios, meu lado, oh tão gentilmente, e sua boca... sua boca me polvilhou com beijos amorosos. Mesmo sabendo que eles eram falsos, sabendo que deveria empurrá-lo, lutar, eu o beijei de volta. Perdida, perdida, perdida.

Remo moldou nossos corpos, se movendo, e então eu senti uma leve pressão contra a minha abertura.

Eu ofeguei e fiquei tensa. Remo observou meu rosto, cheio de propósito, e seus olhos... eles acalmaram minha hesitação, meu medo, qualquer protesto que eu pudesse fazer.

Ele deslizou em mim lentamente, centímetro por centímetro, nunca tomando mais do que o meu corpo poderia dar, mas ainda assim ele parecia me dividir ao meio. Uma conquista lenta, mas uma conquista, afinal. Eu esperei brutalidade e crueldade. Eu desejei isso. Mas esse Remo gentil, me apavorava mais. Ele não me deixou escapar, nem mesmo da única maneira que eu poderia. Ele queria me consumir com os olhos. Ele afundou-se todo dentro de mim, e então fez uma pausa enquanto eu tremia sob a força da intrusão. Seus olhos escuros disseram o que eu sabia o tempo todo.

Ele me possuiu. Ele me *possuiu*.

Eu era a rainha.

Ele era o rei.

Xeque-mate.

REMO

Esta era a derradeira vitória sobre a Outfit. Eles ainda não sabiam, mas

logo iriam. Serafina tremia embaixo de mim, suas bochechas de mármore coradas, lábios entreabertos. Ela estava com dor, e de alguma forma não me agradou porque eu tentei não machucá-la. Eu infligia dor voluntariamente, deliberadamente, livremente. Não por acaso.

Eu me mantive parado, apreciando a sensação de suas paredes apertadas pressionando meu pau impiedosamente. Estava extasiado sentindo a umidade ao meu redor e sabendo que era seu sangue virgem. A recompensa mais doce pela minha paciência que eu poderia imaginar.

Meus olhos vagaram pelas feições perfeitas de Serafina, e seus olhos azuis encontraram os meus, investigando, imaginando. Eu saí lentamente dela, reconhecendo os sinais de dor em sua expressão, então empurrei de volta ainda mais devagar.

Eu balancei meus quadris lentamente, mantendo meus movimentos tão controlados quanto possível. Seu rosto se contorceu de dor e prazer, e eu inclinei meus quadris para aumentar o último. Ela ofegou, surpresa. Eu continuei no ritmo lento. Paciência não era meu forte, mas sabia que esse prêmio valeria a pena também.

Ela engasgou novamente. Seus olhos azuis pálidos subiram para os meus, questionadores e confusos e assustados. Temerosos pela minha consideração, minha gentileza. Ela não esperava isso de mim, tinha aceitado seu destino. Ela havia se preparado para eu fodê-la como um animal. Ela esperava agonia e hematomas, humilhação e palavras cruéis. Ela se preparara para isso, prometera a si mesma lutar contra mim.

Isso era algo pelo qual ela não tinha se preparado, algo pelo qual não podia lutar porque estava desesperada demais por isso. Ela era orgulhosa e nobre, mas ainda era apenas uma mulher protegida. Mostrar-lhe gentileza era como lhe dar água em um período de seca.

Era algo novo para mim. Eu fodi muito. As mulheres eram prazer e dinheiro. Barganha e fardo. Elas não eram autorizadas a ser mais do que isso.

Ela gemeu, suas bochechas de mármore coraram. Ela estava se aproximando. Eu abaixei minha boca para seus lábios, deslizei minha língua, saboreando a doçura sem mácula.

Meus dedos deslizaram por seu lado, por cima de suas costelas finas até o inchaço de seu seio. Ela engasgou novamente. Escovei o mamilo com o polegar, um toque suave porque era assim que ela gostava, tão inexperiente quanto era. Ela logo veria que dor e prazer combinavam. Levei a mão entre nós e deslizei dois dedos sobre seu clitóris. Ela estremeceu e eu repeti o movimento e empurrei meus quadris mais rápido, forçando um suspiro espantado após o outro de seus lábios.

Eu levantei sua perna sobre as minhas costas, mudando o ângulo e deslizando um pouco mais para dentro dela.

Ela gritou e jogou a cabeça para trás, mostrando aquele pescoço elegante. Dor e prazer. Eu não conseguia tirar os olhos do rosto dela enquanto ela engasgava, choramingava e gemia. Seu olhar buscou o meu novamente. Ela quase nunca olhou para longe. Ela era a primeira mulher que se atrevia a manter o meu olhar enquanto a fodia, a primeira mulher que permiti fazer isso. Meus dedos deslizaram sobre seu clitóris enquanto eu afundava nela em golpes profundamente controlados uma e outra vez.

Eu queria meu prêmio, queria forçá-lo de seu corpo trêmulo, queria sua rendição completa.

Suas paredes firmes apertaram em volta do meu pau quando ela gozou debaixo de mim. Fechei meus lábios sobre a pele perfeita em sua garganta e mordi, querendo deixar minha marca. Meu anjo. Ela ficou tensa e estremeceu ainda mais.

Eu me inclinei. — E você achou que eu não a possuiria, Angel, — eu disse suavemente, em seguida, beijei sua orelha.

Ela olhou para mim, vergonha e ódio se misturando em suas características perfeitas. Seus olhos frios e orgulhosos brilhavam com as emoções que eu convocara.

— Agora que tiramos isso do caminho, por que eu não te fodo como quis desde o começo? — Eu disse em voz baixa. Serafina era uma peça de xadrez.

Houve um lampejo de medo, mas não dei tempo a ela para considerar minhas palavras. Ela estava escorregadia em volta do meu pau. Eu deslizei todo o caminho fora dela e meti de volta em um duro empurrão. Ela ofegou de dor

desta vez. Eu zumbi minha aprovação. Logo encontrei um ritmo que era rápido o suficiente para ser doloroso, mas não tão esmagador que ela não sentisse a promessa sombria de prazer por trás dele.

Ela fechou os olhos. — Não, — eu rosnei, dando-lhe um impulso muito menos contido, mostrando-lhe que eu ainda estava me contendo. Ela olhou para mim com ódio e nojo. Eu reivindiquei sua boca, ficando ainda mais duro sob a intensidade de suas emoções. O ódio era bom.

Eu chupei seu mamilo na minha boca e ela ficou tensa. Oh sim. Porra Serafina era melhor do que minha imaginação havia prometido. — Eu mal posso esperar para enviar esses lençóis para Danilo e sua família, — eu disse contra sua pele molhada.

Ela arranhou minhas costas e eu gemi, meu pau se contorcendo.

Ela lutou contra o prazer, agarrou-se à dor, preferindo isso. Enfiei a mão entre nós, encontrei sua protuberância e joguei meu dedo sobre ela. Ela aumentou a pressão ao redor do meu pau, fazendo com que meus olhos se fechassem sob o prazer ofuscante. — Se você parar de lutar contra o prazer, será menos doloroso, Angel, — murmurei contra seu mamilo rosa antes de chupar novamente em minha boca. Bati mais fundo do que antes, ainda não tão duro e profundo quanto eu queria, mas Serafina choramingou.

Eu levantei minha cabeça. Ela mordeu o lábio, segurando o som. — Se entregue ao prazer. Vai valer a pena.

Ela me encarou com um olhar odioso, mas não recuou quando eu beijei sua boca e enfiei minha língua para dentro. Ela preferia sofrer com a dor a parar de lutar contra o prazer. Orgulhosa e forte. Determinada a não me dar mais um dos seus doces orgasmos. Eu reivindiquei sua boca, duro e rápido, como meu pau fazia em seu centro apertado.

Eu decidi permitir-lhe essa pequena vitória. Eu já havia ganhado o prêmio e a guerra. Eu me soltei, submetido à pressão nas minhas bolas. Eu empurrei nela uma última vez, em seguida, atirei meu esperma nela com um estremecimento violento.

Olhei em seus olhos enquanto reivindicava seu corpo. Ela era minha. Eu mal podia esperar que Cavallaro e seu noivo descobrissem.

Capítulo Dezesseis

SERAFINA

Remo saiu de mim e eu estremeci, respirando fundo. Eu rolei para o meu lado, para longe dele, mas a vergonha permaneceu comigo. Remo afastou meu cabelo e beijou meu pescoço, em seguida, mordeu de leve, e eu tremi. — Você é minha agora, Angel. Eu a possuo. Mesmo que eu te deixe ir, ainda te possuirei. Você sempre se lembrará deste dia e, no fundo, sempre saberá que você é minha e só minha.

Fechei os olhos, tentando segurar as lágrimas, lutando contra elas, mantendo minha compostura com pura força de vontade. Os lençóis farfalharam quando Remo saiu da cama e não olhei por cima do ombro para ver o que ele estava fazendo. Eu ouvi a água correndo no banheiro.

Ele retornou momentos depois e correu os dedos descendo pela minha espinha, em seguida, subindo antes de agarrar meu ombro e me rolar de costas. Meus olhos encontraram os dele. Ele separou minhas pernas, seus olhos observando minhas coxas cobertas com meu sangue.

Sem tirar os olhos do meu rosto, ele se ajoelhou entre as minhas pernas. Eu fiquei tensa, confusa, mas muito atordoada e oprimida para agir. Com um sorriso sombrio, ele se inclinou para frente e passou a língua sobre minha coxa, lambendo o sangue. Eu estava congelada. Ele passou um dedo pela minha perna e circulou minha abertura com ele. Eu enrijeci. Eu estava dolorida, mas Remo deslizou seu dedo dentro de mim muito lentamente. Seus olhos escuros seguraram os meus e depois de um momento, ele gentilmente puxou seu dedo para fora, agora escorregadio com o meu sangue. Uma suspeita horrível penetrou na minha cabeça e ele provou que estava certa. Remo colocou o dedo coberto de sangue em sua boca com um sorriso perverso. — O sabor do sangue nunca me enojou, e seu sangue virgem é mais doce do que qualquer outra coisa.

Meu nariz enrugou em desgosto, e a vergonha aqueceu minhas bochechas.

Remo me avaliou calmamente quando tirou o dedo da boca. Ele acariciou a parte interna das minhas coxas enquanto se abaixava em seu estômago entre as

minhas pernas.

— O que você está fazendo? — Perguntei.

Remo deu um beijo no meu centro. — Reivindicando meu prêmio ausente.

Minha mão disparou, querendo empurrá-lo para longe, mas ele pegou meu pulso e pressionou-o na minha coxa.

Sua boca gentilmente se moveu sobre mim, seguida por sua língua. Ele era tão gentil, meu corpo respondeu apesar da minha dor. Ele segurou meu olhar enquanto traçava sua língua ao longo da minha fenda uma e outra vez. Então ele fechou os lábios sobre o meu clitóris e começou a chupar suavemente.

Eu gemi, incapaz de impedi-lo. Remo sorriu contra a minha carne. Eu parei de lutar e afundei no colchão, minhas pernas se separando ainda mais. Remo manteve o toque suave de sua língua e boca, mas recuou um pouco. — Ai está. Deixe-me fazer você esquecer a dor.

E ele fez. Ainda havia a presença oculta de uma dor maçante, mas de alguma forma aumentava cada pico de prazer que a língua de Remo me trazia.

— Olhe para mim, — Remo ordenou, seus lábios roçando minhas dobras. Encontrei seu olhar e comecei a tremer quando meu núcleo se apertou. Dor e prazer se misturavam enquanto a língua de Remo trabalhava meu centro. Meus lábios se separaram e eu gritei, incapaz de me conter. Os olhos de Remo brilharam com triunfo, e ele se aproximou do meu centro, me devorando. Eu me debati embaixo dele, ofegando. Era doloroso e alucinantemente prazeroso. Eu estava sendo dilacerada e consertada, perdida e enganada, mas reconstruída.

Eu caí contra a cama, resignada, exausta, meu corpo latejando de dor e dos resquícios do meu orgasmo. Remo ficou entre as minhas pernas, mas a língua dele abrandou. Seus dedos me separaram e ele lambeu minha abertura. Eu gemi quando isso causou outro tremor. Tudo sobre isso era errado e sujo. Com um último beijo no meu clitóris, Remo subiu em mim e reivindicou minha boca. O gosto de sangue e meus próprios sucos me fez estremecer.

Remo recuou. — Dor e prazer, — ele murmurou. — O que você prefere, Angel?

A vergonha caiu sobre mim forte e rápido. — Te odeio.

Remo sorriu sombriamente e se afastou de mim. — Há uma toalha na mesinha de cabeceira. — Sua ereção e coxas estavam manchadas com o meu sangue, mas ele não se incomodou em se cobrir enquanto saía do quarto, deixando-me sozinha.

A porta se fechou.

Eu sentei, estremecendo novamente. Meus olhos foram atraídos para os lençóis e fechei meus olhos novamente. Isso deveria acontecer na minha noite de núpcias. Deveria ser privilégio de Danilo, e eu o dera, porque era exatamente o que era: dado, não tomado. Levantei-me e fui andando devagar em direção ao banheiro. A dor não era a pior parte. Nem mesmo perto. Pior era a vergonha, a culpa pelo que deixei acontecer.

Entrei no chuveiro e liguei. A água estava quente, a ponto de ser dolorosa, mas me senti bem. Eu me inclinei contra a parede e afundei devagar. Puxando minhas pernas contra o peito, chorei porque Remo estava certo: o que eu tinha feito hoje, nunca esqueceria. Mesmo se eu voltasse para a Outfit, como poderia encarar minha família novamente? Como poderia encarar Danilo, meu noivo, o homem a quem eu estava prometida?

Eu não tinha certeza de quanto tempo estava sentada assim quando Remo entrou no banheiro. Eu não olhei para cima, só vi suas pernas na minha visão periférica. Ele se aproximou e depois a água parou. Ele se agachou diante de mim. Eu ainda não olhei para cima. Minha garganta e nariz estavam entupidos de chorar e comecei a tremer sem o calor da água.

— Olhe para mim, — Remo ordenou. — Olhe para mim, Serafina.

Quando me recusei a fazer o que ele pediu, ele pegou meu queixo e o cutucou até que meu olhar encontrou o dele. Seus olhos escuros examinaram meu rosto. Eu não conseguia ler as emoções em seus olhos. — Se isso ajuda, tente dizer a si mesma que eu a estuprei, — ele sussurrou em voz baixa. — Talvez você comece a acreditar nisso.

Nada tinha me cortado mais profundamente do que as palavras de Remo. Ele não precisava de uma faca para me fazer sangrar. Eu olhei para ele, querendo odiá-lo com cada parte do meu ser, mas uma parte minúscula e horrível

de mim não, e era essa minha parte que eu desprezava mais do que poderia odiar Remo.

REMO

Depois de reivindicar Serafina, deixei-a na cama. Eu precisava de tempo para reunir meus malditos pensamentos. Fui para o meu quarto e vesti uma cueca, mas não me incomodei em limpar minhas coxas ou rosto. Já era tarde da noite, então Kiara ainda deveria estar no quarto dela com Nino.

Eu ainda podia saborear Serafina, doce e metálico.

O triunfo mais doce da minha vida.

Porra. Essa mulher...

Eu me preparei uma bebida, um bourbon, então me encostei no bar, girando o líquido no copo, avesso pra caralho a lavar o gosto dela. A memória ainda queimava intensamente.

Este foi o momento pelo qual trabalhei, pelo qual tinha sido paciente. Pela primeira vez na minha vida eu fui paciente.

Sua recompensa valerá a pena.

Eu serei seu primeiro anjo.

Serafina era muito mais do que eu esperava. Ela era magnificamente linda, absurdamente de tirar o fôlego. Mesmo homens fracos matariam para ter alguém tão real quanto ela em sua cama apenas uma vez. Eu quase tive uma ereção pensando em como Danilo se sentiria vendo os lençóis com o sangue virgem de Serafina sobre eles, quão agudamente ele sentiria a perda de algo que desejava de longe por anos, algo que estava quase ao seu alcance só para ser dolorosamente arrancado dele. Era o suficiente para levar até mesmo o homem mais controlado a um massacre.

E seu pai e irmão... para eles, seria uma pintura do maior fracasso deles.

— Esse sorriso em seu rosto me assusta, — Savio murmurou quando entrou, cheirando a perfume e sexo.

— Pensando em minha próxima mensagem para Dante, — eu disse, colocando o copo para baixo sem tomar um único gole. Eu não podia suportar a ideia de me livrar do gosto de Serafina ainda.

Os olhos de Savio voaram para a parte superior das minhas coxas revestidas com o sangue de Serafina e depois para o meu rosto.

Ele cruzou os braços. — Ou você matou um gatinho e esfregou o rosto e a virilha em todo o despojo ou teve um encontro perturbador com a boceta virgem.

Algo sombrio e possessivo queimou meu peito, ouvindo-o falar desse jeito sobre Serafina. Eu empurrei goela abaixo. — Não é mais uma virgem.

Sávio me olhou com curiosidade e depois balançou a cabeça com uma risada incrédula. — Você realmente conseguiu que ela fosse de bom grado para sua cama. Porra, Remo, você deve ter torcido a mente daquela garota.

Eu sorri abertamente. — E amanhã vou me banhar em meu triunfo e enviar os lençóis para Dante.

Sávio riu, veio em minha direção e bebeu a bebida que eu servira para mim. — Por sua mente distorcida e toda a merda distorcida que você faz. Você queria quebrá-la e a quebrou.

Deixei-o ali parado, sem vontade de falar mais sobre Serafina. Meu corpo ansiava por ela, por mais. Por tudo. Quando entrei no quarto, encontrei a cama vazia, exceto pelos lençóis manchados. Eu segui o som da água corrente no banheiro.

Serafina estava encolhida no chuveiro e a visão causou uma pontada desagradável no meu peito. Eu desliguei a água e me ajoelhei diante dela. — Olhe para mim, — eu disse. — Olhe para mim, Serafina.

Seus olhos azuis tinham angústia e culpa quando forcei seu rosto para cima.

— Se isso ajuda, tente dizer a si mesma que eu a estuprei, — ele sussurrou em voz baixa. — Talvez você comece a acreditar nisso.

O ódio brilhou em seus olhos, e pela primeira vez não me causou emoção.

Levantei-me frustrado pela reação do meu corpo. Voltei para o quarto e tirei os lençóis da cama, não querendo arruiná-los. Serafina provavelmente tentaria queimá-los para destruir qualquer prova do que havíamos feito, mas ela não podia queimar a lembrança. Eu os joguei no corredor antes de voltar para Serafina. Ela estava de pé agora, seus dedos apertando a borda do box do chuveiro, a outra mão pressionada contra o estômago. Ela deu um passo, estremecendo.

Eu me aproximei e seus olhos dispararam para minhas coxas ensanguentadas. Ela fez uma careta. — Por que você não se limpa?

— Porque eu quero lembrar.

— E eu quero esquecer, — ela disse.

— Você precisa assumir suas ações, Angel. Você não pode fugir delas, — eu disse, parando na frente dela.

O ódio rodou em seus olhos azuis, mas nem tudo era direcionado para mim. — Saia.

Eu estreitei meus olhos.

— Saia! — Ela murmurou.

— O Tylenol vai ajudar com sua dor. — Eu me virei e caminhei em direção à porta.

— Eu não quero que a dor desapareça. Eu mereço isso, — ela murmurou. Parei na porta e olhei por cima do ombro, mas Serafina não estava olhando para mim. Ela estava olhando para o chão.

Saí do banheiro, peguei novos lençóis do armário e os joguei na cama antes de sair e trancar a porta do quarto. Colocando os lençóis descartados debaixo do meu braço, hesitei. Eu não conseguia identificar exatamente o que, mas algo não me caía bem. Ignorando a sensação, desci as escadas.

Nino cruzou meu caminho enquanto eu me dirigia para a sala de jogos. Ele também estava apenas de cueca. Seus olhos voaram para os lençóis manchados e depois baixaram para as minhas coxas antes de levantar as sobrancelhas. — Eu

suponho que não seja sangue menstrual.

— Não é. É a queda de Dante.

Nino seguiu atrás de mim daquele jeito irritante e questionador que ele tinha quando desaprovava algo que eu fazia. — Não só a queda dele.

Eu fui para o escritório. O escritório do nosso pai. Era um dos poucos ambientes que tínhamos deixado praticamente como era, mas nenhum de nós trabalhava fora dele. Eu estreitei meus olhos para ele. — Você está se referindo a Serafina?

— Ela estará arruinada aos olhos de sua família, em seus círculos. Alguns podem até considerar suas ações como uma traição. Ela é uma mulher e Dante não a matará por isso, mas ela será rejeitada... se for autorizada a voltar para sua casa. Eu suponho que você pretende mandá-la de volta agora que conseguiu o que queria.

Algo em sua voz me desencorajou. — Eu não consegui tudo o que queria dela ainda. Nem mesmo perto. E ela vai ficar até que me dê tudo o que eu desejo.

Nino entrou na minha frente. — Isso ainda é sobre vingança?

— Nunca foi só sobre vingança. É sobre destruir a Outfit a partir de dentro, não mera vingança. — Eu me esquivei dele e fui a procura de algo onde pudesse embrulhar os lençóis. Finalmente, encontrei uma caixa e enfiei-os dentro.

— Não se perca em um jogo sobre o qual você não tem controle total, Remo.

A preocupação em sua voz me fez olhar para cima. Eu toquei seu ombro. — Quando eu já estive no controle? Perder o controle é meu passatempo favorito.

A boca de Nino se contraiu. — Como se eu não soubesse. — Sua expressão ficou séria novamente. — Nestas últimas semanas você passou muito tempo com Serafina. Nós precisamos de você, Remo. A Camorra não pode arriscar um conflito interminável com a Outfit. Vá para a matança.

— Esses lençóis são o objetivo da minha faca. Você vai me ajudar com a nota para Dante e sua família?

Nino suspirou. — Se for para colocar um fim nisso, então sim.

Eu procurei por um pedaço de papel de carta na velha mesa de madeira e peguei uma caneta.

— Agora vamos descobrir as melhores palavras para esmagá-los. Eu pensei que poderíamos começar com uma referência à tradição de lençóis ensanguentados da Famiglia como um chute adicional.

Nino sacudiu a cabeça. — Estou feliz que você seja meu irmão e não meu inimigo.

Capítulo Dezessete

SERAFINA

Eu fiquei ao lado da cama, incapaz de me mover. Os lençóis brancos desapareceram, lençóis cobertos de sangue. Remo os pegara e eu sabia o porquê.

Fechei meus olhos por um momento. Ele os enviaria para minha família. Eles descobririam o que aconteceu. O que eles pensariam?

Eles me odiariam? Me rejeitariam?

Isso não foi estupro. Eu não poderia defender minhas ações. Não houve força, nem tortura, nem violência. Samuel havia arriscado sua vida por mim. Homens morreram por minha causa e eu traí a todos.

Eu me afastei da cama, incapaz de suportar a sua presença, e fui em direção à janela. Eu subi no peitoril da janela, estremecendo com a pontada aguda entre as minhas pernas. Um lembrete doloroso que eu não precisava. Cada momento do que eu fiz estava queimado em minha memória, ardendo ferozmente quando fechava meus olhos.

Eu dormi com Remo Falcone.

Capo da Camorra.

Meu inimigo.

Não Danilo. Não meu noivo. Meus olhos encontraram meu anel de noivado descartado na mesa de cabeceira. Eu não tinha usado hoje, e agora nunca poderia usá-lo novamente sem me sentir como uma fraude. Engoli. Ele também veria os lençóis. Eu tinha dado o que lhe havia sido prometido por cinco anos. O pior foi que eu quis dar isso.

Eu ainda podia sentir o corpo de Remo no meu, o jeito que ele se movia em mim.

Foi... maravilhoso. Libertador. Intoxicante.

Pecado.

Traição.

Minha ruína.

O que eu fiz não podia ser desfeito. Um beijo poderia ser negado. Um toque poderia ser escondido. Isto? Isto deixara cicatrizes. Havia provas tangíveis, e Remo as exibiria nos rostos da minha família.

Você tem que assumir suas ações, Angel.

Eu sabia que precisava, mas não tinha certeza se podia.

REMO

Na manhã seguinte, encontrei Serafina empoleirada em seu lugar habitual no peitoril da janela. Os lençóis não estavam amarrotados. Ela deve ter dormido encostada na janela ou não.

— Você enviou os lençóis, — disse Serafina em voz baixa, sem olhar para mim. Claro, ela sabia. Ela não era apenas bonita, era incrivelmente inteligente. Uma combinação letal.

— Sim. Entrega expressa. Eles devem chegar à casa da sua família amanhã de manhã ou talvez até hoje à noite.

Ela não se virou, não reagiu. Só olhava pela janela. Seu cabelo estava escovado sobre o outro ombro, seu pescoço delgado descoberto aos meus olhos. As marcas dos meus dentes arruinavam sua pele imaculada. Seus ombros se contraíram levemente. Então ela endureceu sua espinha. — O que você disse a eles? Suponho que você enviou uma nota com o seu presente. — Houve uma pequena hesitação em seu tom, uma brecha em sua voz fria.

Eu me aproximei. — O que você queria que a nota dissesse?

Ela olhou por cima do ombro para mim, uma expressão lindamente odiosa perfeitamente congelada em seu rosto.

— Quem sabia que o ódio poderia ser tão bonito? — Eu disse quando meus dedos deslizaram sobre os solavancos suaves de sua espinha através de seu manto de cetim fino.

Ela deu um pulo, virou-se e bateu na minha mão. — Não me toque.

Eu a pressionei contra a parede, uma mão enrolada em torno de seus pulsos enquanto eu os empurrava na parede acima de sua cabeça. — Ontem você me deixou te tocar, me deixou comer sua boceta, me deixou te foder. Você me deu a si mesma, voluntariamente, desesperadamente, *lascivamente.*

A última palavra rompeu sua máscara. — Você teria me forçado eventualmente.

Meus olhos se fixaram nos dela, meu aperto nos pulsos dela aumentou. — Eu pensei que você fosse corajosa, Angel. Achei que você não escolheria o caminho mais fácil, mas agora vejo que você não pode sequer manter a verdade do que fez.

Ela não desviou o olhar.

— Agora me diga de novo, por que você se entregou a mim ontem? E seja corajosa. Foi porque temia que eu tomasse o seu presente sem pedir ou porque você queria ser aquela decidindo a quem queria presentear?

Ela engoliu em seco. — Eu queria dar de presente para o Danilo. Era um privilégio dele.

— Realmente? Ou você se sentiu obrigada a presenteá-lo porque alguém lhe prometeu esse presente sem o seu consentimento?

— Não se atreva a falar sobre o consentimento.

Eu me aproximei. — Por que você me deu?

Seus olhos brilharam e lágrimas brotaram em seus olhos. — Porque eu quis! — Ela fechou os lábios e finalmente desviou o olhar. Uma lágrima deslizou por sua bochecha perfeita, e ela respirou estremecendo. — Eles não vão me perdoar por isso. Eles vão me odiar ferozmente, mas nunca tanto quanto eu me odeio, nunca o bastante.

Eu me inclinei e passei meu nariz por sua pulsação, minha mão

envolvendo seu rosto.

— Faça isso, — ela sussurrou, implorou, e eu recuei, olhando para as piscinas azuis de desespero.

— Fazer o quê? — Eu acariciei o ponto macio atrás de sua orelha.

— Me machuque.

Minha boca roçou seu queixo e mais acima sobre seus lábios.

— Me machuque. — Ela disse isso mais duro desta vez. Eu agarrei sua cintura e a virei, pressionando-a contra a parede, seus pulsos ainda acima da cabeça, meu corpo enjaulado o dela. Eu já estava dolorosamente duro. A mão que não segurava seus pulsos se moveu sob o manto de cetim e a encontrou nua por baixo. Eu exalei contra o pescoço dela e mordi levemente, fazendo-a estremecer. Meus dedos se moveram para sua barriga lisa, em seguida, abaixaram para os cachos aparados até que eu mergulhei entre suas dobras. — Me machuque, Remo!

— Eu vou, Angel. Paciência é uma virtude. Você não se lembra? — Meus dedos deslizaram mais profundamente.

Ela não estava molhada como ontem, apenas excitada, principalmente quebrada e desesperada para trocar uma forma de dor por outra. Eu soltei meu cinto e tirei meu pau antes de aliviá-lo entre suas belas e firmes nádegas. Sua respiração ficou presa, mas eu mergulhei mais baixo para sua boceta. Ela estava tensa como um punho contra a minha ponta, dolorida, preparada para a dor.

Eu não empurrei. Em vez disso, meus dedos começaram a brincar com sua boceta, de leve, provocando, persuadindo toques. Nada como o que ela queria.

— Por que você não pode só me machucar? — Ela sussurrou, inclinando o rosto para o lado e para cima.

Sim por quê? Minhas mãos sempre causavam dor prontamente.

Eu a segurei no lugar, braços erguidos acima de sua cabeça, sua frente pressionada contra a parede, meu pau entre suas coxas, e a assisti chorar. Eu reivindiquei sua boca em um beijo, provando suas lágrimas enquanto meus dedos acariciavam entre os lábios de sua boceta. Logo pude sentir sua

rendição. Meus dedos deslizaram através de sua umidade, e sua boceta afrouxou contra a minha ponta. Usando o meu pé afastei mais suas pernas, em seguida, olhei em seus olhos azuis enquanto entrava nela. Ela estremeceu e beijei sua boca novamente, lento e lânguido, até que eu estava embainhado nela até minhas bolas, meu pau enterrado profundamente dentro dela.

— Agora *sua* paciência será recompensada, Angel.

Ela sorriu sem alegria contra a minha boca, e eu puxei todo o caminho para fora dela, em seguida, bati de volta. Ela engasgou, seu corpo enrijecendo, preso entre o meu peito e a parede. Sua boceta apertou impiedosamente ao meu redor. Eu acariciei seu clitóris enquanto dirigia nela novamente. Meu corpo ansiava por ir ainda mais forte, e ela também, mas eu me contive, não querendo causar nenhum dano duradouro.

Porra.

O que diabos Serafina estava fazendo comigo?

Seus olhos seguraram os meus como se ela pudesse encontrar a salvação lá, mas nós dois estávamos condenados, e eu estava arrastando-a para mais perto da danação todos os dias.

Minhas bolas bateram contra ela a cada impulso, e eu estava perdendo o controle, não apenas do meu pau, mas também de todo o resto. Serafina ainda estava apertada e seus gemidos hesitantes, a dor mais forte que o prazer. Reivindicando sua boca em um beijo, abandonei o controle e gozei com um arrepio violento.

Ela estremeceu em meus braços quando meu pau se contraiu dentro dela. Eu pressionei minha testa na dela, permanecendo dentro por alguns momentos. Seu hálito quente se espalhou pelos meus lábios e finalmente eu saí dela. Seu gemido me fez beijar sua omoplata. Então eu a levantei em meus braços.

Eu a carreguei até a cama e a deitei, depois me pressionei atrás dela, e ela deixou. Ela estava quieta. Eu corri meus dedos por seu braço liso. Seu doce aroma misturado com o meu e o almiscarado do sexo. A mistura perfeita.

— E você se sente melhor? A dor ajudou? — Murmurei contra seu ombro

quando a beijei novamente. Eu não tinha certeza do porquê sentia o desejo de beijá-la daquele jeito, mas simplesmente não conseguia parar.

— Não, — ela disse baixinho.

— Eu poderia tê-la avisado.

— Você sabe tudo sobre a dor e seus efeitos, não sabe?

— Eu não acho que uma pessoa possa saber tudo sobre a dor. Todo mundo sente dor de maneira diferente, reage de maneira diferente. É uma coisa curiosa.

O corpo de Serafina relaxou ainda mais no meu abraço. — Eu acho que prefiro dor. Não me faz sentir tão culpada quanto o prazer.

Enterrei meu nariz no cabelo dela. — Você não tem motivos para se sentir culpada.

Ela não disse nada e finalmente sua respiração se estabilizou. Eu levantei minha cabeça com cuidado e a encontrei adormecida. Seus cílios pálidos tremulavam, seu rosto tranquilo. Eu nunca tinha entendido o apelo de ver alguém dormir, sempre achei chato, insatisfatório. Eu estava tão errado.

Continuei acariciando seu braço, em seguida, beijei sua pele novamente. Porra. Como eu ia devolvê-la?

Repousei minha cabeça no travesseiro. Eu não estava cansado apesar da longa noite que tive, mas não consegui me levantar com Serafina em meus braços.

Fechando meus olhos, me permiti relaxar. Eu tinha caído em um sono leve quando Serafina se mexeu, me acordando. Ela endureceu em meus braços.

— É estranho quando seus pesadelos são menos horríveis do que a realidade, — ela sussurrou.

— Eu vivi isso, Angel. Isso te faz mais forte.

— Eu queria que você tivesse me tomado no primeiro dia, lá naquele porão no colchão sujo como a prostituta que sou.

As palavras saíram de sua garganta como se cada sílaba fosse pura agonia.

Eu fiquei tenso, virando-a para mim, me sentindo tão zangado. Por um instante, Serafina recuou da força da minha fúria, mas então encontrou meu olhar. Ela ficou imóvel de lado, olhos cheios de angústia.

— Você não é uma prostituta. A sua maldita virgindade é tudo o que importa para a sua família?

— Não é só que eu não sou mais virgem, — ela sussurrou. — É com quem eu perdi isso. Eles não vão entender. Eles não vão perdoar. Eles vão me odiar pelo que fiz.

— Eles não deveriam ficar aliviados por você não sofrer com a dor e a humilhação? Você sucumbiu ao prazer. E daí? Todos eles pecaram mais que isso, até mesmo seu irmão, particularmente seu noivo. Que direito eles têm de julgá-la?

Ela piscou devagar. Então ela me surpreendeu inclinando-se para frente e me beijando. Um beijo suave. Um suave que parecia um fodido tudo. Minhas sobrancelhas se juntaram, tentando avaliar seu humor.

— Estou perdida, Remo.

Eu embalei a cabeça dela e a beijei novamente antes de murmurar; — Minha nota dizia que rasguei sua inocência de você, que você lutou comigo como um furacão e que eu aproveitei cada segundo disso.

Ela segurou a respiração, procurando meus olhos. — Você fez parecer que me estuprou. — Ela engoliu em seco. — Por que você mentiu? Foi porque isso machucaria minha família ainda mais?

Eu sorri sombriamente. — Temo que sua família ficaria mais arrasada se soubessem que você se doou livremente para mim.

— Eles me odiariam.

— Agora você pode decidir o que dizer quando eu lhe devolver para eles.

— Você vai? — Ela perguntou baixinho.

Eu recuei e me sentei então virei de costas para ela. — Você nunca esteve destinada a ser uma prisioneira para sempre.

As pontas dos dedos dela traçaram minha tatuagem. — Agora que você conseguiu o que queria de mim, você pedirá Scuderi. — Havia um tom estranho em sua voz, mas eu não me virei para ver seu rosto porque então ela também veria o meu.

— Você acha que eles ainda vão me querer agora que estou arruinada?

Serafina era muitas coisas, mas arruinada não era uma delas, e qualquer um que a declarasse como tal era um idiota. — Sua família ama você. Eles farão qualquer coisa para te salvar, mesmo agora. Especialmente agora.

Eu me levantei e saí sem outro olhar para ela.



Já era quase meia noite quando meu telefone tocou. Eu me afastei da tela onde Savio e Adamo estavam disputando um jogo de corrida. Nino e Kiara já haviam se retirado para o quarto deles para foder. Sem olhar para a tela, eu sabia quem era. Eu atendi.

— Dante?

Meus irmãos me lançaram olhares curiosos. — Recebi sua mensagem, — Dante disse. Eu praticamente podia sentir sua fúria. Não foi tão estimulante quanto eu esperava.

— Eu sei que você não segue a tradição de lençóis ensanguentados da Famiglia, mas achei que fosse um toque agradável.

Adamo fez uma careta e seu carro bateu na parede. Savio tinha parado de jogar por completo.

Houve silêncio do outro lado. — Existem regras em nosso mundo. Nós não atacamos crianças e mulheres.

— Engraçado que você diga isso. Quando seus soldados atacaram meu território, eles atiraram no meu irmão de treze anos de idade. Você quebrou essas regras primeiro, então pare com essa besteira.

Os olhos de Adamo se arregalaram e ele olhou para a tatuagem.

— Você sabe tão bem quanto eu que não dei a ordem para matar seu irmão, e ele está vivo e bem.

— Se ele não estivesse, não estaríamos conversando, Dante. Eu teria matado todas as pessoas que você gosta, e nós dois sabemos que há muitas para escolher.

— Você tem pessoas que não quer perder também, Remo. Não se esqueça disso.

Sávio e Adamo me observaram, e foi preciso um esforço considerável para manter minha fúria à distância. — Eu pensei que os lençóis poderiam ter feito você ver a razão, mas vejo que você quer que Serafina sofra um pouco mais.

Eu desliguei. Depois de alguns segundos, meu telefone tocou de novo, mas ignorei.

— Eu acho que Dante não está disposto a cooperar ainda, — disse Savio com um sorriso.

Adamo balançou a cabeça, levantou-se e subiu as escadas.

Savio revirou os olhos. — Por alguns dias ele tem sido quase tolerável. Eu suponho que acabou agora.

Levantei-me, mudei o telefone para o modo silencioso e enfiei-o no bolso. — Eu vou falar com ele.

— Boa sorte, — murmurou Savio.

Eu não me incomodei em bater antes de entrar no quarto de Adamo. Meus olhos examinaram o chão, que estava cheio de roupas sujas e caixas de pizza. Eu andei em direção à janela e abri-a para me livrar do fedor horrível.

— Por que você não limpa seu quarto?

Adamo estava debruçado na frente do computador em sua mesa. — É o meu quarto e não me importo. Eu não te convidei para entrar.

Eu andei até ele e bati contra sua tatuagem. — Seria bom você me mostrar

respeito.

— Como meu irmão mais velho ou meu Capo? — Adamo murmurou, projetando o queixo para fora.

— Ambos.

— Pelo que você fez com Serafina, você não merece meu respeito.

— O que eu fiz?

Ele franziu a testa. — Você a forçou?

Eu trouxe nossos rostos mais próximos. — Eu forcei?

— Você não forçou?

— Vamos continuar trocando perguntas? Porque está ficando chato.

— Mas você dormiu com ela, — disse Adamo em confusão.

— Eu dormi, — eu disse. — Mas ela quis.

— Por quê?

Eu ri. — Pergunte a ela.

— Você acha que ela está apaixonada por você?

Meus músculos enrijeceram. — Claro que não. O amor é um jogo delirante para os tolos, e Serafina é muitas coisas, mas não uma tola.

— Eu gosto dela. — Adamo me olhou quase esperançoso. Eu me perguntava quando nosso mundo iria livrá-lo dos últimos fragmentos de sua inocência.

— Adamo, — eu disse bruscamente. — Eu a sequestrei para que ela pudesse servir ao propósito de vingança contra a Outfit. Ela não vai ficar, então não se apegue. — Ele deu de ombros. Suspirando, eu toquei sua cabeça e saí.

Oh, Serafina.

Fui em direção à minha ala, mas, em vez de continuar para o meu quarto, parei em frente à porta de Serafina. Eu sabia que Dante concordaria em me dar

Scuderi a qualquer momento. Eu destranquei a porta e entrei. Serafina estava encolhida de lado, lendo um livro. Ela o largou quando eu fechei a porta e caminhei em direção a ela.

Ela franziu a testa. — Só porque eu dormi com você uma vez...

— Duas vezes, — eu corrigi.

— Só porque eu dormi com você *duas vezes* não significa que vou dormir com você sempre que tiver vontade.

Eu afundei ao lado dela. — É mesmo? — Eu trilhei meus dedos sobre o braço exposto. Arrepios subiram em sua pele.

— Estou muito dolorida. Eu acho que a última vez foi demais, — ela admitiu, suas bochechas ficando rosa.

Meus dedos pararam em sua clavícula. — Você precisa ver um médico?

— Não é tão ruim assim. — Ela estreitou os olhos um pouco. — Você está preocupado comigo?

Ignorando sua pergunta, eu disse: — Eu não vim por sexo de qualquer maneira.

— Por que você veio, então?

Se eu soubesse. Eu tirei minha arma e coldre de faca e deixei cair no chão ao lado da cama antes de me esticar ao lado dela e apoiei minha cabeça em minha mão.

— Não me diga que você veio se aconchegar, — disse ela.

Minha boca se contraiu. — Eu nunca me aconcheguei com uma mulher.

— Você fez isso hoje.

Eu pensei nisso. Eu a abracei na cama depois do sexo, a observei dormir em meus braços. — Eu fiquei lá apenas para ter certeza de que você não se afogaria em autopiedade.

— Claro, — ela murmurou. — Você disse que nunca se aconchegou com uma mulher. Você tem o hábito de se aconchegar com homens, então?

Eu ri e deslizei minha mão em seu cabelo. Ela se inclinou para o toque muito ligeiramente. Eu não tinha certeza se ela notou. — Eu não faço mais. — Ao levantar questionador de sua sobrancelha, eu continuei. — Eu costumava abraçar Adamo e Savio quando eles eram realmente pequenos.

Seu nariz enrugou. — Desculpa. Não consigo visualizar isso. Considerando quão cansativas crianças pequenas podem ser, estou surpresa que você não tenha acabado com eles.

Meus dedos se contraíram, mas contive minha raiva. — Eles são meus irmãos, minha carne e sangue. Eu morreria antes de machucá-los. — Fiquei em silêncio.

Serafina também ficou quieta. — Eu não entendo você, Remo Falcone.

— Você não deveria.

— Eu sou perceptiva. Antes que você perceba, revelará mais para mim do que deseja.

Eu temia que ela estivesse certa. Uma peça de xadrez. Um meio para o fim. Isso era tudo o que Serafina poderia ser. Nada mais.

Meu sorriso ficou cruel. — Serafina, eu sei que perder sua virgindade comigo faz você pensar que compartilhamos um vínculo especial. Mas duas trepadas não te fazem nada especial para mim. Eu fodi tantas mulheres. Uma boceta é como qualquer outra. Eu tomei algo de você, e agora você quer justificar isto com besteiras emocionais.

Ela endureceu, mas depois me deu um sorriso esperto. Seus dedos se enrolaram no meu pescoço, e ela pressionou sua testa contra a minha como eu tinha feito antes. — Você tirou algo de mim, é verdade, mas você não foi o único tomando algo. Talvez você não veja ainda, mas com cada pedaço que tira de mim, está me dando um pouco de si mesmo em troca, Remo, e você nunca vai conseguir de volta.

Eu duramente reivindiquei sua boca e rolei em cima dela, pressionando-a no colchão com o meu peso. — Não, — eu rosnei em seu ouvido. — Não pense que me conhece, Angel. Você não sabe nada. Você acha que viu a minha escuridão, mas as coisas que não viu são tão escuras que nenhuma luz nesta terra

pode penetrá-las.

— Quem não é corajoso agora? — Ela sussurrou.

Eu tremi de raiva. Eu queria foder minha raiva para tirá-la do meu sistema. Queria ferir. Queria quebrar alguma coisa. Eu me movi para baixo de seu corpo e empurrei sua camisola para cima, em seguida, arranquei sua calcinha pelas pernas.

— Eu te disse que estou dolorida, — ela disse suavemente.

Por que ela tinha que soar tão vulnerável naquele momento? O que diabos ela estava fazendo comigo? Eu afastei suas pernas. Ela não me impediu apesar da tensão em seus membros. Respirando fundo, eu me deitei em meu estômago, descansando entre suas coxas.

Seu corpo se suavizou imediatamente quando percebeu que eu não ia machucá-la. Eu a puxei em direção à minha boca e ela estremeceu. Eu deslizei meus lábios contra suas dobras, e logo ela estava se contorcendo e gemendo, suas pernas se abrindo, confiando, e foda-se, era melhor do que qualquer foda raivosa já tinha sido. Eu tomei meu tempo, aproveitando o jeito que ela se permitiu render-se ao prazer. As pontas dos meus dedos traçaram a carne macia da parte interna da coxa dela, os músculos relaxados ali. Nenhum sinal de tensão ou medo.

Ela gozou com um lindo grito, seu corpo arqueando, me dando uma visão privilegiada de seus lindos mamilos. Eu plantei beijos pelo corpo dela até chegar aos seus lábios. — Você é tudo sobre dar e receber. Eu te dei minha boca. Que tal você me dar a sua agora?

— Você pode ter a minha mão, não mais, — disse ela com firmeza.

— Eu quero gozar na sua garganta, não na sua mão.

Ela segurou meu olhar. — Você pode ter minha mão ou nada.

— A última vez que uma mulher me deu uma punheta, eu tinha quatorze anos. Depois disso só gozei na boca, na boceta ou na bunda.

— Eu não sou como elas, Remo.

Não, ela não era. Serafina era tudo. Astuta e forte. Leal e feroz. Ela poderia

ter sido Capo se fosse permitido às mulheres essa posição em nosso mundo.

Eu rolei de costas e cruzei os braços atrás da cabeça. Serafina sentou-se. Ela tentou mascarar sua inexperiência, mas seu nervosismo transpareceu quando ela se atrapalhou com o meu cinto. Eu não a ajudei. Meu pau já estava dolorosamente duro quando ela puxou para fora da minha cueca. Seu toque era suave demais enquanto ela me acariciava, mas gostei de observá-la. Logo ela encontrou a pressão certa e ritmo, e eu estendi a mão entre as pernas dela e desenhei pequenos oitos ao longo de seu clitóris e dobras. Quando Serafina começou a tremer com a força de seu orgasmo, e sua mão apertou em torno do meu pau, minha própria liberação me dominou, e eu gozei como um fodido adolescente por todo o meu estômago.

Eu usei sua calcinha para limpar meu estômago apesar de sua carranca. Então a puxei para baixo contra mim. Ela estava rígida, mas eventualmente colocou a cabeça no meu ombro.

— Isso não foi tão ruim, — eu disse lentamente. — Mas se você quiser me deixar de joelhos, você terá que usar sua boca.

Ela bufou. — Eu vou descobrir outro jeito de te deixar de joelhos, Remo.

Se alguém pudesse, então seria ela.

Capítulo Dezoito

SERAFINA

Eu acordei com alguém pressionado contra as minhas costas, uma respiração quente soprando sobre o meu ombro.

Não me afastei, apenas olhei para a minha mão, que repousava sobre a dele na cama. A pele do meu dedo anelar estava mais clara de usar meu anel de noivado por cinco anos, que agora estava na minha mesa de cabeceira abandonado. E como eu poderia usá-lo novamente? Como eu poderia encarar meu noivo novamente depois de tudo que fiz? Tudo o que eu ainda queria fazer.

No fundo eu sabia que não queria mais me casar com Danilo, mas era meu dever, mesmo agora. Passei a ponta dos dedos sobre a mão de Remo e ele acordou com uma corrente de tensão irradiando através de seu corpo. Eu assumi que ele não era um homem acostumado a dividir a cama com alguém.

Ele exalou e relaxou, mas não disse nada. Eu virei à mão dele até que a palma estivesse para cima, em seguida, tracei as cicatrizes de queimadura lá, imaginando como elas aconteceram. Meu toque seguiu as cicatrizes até seus pulsos, onde cicatrizes cruzadas lutavam pelo domínio com suas marcas de queimaduras. A respiração de Remo mudou, tornou-se cautelosa, perigosa.

— Você vai me dizer como você conseguiu isso?

Ele mordeu a minha nuca. — Por que eu deveria?

Sim, por que ele deveria me contar isso? Eu me virei em seus braços. Sua expressão era severa, mas seus olhos seguravam uma sugestão de algo ainda mais sombrio. — Você está certo, — eu sussurrei, segurando seu olhar. — Eu sou apenas sua prisioneira. A rainha no seu jogo de xadrez. Algo sem sentido, fácil de esquecer no momento em que você me devolver. — Mesmo enquanto eu dizia as palavras, não podia imaginar Remo realmente me deixando ir, não pela maneira como ele olhava para mim, e não tinha certeza se a compreensão me apavorava ou aliviava. Por que como eu poderia voltar para a Outfit?

— Oh, Angel, esquecê-la será impossível.

E eu sorri. Deus me ajude, eu sorri.

Remo balançou a cabeça lentamente. — Isso é loucura.

— É. — Era e pior... traição. Papai. Mãe. Sofia. Sam. A culpa me agarrou em seu estrangulamento. Engoli. — Minha família... — Eu não disse mais nada.

O rosto de Remo endureceu e ele se desembaraçou de mim e se levantou. Meus olhos o absorveram, a dureza de sua expressão, aqueles olhos cruéis, as cicatrizes e os músculos.

Remo era o inimigo. Ele estava tentando destruir as pessoas que eu amava usando-me como arma. Eu não podia esquecer isso. Ele colocou suas roupas e coldre de armas. Então ele assentiu sombriamente. — Esse é o olhar que você deveria me dar, Angel. Agarre-se ao seu ódio, se puder.

— Você pode?

Ele não disse nada, apenas sorriu sombriamente. Ele se virou e saiu. O anjo caído tatuado nas costas parecia zombar de mim porque todos os dias eu me sentia um pouco mais como um anjo caindo.



Kiara me pegou na hora do almoço. Eu poderia dizer pelo jeito que ela estava olhando para mim que sabia que eu tinha dormido com Remo. Nino provavelmente contara a ela, e Remo contara a ele e provavelmente a todos os outros. Eu não me atrevi a perguntar se os lençóis já tinham chegado. A mera ideia de que minha família e meu noivo os viram levou a bile até minha boca.

Nós nos sentamos no sofá. Ela pediu o sushi vegetariano, que estava na mesa à nossa frente. Eu não via Nino em lugar algum, mas sabia que ele estava por perto e atacaria ao menor som de angústia de Kiara.

Comemos em silêncio por um tempo, mas eventualmente Kiara não pôde mais conter sua preocupação. Ela tocou meu ombro, seus olhos voaram para as marcas de mordida na minha garganta. — Você está bem?

Eu abaixei os hashis e encontrei seu olhar. — Sou uma prisioneira nessas

paredes e traí minha família. Eu deixei Remo me desonrar. Estou arruinada. Então, o que você acha?

Ela franziu os lábios. — Você só estará arruinada se permitir que os outros a façam se sentir assim.

— Você não entende. — Eu fechei meus lábios, a vergonha me lavando porque todos conheciam as histórias sobre ela. — Eu sinto muito.

Kiara sacudiu a cabeça, com uma pontada de dor nos olhos, mas endireitou os ombros com um sorriso. — Eu me senti arruinada por anos... até que não fiz mais, e então estava livre.

— Se minha família e meu noivo descobrirem que Remo não me forçou, eles não vão me perdoar.

— Você quer voltar para o seu noivo?

— Você acha que eu quero ficar com Remo? — Eu murmurei. — Ele me sequestrou. Ele me mantém trancada em um quarto. Ele é meu inimigo. O sexo não vai mudar isso.

Kiara me olhou atentamente. — Talvez haja uma chance de paz entre a Outfit e a Camorra. Você poderia ser essa chance. Algo bom pode nascer de um ato de brutalidade.

— Mas não haverá. Meu pai, tio, noivo, meu *irmão* nunca concordarão com qualquer tipo de paz. Eles são homens orgulhosos, Kiara. Você sabe como são os homens feitos. Remo me tirou deles, roubou minha... roubou minha inocência.

— É roubada ou dada.

Eu desviei o olhar. — Eles não verão desse jeito. Ele arrancou algo deles, pegou algo que eles consideravam sua posse. Ele insultou minha família, meu noivo. Eles não vão esquecer ou perdoar. Eles vão retaliar. Irão me vingar com intenção brutal.

— Você quer ser vingada?

— Remo me sequestrou. Ele tirou tudo de mim.

— Tudo? — Kiara disse curiosamente.

— Tudo o que costumava importar. — Peguei meus hashis novamente e continuei comendo, esperando que Kiara entendesse que eu não queria mais falar.



Remo voltou ao meu quarto novamente naquela noite. Eu esperava por ele e não disse nada quando ele largou o coldre no chão e se deitou ao meu lado. Eu só o observei, tentando entendê-lo, a mim mesma, nós. Mas eu vi a mesma confusão em seus olhos que sentia toda vez que ele estava perto.

Nós dois fomos pegos em uma corrente, nos arrastando para baixo em sua implacável profundidade, incapazes de nadar para a superfície por conta própria. As únicas pessoas que podiam nos salvar só queriam salvar um de nós e ver o outro se afogar, mas estávamos emaranhados. Um de nós teria que deixar ir primeiro para alcançar a superfície.

E assim como na noite anterior, a boca de Remo me obrigou a submissão, lábios, língua e dentes, um momento duro, gentil no outro. Ele não tentou dormir comigo, e por alguma razão isso piorou as coisas porque eu não queria que ele se contivesse. Eu queria que ele tomasse sem consideração, sem piedade. Porque quando ele era algo mais do que o monstro que eu conhecia, ele tomou algo que eu estava ainda menos disposta a dar.

Ele pressionou contra minhas costas, respirando duramente, sua ereção uma presença exigente empurrando em mim.

— Quando você vai me libertar? — Perguntei.

— Logo, — Remo murmurou, mas não elaborou. Por alguma razão, ouvi o eco da palavra “nunca”.

Nunca. Nunca. Nunca.

E isso não me assustou tanto quanto deveria.

Eu considerei perguntar sobre os lençóis. Dante já deveria ter contatado

Remo. Mas eu estava com muito medo, não queria saber a reação deles. Os lábios de Remo roçaram minha omoplata.

— Você sempre faz isso.

A tensão atravessou seu corpo como se eu o tivesse pego cometendo um crime horrendo. — Eu acho que Danilo arruinou o plano de seu tio para manter a calma.

Eu endureci também. — O quê?

O aperto de Remo aumentou, não permitindo que eu me virasse. — Dante tentou fingir que os lençóis não tiveram o efeito desejado, mas esta tarde Danilo me ligou, e ele não estava tão controlado quanto o *Gold Fish* queria que eu acreditasse.

Eu chupei uma respiração instável. — Você falou com Danilo?

— Ele estava furioso, sanguinário. Ele me disse que cortaria minhas bolas e meu pau e me faria comê-los. — Remo fez uma pausa e eu fiquei mais tensa. — E eu lhe disse que ele poderia tentar, mas isso não mudaria o fato de que fui o primeiro homem dentro de você.

Eu me afastei do seu abraço, me virei para ele, ajoelhando na cama.

Remo sorriu sombriamente. Meus olhos pegaram o coldre no chão. Eu me lancei, arranquei a arma do coldre, soltei a segurança e apontei para a cabeça de Remo.

Ele rolou de costas, braços esticados em rendição. Não havia medo, nem apreensão em seus olhos.

Eu me endireitei de joelhos ao lado dele. — Se você acha que não posso ir em frente e puxar o gatilho, Remo, você está errado. Eu não sou a garota de antes que não poderia cortar sua garganta.

Remo segurou meu olhar. — Eu não duvido que você possa me matar, Angel.

— Então por que você não está com medo? — Eu perguntei ferozmente.

— Porque, — ele murmurou, segurando meus quadris. Eu segurei a arma

mais firme, mas permiti que ele mantivesse suas mãos na minha pele. — Eu não tenho medo da morte ou da dor.

Sem abaixar a arma, eu montei seu estômago, e meu núcleo se apertou com a sensação de seus músculos.

Os olhos de Remo brilharam de desejo. Eu me inclinei para frente, descansando o cano contra a testa dele. — Se eu te matar agora, estarei livre.

— Ainda há meus irmãos e centenas de homens leais que vão caçá-la, — disse Remo, com os polegares acariciando minha barriga de uma forma que distraia. Eu já estava molhada das primeiras carícias de Remo, mas uma nova onda de excitação se agrupou entre as minhas pernas agora.

— Mas eu ainda estaria livre de você e é tudo o que me importa.

Remo sorriu sombriamente novamente. Ele levantou um braço e eu apertei meu dedo no gatilho. — Você não pode se livrar de mim. Porque eu estou aqui. — Ele tocou meu templo levemente, embora fosse outro ponto que ele deveria ter tocado porque era sua presença em outro lugar que me assustava mais. — Você sempre vai lembrar que fui aquele a quem se doou pela primeira vez.

Dei-lhe o sorriso cruel que ele usava comigo sempre que eu chegava perto demais. — A memória vai desaparecer. Duas vezes não importa depois de um tempo. Vou dormir com Danilo pelo resto da vida e esquecerei que já existiu um homem antes dele.

Remo se lançou em uma posição sentada, os olhos brilhando de fúria. A arma cravou em sua testa, mas ele não se importou. Seu aperto no meu quadril aumentou, e sua outra mão segurou minha cabeça. — Oh, Angel, confie em mim quando eu digo que você vai se lembrar de mim pelo resto de sua existência.

Eu levantei e me posicionei sobre a ereção de Remo. Eu toquei a palma da mão na bochecha dele, fazendo com que os olhos dele brilhassem com uma emoção que assustava a ele e a mim igualmente. Eu soltei o gatilho, mas não larguei a arma. Eu me abaixei no comprimento de Remo lentamente, apesar da pontada feroz. Minha cabeça caiu para trás quando ele estava todo enterrado dentro de mim.

— Devastador.

Eu abaixei minha cabeça, bloqueando os olhos com Remo.

— Devastadoramente linda, — ele murmurou. Eu abaixei a arma e a pressionei contra o peito dele.

— Não há nada aí para você alvejar.

Eu travei a segurança, envolvi meus braços em volta do seu pescoço e balancei meus quadris, a arma balançando frouxamente na minha mão. Dor e prazer passaram por mim. Remo gemeu. Eu me movi mais rápido, subindo e descendo. Remo me segurou com força, seus olhos escuros e possessivos enquanto ele me deixava no controle.

Os dentes de Remo arranharam minha garganta, deixando marcas, e minhas unhas se espalharam por suas costas, deixando minhas próprias marcas por sua vez. Era doloroso, mas o montei forte e rápido, saboreando a sensação de queimação. Remo chupou meu mamilo em sua boca e seu polegar esfregou meu clitóris. O prazer aumentou ferozmente, misturando-se com a dor em uma dança deliciosa.

Ambos subindo cada vez mais alto, e eu sabia que um deles acabaria me quebrando, e ansiava por isso. Precisava disso. Remo sacudiu meu centro e prazer dominou todo o resto. Eu gritei, largando a arma enquanto segurava desesperadamente os ombros de Remo, minhas unhas cravando. Remo segurou meu olhar com ferocidade e fome, e eu me senti viva, livre e leve.

Eu ainda estava estremecendo com a força do meu orgasmo quando Remo nos virou, trancando meus joelhos sob seus braços, me abrindo e metendo em um duro empurrão, indo muito mais fundo do que antes. Eu arqueei, lábios se abrindo em um som abafado, meio gemido, meio grito. Remo não parou. Ele bateu em mim, duro e rápido, empurrando-me contra o colchão uma e outra vez, rasgando cada último fragmento da minha inocência. A arma jazia ao nosso lado na cama.

Remo estava certo. Uma bala na cabeça não me libertaria dele. Neste ponto, eu não tinha certeza se alguma coisa poderia.

REMO

Sentado no sofá da sala de jogos, olhei para o meu telefone. Duas chamadas perdidas de Dante. A última de ontem. Três dias desde meu telefonema com Danilo. Eu não consegui falar com Dante, sabendo que o tinha exatamente onde o queria.

— É hora de acabar com isso. Dante me ligou hoje. Ele trocará Scuderi por Serafina.

— Eu sou o Capo. Eu decido quando e como libertá-la.

Nino se inclinou para frente, braços apoiados em suas coxas. — Remo, se você tem sentimentos por ela...

Eu o interrompi. — Eu não sou como você. Uma mulher não vai me transformar em uma confusão emocional.

Ele estreitou os olhos, mas sua expressão permaneceu calma. — Então mande ela de volta. Fabiano está ficando impaciente e eu também. Não há mais nada a ganhar com isso. Dante não nos dará mais do que Scuderi. Você já os fez acreditar que torturou e estuprou Serafina. Eles estão de joelhos, mas Dante é o Capo. Ele não vai desistir mais do que de seu Consigliere.

— Da próxima vez que ele ligar, atenderei a ligação dele, — eu disse com um encolher de ombros.

Nino me avaliou. — Eu lhe disse que não haveria vencedores neste jogo.

— Nós somos os vencedores.

Ele balançou a cabeça, mas não disse nada.

Eu me levantei e fui até o saco de boxe. Chutá-lo e socá-lo não ajudou com o meu tumulto interior, e a presença julgadora de Nino também não ajudou.

Chutei o saco mais uma vez, depois subi as escadas e entrei no quarto de Serafina. Ela estava lendo no peitoril da janela. A essa altura, Adamo deve ter trazido a metade de nossa biblioteca. Ela deixou o livro de lado e se levantou. Nos últimos dias, uma mudança gradual de poder havia começado e eu

não podia permitir isso.

Serafina se aproximou, examinando meu rosto cautelosamente. Ela parou na minha frente. Em vez de lidar com aspereza como eu pretendia, meus olhos absorveram seus lábios macios, lábios dos quais eu não conseguia o suficiente, os lábios que me deixavam louco de desejo.

— Você tem um olhar muito estranho em seu rosto.

— Eu não consigo pensar em nada além de ter você de joelhos na minha frente com esses lábios perfeitos em volta do meu pau. — Era uma meia verdade, a única verdade que ela teria.

— Eu estive de joelhos uma vez, — ela sussurrou.

Eu balancei a cabeça. — Isso não conta. Você pode estar de joelhos e ainda estar no controle.

— Eu não vou me ajoelhar.

— É uma pena, considerando que não há melhor maneira de deixar um homem de joelhos do que se ajoelhar na frente dele enquanto chupa seu pau. Você não queria me deixar de joelhos?

Ela me empurrou para trás e eu afundei na beira da cama. Eu a puxei entre as minhas pernas para que seus joelhos pressionassem contra a minha ereção. Eu deslizei minha palma entre suas coxas fechadas e esfreguei através do tecido de sua calcinha. — Eu acordo com uma porra de tesão toda manhã, sonhando com seus lábios e sua língua, Angel. Como seria foder sua boca doce.

Ela estava gravada na porra da minha mente, não apenas a sensação de seu corpo...

Suas sobrancelhas se uniram, mas sua boca se abriu quando sua respiração acelerou. Usando meu polegar, eu toquei seu clitóris enquanto meu outro dedo deslizou ao longo de sua fenda. Sua calcinha logo ficou presa em suas dobras de seus sucos. — Eu como sua boceta quase todos os dias. Você nunca se perguntou como seria retornar o favor? De me controlar com sua boca?

Seus olhos brilharam e ela gemeu quando pressionei minha mão com mais força contra o centro dela. Lentamente, eu retirei minha mão e sorri

sombriamente. Segurei seus quadris e empurrei para baixo, não o suficiente para fazer seus joelhos se dobrarem, mas para mostrar a ela o que eu queria. Ela resistiu, então afrouxei a pressão e finalmente ela se ajoelhou, com a cabeça erguida. Meu pau endureceu ainda mais com a visão de Serafina diante de mim. Eu soltei meu cinto e abri meu zíper antes de tirar meu pau. Comecei a acariciar-me, girando o polegar sobre a ponta escorregadia.

Serafina observou com os lábios entreabertos, mas estreitou os olhos quando notou meu sorriso. Depois de outro redemoinho do meu polegar, reunindo meu pré-gozo, eu escovei seus lábios e empurrei em sua boca. Sua língua me provou hesitante, e meu pau fodido se contraiu. Serafina notou, claro, e sorriu triunfante.

Eu puxei meu dedo e coloquei minha mão sobre seu pescoço, mas não a puxei em direção ao meu pau esperando, sabendo que ela resistiria novamente se tentasse persuadi-la a fazer o que eu queria.

Finalmente, ela estendeu a mão, envolvendo os dedos elegantes em torno da base do meu pau. Ela apertou experimentalmente e eu reprimi um gemido. E então Serafina se inclinou para frente e deslizou minha ponta em sua boca. Ela lambeu a ponta, em seguida, chupou, movimentos inexperientes que me deixou louco de desejo. Comecei a empurrar em sua boca, metendo meu pau mais fundo nela, mas não todo o caminho, ainda me segurando quando nunca me segurei por uma mulher em toda a minha vida.

Minhas bolas latejavam toda vez que ela escavava suas bochechas, e a visão teria me deixado de joelhos se eu já não estivesse sentado. Ajoelhada diante de mim, desafio e triunfo em seus olhos azuis, Serafina me possuiu. Corpo... e qualquer alma negra deixada.

Meu telefone tocou e eu aumentei a pressão em seu pescoço quando atendi a ligação. — Dante, que prazer, — eu disse.

Serafina tentou se afastar, com os olhos arregalados, mas minha mão em seu pescoço a manteve no lugar enquanto eu empurrava em sua boca. Ela olhou e raspou os dentes sobre o meu pau, o que fez meus olhos revirarem e meu pau se contrair. Eu sorri. Ela teria que morder muito mais para eu soltá-la. A dor só me excitou mais.

— Eu não estou ligando para trocar gentilezas, — disse Dante friamente.

Liguei o alto-falante e afrouxei meu aperto em seu pescoço. Serafina recuou, mas eu agarrei seu braço e a levantei. Então a puxei para o meu colo, suas costas contra o meu peito, um dos meus braços em volta dos seus seios. Meus pés afastaram as pernas dela e as mantiveram bem espalhadas. Serafina fez uma careta, mas não conseguiu dizer nada. Eu escovei dois dedos sobre suas dobras, encontrando-as gotejando de excitação. Eu sorri e a vergonha passou pelo seu rosto. — É uma pena, — eu disse a Dante.

Eu deslizei dois dedos nela e comecei a fodê-la enquanto minha outra mão segurava seu seio.

— Devemos chegar a uma solução, — disse Dante. Eu podia ouvir a fúria mal contida em sua voz.

— Eu tenho certeza que iremos, — eu disse enquanto deslizava meus dedos dentro e fora da boceta de Serafina e girava meu polegar sobre seu clitóris. — Você sabe que eu quero Scuderi. Eu quero que você o entregue para mim pessoalmente.

Os músculos de Serafina apertaram meus dedos enquanto eu a fodia devagar. Ela torceu a cabeça para trás e mordeu o lado do meu pescoço. Meu aperto afrouxou, e ela se soltou dos meus braços e invadiu o banheiro, batendo a porta.

— Em dois dias. Na minha cidade. Eu quero que você o traga até Vegas. Você recebe Serafina. Eu recebo Scuderi. Eu quero o noivo dela também. Eu gostaria de conhecê-lo pessoalmente.

Dante ficou em silêncio. — Nós estaremos aí.

— Nino lhe enviará os detalhes. Estou ansioso para conhecê-lo. — Eu desliguei, mas o triunfo que senti durou só um momento. Meus olhos encontraram a porta atrás da qual Serafina estava se escondendo.

Mais dois dias.

Então eu a libertaria.

Caberia a ela se voasse direto para a jaula de Danilo...

Meu peito se contraiu, mas eu afastei a sensação. Serafina nunca foi

destinada a ser minha.

Eu me levantei e, rasgando meu olhar para longe da porta, saí.

Capítulo Dezenove

SERAFINA

— Vista isso, — Remo ordenou, jogando meu vestido de noiva na cama. Olhei para as camadas brancas de tule, para as manchas de sangue e as lágrimas. Eu não o tinha visto em quase dois meses. Não parecia algo que eu já possuíra. Nada que eu estava destinada a usar novamente.

— Por quê? — Eu perguntei.

Remo se virou para mim, seus olhos escuros duros. — Porque eu lhe disse para fazer isso, Serafina.

Não *Angel*. Serafina. O que estava acontecendo? Eu estreitei meus olhos. — Por quê?

Ele se aproximou, olhando para mim. — Faça como eu digo.

— Ou o quê? — Eu disse asperamente. — O que você poderia fazer comigo? Você tomou tudo o que importava de mim. Não há mais nada para você tomar, quebrar.

A boca de Remo ficou cruel. — Se você realmente acha que é verdade, então você é mais fraca do que eu pensava.

Engoli em seco, mas não coloquei o vestido. Nós dois sabíamos que eu era muito mais forte do que ele jamais imaginou. Talvez tenha sido por isso que ele continuou fazendo isso, me afastando.

Remo pegou sua faca e puxou-a com um tilintar da lâmina contra a bainha. Arrepios subiram em minha pele, mas eu me mantive firme porque se sabia de algo, era que Remo não me machucaria. Não mais, nunca mais.

Seja qual fosse a ligação retorcida que havia se formado entre nós, isso o impedia de me causar dor.

Agarrando o decote da minha camisola, ele cortou o tecido com um golpe da faca afiada. Os pedaços se agruparam aos meus pés, deixando-me apenas com

a minha calcinha.

Seus olhos escuros percorreram meu corpo, a faca ainda apertada em sua mão e meu núcleo apertado com a necessidade. Ele agarrou meu quadril e me puxou em direção a ele, seus lábios esmagando os meus. Eu ofeguei quando sua língua conquistou minha boca, dentes rangendo. Ele me apoiou contra a cama até que eu caí de costas. Ele cortou minha calcinha com sua faca, e a proximidade da lâmina causou um arrepio na minha espinha. Remo se elevou sobre mim e libertou sua ereção, seus olhos furiosos e famintos e aterrorizantes.

Segurando seu olhar, abri minhas pernas para ele porque estava perdida, estava perdida desde o momento em que Remo colocou os olhos em mim, e quando olhei para ele, eu sabia, sem sombra de dúvida, que ele também estava perdido.

Os cantos de sua boca levantaram quando ele baixou o olhar para o meu centro. Ele ficou de joelhos, afastando minhas pernas ainda mais. Remo enterrou o rosto no meu colo. Eu arqueei, minhas unhas agarrando os lençóis, meu olhar encontrando meu vestido de noiva rasgado. A boca de Remo me pegou implacavelmente, com língua e lábios, mordidas e lambidas. Não havia como escapar. Ele não me deixou. Ele me fez ceder, não com força, não com violência... Ele mergulhou, girando até que eu era uma escrava das sensações que ele criou. Meu orgasmo caiu sobre mim como uma avalanche, mas meus olhos permaneceram trancados no tecido branco manchado do meu vestido - um sinal da minha honra, minha pureza.

Ambas perdidas.

Ambas tomadas... Não. *Dadas*.

A boca de Remo subiu pelo meu estômago, lambendo e mordiscando, a língua sacudindo meu mamilo. Ele mordeu levemente, em seguida, acalmou o local com um beijo de boca aberta. Seu corpo cobriu o meu, suas palmas pressionadas na cama ao lado da minha cabeça, a faca ainda presa em suas mãos. Por um momento nossos olhos se trancaram, e eu o odiei, me odiei, odiei a nós dois, porque o ódio se tornou mais difícil de segurar a cada dia que passava com ele.

Nós dois precisávamos do nosso ódio, e ainda assim estava escorregando entre nossos dedos como areia. Não havia como contê-lo. Perdidos. Seus olhos

escuros refletiam minha agitação interna. Perdendo-nos um no outro.

Meu olhar retornou ao meu vestido quando Remo empurrou para dentro de mim em um golpe impiedoso que consumia tudo. Sua boca pressionada no meu ouvido quando ele bateu em mim com raiva. — Quando eu te vi naquele vestido, sabia que precisava ser o único a tirar sua inocência de você. Eu sabia que precisava ser o único a fazer você sangrar. Quem imaginaria que você me faria sangrar em troca?

Estremeci, minha garganta apertando mesmo quando meu corpo latejava com prazer traidor. Finalmente eu afastei meu olhar do vestido para olhar para Remo - meu captor, meu inimigo, minha ruína... e ainda assim, apesar do que ele tirou de mim, o ódio não era a única coisa que meu coração fraco e idiota sentia. Mas essa era uma verdade que eu levaria para o meu túmulo.

— Eu te odeio, — eu sussurrei como se dizer as palavras em voz alta às tornasse verdade.

Os olhos de Remo perfuraram os meus, cheios de emoções, sua boca torcendo em um sorriso sombrio porque ele *sabia*. Ele se aproximou, a língua deslizando ao longo da costura dos meus lábios. — Nada é mais doce do que seus lábios, mesmo quando estão vomitando mentiras, Angel.

Seu próximo impulso atingiu fundo, e eu não pude me conter. O prazer ofuscante percorreu meu corpo. Meus lábios se separaram, mas eu engoli meu gemido. Eu não o daria a Remo. Hoje não. Ele mordeu minha garganta e a força do meu orgasmo duplicou. O gemido arranhou-se da minha garganta. Ele não podia nem me permitir essa pequena vitória. Seu próprio rosto contorceu-se com a tensão enquanto continuava empurrando, flexionando os ombros. Ele beijou minha boca suavemente, em seguida, meu ouvido, e eu sabia que ele entregaria palavras destinadas a quebrar, palavras piores do que qualquer tortura poderia ser. Eu sabia disso desde o momento em que vi seu rosto frio esta manhã.

— Você quer saber por que preciso que você coloque seu vestido de casamento, — ele disse enquanto seus impulsos se tornaram menos controlados.

Meu peito apertou com pavor.

Remo beijou minha orelha novamente. — Veja bem, organizei uma reunião com Dante esta noite e prometi devolvê-la. Danilo também estará lá, e

achei que ele gostaria de finalmente vê-la em seu vestido de noiva. Mesmo que eu tenha roubado o que você prometeu a ele.

Choque e fúria desabaram sobre mim e eu bati em Remo com força. Ele agarrou meu pulso e pressionou-o no colchão sobre a minha cabeça quando empurrou para dentro de mim novamente, seus olhos me reivindicando uma e outra vez, tomando mais a cada impulso. Mas ele não podia mais me afastar, porque eu também tinha reivindicado uma parte dele.

Seu corpo enrijeceu, flexionando de prazer, e como sempre, meu próprio corpo traidor se submeteu a ele novamente. Eu gritei. Remo uniu nossos dedos, pressionando-os mais fundo no colchão enquanto sua boca encontrava a minha em um beijo cheio de raiva e dominação. Quando ele finalmente se acalmou em cima de mim, meus olhos se moveram para o meu vestido.

— Você é minha, Angel. Corpo e alma — ele murmurou. E Deus me ajude, ele falou a verdade.



Quando eu coloquei o vestido novamente, parecia um sacrilégio usar algo tão puro e branco. Arrepios percorriam minha pele quando o tecido pesado se acomodou em volta das minhas pernas. Eu olhei para as camadas de tule, as manchas de sangue e lágrimas. Eu realmente escolhi esse vestido? Alguma vez me senti confortável em usá-lo?

Remo me olhou com uma expressão dura. — Ainda me lembro da primeira vez que te vi nele.

Eu não disse nada.

Remo pegou meu anel de noivado na mesa de cabeceira, e os pequenos cabelos na minha nuca se eriçaram. Ele parou bem na minha frente e pegou minha mão, em seguida, deslizou o anel com um sorriso torcido. — Isso a marca como de Danilo, não é?

Eu olhei para ele ferozmente, inabalavelmente porque ele sabia que a marca que ele havia deixado era mais profunda do que um anel caro. Algo nos

olhos de Remo mudou, um lampejo em sua máscara dura, mas ele ainda segurava minha mão. Ele me soltou abruptamente e recuou. — Danilo ficará encantado em tê-la de volta.

— Eu não sou a garota que costumava ser.

O olhar de Remo me atingiu como uma marreta, mas ele não disse nada, mesmo que eu quisesse... precisasse disso.



Até o final, eu estava convencida de que Remo me manteria. Eu continuei negando a verdade até que me deparei com o resultado dos meus pecados: os rostos exaustos da minha família e noivo.

Eles esperavam em um estacionamento abandonado. Papai, Dante, Danilo. Samuel não estava lá, e eu sabia que era porque ele teria se perdido. Atrás deles, deitado no chão, estava um homem amarrado, provavelmente o pai de Fabiano. Ele estava de costas para mim, então eu não tinha certeza.

Seus olhos estavam focados para cima em direção a um dos edifícios, e quando Remo me puxou para fora do carro, descobri o motivo. Nino estava empoleirado no telhado como um franco-atirador. Fabiano também saiu do carro, com a arma apontada.

Remo me conduziu a alguns passos longe do carro. Então ele parou. — Você foi muito imprudente atacando nosso território, Dante, — disse ele agradavelmente, seu aperto no meu quadril aumentando enquanto me segurava contra seu corpo. Meus olhos se demoraram no chão porque minha culpa estava tão pesada em meus ombros que não achei coragem para encontrar os olhares dos homens que vieram me salvar. O tecido branco do meu vestido parecia zombar de mim, e me concentrei nas manchas de sangue.

Preparando-me, eu finalmente levantei a cabeça e desejei que não tivesse.

Nada machucava mais do que o olhar no rosto do pai. Ele observou meu vestido ensanguentado, as contusões na minha garganta, onde Remo tinha me

marcado uma e outra vez. Remo tornara sua alegação sobre mim o mais evidente possível, ostentando-a na frente de todos e teve o efeito desejado. Tio Dante, meu noivo Danilo, e meu pai me olhavam como se tivessem sido destruídos. O derradeiro triunfo de Remo.

Eu queria gritar para eles que não havia sofrido do jeito que eles pensavam, desejando que eles me odiassem, mas não era corajosa o suficiente para a verdade.

— Da próxima vez que você pensar em foder com a gente, olhe para a sua sobrinha, Dante, e lembre como falhou com ela.

O rosto de Dante era de pedra, mas havia um lampejo de algo escuro em seus olhos.

Eu não pude olhar nos olhos dele. A vergonha ardente cortava através de mim pelo que deixei Remo fazer, pelo que eu tinha feito. O que eu quis fazer, o que eu ainda queria fazer.

Remo se inclinou mais perto, seus lábios roçando minha orelha. — Eu possuo você, Angel. Lembre-se disso. Você me deu uma parte de si mesma e nunca a terá de volta. É minha, não importa o que aconteça a seguir.

Dante, Danilo e meu pai pareciam prestes a atacar, com o corpo tenso, expressões distorcidas de ódio e fúria. Eles queriam me proteger quando eu não queria mais ser salva, não podia ser salva porque estava irrevogavelmente perdida.

Eu virei à cabeça ligeiramente, encontrando o olhar frio de Remo. — Eu não fui a única que perdeu alguma coisa, — eu sussurrei. — Você me deu parte do seu cruel coração negro, Remo, e um dia vai perceber isso.

Algo brilhou nos olhos de Remo. Aqueles olhos cruéis que assombravam os pesadelos de suas vítimas... quanto tempo eles me assombrariam? Especialmente por todas as vezes que não me olharam com crueldade ou ódio, mas com uma emoção muito mais aterrorizante.

Então ele desviou o olhar do meu para olhar para o meu tio. Tudo o que eu conseguia pensar era que ele não havia negado minhas palavras. Eu tinha o cruel coração negro de Remo e talvez essa fosse a realização mais dolorosa de todas.

— Entregue Scuderi, — ele disse.

Dante segurou a corda enrolada firmemente em torno de um Scuderi se debatendo e arrastou-o até nós. Eu conheci meu tio toda a minha vida, mas nunca tinha visto aquele olhar em seu rosto. Completa fúria e arrependimento. Ele empurrou Scuderi para o chão a meio caminho em nossa direção. — Solte minha sobrinha *agora*, — ele ordenou.

Remo riu. Isso era um truque. Isso tinha que ser um truque. Remo dissera isso: eu era dele. Ele me possuía. Corpo e alma. Ele não me deixaria ir. O pior era que no fundo eu esperava que ele não o fizesse - e não apenas porque não queria viver entre a família a quem traí tão horrivelmente, mas também porque a ideia de que ele poderia me abandonar tão facilmente me rasgou.

Seus olhos escuros se fixaram nos meus, possessivos e triunfantes, e ele se inclinou. Por um momento de parar o coração, eu tinha certeza que ele me beijaria bem na frente de todos, mas seus lábios roçaram levemente minha bochecha antes que parassem em meu ouvido. — Eu nunca imaginei que você me olharia dessa maneira no dia em que te libertaria - como se te libertar fosse a pior traição de todas. Você não deve querer alguém que a prenda. Você deveria ansiar pela liberdade. — Ele exalou, sua respiração quente contra a minha pele me fazendo tremer. — Adeus, Serafina.

Remo me soltou e me empurrou para longe dele. Eu tropecei para frente, longe dele, meu coração trovejando no meu peito. Mãos fortes me agarraram e rapidamente me afastaram de Remo. Eu andei em direção a minha família, meu noivo - liberdade - mas não parecia nada como ser livre.

Dante estava ao meu lado e Danilo se aproximou de mim, *estendeu a mão para mim* e eu vacilei, sentindo-me indigna do seu toque depois de traí-lo, trair a Outfit com Remo. Dante e meu pai ficaram tensos, e Danilo abaixou o braço e se afastou de mim com um olhar cheio de ódio total em direção a Remo. Mas a expressão de Remo era a pior, porque quando encontrei seu olhar, eu sabia o que ele dizia.

Eu possuo você.

Eu meio caí nos braços do meu pai, e ele me abraçou com força, sussurrando palavras de consolo que não entendi, me puxando para longe em direção ao seu carro. Meus olhos não estavam nele.

Fabiano colocou o pai na parte de trás do carro antes de entrar. Com outro olhar para mim, Remo o seguiu e foi embora. *Foi embora.*

E novamente eu tremi porque parte de mim, a parte que mais me aterrorizava, sentia falta de Remo.

Eu possuo você.

Ele possuía.

Papai entrou na parte de trás do carro comigo, ainda me abraçando em seu peito e acariciando meu cabelo, e uma nova onda de culpa me dominou. Dante ficou ao volante e Danilo sentou-se ao lado dele. Meu noivo olhou para mim pelo espelho retrovisor, e eu abaixei minha cabeça, minhas bochechas ardendo de vergonha.

— Você está segura agora, Fina. Nada vai acontecer com você novamente. Desculpe-me, pomba. Eu sinto muito, — Papai sussurrou contra o meu cabelo, e eu percebi que ele estava chorando. Meu pai. Um homem feito desde a adolescência. Subchefe de Minneapolis. Ele estava chorando no meu cabelo, bem na frente de seu Capo e meu noivo, e eu desmoronei. Agarrei sua jaqueta e chorei, chorei de soluçar, pela primeira vez desde que me lembrava, e meu pai me abraçou ainda mais forte.

— Sinto muito, — eu ofeguei, palavras quebradas cheias de desespero. Palavras não eram suficientes para transmitir a extensão dos meus pecados. Da minha traição.

— Não, — ele rosnou. — Não, Fina, não. — Ele balançou, seu aperto doloroso.

— Remo... ele... eu...

Papai segurou minha cabeça. — Acabou. Acabou agora, Fina. Eu juro, um dia vou caçá-lo. Vou matá-lo pelo que ele fez com você... por... por ferir você.

Engoli. Ele achava que Remo havia me estuprado. Todos achavam, e eu não podia contar a verdade, era covarde demais para lhes contar. Fechando meus olhos, descansei minha bochecha contra seu peito. Papai me segurou com força, me balançando como uma garotinha, como se ele pudesse restaurar minha inocência ao fazê-lo.

A verdade a libertaria? Libertaria a todos ou os quebraria ainda mais? Eu não tinha mais certeza de nada.

REMO

Fabiano continuava olhando para o pai descansando no encosto do carro, parecendo ansioso para matar o homem.

— Seu plano realmente funcionou. Você esmagou a porra da Outfit — disse Fabiano, virando-se para mim. Eu olhei para a estrada. O triunfo pelo qual estive trabalhando, destruindo a Outfit por dentro, eu segurava em minhas mãos. Eu vi na cara dos meus inimigos. Eu sabia que eles continuariam sofrendo.

Fabiano se mexeu em seu assento. — Remo, você percebe que vencemos, certo? Temos o meu pai. Seu plano insano funcionou.

— Sim, meu plano funcionou...

— Então por que... — Os olhos de Fabiano se arregalaram.

Meu aperto no volante aumentou.

— Podemos tentar sequestrá-la novamente. Funcionou uma vez, quem dirá que não vai funcionar novamente, — ele disse quase incrédulo.

— Não, — eu disse asperamente. — Serafina não pertence ao cativeiro.

Fabiano balançou a cabeça. — Eles vão casá-la com Danilo. Mesmo que você tenha estragado a mercadoria, ela ainda é sobrinha de Cavallaro, e Danilo seria tolo em recusar um casamento porque ela não é mais virgem.

Eu queria matar alguém, queria derramar sangue. — Ela não vai se casar com ele.

— Remo...

— Nem mais uma palavra, Fabiano, ou juro que você não terá a chance de

rasgar seu pai em pedaços, porque eu farei e talvez faça o mesmo com você.

Ele afundou no assento com uma carranca. — Devo ligar para Nino?

— Vamos vê-lo em cinco malditos minutos, — eu rosnei. — Agora cale a boca.

Nós nos encontramos no Sugar Trap. Fabiano arrastou o pai para o porão enquanto eu me sentava no bar. Jerry colocou uma garrafa de conhaque e um copo na minha frente sem uma palavra.

Nino se juntou a mim depois de alguns minutos. — O avião de Matteo e Romero chegou trinta minutos atrás. Eles estarão aqui em breve.

— Bom. Uma prova de boa vontade de Luca.

— Ele ainda não está feliz com o sequestro. Mas agora que devolvemos Serafina e estamos dando a seu irmão e capitão uma chance de participar da tortura, ele provavelmente ficará bem. Nós não precisamos de um conflito com a Famiglia. A Outfit começará a atacar violentamente em breve.

— Prepare uma briga de gaiola para mim. Dois adversários. Jogo da morte. Amanhã. Depois de amanhã, o mais tardar.

Nino segurou meu ombro. — Remo. Não podemos jogar com sua vida agora. Precisamos de você forte.

Eu me levantei e dei-lhe um sorriso torcido. — Se você me quer forte, me dê alguém para matar. Eu quero sangue. Quero mutilar e matar. E não estou arriscando minha vida. Eu vou acabar com todas as pessoas que entrarem na porra da jaula como meu oponente.

— Não fará você sentir menos falta dela.

Eu me lancei nele em uma raiva ofuscante. Pela primeira vez na minha vida, eu ataquei meu irmão. Nino bloqueou meu punho e deu um passo para trás, e eu parei, congelando depois de perceber o que estava fazendo. Meu peito arfava enquanto olhava nos cautelosos olhos cinzentos do meu irmão.

Jerry tinha fugido e, um momento depois, Fabiano invadiu o prédio, mas congelou quando viu Nino e eu enfrentando um ao outro, quase de peito a peito.

— Porra, — eu disse, dando um passo para trás. Eu estendi meu braço, tatuagem em exibição, minha palma para cima. Um pedido de desculpas silencioso, o único que eu era capaz. Fabiano se virou, nos deixando sozinhos. Nino ligou nossos braços, minha mão em sua tatuagem, suas cicatrizes e sua palma na minha.

— Você andou através do fogo por mim, Remo, — ele disse baixinho, implorando, — mas deveria saber, eu faria o mesmo por você. Eu não teria pedido para você mandá-la de volta se eu soubesse... E irei direto para o território da Outfit por você e a trarei de volta se é isso que você quer.

— Isso não é o que eu quero.

— Ela não voltará para você por vontade própria.

— Então, que seja. Agora encontre alguém que eu possa matar e prepare o maldito combate da morte.

Nino apertou meu braço e me soltou.

— Acho que pela primeira vez na vida invejo sua falta de emoções.

Capítulo Vinte

REMO

— Se eles não chegarem em breve, começarei sem eles. Eu não dou à mínima se ofender Luca *fodido* Vitiello ou não, — Fabiano rosnou ao se deparar com seu pai, que estava deitado de lado no chão, com a boca coberta, braços e pernas amarrados. Ele olhava para o filho com olhos arregalados de terror.

— Eles estarão aqui a qualquer segundo, — eu murmurei.

Eu poderia dizer que Fabiano mal estava ouvindo. Ele estava muito focado em seu pai. Ele esperou muito tempo por este momento. Porra, eu entendia. Eu faria qualquer coisa por uma chance de torturar meu pai até a morte. Eu ainda me lembrava do dia em que descobri que meu meio-irmão traidor tinha matado o idiota, algo com o qual havia sonhado quando entendi que nosso pai não era o Deus invencível pelo qual se passava. Que ele poderia, de fato, ser morto. Desde que eu era uma criança, sonhava em apagar nosso pai de nossas vidas...

Se houvesse um Inferno, eu iria direto até lá para fazer um acordo com o Diabo, então ele me daria à chance de matar o homem apenas uma vez. Talvez duas vezes.

— Não sou mais o menino magricela que você pode torturar para sua própria diversão, não é mesmo? — Fabiano murmurou enquanto se agachava na frente do outro homem. Eu me orgulhava do meu sorriso assustador, mas a expressão de Fabiano superou tudo. Ele desfrutaria hoje.

A porta se abriu e Fabiano se endireitou. Nino entrou, seguido por Matteo e Romero. Fiquei surpreso quando Luca me disse que os enviaria, mas não viria ele mesmo. Supus que ele tivesse menos motivos para torturar Scuderi do que os outros. Ele tinha sido presenteado com Aria porque Scuderi vendia suas filhas como gado, e qualquer um podia admitir que Aria era um presente muito bom. Uma imagem de outra mulher com cabelos loiros e olhos azuis entrou em minha mente, sem ser convidada. Eu a afastei.

Eu a libertei.

— Nada melhor do que se unir à tortura compartilhada, — disse Matteo com um sorriso quando entrou na cela no porão da Sugar Trap. Esse idiota sempre parecia como se tivesse saído direto de uma sessão de fotos para uma revista de moda. Um dia eu foderia seu lindo rosto. Romero deu a mim e a Fabiano um breve aceno de cabeça antes que seus olhos, também caíssem sobre Scuderi.

Eu me afastei da parede e estendi minha mão para Matteo, que a pegou depois de um momento.

— Eu ainda não suporto a sua cara fodida, Remo, — disse ele com um sorriso. — Mas, por isso, posso hesitar um milésimo de segundo antes de cortar sua garganta quando voltarmos a ser inimigos.

— Esse milésimo de segundo será o momento em que arrancarei sua cabeça, Matteo, — eu disse com meu sorriso torcido de sempre.

Ele soltou minha mão. — Que o filho da puta mais louco vença.

Meu sorriso aumentou e eu peguei o olhar de Nino do outro lado da sala. Nós dois sabíamos quem seria, porque, quando se tratava de loucura, eu era o mestre indiscutível.

Eu me virei para Romero, que não demonstrou a atitude descuidada de Vitiello. Ele obviamente estava preocupado em estar em um porão em Vegas. Eu não tinha a menor intenção de atacar qualquer um deles hoje. A guerra com o Famiglia teria que esperar até que a Outfit fosse esmagada e seu território dividido entre nós.

Ele apertou minha mão brevemente. — Seus métodos são desonrosos, — ele disse secamente.

— Você desaprova e ainda está aqui... se beneficiando deles.

Romero afastou a mão, seus olhos castanhos voltaram para Scuderi e sua expressão se encheu de ódio.

Fui até Scuderi e sorri para ele. Seus olhos piscaram com terror. — Devo dizer que você conquistou muitos inimigos ao longo do tempo, e todos nós nos juntamos para destruí-lo.

Abaixei-me e arranquei a fita de seu rosto, então me endireitei e voltei ao meu lugar na parede. Talvez seus gritos agonizantes abafassem a voz de pesar na minha cabeça.

Serafina se afastando naquele maldito vestido branco e aquele último olhar que ela me deu. Foda-se tudo.

Fabiano circulou seu pai. — Pai, eu tenho esperado essa chance por um longo tempo, e tenho toda a intenção de fazer isso durar o maior tempo possível. Para minha sorte, Nino é um mestre em prolongar a tortura. Com um pouco de sorte, podemos mantê-lo vivo por dois ou três dias. Dessa forma, todos nós conseguiremos a diversão que merecemos.

Scuderi tentou se colocar na posição sentada, mas não conseguiu. Sua expressão tornou-se suplicante. Se ele achava que aqueceria o coração de Fabiano, ele não entendia o que Fabiano fazia diariamente como meu Executor. — Eu sou seu pai, Fabi. Você já perdeu sua mãe. Você quer me perder também?

Fabiano se lançou, batendo com o punho no rosto do homem. Ossos estalaram. Eu assisti do meu lugar contra a parede. Este não era o meu momento. Apesar da minha necessidade de mutilar e matar, eu me contive. Matteo, Fabiano e Romero tinham mais motivos para derramar o sangue de Scuderi.

— Cala a boca, — rosnou Fabiano.

Matteo havia começado a torcer uma faca Karambit em seus dedos, um brilho ansioso em seus olhos que eu conhecia muito bem.

— Eu tenho filhos pequenos que precisam de mim, — Scuderi tentou com uma voz rouca.

Fabiano levantou-o pelo colarinho e empurrou-o contra a parede, o encarando. — Eles ficarão melhores sem você. Minhas irmãs e eu teríamos com certeza.

Nino colocou uma cadeira no centro da sala e Matteo ajudou Fabiano a arrastar Scuderi até ela. Eles o amarraram apesar de sua luta.

Seus olhos redondos me encontraram. — Remo, você é o Capo. Eu poderia

ser útil a você. Eu sei tudo sobre a Outfit e Dante. Se você me deixar viver, contarei tudo.

Fabiano zombou quando puxou a faca do coldre em volta do peito.

Eu sorri cruelmente para o desgraçado nojento diante de mim. — Você revelará tudo o que eu quero saber. Eu sei que você está em mãos muito capazes que irão coagir cada verdade de você.

— Oh nós vamos, — disse Matteo com seu sorriso de tubarão. Ele se aproximou de Fabiano e eles trocaram um olhar. Então Matteo se inclinou sobre Scuderi e colocou a faca no seu peito. — Gianna envia seus cumprimentos. Eu disse a ela que faria você sofrer, e vou.

Matteo deixou um longo corte no peito de Scuderi, fazendo o bastardo gritar como um covarde.

Romero se aproximou de Scuderi depois disso. Ele não estava segurando uma faca na mão. Ele bateu com o punho no lado de Scuderi duas vezes e depois no estômago. Alguns homens preferiam aliviar a dor com os punhos, outros com uma lâmina fria. Eu também gostava, dependendo do meu humor e do que meu oponente temia mais.

— Você deu Lily a um maldito velho bastardo para que pudesse ter uma criança como esposa para si mesmo. Você é uma desgraça de pai. — Ele socou o homem novamente.

Fabiano assumiu. — Eu espero que você gaste suas últimas horas, considerando que nem uma fodida alma neste planeta vai lamentar por você ter morrido. Se você encontrar tempo para pensamentos sãos entre a agonia. — Ele infligiu um longo corte no braço do homem. A visão dos riachos vermelhos deslizando sedutoramente sobre a pele nua fez meu corpo vibrar de excitação. Porra, eu queria derramar sangue, impor agonia. Eu queria destruir alguém.

Nino se inclinou ao meu lado. Não era hora de ele ajudar ainda, e sua atenção estava em mim, não na cena no centro da cela.

— Pare a avaliação, — eu disse em voz baixa.

Nino estreitou os olhos ligeiramente, mas obedeceu e finalmente se virou

para a tortura. Matteo, Romero e Fabiano revezaram-se batendo e cortando Scuderi até que seus gritos e mendicâncias encheram a cela.

Depois de algumas horas, Fabiano, coberto de sangue e suor, indicou para Nino se envolver. Meu irmão arregaçou as mangas e depois de outro olhar demorado para mim, foi em direção ao kit médico que garantiria que Scuderi não morresse cedo demais.

Romero encostou-se à parede. Matteo e Fabiano revezaram-se torturando Scuderi durante a última hora, e tive a sensação de que eles seriam os únicos a lidar com ele nas horas restantes de sua vida. Meu próprio corpo zumbia com a necessidade de destruir, a necessidade de infligir e sentir dor, para preencher a porra do vazio no meu peito.



Meu corpo gritava por sono, mas, exceto por algumas pausas no banheiro, permaneci na cela enquanto Fabiano lidava com o bastardo de seu pai. Não demoraria muito mais.

Os ombros de Fabiano relaxaram quando ele olhou para o pai. O homem estava respirando superficialmente.

Fabiano se virou para mim, respingos de sangue pontuando seu rosto. Seu peito nu estava completamente coberto por ele. Nossos olhos se encontraram. — Remo... você pode...? — Sua voz estava rouca.

Eu me afastei da parede e andei até ele, não tendo certeza do que ele estava me pedindo. Fabiano apertou a faca ensanguentada com força, o brilho em seus olhos lembrando-me do garoto que encontrara no território de Bratva há muitos anos - um menino desesperado pela morte porque seu pai havia tirado tudo dele.

Nino fez um sinal para que Matteo e Romero saíssem e, com um último olhar para mim, fechou a porta. Fabiano engoliu antes de estender o antebraço com a tatuagem da Camorra. — Você me deu uma casa. Um propósito. Você me tratou como um irmão... — Ele olhou para o pai. — Como família. Eu sei que você não queria nada mais do que matar seu pai e tiraram isso de você. Eu sei que não é o mesmo, mas... você vai me ajudar a matar meu pai?

Eu liguei os braços a Fabiano, apertando o antebraço com força. — Nós não somos sangue, mas somos irmãos, Fabiano. Eu vou andar pelo fogo por você. — Eu olhei para o filho da puta que queria seu próprio filho morto, em seguida, de volta para Fabiano. — E não há nada que eu prefira fazer a matá-lo com você. É uma honra.

Fabiano assentiu, depois se ajoelhou ao lado do pai. Eu fiz o mesmo. Fabiano levantou a faca acima do peito do pai e olhou para mim. Eu fechei meus dedos sobre os dele e juntos nós espetamos a lâmina, bem no meio do maldito coração de Scuderi.

Os ombros de Fabiano afundaram e ele soltou uma respiração áspera como se a morte do homem finalmente o libertasse. Eu me perguntava se alguma coisa faria o mesmo por Nino e eu?

SERAFINA

Fora de Las Vegas, trocamos o carro pelo jato particular da Outfit. Eu me encolhi no meu lugar, minha bochecha pressionada contra a janela, observando a cidade ficar menor à distância. Papai sentou-se à minha frente, me olhando sem me enxergar, preso em algum lugar entre alívio absoluto e desespero inútil.

Eu sabia que visão lamentável eu era. Vestido ensanguentado e rasgado. Marcas de mordida em toda a minha garganta. Dante estava falando baixinho ao telefone, mas ele também me lançava um olhar ocasional. O único que não olhou para mim depois que me encolhi ao seu toque foi Danilo. Ele se inclinou para frente, os antebraços apoiados nos joelhos, olhando fixamente para o chão.

Culpa e um lampejo de tristeza tomou conta de mim. Por ele. Por nós. Pelo que poderia ter sido e nunca seria.

Eu engoli e desviei o olhar. Eu encontrei o olhar de papai. Ele forçou um pequeno sorriso e estendeu a mão para mim como se fosse tocar minhas pernas sobre o tule do meu vestido, mas então ele hesitou como se estivesse preocupado

com a minha reação. Eu peguei sua mão e apertei. Seus olhos ainda estavam vidrados e assombrados. *Eu sou uma pecadora, pai. Não chore por mim.*

Ele levantou a outra mão com o telefone. — Você quer ligar para Samuel? Eu mandei uma mensagem para ele que pegamos você.

Eu balancei a cabeça ferozmente, minha garganta fechando. Os olhos de papai dispararam para a minha garganta mais uma vez, e a sugestão de algo cruel e severo brilhou neles. Algo que ele nunca mostrou em casa. Ele me deu seu telefone e apertei a discagem rápida com os dedos trêmulos.

— Sim?

Por um segundo, ouvir a voz de Samuel me imobilizou. — Sam, — eu resmunguei.

Houve silêncio. — Fina?

A palavra foi uma exclamação quebrada que me despedaçou. Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas e eu podia sentir todos os olhos em mim. Eu fechei os meus próprios. — Eu sinto muito.

Samuel respirou fundo. — Não... não se desculpe. Nunca mais, Fina.

Eu não poderia prometer isso. Um dia eu teria que dar o pedido de desculpas que faria Sam me odiar. Uma voz mais alta soou ao fundo. — Tudo bem, mãe, — Samuel a acalmou. — Eu vou passá-la para você.— Ele se dirigiu a mim novamente. — Eu vou passar para a mãe agora. Mal posso esperar para te pegar em meus braços, Fina.

Eu funguei. — Eu também.

— Fina, — mamãe disse suavemente, tentando, mas falhando em soar composta e não como se estivesse soluçando.

Tantos corações partidos. Tanta dor e desespero.

Remo Falcone era de fato o homem mais cruel que eu conhecia, e eu tinha que ser a cadela mais fria do planeta, porque mesmo assim meu coração estúpido bateu mais rápido quando pensei nele.

— Eu vou estar em casa em breve, — eu sussurrei.

— Sim... sim, — mamãe concordou. Nós desligamos eventualmente porque isso era demais, o silêncio do choro reprimido e a distância que não pudemos superar.

— Onde estamos indo? — Eu não tinha perguntado antes porque tinha assumido que iríamos voltar para Minneapolis... mas eu era praticamente a esposa de Danilo. Eles me levariam para Indianápolis? Ou talvez para Chicago porque Dante precisava me questionar sobre cada detalhe do meu cativeiro?

Papai se inclinou para frente e segurou meu rosto. — Para casa, Fina. Para casa.

Eu balancei a cabeça. Meus olhos encontraram Danilo, que estava me observando. Nossos olhares se encontraram brevemente, mas então a culpa me forçou a desviar o olhar. Eu teria que enfrentá-lo eventualmente. Eu não sabia o que dizer a ele.

O resto da viagem de avião passou em absoluto silêncio. Eu sabia que todos eles tinham muitas perguntas a fazer, mas as retinham por minha causa, e fiquei feliz porque ainda não sabia o que dizer a nenhum deles.

A cada segundo que passava, minha pele sentia-se mais e mais presa no meu vestido de noiva. Parecia tão completamente errado, como estar envolvida em mentiras e enganos.

Mamãe e Samuel esperavam na frente de nossa casa quando paramos com o carro. Não vi Sofia em nenhum lugar, provavelmente para protegê-la da imagem, e fiquei feliz. Ela não precisava me ver assim.

Eu tremi quando papai me ajudou a sair do carro, seus dedos apertados ao redor do meu antebraço, como se ele estivesse preocupado que eu fosse desmaiar. Dante e Danilo ficaram para trás enquanto caminhávamos em direção à casa. Samuel cambaleou para mim. Meu gêmeo. Meu confidente. Meu parceiro no crime.

Ele congelou quando seus olhos registraram o meu estado, as marcas na minha garganta, e sua expressão se tornou uma que eu tinha visto pela primeira vez pouco depois de ele ter se tornado um Homem Feito, cinco anos atrás. Frio, cruel, sanguinário. Ele se controlou, fechou a distância restante entre nós e me puxou contra o seu corpo, levantando-me do chão em um abraço esmagador. Eu

enterrei meu rosto na curva do pescoço dele, tremendo.

— Eu pensei que nunca mais veria você, — ele disse asperamente.

Eu não era a pessoa que ele conhecia. Ela tinha desaparecido. Se ele soubesse o que eu me tornara, se todos soubessem, eles me odiariam. E com razão.

É possível recuperar a perda?

Eu me agarrei a Samuel por um longo tempo, apenas respirando seu perfume reconfortante, saboreando a sensação dele. Eventualmente, ele me colocou no chão e meus olhos caíram sobre a mãe, que estava atrás de Samuel, a mão cobrindo a boca, lágrimas escorrendo pelo rosto. Papai envolveu seu braço ao redor dela, firmando-a. Sua angústia me cortou profundamente.

Eles achavam que Remo havia me estuprado. Parecia que eu havia sido estuprada com meu vestido rasgado e ensanguentado. Mamãe correu na minha direção e me abraçou com tanta força que eu mal podia respirar e ela soluçou no meu cabelo, e meu coração... ele simplesmente se quebrou ao ouvir isso. E não pela primeira vez, desejei que Remo tivesse feito o que todos achavam para que eu pudesse chorar legitimamente com minha mãe e com todos eles.

Eu deveria dizer a verdade, mas as palavras não passavam pelos meus lábios. Em breve. Papai e Samuel se juntaram a nós, e eu suspirei, porque então me permiti um momento de satisfação estando abraçada a eles. Samuel passou o braço em volta dos meus ombros enquanto me levava para dentro de nossa casa.

— Onde está Sofia? — Perguntei.

— Ela está com Valentina e as crianças em uma casa segura por perto. Elas virão logo — explicou Dante atrás de mim.

Eu balancei a cabeça.

— Eu preciso tomar banho, — eu disse e me arrependi das minhas palavras quando vi o olhar que minha família trocou. Eu rapidamente me afastei e subi as escadas para o meu quarto, começando a arrancar o meu vestido, mas a coisa se agarrava a mim. Lágrimas irritadas e desesperadas se juntaram em meus olhos.

— Sam! — Eu chamei, e em um piscar de olhos ele estava lá. — Você pode... você pode me ajudar com o vestido?

Ele assentiu e empurrou meu cabelo para o lado para alcançar o zíper. Ele congelou, liberando uma respiração estremecida. Eu sabia o que ele tinha visto: a marca de mordida na minha nuca. Ele se inclinou para frente, enterrando o rosto no meu cabelo. Eu lhe permiti um momento para se recompor mesmo quando meu próprio coração quebrou e quebrou e quebrou. — Eu vou matá-lo.

Uma ameaça. Uma promessa. Não a minha salvação como ele esperava que pudesse ser.

Ele puxou o zíper. Eu tropecei no banheiro, sem olhar para ele, e fechei a porta. A água morna não lavou minha vergonha e culpa. Como eu poderia permanecer entre as pessoas que eu traíra? Como eu poderia olhar em seus rostos sabendo que eles sofreram mais do que eu?

Eu fechei meus olhos. Eles estavam felizes em me ter de volta. Eu tinha que me concentrar nisso. Mas por que, por que eu não estava feliz? Saí do banho, me enxuguei e enrolei uma toalha em volta do meu corpo. Eu saí para pegar roupas.

Samuel estava empoleirado na beira da minha cama, sua expressão tensa. Seus olhos voaram para a minha garganta, em seguida, para as minhas coxas. Meu olhar seguiu o dele e eu vi os hematomas em forma de mão na parte interna das minhas coxas, onde Remo me segurou no lugar quando enterrou o rosto no meu colo.

Senti a cor sumir do meu rosto, peguei algumas roupas e voltei para o banheiro. Tremendo, eu rapidamente coloquei um vestido leve e meia-calça. Com uma respiração profunda, eu emergi e me aproximei de Samuel, hesitante. Ele estava olhando para as mãos na cama, firmemente fechadas em punhos.

Eu sentei ao lado dele, dobrando minhas pernas sob o meu corpo. Samuel levantou os olhos e o brilho neles era como uma bola de demolição de culpa. Seu olhar disparou para minha garganta novamente, para as marcas de Remo, e o desespero total encheu seu rosto.

— Oh, Fina, — disse ele em um murmúrio quebrado. — Eu nunca vou me

perdoar. Eu falhei com você. Eu deveria ter protegido você. Nestes últimos dois meses eu quase enlouqueci. Eu não consigo parar de pensar que tive que ficar sentado enquanto você passava pelo inferno. Que eu sou a razão pela qual você sofreu mais. — Ele engoliu em seco. — Quando Remo nos enviou aqueles lençóis... — Sua voz quebrou.

Eu me joguei em Samuel, envolvendo meus braços em volta de seu pescoço e enterrando meu nariz contra ele. — Não. Por favor, não se culpe. Você não fez nada errado.

Eu fiz. Eu enganei todos vocês.

Seus braços vieram ao meu redor e ele estremeceu. — Você deveria ser protegida, estar a salvo dos horrores da nossa vida. Eu nunca quis que você descobrisse o quão cruel a máfia poderia ser. Ninguém nunca vai te tocar novamente, Fina. Eu não vou sair do seu lado. E um dia papai e eu vamos colocar as mãos em Remo, e depois mostraremos a ele que podemos ser tão cruéis e impiedosos quanto a Camorra. Ele estará implorando por misericórdia.

— Acabou, — eu sussurrei. — Acabou, Sam. Não vamos falar sobre isso nunca mais. Por favor. — Eu conhecia Remo melhor do que ele, e nada que eles fizessem faria Remo implorar por misericórdia.

Ele acenou com a cabeça contra mim e ficamos assim por um tempo. — Quando ouvi seus gritos no porão, achei que ia enlouquecer, — ele disse sombriamente.

Eu pressionei meu rosto na curva de seu pescoço, incapaz de olhar para ele quando entreguei a verdade. — Remo não me torturou. Ele queria que você acreditasse que sim. Queria que eu te fizesse acreditar que ele estava me machucando, então você sofreria. Eu... só queria te salvar.

Samuel segurou minha cabeça e se afastou, seus olhos mais suaves do que antes. — Era meu trabalho salvá-la e não consegui. Mesmo que aqueles gritos não fossem reais, eu posso ver o que ele fez com você... — Samuel engoliu em seco, seus olhos se abaixando para as marcas de mordida mais uma vez. — Você foi feita para ser tratada como uma princesa, cuidada e amada... não... não... — Ele balançou a cabeça e enterrou o rosto nas palmas das mãos. — Não consigo tirar a imagem daqueles lençóis da minha cabeça, não posso esquecer os soluços da mamãe ou a maneira como ela caiu de joelhos diante de Dante e implorou que

ele salvasse você, ou como Danilo destruiu todo o escritório do papai. Eu não posso esquecer o papai chorando. Ele nunca chorou, Fina. Papai e eu fizemos e vimos muito, mas nós dois choramos como fodidos bebês naquele dia. Juro por minha honra, por tudo que amo, que não vou descansar até ter enfiado a porra da minha faca em Remo Falcone.

Eu beijei o topo de sua cabeça e segurei-o porque, apesar de ser aquela que havia sido sequestrada, Remo não tinha me quebrado, e percebi que nunca tinha sido sua intenção. Ele tinha feito pior.

— Sam, — eu disse, reunindo minha coragem porque eu precisava salvá-lo, precisava salvar a todos com a verdade, mesmo que isso me arruinasse. — Eu não sofri como todos vocês pensam. Remo não me violou, não me torturou.

Samuel recuou e eu me preparei para o inevitável, para o desgosto e o ódio me conformando com isso, mas seus olhos continham tanta piedade e tristeza.

Ele acariciou minha garganta, em seguida, tocou o corte desbotado no meu antebraço. Algo escuro rodou na profundidade de seus olhos azuis quando eles trancaram nos meus. — Você era inocente. Você nunca esteve sozinha com um homem e depois ficou à mercê de um monstro como Remo Falcone. Você não tinha nada para se proteger. Você fez o que tinha que fazer para sobreviver. O cérebro é uma ferramenta poderosa. Pode sobreviver aos horrores mais cruéis, criando realidades alternativas.

Eu balancei a cabeça. Ele não entendeu. — Sam, — eu tentei novamente. — Eu não fui estuprada.

Sam engoliu em seco e beijou minha testa como se eu fosse uma criança pequena. — Você vai perceber isso eventualmente, Fina. Uma vez que você se cure, uma vez que a lavagem cerebral acabe, você verá a verdade. Eu estarei lá por você quando isso acontecer. Nunca mais vou sair do seu lado.

E percebi então que ele nunca acreditaria na verdade porque não podia. A irmã que ele conhecia e amava não teria dormido com Remo, e se eu quisesse voltar para ele, para minha família, eu precisava me tornar ela novamente.

Eu não tinha certeza se ela ainda estava dentro de mim em algum lugar ou se Remo a tinha arrancado de mim, assim como fez com a minha inocência, e a manteve para si mesmo.

Capítulo Vinte e Um

SERAFINA

Depois de cobrir as marcas de mordida com corretivo, deixei meu quarto com Samuel ao meu lado. Mamãe estava na sala de jantar, preparando os pratos para o jantar. Normalmente as empregadas faziam isso, mas tive a impressão de que ela precisava se manter ocupada. Ela perdeu peso. Ela sempre foi alta e magra, mas agora ela estava esbelta.

As palavras de Samuel passaram pela minha mente, que ela caiu de joelhos e implorou a Dante para me salvar. Minha mãe era uma mulher orgulhosa. Eu não acho que ela já implorou por nada em sua vida nem se ajoelhou. Mas ajoelhar por aqueles que amamos... isso era algo que ela e eu sempre faríamos. Eu andei até ela. Ela sorriu, mas seus olhos continham perguntas e medos.

— Posso ajudar?

Seus olhos voaram para a minha garganta. — Não, Fina. Apenas descanse.

Eu não sentia vontade de descansar. — Onde estão os outros?

— Seu pai e seu tio estão conversando com Danilo no escritório. Sofia estará aqui em breve. Ela ficará tão feliz em vê-la novamente.

Eu sorri, mas meus pensamentos se desviaram para Danilo. Meu noivo. Meu olhar caiu para o anel de noivado em volta do meu dedo, e eu tremi, me lembrando do brilho nos olhos de Remo quando ele o colocou.

— Eu preciso falar com Danilo, — eu disse baixinho.

Mamãe baixou os pratos, examinando meu rosto. Ela não perguntou por quê. Talvez ela soubesse e pudesse ver no meu rosto. — Faça isso, querida.

Eu balancei a cabeça e virei para ir ao escritório do papai. Samuel seguiu atrás de mim. — Você não vai se casar com ele, vai?

Eu parei no corredor e olhei para o meu irmão gêmeo. Não havia

julgamento em sua voz, mas havia alívio. — Eu não posso.

Ele tocou meu ombro. — Estou aqui por você.

— Você não vai ter que ir para Chicago trabalhar com Dante?

Ele balançou a cabeça, a boca em uma linha fina. — Nós decidimos que não irei. Papai precisa de mim aqui. Precisamos proteger nosso território.

Eu. Eles precisavam me proteger... e a Sofia.

— Eu quero falar com Danilo, sozinha, Sam.

Ele franziu a testa, protecionismo piscando em seus olhos.

— Sam, — eu disse com firmeza. — Eu posso lidar com isso.

Eu lidei com Remo por meses. Nada mais poderia me assustar. Talvez o mesmo pensamento tenha cruzado a mente de Samuel porque ele assentiu com uma careta.

— Vou esperar no corredor, — disse ele, encostando-se à parede ao lado da porta de madeira.

Eu bati duas vezes depois entrei, sem esperar por uma resposta.

Minha respiração ficou presa na garganta pela bagunça. Alguém havia derrubado duas estantes de livros. Livros rasgados e copos quebrados. A amada coleção de copos de uísque do papai espalhados pelo chão. O sofá de couro foi cortado, enchimento espalhado por todos os lugares.

Danilo fez isso e ninguém se preocupou em limpar depois.

Meus olhos encontraram meu noivo. Ele era controlado, muito parecido com Dante, que ele provavelmente não suportava mais ser comparado a ele. Eu não podia imaginá-lo fazendo isso. Seus olhos castanhos se prenderam nos meus, cheios de arrependimento e raiva.

— Pomba? — Papai perguntou.

Eu limpei minha garganta, percebendo que ele e Dante estavam olhando para mim também.

— Sinto muito por incomodá-los, — eu disse. — Mas eu preciso ter uma conversa com Danilo.

Papai hesitou, seus olhos voando entre meu noivo e eu. Dante colocou a mão em seu ombro e, eventualmente, ambos saíram. Danilo encarou a janela, as mãos dele pressionadas contra a parede dos dois lados.

A porta se fechou com um clique suave e o silêncio reinou na sala.

Os ombros de Danilo levantaram-se. Ele era alto e musculoso, mas não exatamente como Remo.

— Eu...— Eu comecei, mas depois não sabia como continuar, como explicar que estava perdida para ele.

Danilo se virou devagar, uma expressão assombrada em seu rosto. Ele sorriu, mas estava tenso, cansado, e por trás disso havia algo sombrio e quebrado. — Serafina, — ele murmurou. Ele deu um passo mais perto, mas parou quando eu fiquei tensa. — Eu ainda quero casar com você. Se você me quiser.

Eu observei o rosto bonito de Danilo. Ele sabia esconder sua violência melhor que Remo. Ele era elegantemente bonito, não brutalmente atraente como Remo. Remo. Sempre Remo. *Eu possuo você.*

— Eu não sou mais a garota que lhe foi prometida, — eu sussurrei. — Estou perdida.

Ele balançou a cabeça e chegou mais perto, mas ainda não perto o suficiente para tocar. — Ele vai pagar. Nestes últimos dois meses, passei todo o tempo pensando em você, enlouquecendo de preocupação e raiva. Sua família e eu... nós queríamos tê-la de volta... Nós falhamos...

— Está tudo bem, — eu disse suavemente.

— E eu não me importo que ele... que você não seja...— Seu rosto se contorceu com culpa e fúria. — Eu ainda quero me casar com você, e você não precisa se assustar, Serafina. Eu não vou tocá-la até que você esteja curada, até que você queira, eu juro.

Eu me movi em direção a Danilo. Nós poderíamos ter sido felizes. Ele

teria sido gentil comigo, tão bom marido quanto um homem feito poderia ser. Eu não me convenci a pensar que ele não era um monstro, mas ele era um contido. Eu coloquei minhas palmas em seu peito e olhei em seus olhos. Algo neles havia mudado do nosso último encontro há dois meses. Eles estavam mais duros, mais escuros. Meu cativeiro havia deixado sua marca nele também.

— Eu não posso. Desculpe-me, — eu sussurrei. — Você merece outra pessoa. Por favor, encontre alguém que mereça você.

Ele me olhou, sua mandíbula flexionando. — Desde o momento em que te vi pela primeira vez, eu só quis você.

Eu abaixei meus olhos porque a partir do momento que Remo colocou os olhos em mim, eu tinha sido dele.

— Sinto muito, — repeti.

Ele assentiu devagar. Eu tirei minhas mãos no peito dele e dei um passo para trás. — Falcone conseguiu o que queria, não foi? — Ele disse com voz rouca. — Mas sua família e eu vamos derrubá-lo. Nós vamos destruí-lo.

Eu estremeci. Tirei o anel de noivado do meu dedo e entreguei a Danilo. — Não perca seu tempo com vingança, Danilo. Siga em frente. Encontre outra pessoa. Seja feliz.

Ele balançou a cabeça, obviamente lutando pelo controle. — A vingança é tudo que eu quero, e não vou parar até conseguir. Remo vai amaldiçoar o dia em que ele te tirou de mim.

Remo já amaldiçoava, mas não pela razão que Danilo queria que ele fizesse.

Ele saiu sem outra palavra. Engolindo em seco, encostei-me ao peitoril da janela. Era isso. Eu não era mais noiva... não era nada. Eu estava... arruinada. Nos nossos círculos, eu estava arruinada. Se eu tivesse casado com Danilo, as coisas poderiam ter sido diferentes, mas agora...

Houve uma batida suave e mamãe entrou, parecendo preocupada. Eu dei-lhe um pequeno sorriso, querendo banir a linha severa entre suas sobrancelhas. — Danilo me disse que você não quer se casar com ele.

Como se fosse tão fácil assim. Querer tinha pouco a ver com isso. Eu não podia, porque no fundo eu sabia que precisava tirar Remo do meu coração estúpido antes que pudesse pensar em seguir em frente.

Eu conhecia as regras do nosso mundo, mesmo agora elas ainda me amarravam, amarravam minha família. Nós tínhamos prometido a sobrinha de Dante aos Mancinis, e agora eles não conseguiram o que queriam, o que esperavam como a família governante de Indianápolis. Talvez Danilo tivesse aceitado minha decisão, mas seu pai ainda estava vivo, doente e acamado, mas vivo. Ele puxava as cordas no fundo. Os Mancinis não se contentariam com ninguém como minha substituta.

— Eu não posso, — eu disse baixinho. — Eu não posso casar, mãe. Não me obrigue.

Mamãe correu para mim e me abraçou. — Nós não vamos. Não eu, não seu pai, não Dante. Todos nós falhamos terrivelmente. Você nunca terá que se casar, querida, você pode viver com seu pai e comigo pelo tempo que quiser.

— Obrigada, mãe, — eu disse, e mesmo quando disse isso, sabia que não era o que eu queria.

Ela se afastou, franzindo a testa. — Seu tio gostaria de falar com você. Eu disse a ele que ainda é cedo demais, mas ele insiste que é necessário. Ainda assim, se você não estiver pronta, vou enfrentá-lo.

O medo me encheu, mas eu balancei a cabeça. — Está tudo bem. Eu vou falar com ele.

Ela deu um aceno conciso. — Eu irei buscá-lo. Ele precisa voltar a Chicago amanhã de manhã. Ele esteve muito tempo fora nos últimos dois meses.

Ela beijou minha bochecha antes de sair.

Dante entrou um momento depois, alto e controlado como sempre. Ele fechou a porta e parou, seus frios olhos azuis piscando para a minha garganta, onde as marcas de Remo estavam - não mais visíveis, cobertas por camadas de corretivo, assim como meus sentimentos traidores por ele foram cobertos por pilhas de mentiras. Eu corei e toquei minha pele com vergonha.

— Não, — ele disse com firmeza.

Eu fiz uma careta. Ele se aproximou de mim devagar, com cautela, como se achasse que eu poderia fugir. Eu abaixei a mão da minha garganta quando ele parou na minha frente. — Não tenha vergonha de algo forçado sobre você, — disse Dante em voz baixa, mas sua voz estava vazia. Tinha um tom que eu nunca tinha ouvido antes. Eu procurei nos olhos do meu tio, mas era difícil lê-lo. Ele exalava controle e poder. Mas havia um lampejo de arrependimento e tristeza em seu olhar. — Eu não quero abrir feridas dolorosas, Serafina, mas como o chefe da Outfit, preciso saber tudo o que você sabe sobre a Camorra para que eu possa derrubá-los e matar Remo Falcone.

Eu engoli, olhando para longe. Esta guerra se tornaria muito mais sangrenta e cruel em breve. Como se isso desfizesse meu sequestro. Como se a morte de Remo pudesse mudar alguma coisa. Mas minha família e Danilo precisavam compensar sua culpa. Nada que eu pudesse dizer mudaria isso.

— Eu não acho que sei de nada que irá ajudá-lo.

— Cada pequeno detalhe ajuda. Hábitos. A dinâmica entre os irmãos. Fraquezas de Remo. O layout da mansão.

A fraqueza de Remo. Seus irmãos. A maior fraqueza de Remo pode ser sua única.

— Remo não confia em ninguém além de seus irmãos e Fabiano. Ele morreria por eles, — eu sussurrei.

Por alguma razão, senti-me quase culpada por revelar isso ao meu tio, como se devesse à lealdade de Remo, como se lhe devesse alguma coisa. Ele havia me sequestrado e depois me deixou ir. Eu não tinha certeza do que me fez odiá-lo mais.

— Além da família, apenas Fabiano e Leona são permitidos dentro da mansão, e ocasionalmente faxineiros. Remo mantém uma faca e uma pistola perto o tempo todo. Ele tem sono leve... — Eu congelei, ficando em silêncio.

Minha pele queimava com o que acabei de revelar, mas Dante só me encarava com calma. Nenhum julgamento ou raiva. Eu ainda tive que afastar o meu olhar dele porque sua compreensão me fez sentir ainda pior. Ele não sabia que entrava livremente na cama de Remo, gostava não só do sexo, mas também da ternura depois. Era um lado de Remo que ninguém conhecia e que ele

mostrara só para mim significava mais do que deveria.

Eu poderia recuperar o que foi perdido? Comecei a tremer, sobrecarregada com a situação, com meus sentimentos.

— Serafina, — disse Dante com firmeza, tocando meu ombro. Levantei meus olhos para ele e me agitei ainda mais, dominada pela necessidade de contar tudo, mas sem coragem o suficiente. Eu me pressionei contra o meu tio e ele tocou a parte de trás da minha cabeça em conforto.

— O que eu vou fazer? Como vou me encaixar novamente? Todo mundo vai olhar para mim com nojo.

O corpo de Dante enrijeceu ainda mais. — Se alguém fizer isso, você vai me deixar saber, e lidarei com eles.

Eu balancei a cabeça.

— E você nunca deixou de pertencer. Você faz parte da Outfit, parte dessa família, nada mudou.

Tudo mudou. Pior de tudo, eu mudei.



Quando finalmente emergimos, Samuel assumiu seu lugar como minha sombra novamente. Estávamos a caminho da sala de jantar quando a porta da frente se abriu. Um de nossos guarda-costas entrou e então Sofia disparou para dentro. Seus olhos arregalados pousaram em mim e ela correu em minha direção. Ela colidiu comigo e eu teria caído para trás se Samuel não tivesse me firmado.

— Você está de volta! — Sofia abraçou minha cintura com força, e eu descansei meu queixo em cima de sua cabeça, sorrindo. Quando me afastei, os olhos dela estavam brilhando de alegria, apesar das lágrimas neles. — Eu senti tanto sua falta.

— Eu também senti sua falta, joaninha.

Eu me perguntava o quanto ela sabia, o quanto meus pais e Samuel haviam divulgado ou foram incapazes de esconder dela.

Valentina entrou com seus filhos, Anna e Leonas. Anna tinha a idade de Sofia e elas se amavam muito. Elas não eram apenas primas, mas melhores amigas, apesar da diferença de idade entre elas. Leonas tinha quase oito anos e a imagem cuspida de Dante, exceto pelos olhos. Anna e Leonas deram à mãe um olhar interrogativo, e ela assentiu antes de virem para mim também. Abracei-os, apesar de ser difícil porque Sofia continuou agarrada ao meu braço. Anna e Sofia às vezes eram confundidas com irmãs porque sua cor era semelhante.

Valentina foi a última a me cumprimentar. Seu abraço era gentil como se eu fosse frágil, mas dei um sorriso firme.

— Podemos jantar, — disse a mãe com um sorriso corajoso. Com as crianças ao redor, ela não iria chorar de novo, nem ninguém mais.

A conversa fluiu facilmente na mesa de jantar. Muito facilmente. Eu poderia dizer que todo mundo estava tentando criar normalidade por mim e por eles mesmos. Danilo não estava lá. Presumi que ele queria ficar sozinho depois que rompi o noivado, e ele não fazia parte da família e agora nunca faria.

Era estranho estar cercada pela minha família novamente. Sentei-me entre meus irmãos, ambos ansiosos para estar perto de mim, mas meus pensamentos continuavam vagando para Las Vegas, para Remo.

— Como foi Las Vegas? — Leonas deixou escapar quando terminamos a sobremesa, um bolo de chocolate, o meu favorito.

— Leonas, — disse Dante bruscamente.

Meu primo corou, percebendo seu erro.

Tomei um gole da minha água e dei de ombros. — Não vale a pena visitar se você me perguntar.

Leonas riu e minha família relaxou novamente. Samuel apertou minha mão debaixo da mesa. Talvez eu pudesse encontrar meu caminho de volta para eles.

Foi estranho estar de volta na minha própria cama. Eu tive dificuldade em adormecer. Muito aconteceu. Esta manhã eu tinha acordado em Las Vegas com Remo e agora estava aqui.

A porta se abriu e Samuel entrou. Eu arrumei espaço para ele na cama.

— Acordada? — Ele perguntou baixinho.

— Sim. — Eu não elaborei. Ele deitou-se sobre as cobertas de costas. — E quanto a você?

Samuel ficou quieto por alguns segundos. — Eu estava em uma reunião noturna com Dante e papai.

— Oh, — eu disse. — Sobre seus planos para se vingar da Camorra?

Samuel engoliu em seco. — Não. Isso não. Era sobre o Danilo. Seu pai não está feliz com o estado das coisas.

A preocupação me dominou. E se eles insistirem em nosso casamento apesar de tudo? E se sua família insistisse em receber a sobrinha de Dante?

— Sam, — eu sussurrei, e ele me alcançou no escuro, sua mão cobrindo a minha.

— Papai prometeu Sofia a ele.

Eu congelei. — Ela é uma criança.

Samuel suspirou. — Eles vão se casar no dia após seu décimo oitavo aniversário.

— Ainda faltam seis anos e meio.

Eu pude sentir Samuel acenar com a cabeça. — Eles acham que Danilo ainda é jovem e ocupado assumindo o controle de Indianápolis e cuidando de seu pai. Ele pode esperar. — Ele fez uma pausa. — E não é como se ele não pudesse se manter ocupado com outras mulheres até lá.

Eu fechei meus olhos. — O que Sofia dirá? É minha culpa. Eu deveria me casar com ele.

— Não, — Samuel rosnou. — Nós não vamos deixá-la. Esse é um ponto que todos concordamos, Fina. Você não será prometida em casamento a ninguém. Você já passou o suficiente. Você ficará aqui até se sentir melhor.

— E depois?

— Eu não sei, — ele admitiu. Eu não poderia viver sozinha. Como uma mulher isso não era uma opção. Eles teriam que me casar ou eu teria que ficar com mamãe e papai para sempre.

— Você virá morar comigo eventualmente.

Eu ri. — Okay, certo. Tenho certeza de que sua futura esposa ficará em êxtase por me ter sob o mesmo teto.

— Ela fará o que eu disser, — ele murmurou.

Eu fiquei em silêncio. — Quando você se casar, é seu dever protegê-la, ser bom para ela, Sam. Eu não serei mais sua responsabilidade.

— Eu não vou casar tão cedo, não pela maneira como as coisas estão se desenvolvendo com a Camorra.

— Quando Sofia saberá?

— Papai vai falar com ela amanhã logo de manhã. Danilo insiste nisso. Ele também insiste em aumentar o número de guardas.

— Ele não quer que a história se repita, suponho, — eu disse suavemente.

Samuel endureceu. Eu o belisquei levemente. — Pare com isso.

— Porque você fez isso?

— Porque você estava se sentindo culpado de novo, e eu quero que você pare. Quero que as coisas voltem a ser como eram antes.

— Eu também quero, — disse Samuel. Nós dois sabíamos que não seria assim tão fácil.

Samuel já tinha ido embora quando acordei na manhã seguinte. Ele sempre foi um madrugador, mas isso também parecia ter mudado. Eu saí da cama e me vesti antes de sair do meu quarto. Em vez de descer as escadas, segui pelo corredor até o quarto de Sofia e bati. Meu estômago se apertou dolorosamente.

— Entre! — Ela gritou.

Franzindo a testa para o seu tom alegre, eu entrei. Sofia estava deitada de bruços, os tornozelos cruzados. Ela estava desenhando. Quando ela me viu, ela corou. Eu andei em direção a ela e me empoleirei na beira da cama. Seus braços cobriram o desenho e eu inclinei a cabeça.

— Eu queria falar com você sobre Danilo. Presumo que papai já tenha falado com você?

Ela deu um aceno hesitante, mordendo o lábio. — Você está com raiva de mim?

— Raiva? — Eu repeti, confusa.

— Porque Danilo quer casar comigo agora e não com você.

A tensão deixou meu peito. Foi o que disseram a Sofia. Bom. Eu a observei atentamente. — Não. Eu não estou. Eu quero que você seja feliz. Você está bem?

Ela mordeu o lábio novamente e deu um pequeno aceno de cabeça. Com um sorriso envergonhado, ela afastou a mão do desenho. Era o nome dela e de Danilo uma e outra vez.

Surpresa tomou conta de mim. — Você gosta dele?

Suas bochechas explodiram em calor. — Eu sinto muito. Gostava dele mesmo quando lhe foi prometido. Ele é fofo e cavalheiro.

Eu beijei o topo de sua cabeça. Eu fui inocente uma vez? Assim esperançosa e sem noção?

Eu me afastei e dei-lhe um olhar severo. — Ele é um homem adulto, Sofia. Vai levar muitos anos até você se casar com ele. Ele não chegará perto de

você até então.

Ela assentiu. — Eu sei. Papai me disse. — Ela parecia desapontada. Tão lindamente inocente. Eu acariciei o cabelo dela.

— Então estamos bem? — Ela perguntou.

— Melhor do que bem, — eu disse, em seguida, levantando e deixando minha irmãzinha para sonhar acordada. Eu sentia falta dos dias em que achava que um cavaleiro de armadura brilhante montando um garanhão branco roubaria meu primeiro beijo.

Em vez disso, um monstro me reivindicou, corpo e alma.

Meu estômago se agitou, mas parei quando avistei Danilo no hall. Presumi que ele estivesse tratando os detalhes de seu noivado com minha irmã com meus pais e Dante. Por alguma razão, fiquei furiosa. Sofia poderia estar feliz, mas ela não sabia a extensão de sua promessa. É claro que ela teria sido prometida a alguém, mas não como prêmio de consolação porque os Mancinis queriam a sobrinha de Dante.

Eu andei direto na direção dele. Seu rosto tremeu de arrependimento e auto-ódio quando ele olhou para mim. — Sofia é uma menina. Como você pôde concordar com esse vínculo, Danilo?

Sua expressão brilhou com raiva. — Ela é uma criança. Muito jovem para mim. Ela tem a idade da minha irmã pelo amor de Deus. Mas você sabe o que é esperado. E não vamos nos casar até que ela seja maior de idade. Eu nunca toquei em você e não vou tocá-la.

— Você deveria ter escolhido outra pessoa. Não Sofia.

A tensão atravessou seu corpo. — Eu não a escolhi. Eu escolhi você. Mas você foi tirada de mim e agora não tenho escolha a não ser me casar com sua irmã, embora seja você quem eu quero!

Uma forte inspiração nos fez olhar para Sofia, que estava de pé no topo da escada, observando-nos com os olhos arregalados. Seu queixo tremeu e ela se virou, saindo em disparada.

— Droga, — Danilo murmurou. Ele fez um movimento como se fosse

segui-la, mas eu agarrei seu braço.

— O que você está fazendo?

— Eu deveria falar com ela.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

Danilo recuou, sua expressão voltou a ser controlada, calma, equilibrada. — Eu deveria me desculpar.

— Eu não tenho certeza se ela falará com você. Mas podemos tentar — falei baixinho. Eu o levei para o andar de cima, tentando ignorar a maneira como os olhos dele permaneciam na minha garganta. Eu não tinha coberto as marcas esta manhã.

Apontei para a porta de Sofia e Danilo bateu com firmeza.

— Vá embora!

— Sofia, — Danilo disse calmamente. — Posso falar com você?

Ficou silencioso atrás da porta por um longo tempo. As sobrancelhas de Danilo se juntaram.

— Ela provavelmente está tentando limpar seu rosto para que você não veja suas lágrimas.

Ele deu um pequeno aceno de cabeça e olhou novamente para a minha garganta. Suspirei e desviei o olhar.

— Eu vou protegê-la. Não vou falhar com ela como falhei com você — Danilo murmurou.

Meus olhos dispararam, mas a porta se abriu naquele momento. Sofia estava na porta, parecendo tímida e envergonhada. Seus olhos se moveram de Danilo para mim e eu dei-lhe um sorriso.

Ela corou quando levantou os olhos para Danilo.

— Posso falar com você por um momento? — Ele perguntou.

Sofia olhou para mim pedindo permissão.

— Claro, — eu disse. Eu sabia que o costume proibia as garotas de ficarem sozinhas com homens, mas Sofia tinha onze anos e Danilo sempre foi um perfeito cavalheiro comigo.

Sofia voltou para o quarto e se sentou no sofá rosa. Danilo a seguiu para dentro, deixando a porta aberta. Seus olhos examinaram seu quarto feminino rosa, e eu pude ver como ele estava desconfortável. Ele afundou no sofá com tanta distância entre eles quanto o móvel permitia. Ele parecia fora de lugar no quarto, como um gigante ao lado dela. O contraste não poderia ter sido maior: Sofia em seu vestido rosa com sua natureza barulhenta, e Danilo em suas calças pretas e camisa preta com seu comportamento frio. Ele já parecia muito mais velho para mim, mas em comparação com Sofia?

Não que ela parecesse se importar. Ela estava olhando para ele com tanta adoração infantil que até meu coração esmagado cantava de alegria. Eu esperava que ela pudesse manter isso por um longo tempo. Dei alguns passos para trás e lhes dei um momento de privacidade. Dois minutos depois, Danilo apareceu. Ele passou a mão pelo cabelo escuro. Seus olhos encontraram os meus, e novamente vi o brilho de saudade e fúria.

— Então?

Ele deu um aceno conciso. — Eu acho que consegui convencê-la de que disse aquelas coisas para tornar mais fácil para você.

— Bom, — eu disse.

Danilo sacudiu a cabeça, as sobrancelhas se unindo. — Nada é bom sobre esta situação, Serafina, e estou surpreso que de todos nós você seja a única que parece estar lidando com isso da melhor maneira.

Eu endureci. — Eu só quero que as coisas voltem ao normal. Isso é tudo.

Ele assentiu cansado. — Elas não voltarão, mas eu entendo. Eu preciso ir agora. — Ele saiu sem outra palavra. Esperei até que sua forma alta tivesse desaparecido antes de entrar no quarto de Sofia. — Tudo certo?

Ela ainda estava sentada no sofá, olhando para as mãos. — Eu acho que sim, — disse ela pensativa.

— Você será a noiva mais linda, eu sei disso.

Seus olhos se iluminaram. — Você acha?

— Eu sei disso. — Meu peito doía pelo que eu perdi, pelo que eu nunca poderia ter, especialmente com o homem que tinha meu coração.

Capítulo Vinte e Dois

REMO

A Roger’s Arena estava lotada para minha luta enquanto eu entrava. Nino seguiu de perto enquanto caminhávamos em direção ao estande onde Adamo, Savio, Kiara, Leona e Fabiano estavam esperando. Eu já estava na minha bermuda de luta, e meu corpo vibrava com sede de sangue mal contida.

Roger ajudava atrás do bar para variar e me deu um aceno de saudação, que retornei. A plateia estava olhando para mim, ansiosa, curiosa e apavorada. Minhas lutas sempre foram particularmente populares - para aqueles que conseguiam engoli-las. Griffin parecia muito extasiado enquanto anotava as apostas.

— Quem são as almas azaradas que você vai lutar? — Perguntou Savio, curioso.

— Pergunte a Nino. — Eu não me importava com quem eles eram. Eu os rasgaria em pedaços de qualquer maneira.

— Dois ex-condenados. Ambos fugitivos. Ambos em desesperada necessidade de dinheiro e novas identidades. Sem opções, — Nino disse com naturalidade. — Um deles chutou a esposa grávida quase até a morte e ela perdeu o bebê. Já cumpriu uma sentença por homicídio culposo. O outro passou metade de sua vida na prisão por abuso sexual infantil.

— Parece que eles merecem a sentença de morte, — disse Fabiano com um sorriso, seu braço em volta de Leona e ela sorriu para ele em adoração. A visão aumentou minha fúria e me concentrei na gaiola. — Eles vão desejar a pena de morte quando eu terminar com eles.

O juiz chamou meu nome e atravessei a multidão em direção à jaula e os dois homens mortos esperando por mim lá dentro.

A multidão rugiu e aplaudiu, em êxtase. Entrei na gaiola e avaliei meus oponentes. Um deles era mais alto e mais largo que eu. Talvez eu pudesse imaginar que era Luca. Isso adicionaria a emoção. O outro era baixo, mas

parecido com um touro, e sua postura sugeria que ele era um boxeador. Ambos pareciam saber como dar um soco. Bom.

No momento em que a luta começou, eles atacaram juntos. Eu agarrei o baixo e bati meu joelho em seu lado, mas fui agarrado por trás pelo gigante. O baixinho se aproximou de mim e deu um soco no meu estômago. Eu empurrei minha cabeça para frente e esmaguei contra a dele. Ele cambaleou e eu chutei contra seu peito, catapultando a mim mesmo e ao filho da puta que me segurava por trás. Nós caímos na gaiola e escapei do aperto do cara grande. Girando ao redor, me impulsionei do chão e chutei o rosto dele, quebrando o nariz, queixo e a maçã do rosto. O sangue respingou por toda parte e ele caiu para trás, segurando o rosto. Isso o manteria ocupado por um tempo.

Eu me virei para o baixinho e sorri. A plateia rugiu. Eles conheciam esse sorriso. O brilho nos olhos do meu oponente era familiar: pânico e realização horrorizada. Eu andei em direção a ele, e ele levantou os punhos. Eu fingi um ataque, fazendo com que ele tropeçasse para trás. Eu ri. Isso estava ficando divertido. Eu me lancei nele, chutando e socando com força sem piedade. Os gritos da multidão e os gemidos do meu oponente me estimularam, mas a porra do vazio no meu peito permaneceu. Eu o chutei de novo e de novo até que tudo ficou vermelho. Quando ele nem se mexia mais, eu desisti.

O outro cara estava de costas para mim e estava sacudindo a porta da gaiola, querendo sair.

— Ninguém vai abrir a porta. Se você quiser sair desta gaiola, terá que me matar.

O cara grande virou-se, o rosto inchado e sangrento. Ele tentou o seu melhor. Logo eu o segurei em um estrangulamento e depois esmaguei seu rosto contra a gaiola. Uma vez. Duas vezes, e depois de novo e de novo. Eu não conseguia parar. Eu precisava esmagar alguma coisa.

— Remo.

Esmagar.

— Remo!

Esmagar.

Uma mão segurou meu ombro e me puxou para trás. Soltei a polpa sangrenta e olhei para Nino. Seu rosto estava salpicado de pequenos pontos vermelhos. Sangue.

Eu olhei para mim e depois para o chão. A arena estava em silêncio e todo mundo estava olhando para mim em horror.

— Eu ganhei, — eu murmurei.

Nino sacudiu a cabeça. — Venha.

Eu o segui para fora da gaiola e em direção ao vestiário. A multidão se separou ainda mais. O fedor de vômito pairava pesado no ar. Griffin estava pressionando a porra de um tecido sobre sua boca.

Dentro do vestiário, eu tirei minha bermuda encharcada, deixando uma trilha vermelha no chão enquanto entrava no chuveiro. A água quente permaneceu vermelha por muito tempo, e Nino me observou o tempo todo de seu lugar no banco, os cotovelos apoiados em suas coxas.

— Gosta do que está vendo?

Ele não disse nada e estava começando a me irritar.

Agarrando uma toalha, saí do chuveiro e me enxuguei. — Diga o que você tem a dizer.

Nino me olhou com uma pequena carranca. — Isso é por causa de Serafina? Eu tenho que me preocupar?

Meus lábios se arreganharam. — Eu não tenho um coração que possa ser quebrado, Nino. Pare com a porra da vigilância.

— Ela não vai voltar para você, Remo. Ela vai tentar encontrar o caminho de volta para a Outfit onde ela acha que pertence. Se você esperar que ela venha até você livremente, se decepcionará.

Eu me abaixei, encontrando seus olhos. — Eu não me importo se ela voltar ou não. Há prostitutas para foder, bastardos da Outfit para matar, e a porra da Bratva para irritar.

Eu me vesti com as calças que Nino me entregou. Então saímos. Parte da

multidão já havia partido, os outros estavam sussurrando baixinho. Nino me levou para o estande, mas só Savio estava lá, e ele me observou como se eu tivesse subido direto do Inferno. — Onde está todo mundo?

— Bem, — murmurou Savio. — Kiara e Adamo provavelmente estão ocupados vomitando, e Fabiano e Leona foram lá fora com eles para vigiar.

A carranca de Nino se aprofundou com a menção de Kiara. Nós saímos e os encontramos todos no estacionamento ao lado de nossos carros. Adamo estava sentado no capô do carro de Nino, fumando. Kiara estava debruçada atrás do porta malas, arfando, e Fabiano estava com o braço em volta do ombro de Leona, que parecia um pouco fraca.

Nino foi até a esposa e esfregou suas costas.

Fabiano balançou a cabeça. — Que diabos, Remo?

Eu revirei meus olhos. — Você me viu fazer pior. Nós torturamos juntos. — E depois do que ele fez com seu pai, realmente não tinha que estar chocado por eu perder o controle.

Savio bufou. — Todos nós vimos você torturar, mas você nunca perdeu o controle desse jeito. Dê uma olhada no vídeo e se sua expressão não assustar nem a você, então não sei o que dizer. — Ele foi até Adamo e pegou o cigarro dele, dando uma tragada profunda.

— Você não fuma, — resmungou Adamo.

— Eu preciso me livrar do gosto de vômito na minha boca.

— Não me diga que você vomitou também, — eu disse.

Savio levantou a sobrancelha. — Não. Mas quando as pessoas ao meu redor começaram a ejetar sua comida, eu pude praticamente prová-la em minha boca.

Senti os olhos de Fabiano em mim e encontrei seu olhar, desafiando-o a dizer alguma coisa. Ele não fez isso. Adamo não conseguia encontrar meus olhos e não tinha a paciência necessária hoje à noite para lidar com ele. Talvez amanhã. Nino finalmente conseguiu acalmar Kiara, que se inclinou contra ele, pálida e suada. Ela trancou os olhos comigo. Não foi nojo ou medo que vi em

seu olhar, mas compaixão e compreensão, e enviou uma nova onda de raiva através de mim.

— Chaves, — eu pedi, estendendo minhas mãos para Nino.

Ele balançou a cabeça. — Você não vai dirigir para qualquer lugar agora.

— Me dê as fodidas chaves, — eu rosnei.

— Não.

— Eu posso levá-lo, — brincou Adamo.

Eu lancei um olhar para ele. É claro que ele veio com seu carro novo e, claro, ele não estava sentado em seu capô. Nino assentiu com a cabeça, como se eu precisasse da permissão dele para entrar no carro de Adamo.

— Então vamos, garoto, — eu murmurei.

Adamo pulou do carro de Nino, jogou fora seu cigarro e entrou em seu Mustang. No momento em que afundei no banco do passageiro e fechei a porta, Adamo saiu do estacionamento. — Aonde você quer ir?

Eu esfreguei minha têmpora. — Eu quero matar e mutilar, mas agora que você está me vigiando, isso não vai acontecer.

— Eu acho que estou destinado a tomar conta de você hoje à noite. Nino está preocupado, — disse Adamo.

Eu balancei a cabeça. — Malditos aborrecimentos, todos vocês.

— Você me assustou pra caralho esta noite.

— Espero que não tenha sido a primeira vez ou estou fazendo algo errado.

— Eu tive medo de você antes. Quando você mandou Fabiano atrás de mim por causa da cocaína. Mas hoje estava meio que assustado por você.

— Confie em mim, Adamo, você não tem absolutamente nenhuma razão para ter medo por mim.

Adamo franziu a testa. — É por causa dela?

Meus irmãos pareciam decididos a testar o limite da minha paciência. —

Cale a boca e dirija.

— Para onde?

— Casa. Só nos leve para casa.

SERAFINA

Mamãe e eu nos sentamos no jardim em um balanço, desfrutando de um dia quente de outono. Eu estava de volta há apenas dois dias, e era a primeira vez que mamãe e eu estávamos realmente sozinhas. Nossos pés gentilmente chutaram o chão para manter o balanço em movimento. Mamãe segurava minha mão, olhando para o céu.

Eu sabia que ela tinha perguntas, mas não podia perguntar, e eu não tinha certeza se poderia dar-lhe respostas.

— Por que você prometeu Sofia a Danilo? — Eu perguntei finalmente para dizer alguma coisa.

— Não era o que queríamos, nem o que Danilo queria, mas precisamos vincular nossas famílias. É o que se espera, — disse a mãe. — E ele é um homem decente.

— Você me disse essas mesmas palavras no dia do meu casamento.

Mamãe empalideceu, mas conseguiu um pequeno aceno de cabeça. — Eu queria tirar seus medos.

— Eu sei.

Seus olhos azuis seguraram os meus, enchendo-se de angústia. Ela tocou minha bochecha. — Eu queria apenas o melhor para você. Eu queria felicidade. Eu queria um homem que a carregasse em suas mãos, que lhe mostrasse bondade como seu pai fez comigo. — Ela desviou o olhar brevemente, se recompondo. — Eu não posso imaginar os horrores que você viveu, Fina, mas gostaria de tê-los sofrido em seu lugar.

— Mãe, — eu sussurrei. — Não é como todos vocês pensam. Eu não sofri do jeito que você acredita. Remo não me forçou.

— Seu pai não me permitiu ver o vídeo onde *ele* te cortou, mas eu vi os lençóis. Eu vejo as marcas na sua garganta. Não diminua seu sofrimento para me fazer sentir melhor, amor. Não faça isso.

Ela embalou meu rosto, seus olhos ferozes, determinados. Ela também nunca entenderia a extensão da minha traição. Minha família precisava que eu fosse a vítima nisso.



Eu queria me encaixar, queria fazer parte da Outfit novamente, mas a cada dia que passava, ficava mais óbvio que parte de mim tinha ficado em Vegas com Remo. As pessoas estavam comentando. Eles faziam isso a portas fechadas na maior parte, mas eu notei os olhares de pena dos guarda-costas e empregadas. Durante toda a minha vida, as pessoas me olharam com admiração e respeito, e agora eu era digna de pena. Eles não sabiam que eu não era a vítima, não no sentido que todos pensavam.

E eu tinha sido protegida da atenção até agora. Eu não tinha saído de casa, não tinha participado de reuniões sociais, mas eventualmente teria que fazer uma aparição ou as especulações aumentariam ainda mais. Eu precisava lhes mostrar que não estava me escondendo, que não tinha motivos para me esconder.

Mais de três meses desde que Remo me sequestrou. Mais de quatro semanas desde que ele me libertou - corpo *não* alma. Às vezes eu conseguia esquecê-lo por alguns minutos, apenas para ser lembrada com uma força esmagadora, mas estava melhorando. Talvez Sam estivesse certo. Talvez a lavagem cerebral de Remo estivesse acabando. Talvez eu pudesse ser livre um dia.

Hoje minha família voltaria a público, mostraria força, mostraria que não estávamos quebrados, que eu não estava. Era o quinquagésimo aniversário do papai e a festa estava planejada há quase um ano, um esplêndido banquete com a família e os amigos, com os subchefes e os capitães.

Meus pais haviam pensado em cancelar a festa, mas eu os convenci a celebrar. A vida tinha que continuar.

Dante, Valentina e as crianças também estavam conosco, e eu estava animada para vê-los novamente. Eu me ocupei ajudando minha mãe a organizar a festa nessas últimas semanas, precisando me distrair, tentando ignorar o medo persistente na parte de trás da minha cabeça que ficava maior a cada dia.

Eu olhei para o teto do meu quarto. Já era tarde, e eu precisava escolher um vestido, me preparar e ajudar a mamãe, mas não conseguia me mexer. Nas últimas duas horas permaneci imóvel, exceto pela minha respiração superficial.

Eu tive meu período na última semana de agosto. Era final de outubro agora. Meus dedos traçaram minha barriga, aterrorizada, imobilizada.

Lentamente, saí da cama e fiquei de pé por um longo tempo, deixando uma percepção horrível preencher meus ossos. Dois meses desde o meu último período. Fechando meus olhos, eu engoli em seco. Eu nunca tomei pílula durante meu tempo com Remo, e ele nunca usou proteção, querendo me reivindicar sem aquela barreira entre nós. Eu olhei para o teto, rezando para que não fosse verdade. Seria o fim de todas as minhas esperanças, de tudo.

Eu engoli novamente. Uma batida soou. — Fina, você está acordada?

Samuel. Já era tarde e o que ele estava realmente perguntando era se eu estava bem. Eu não estava. Eu deveria estar me preparando, deveria fazer minha parte, ser forte por causa das aparências.

— Entre, — eu disse.

Ele abriu a porta e entrou, já vestindo calças escuras e uma camisa azul royal. Seus olhos observaram meu estado amarrotado. Ele se moveu até mim e se agachou na minha frente. — O que há de errado?

Considerei manter minha suspeita para mim mesma, mas era uma verdade que eu não seria capaz de esconder deles. Se fosse mesmo verdade...

Encontrei o seu olhar. — Eu acho que estou grávida.

Samuel congelou, arregalando os olhos em choque. — Você quer dizer... — Ele engoliu em seco, olhando para o meu estômago liso. Sua expressão se

contorceu de raiva, tristeza e pior... nojo.

Nojo, porque este era o bebê de Remo. Ele encostou a testa na minha coxa e soltou um suspiro trêmulo.

— Eu vou matá-lo. Eu juro. Um dia vou matar Remo Falcone da maneira mais cruel possível.

Eu toquei a cabeça dele. — Você pode... chamar a mamãe? Eu preciso de um teste de gravidez. Eu preciso saber com certeza.

Samuel se endireitou e se levantou. Com um último olhar para mim, ele saiu. Eu não conseguia me mexer. Se eu estivesse grávida do filho de Remo... eu não conseguia nem terminar o pensamento. Eu não queria, ainda não, não antes de ter certeza.

Alguns minutos depois, a mãe entrou, com o rosto pálido. Olhamos uma para a outra antes que ela caminhasse em minha direção e tocasse minha bochecha. — Aconteça o que acontecer, vamos passar por isso, Fina. Nós vamos passar por isso.

— Eu sei, — eu disse. — Você pode trazer um teste para mim?

— Vou pedir a Valentina. Talvez ela tenha um teste extra. Ela e Dante estão tentando outro filho.

Mamãe soltou minha mão e saiu do quarto. Eu me levantei, respirando fundo. Talvez houvesse outra explicação, mas no fundo eu sabia a verdade.

Mamãe voltou com um teste. Eu tirei dela com as mãos trêmulas. — Você pode me deixar sozinha? Eu descerei quando estiver pronta.

Mamãe hesitou, mas então beijou minha bochecha. Eu observei a porta fechada por um tempo antes de me forçar a levantar da cama e ir para o banheiro. Meu coração bateu na minha garganta quando descompactei o teste.

Quinze minutos depois, olhei para o teste em minhas mãos, para a verdade que abalou o último fragmento de esperança que eu tinha. Esperança de poder encontrar meu caminho de volta para a Outfit. Esperança em poder esquecer Remo. Como se houvesse uma maneira que pudesse me esquecer dele. Eu olhei para as duas linhas no teste.

Grávida.

Do filho de Remo Falcone.

Um homem de crueldade e impiedade incomparáveis.

O homem que roubou minha inocência, meu futuro... meu coração.

Corpo e alma.

Eu possuo você.

Oh, Remo, se você soubesse o que você me deu...

Eu larguei o teste e toquei meu estômago. Parecia irreal, impossível.

Grávida.

Meu coração era uma terra devastada pela guerra: duas emoções conflitantes lutando pelo domínio, deixando nada além de devastação em seu rastro. Felicidade desenfreada que um pequeno humano estava crescendo dentro de mim. Uma pequena parte de Remo que sempre permaneceria comigo. E o medo cru do futuro, do meu - do *nosso* futuro. Nosso mundo era cruel com as mulheres que engravidavam fora do casamento; era ainda mais cruel para as crianças nascidas fora do casamento.

Condenados a serem chamados de bastardos. Um filho de Remo Falcone não podia esperar por um nome mais gentil. Eu protegeria meu filho, mas nem sempre estaria lá para defendê-lo dos ataques. Seria forte o suficiente para se defender, sem dúvida, mas a ideia de que meu bebê teria que crescer forte por necessidade, porque o mundo o encurralou em um canto, me deixou furiosa. Eu tentei acalmar minhas emoções violentas. Eu estava me precipitando. Eu vinha de uma boa família, talvez as coisas fossem diferentes para o meu filho, independentemente de quem fosse o pai dele.

Respirando fundo, desci as escadas. Minha família estava reunida na sala de jantar e, quando entrei, todos ficaram em silêncio. Mamãe. Papai. Valentina. Dante. Samuel. Os filhos de Dante. Anna, Leonas, minha irmã Sofia. A sala já estava decorada para o evento, e no jardim havia uma tenda branca, onde ficava a pista de dança. O bufê chegaria em cerca de duas horas, os convidados em três. Um dia de festa.

Mamãe fez um gesto para Sofia, Anna e Leonas. — Fora. Vão para seus quartos por enquanto. — Eles partiram, sem protestos. De passagem Sofia me deu um pequeno sorriso.

Eu olhei para Samuel. Ele se levantou devagar, hesitante, e nossos olhos se encontraram. Sua expressão caiu, ficando desesperada.

— Estou grávida.

Mamãe cobriu a boca com a mão e papai fechou os olhos. Valentina me olhou com simpatia e Dante deu um aceno conciso. Sem celebrações. Sem felicidade.

Samuel afundou devagar na cadeira. A centenas de quilômetros de distância e sem saber, Remo havia acertado outro golpe.

— É cedo ainda. Podemos ligar para o médico e ele vai se livrar disso — disse papai, o rosto pálido e preocupado quando finalmente encontrou meu olhar.

Meu estômago apertou e algo furioso e protetor ergueu no meu peito. *Meu filho.*

Mamãe assentiu devagar. — Você não precisa mantê-lo.

Samuel apenas olhou para mim. Ele me conhecia. Até recentemente, melhor do que ninguém, mas Remo tinha visto partes de mim que ninguém conhecia, minhas partes mais sombrias. — Você quer mantê-lo, — disse ele em voz baixa, sem entender.

Eu toquei meu estômago. — Vou manter essa criança. Eu vou cuidar dela e amá-la e protegê-la. É minha. — E no momento em que as palavras saíram da minha boca, eu soube com certeza. Essa criança nasceria, e quem tentasse tirá-la de mim veria o quanto eu era forte.

O silêncio me cumprimentou. Então Dante acenou com a cabeça uma vez. — A decisão é sua.

— É, — eu disse com firmeza.

Mamãe se levantou. Era óbvio que ela estava lutando consigo mesma. Eu andei até ela porque ela não podia se mexer e toquei seus ombros. — Nós vamos passar por isso, certo? Este bebê é inocente. É meu bebê.

Mamãe sorriu trêmula. — Você está certa, querida.

Papai se levantou e tocou minha bochecha. — Nós ficaremos ao seu lado. — Eu podia ver o quanto essas palavras lhe custaram. Eu não tinha certeza se minha família poderia superar o fato de que meu filho era filho de Remo. Será que eles amariam porque era meu ou odiariam porque era dele?

Capítulo Vinte e Três

SERAFINA

Sentei-me na frente da minha penteadeira e escovei meu cabelo, movimento após movimento, tentando encontrar a calma. Eu podia ouvir os primeiros convidados lá embaixo, ouvir risos e música.

Eu precisava descer. Respirando fundo, levantei. Eu escolhi um vestido azul-escuro justo até o chão, que combinava com a cor da camisa de Samuel. Toquei meu estômago, ainda plano, mas sabia que em poucos meses não poderia mais usar vestidos assim.

O bebê de Remo. Eu fechei meus olhos. Eu estava feliz e triste, aterrorizada e esperançosa. O que Remo diria se soubesse? Ele se importaria? Eu tinha sido um meio para um fim, uma rainha em seu jogo de xadrez, e ele ganhou.

Ele me deixou ir como se eu não fosse nada.

Eu ouvi os rumores de suas lutas de gaiola. Ele estava de volta às lutas, de volta a sua vida. Eu me perguntei se ele já havia se mudado para uma das muitas prostitutas à sua disposição? Provavelmente.

Eu fui uma idiota.

Sam estava certo. Remo tinha torcido minha mente para que ele pudesse me controlar, e eu deixei.

Uma batida familiar soou e Samuel entrou. Não nos falamos desde que revelei minha gravidez a minha família. Tornou-se óbvio que eles precisavam de tempo para assimilar, hora de colocar suas máscaras públicas para que nossos convidados não descobrissem a verdade. Ainda não.

Ele parou perto da porta, me observando como se eu estivesse me dividindo diante de seus olhos. Eu me virei, mostrando meu vestido para ele. — Nós estamos combinando. — Eu queria ver o sorriso dele, qualquer coisa além da escuridão esmagadora da alma.

— Você está linda, — ele disse, mas não sorriu. Eu andei em direção a ele, e quando o fiz seus olhos foram atraídos para o meu estômago. — Fina, se livre disso.

Eu congelei. Sam se aproximou de mim e segurou meus braços. — Por favor, livre-se disso. Não suporto a ideia de que algo dele esteja crescendo dentro de você.

— Sam, — eu sussurrei. — Este é um bebê. É inocente. Seja o que for que Remo tenha feito, esse bebê não vai sofrer por isso.

Samuel se afastou de mim. — Mas você irá! O que você acha que as pessoas dirão se você der à luz a sua cria? E essa coisa vai lembrá-la do idiota a cada dia. Como você vai esquecer se olhar para o resultado dos pecados de Remo todos os dias?

Eu me virei e fui em direção à janela, segurando o peitoril da janela em um aperto de ferro, tentando manter minha compostura. Se eu quisesse aparecer na festa do papai, não poderia perdê-la agora.

Samuel veio atrás de mim e tocou meus ombros. — Eu não deveria ter dito isso.

— Tudo bem, — eu disse. Eu coloquei minha mão sobre a de Samuel. — Eu preciso de você ao meu lado, Sam. O bebê e eu... nós dois precisamos de você. Por favor.

Samuel colocou o queixo na minha cabeça e suspirou. — Eu sempre estarei ao seu lado.

Ficamos assim por um tempo até que eu me virei e dei a Samuel um sorriso firme. — Vamos lá mostrar às pessoas que somos fortes juntos.

Samuel estendeu a mão e eu peguei. Descemos juntos, e o aperto de Samuel em mim aumentou quando a atenção mudou para mim. As pessoas estavam tentando ser discretas, mas falhando miseravelmente. Cada subchefe estava lá, até o Danilo. Ele ficou afastado, ao lado do bar, tomando uma bebida cor de âmbar. Nossos olhos se encontraram brevemente, mas depois eu desviei o olhar.

Samuel permaneceu colado ao meu lado. Minha sombra, meu protetor,

mas até mesmo seu olhar severo não conseguia parar os olhares piedosos ou os sussurros, e as pessoas nem sabiam da minha gravidez ainda. Eu podia imaginar quão pior a fofoca se tornaria então.

Eu era conhecida como a Princesa do Gelo, destinada a me tornar a Rainha do Gelo ao lado de Danilo.

Agora eu era a mulher que Remo havia corrompido. Os homens mal podiam olhar para mim. De alguma forma eu me tornei todos os seus fracassos.

A mão de Samuel na parte inferior das minhas costas se contraiu, e um olhar em seu rosto me disse que ele estava perto de perder o controle.

— Dance comigo, — implorei.

Samuel assentiu com um pequeno sorriso tenso e me envolveu em seu abraço, em seguida, endureceu quando o meu estômago ainda plano pressionou contra ele. Seus olhos dispararam e angústia brilhou em sua expressão antes que ele pudesse mascará-la. Como se ele já pudesse ver minha gravidez quando ainda estava escondida em segurança. Eu aumentei meu abraço nele brevemente, e finalmente ele encontrou meu olhar. Nós começamos a dançar. Todos os olhos estavam em nós.

Samuel segurou meu olhar porque estava prestes a perder o controle. Um olhar para os outros e ele quebraria. Eu sorri e ele relaxou. Eu também senti os olhares. Poderia praticamente ouvir os sussurros. Algumas mulheres da minha idade que sempre se ressentiram de mim pelo meu status pareciam quase... triunfantes, felizes por testemunhar minha desgraça.

Levantei meu queixo mais alto, com raiva e depois me preocupei... por que como todas essas pessoas tratariam meu filho?

Depois de três danças, papai assumiu e Samuel ficou de lado assistindo.

— Você está linda, pomba, — ele disse baixinho. Sua expressão era controlada, calma. Seu rosto público. Mamãe também parecia equilibrada e elegante ao lado de Sofia, Anna e Valentina.

— Obrigada, pai, — eu disse, em seguida, acrescentei: — Me desculpe, eu não tenho um presente para você.

Eu não saíra da casa desde o meu retorno e, para ser honesta, havia esquecido completamente de comprar um presente. Minha mente estava ocupada com muitas outras coisas.

— Eu já tenho o meu presente, — disse ele, e por um momento achei que ele quisesse dizer o meu filho, mas depois percebi que ele quis dizer a minha liberdade. Ele não mencionou minha gravidez.

Dante dançou comigo em seguida.

Eu encontrei seus olhos, me perguntando o que ele achava da minha gravidez, me perguntando que tipo de futuro estaria à frente para o meu filho, se fosse um menino. Ele seria permitido na Outfit? Ou a identidade de seu pai fecharia todas as portas antes que pudessem ser abertas? Eu não ousei perguntar ao meu tio. Não em público, não na festa de aniversário do meu pai.

Depois da dança, voltei para Samuel, que conversava com um de seus amigos mais antigos. Ele me deu um aceno de cabeça, mas também teve problemas em encontrar meus olhos. Samuel notou e sua mandíbula flexionou. Ele se desculpou, tocou minhas costas e me levou embora.

Samuel e eu entramos no saguão de entrada. Eu tinha a sensação de que Samuel precisava ficar longe das festividades por alguns minutos. Alguns Homens Feitos mais novos que eu não conhecia se reuniram lá e, quando passamos por eles, suas palavras conseguiram chegar até nós.

— Eu não entendo porque eles não a escondem. É uma porra de desgraça que ela ande por aí como se Falcone não a tivesse corrompido.

Mal registrei meu choque quando Samuel atacou. Ele quebrou o nariz do primeiro cara com um estalo doentio, em seguida, empurrou o segundo para o chão, pressionando a faca contra a garganta do homem.

— Sam, — eu disse com firmeza, segurando o ombro dele.

Ele se inclinou, aproximando o rosto do outro homem. — Eu deveria cortar sua garganta por insultar minha irmã. Peça desculpas.

O homem olhou para seus amigos. Um deles estava cuidando de seu nariz quebrado, o outro obviamente incerto se deveria interferir, considerando que nosso pai era o chefe de seus pais.

— Peça desculpas! — Samuel rosnou.

— Sinto muito, — o cara deixou escapar.

Eu aumentei meu aperto no ombro de Sam. Ele recuou, pegou minha mão e me arrastou para fora, não para o jardim, mas para a entrada onde estaríamos sozinhos. Ele me soltou, virando as costas para mim. Ele respirou fundo. Eu pressionei minhas palmas nas suas omoplatas e depois descansei minha testa contra suas costas. — Não deixe que as palavras deles cheguem até você. Eu não me importo com eles e você também não deveria.

— Como você pode não se importar com eles? Você é uma princesa da máfia. Eu deveria cortar suas línguas por ousar sussurrar seu nome em uma frase com o dele.

O nome *dele*.

Remo Falcone. O pai do meu filho.

E pior, o homem que enchia minhas noites não com pesadelos, mas com saudade.



Na manhã seguinte, papai, Samuel e Dante queriam falar comigo.

Quando entrei no escritório do papai, soube pelas expressões deles que não seria uma conversa fácil e definitivamente não seria uma que eu gostaria. Papai estava sentado atrás de sua mesa, Sam empoleirado em sua borda, e Dante estava com as mãos na calça ao lado da janela. Eu fui direto para o sofá e afundei. Meu cérebro parecia lento por falta de sono. Eu passei a noite toda tentando aceitar o fato de que estava carregando um bebê, o bebê de Remo.

— Sobre o que vocês querem conversar?

Três conjuntos de olhos dispararam para minha barriga e minha mão automaticamente - de forma *protetora* – pressionou o local.

— Se você manter essa criança, — começou Dante.

— Eu *vou* manter a criança.

Papai olhou para o lado e depois para a moldura da foto em sua mesa. Uma foto da nossa família tirada pouco antes de eu ter sido sequestrada.

— Você terá que mantê-la escondida, — disse o pai.

Eu pisquei para eles. — O quê?

— Assim que você começar a mostrar, teremos que mantê-la longe dos olhos do público, Serafina, — disse Dante, com a voz decidida. — Eu duvido que Remo Falcone tenha o menor interesse em sua prole, mas ele pode usá-la contra nós. A Outfit precisa ser forte. Essa criança pode causar tensão dentro da Outfit, e não precisamos disso no momento atual.

— Ou nós poderíamos arranjar um casamento rápido com alguém que concorde com um casamento falso e fingir que é seu filho, — meu pai sugeriu gentilmente.

Eu olhei entre eles. Samuel olhou para o chão, as sobrancelhas unidas.

— Não vou me casar com ninguém e não vou mentir sobre o pai do bebê. As pessoas não acreditariam mesmo assim.

Agora eu era a mulher grávida do filho bastardo de Remo. Logo minha barriga protuberante carregaria a culpa e a vergonha da Outfit.

— Eventualmente as pessoas vão perceber que tenho um filho. Quando ficar mais velho, será difícil mantê-lo oculto. E se ele for um menino? Ele não fará parte da Outfit?

Eles trocaram um olhar.

— Você nem deu à luz ainda. Ainda é cedo — disse Dante secamente. Eu examinei seus rostos e, quando o fiz, foi difícil manter minha indignação e raiva. Meu sequestro havia deixado suas marcas. Eles ainda estavam abalados. Talvez com o tempo as coisas melhorassem. Eu daria a eles o tempo que precisavam para aceitar a situação. Eu devia isso a eles. Eu lhes devia mais do que devia a Remo.

Este bebê e eu pertencíamos a Outfit. Essa era minha família, minha casa.

Ainda assim, parte de mim se perguntava se eu estava mentindo para mim mesma, se não era melhor voltar para Las Vegas.

Mas Remo me mandou embora. Eu servi ao seu propósito. Quanto eu realmente sabia sobre ele? E como eu poderia ter certeza se tudo que ele fez não fazia parte de um show, sua manipulação magistral. Tinha funcionado, não tinha? E como eu poderia ter certeza de que o que eu estava sentindo era real? Poderiam sentimentos como esse nascer em cativeiro?



Minha gravidez se tornou o elefante rosa na sala, uma presença cada vez maior que todos tentavam ignorar, e fiz o meu melhor para tornar isso mais fácil para eles. Eu usava roupas folgadas, feliz pelos dias frios de inverno que permitiam suéteres grossos e casacos ainda mais grossos. Acho que minha família muitas vezes conseguiu esquecer que eu estava grávida.

Só quando eu estava sozinha no meu quarto me permitia admirar minha barriga. Não estava grande ainda. Eu até consegui participar da festa de Natal de Dante e Val, porque na minha décima sétima semana, se meus cálculos fossem precisos, um vestido reto ainda escondia tudo o que deveria. Se as pessoas suspeitaram de algo, elas guardaram para si mesmas. Era uma possível vergonha que a Outfit não queria falar em voz alta.

Era início de janeiro quando Samuel e minha mãe me acompanharam a primeira consulta com meu médico. Até agora eu não havia pedido por uma, mas minha mãe me surpreendeu a alguns dias perguntando se deveríamos checar o bebê. Foi sua desculpa silenciosa, sua tentativa de aceitar o que era muito difícil para todos eles aceitarem.

O médico vinha trabalhando com a Outfit há anos. Ele tratou a maioria das mulheres grávidas da Outfit e manteria o segredo que eu carregava.

O medo me encheu quando me estendi na mesa de exame. Eu não tinha certeza do que exatamente me assustou. Não era como se eu não soubesse que estava grávida. Era evidente neste momento.

O médico estava do meu lado com o ultrassom enquanto Samuel e mamãe

ficavam do outro lado. Eu engoli quando empurrei o meu suéter, revelando o solavanco pela primeira vez na frente dos outros.

O rosto de Samuel ficou estoico e mamãe engoliu antes de conseguir um sorriso encorajador e apertar minha mão.

— Isso vai ser frio por um momento, — o médico me avisou.

Eu balancei a cabeça distraidamente, meus olhos fixos no ultrassom.

O médico começou a franzir a testa, movendo o ultrassom na minha barriga. O baque surdo de uma batida de coração encheu a sala e meu próprio coração acelerou, inchando de amor e admiração. Mas o baque surdo estava estranho, como se estivesse fora do ritmo, dois ritmos fora de sincronia.

Os olhos de mamãe se arregalaram, mas eu não tinha certeza do por que, e o medo me encheu. Eu olhei para ela, depois para o médico, depois para Samuel, mas ele parecia tão confuso quanto eu me sentia.

— Oh Deus, — mamãe sussurrou.

— O quê? O que está acontecendo?

Os olhos da mamãe se encheram de lágrimas. — Gêmeos.

O médico assentiu e meus olhos se voltaram para Samuel.

— Como nós, — eu disse maravilhada.

Ele conseguiu um pequeno sorriso, mas seus olhos se preocuparam.

O conhecimento que eu carregava gêmeos mudou as coisas para a mamãe. Era como se ela pudesse finalmente ver os bebês como meus, não como algo estranho.

Samuel parecia estar mais próximo também. Ele pintou o berçário e armou a mobília para mim. E Sofia? Ela estava extasiada com a perspectiva de ser uma tia. Mas papai... papai tinha mais dificuldade. Ele não mencionava a gravidez e

nunca olhava em qualquer lugar abaixo do meu queixo. Eu o entendia, não poderia ficar com raiva porque seus olhos refletiam seu conflito.

Muitas vezes conseguia me sentir como se pertencesse mais uma vez, conseguia fingir que não estava sendo forçada a me esconder em nossa casa para que ninguém descobrisse que eu estava grávida. O que eu não consegui foi parar de pensar no homem que era a razão de tudo.

Toda noite que eu ficava acordada na cama. Toda vez que eu acariciava minha barriga, eu o via diante dos meus olhos. E toda vez eu ficava dividida entre raiva e saudade. Às vezes eu me perguntava se deveria encontrar uma maneira de avisá-lo, mas depois pensava na minha família, em seu lento processo de cura, no que meu sequestro havia feito a eles e não pude fazê-lo. O que você deve ao homem que sequestrou você? Aquele que tentou destruir as pessoas com quem você se importava? O homem que levou seu coração, apenas para te afastar?

Nada.

Eu não devia nada a Remo Falcone.

Esses eram meus filhos e eles cresceriam como parte da minha família, como parte da Outfit. Eu esconderia a verdade deles o quanto pudesse. Eles não descobririam quem era seu pai até que precisassem. Se eu quisesse que eles tivessem uma chance na Outfit, eles não poderiam ser Falcones. Eles não poderiam ser associados a Remo.

Em meados de maio dei à luz as mais belas criações que pude imaginar e sabia com absoluta certeza que tudo o que eu desejava para elas nunca se tornaria realidade.

Capítulo Vinte e Quatro

SERAFINA

Eu amava minha família com todo meu coração. E eles me amavam. Mas no momento em que segurei meus filhos em meus braços, soube que não poderia ficar com eles para sempre, sabia com certeza esmagadora de almas.

Nevio e Greta eram Remo. Olhos escuros, cabelo preto grosso.

Para todos na Outfit, sempre seriam Falcones, sempre o resultado de algo horrível, nascido de algo vergonhoso, algo sombrio. Mas para mim eles eram a criação mais bonita que eu poderia imaginar. Eles eram perfeição absoluta. Gêmeos como Samuel e eu. Eles se apoiariam, fariam um ao outro mais forte, como Samuel e eu tínhamos feito quando éramos mais jovens e ainda o fazíamos. Seríamos nós contra o mundo. Não poderia ser de outra maneira.

Samuel ficou comigo no hospital depois do parto, enquanto minha mãe foi para casa por algumas horas de sono depois de vinte horas ao meu lado durante o trabalho de parto. Os olhos de Samuel eram gentis e amorosos enquanto olhavam para mim, mas essas emoções ternas desapareceram assim que ele se virou para meus filhos dormindo no berço. Ele não estava fazendo isso de propósito, mas meus filhos o lembraram de algo que ele e todos os outros estavam desesperados para esquecer.

E como ele não poderia ser lembrado quando meus gêmeos pareciam Falcones?

Meu coração doeu ferozmente quando eu olhei para eles, latejando com um desejo que tentei enterrar com as memórias de Remo, mas Remo não era um homem que poderia ser esquecido.

Não tão fácil, nem rápido, nem nunca.



Dois dias após o parto, mamãe e Samuel levaram meus gêmeos para a casa porque eu ainda tinha problemas para levantar algo mais pesado do que um copo de água. A família se reuniu para a ocasião, mas eu sabia que não era para comemorar. Papai e Dante provavelmente precisavam discutir como manter meus filhos em segredo. Os subchefes sabiam. Eles tiveram que saber por causa da Outfit. Danilo sabia, mas eu não tinha falado com ele desde o dia em que Sofia tinha sido prometida a ele.

Samuel segurou meu braço enquanto o outro carregava o carrinho de bebê. Subir escadas era mais do que um pouco desconfortável, e fiquei feliz quando finalmente cheguei em nossa casa.

Valentina veio em minha direção e me abraçou gentilmente. Ela e Dante ainda estavam tentando o terceiro filho, mas até agora não estava funcionando. Ela olhou para os meus bebês com um sorriso suave. — Eles são lindos, Serafina.

— Eles são, — eu concordei.

Sam e papai trocaram um olhar, e pareceu uma pontada no coração, porque quando olhavam para meus filhos viam o cabelo preto e os olhos escuros e nada mais. Eles viam Falcones. Eles viam vergonha e culpa. Eles permitiriam que meus bebês fossem mais do que o maior fracasso na história da Outfit?

Sofia desceu correndo a escada seguida por Anna. Leonas mostrou menos entusiasmo do que as garotas enquanto ele descia os degraus, revirando os olhos.

Sofia parou ao meu lado e de Samuel, olhando para Greta dormindo profundamente no suporte. Eu tinha notado que Samuel havia insistido em carregar Greta, não Nevio, mas tentei não colocar muito significado nisso. Sofia não tinha sido autorizada a ir ao hospital porque não queríamos chamar muita atenção para nós, e seus olhos estavam arregalados de surpresa.

— Uau, — ela respirou. — Eu nunca vi cabelo tão preto.

Ela nunca tinha visto Remo.

Anna acenou com a cabeça enquanto levemente passou um dedo sobre a cabeça de Nevio. Seus olhos se abriram e como sempre quando o fizeram, minha respiração se alojou na minha garganta. Olhos escuros. Os olhos de

Remo. Mesmo com dois dias de idade, meu menino era seu pai.

Papai desviou os olhos, franzindo as sobrancelhas, e olhou para Dante com uma expressão que me rasgou ao meio.

Valentina apertou meu ombro e se inclinou. — Leva tempo, Serafina. Dê-lhes tempo. Um dia eles verão seus bebês como eles são: só seus.

Eu balancei a cabeça, mas no fundo eu sabia que Greta e Nevio nunca seriam apenas meus, porque eles também eram de Remo, e nada poderia mudar isso. E eu não queria isso.



No dia seguinte, eu estava embalando Greta no meu braço enquanto Nevio descansava no sofá ao meu lado, profundamente adormecido quando Dante entrou. Ele andou em nossa direção, seus olhos cintilando sobre meus filhos. Sua expressão não revelava nada, e me perguntei se era porque ele não se ressentia de meus gêmeos como todo mundo ou se ele era muito bom em esconder seus verdadeiros sentimentos.

Ele afundou na poltrona à minha frente, abrindo a jaqueta para não enrugar. Ele me deu um sorriso tenso. — Como você está?

Eu acariciei a bochecha de Greta antes de olhar de novo. — Bem.

Ele assentiu. — Eu sei que as coisas não estão fáceis para você, Serafina. Não era para ser assim. Eu queria falar com você por um tempo... — Ele parou, sua expressão se contraindo. — Mas eu não tenho o hábito de justificar minhas ações, nem pedir desculpas.

Eu fiz uma careta. — Você é Capo.

— Eu sou, mas isso não me torna infalível. — Ele fez uma pausa. — Eu acho que você deveria saber que quando Remo a sequestrou, seu pai teria entregue seu território para salvá-la. Eu não permiti isso. E Samuel atacou a mansão sem minha permissão porque eu não teria permitido. Eu não sou um homem que acata às exigências de outro. Eu me recuso a ser chantageado. Eu tenho que pensar na Outfit.

— Eu sei e entendo, tio. — Então eu parei. — Mas no final você entregou Scuderi para Remo.

Algo sombrio e furioso brilhou nos olhos de Dante. — Eu entreguei. Porque não sou apenas o Capo. Eu sou pai. Eu sou seu tio. Esta é minha família e eu devo proteção. Eu lhe devia proteção e falhei. — Ele baixou o olhar para meus filhos. — Você terá que viver com as consequências das minhas decisões.

Eu balancei a cabeça. — Essas decisões me deram meus filhos, e isso não é algo que eu possa me arrepender.

Dante se levantou e tocou meu ombro. Então ele passou o dedo indicador sobre a cabeça de Greta antes de se virar. Como Samuel e papai, ele tinha mais dificuldade em olhar para Nevio do que para minha filha. Eu olhei para o meu filho e peguei sua mãozinha na minha, e não pela primeira vez me perguntei o que Remo diria quando ele os visse.



Um gemido estridente soou.

Samuel e eu nos levantamos ao mesmo tempo de onde adormecemos no sofá do berçário. Não nos incomodávamos em dormir em nossas camas a maior parte do tempo porque Nevio e Greta acordavam a cada duas horas. Ele e minha mãe se revezavam ajudando-me, e durante o dia Sofia trocava fraldas e ajudava a alimentá-los também. Eu não conseguia lembrar a última vez que dormi mais de duas horas nos últimos seis meses.

Samuel esfregou o rosto. Eu sabia que ele não dormia muito nas noites em que não estava ajudando também. A Outfit estava planejando alguma coisa. Ele havia apenas sugerido isso, mas só poderia ser um ataque à Camorra. Isso me assustou, me *aterrorizou* porque eu não estava apenas com medo por Samuel e papai, mas também pelo homem que não conseguia esquecer.

Eu me levantei e Samuel também. Ele pegou Greta como de costume e eu peguei Nevio. Essa era a nossa rotina, uma que eu não questionava mais. Fiquei feliz pelo apoio de Samuel, mesmo que ele não suportasse estar perto do meu

filho.

Trinta minutos depois, Samuel e eu nos sentamos ombro a ombro, Greta dormindo em seu braço e Nevio bem acordado no meu. Ele pegou meu cabelo e puxou. Eu afrouxei seu aperto, estremecendo, e empurrei o fio fora de alcance. Nevio soltou um uivo feliz, olhos fixos em Samuel.

Eu segui o seu olhar. Meu irmão suspirou e colocou a cabeça para trás. — Não me olhe desse jeito, Fina.

— Que jeito?

— Como se eu estivesse partindo seu coração.

— Por que você tem dificuldade em olhar para Nevio, mas não tem problemas em segurar Greta?

— Porque com ela eu consigo ignorar as semelhanças, mas com Nevio... — Samuel balançou a cabeça, baixando o olhar para o meu menino que estava mastigando alegremente seus próprios dedos. — Com ele, tudo o que posso ver é Remo, porra, Falcone.

— Shh, — eu o silenciei. Eu acariciei a cabeça de Nevio, mas ele estava alheio ao que estava sendo dito. Um dia ele iria entender, no entanto. Um dia ele iria perceber o que a aparência dele significava.

— Você nunca estará livre dele por causa deles, Fina. Talvez sem essas crianças as pessoas acabassem por esquecer o que aconteceu e seguiriam em frente, mas elas são lembranças vivas. Quando as pessoas descobrirem que são filhos de Falcone, e acredite em mim, todos descobrirão que são dele, as coisas ficarão muito feias.

Eu balancei Nevio e seus olhos começaram a fechar. — Se alguém tentar machucar meus filhos fazendo com que eles se sintam menos, eles terão que passar por mim.

Samuel sorriu tristemente. — Eu estarei ao seu lado. Eu sempre vou te proteger.

Eu. Não meus filhos. Nunca eles.



Falcone. Falcone

Só de olhar.

Falcone.

Os mesmos olhos cruéis.

Negros como breu.

Falcones por completo.

Vergonha. Pecado. Desonra. Bastardos.

Por que ela se arruinou por ter filhos? Por que ela não se livrou deles?

Falcones.

Até agora as palavras só eram sussurradas na Outfit, mas logo elas seriam gritadas porque todos os dias meus filhos se pareciam mais com Remo, com os Falcones. Em uma semana meus gêmeos teriam sete meses de idade e eu ainda não tinha saído de casa com eles. O único ar fresco que conseguiam era quando eu estava no jardim com eles. A parteira e os médicos faziam visitas domiciliares. Apesar dessas precauções, as noticias sobre eles estava se espalhando entre nossos círculos. Talvez as empregadas tenham deixado algo escapar. Talvez tivesse sido um dos guarda-costas ou talvez um dos subchefes confiasse demais em sua esposa fofoqueira.

Eu participei de dois eventos com Samuel, e os sussurros me seguiram em todos os lugares. A piedade e a curiosidade. A incompreensão e até raiva que eu tinha escolhido essas crianças e não as descartado, como se isso apagasse o sequestro.

Quando chegamos em casa depois de uma dessas reuniões sociais, a festa de aniversário do segundo comandante de papai, me perdi bem no meio do saguão.

— Eu não suporto isso, — eu disse asperamente. — Não suporto como todos sussurram seus nomes como se fosse algo pecaminoso. Eu não quero que

eles cresçam com vergonha de quem eles são.

Mamãe que ficou com as crianças porque não se sentia bem o suficiente para comparecer a um evento apareceu no patamar, parecendo preocupada com a minha explosão.

Papai suspirou, sua expressão refletindo a dor. — Todo mundo sabe o que aconteceu. Todos sabem o que eles são e isso nunca mudará.

— *O que* eles são... — Eu olhei para o meu pai.

Samuel tocou meu ombro, mas eu o afastei.

— Eles são meus! Eles têm o seu sangue também. Eles fazem parte da Outfit! Quando você aceitará isso? Nevio terá que prestar o juramento para você aceitar isso?

Papai e Samuel trocaram um olhar e eu dei um passo para trás. — Ele vai se tornar parte da Outfit, certo? Ele vai se tornar subchefe de uma cidade um dia? É o seu direito por nascimento.

Seu direito de primogenitura é se tornar o Capo da Camorra.

Papai me deu um sorriso triste. — Pomba, — ele murmurou.

— Não, — eu sussurrei. — Não me diga que você não vai deixar Nevio conseguir nada por causa de quem é o pai dele.

Samuel me deu uma olhada como se eu estivesse sendo irracional. — Fina, ele parece um maldito Falcone. Eles são todos loucos. O sangue perverso de Remo corre em suas veias. E olhe só para ele. Ele já tem um temperamento impossível com apenas sete meses.

— Nossos soldados nunca o aceitarão, não depois do que seu pai fez. Ainda mal nos recuperamos do ataque. Todo casamento é fortemente vigiado, toda mulher protegida pelo dobro do número de guardas. Essa vergonha persiste e seus filhos são uma lembrança constante disso — papai disse baixinho.

Eu me virei e os deixei de pé ali. Passando apressada por mamãe sem dizer uma palavra, invadi o berçário e fechei a porta, respirando com dificuldade.

Nevio e Greta dormiam no berço que dividiam, ambos esparramados de

costas. A mão de Greta descansava no peito de Nevio. Eles sempre acabavam se tocando quando dormiam.

Meus filhos não eram algo vergonhoso.

Eu não permitiria que ninguém fizesse com que eles se sentissem assim. Nem mesmo a família que eu amava.

REMO

Kiara estava no modo natalino completo. Ela decorou todas as áreas da casa que foi permitida. Eu sabia que ela teria adorado usar sua magia na minha ala também, mas ela não era tão ousada ainda. Bom para ela, porque eu estava com um humor horrível, tinha estado por dias, e hoje era o pior de todos.

O cheiro de biscoitos recém assados flutuou pela casa enquanto eu lia o e-mail de Rick, o organizador de nossas corridas. Tudo tinha sido preparado para a maior corrida que já tínhamos realizado. Nino não estava feliz por eu ter decidido terminar em Kansas City depois do último incidente, mas eu queria provar algo. A Outfit vinha sendo surpreendentemente cuidadosa em seus ataques. Uma emboscada aqui e ali, alguns soldados desmembrados, mas nada importante. Até três dias atrás, quando eles mataram meu maldito subchefe em Kansas City. Um aviso para não chegar tão perto de seu território. Talvez o começo de mais. Terminar a corrida em qualquer outro lugar teria enviado a mensagem errada.

Kiara entrou carregando um prato com o que pareciam pequenas meias-luas cobertas de açúcar. Ela estendeu a mão para mim. — Kipferl[5].

— Eu não estou com disposição para algo doce. — Eu estava com vontade de explodir algo em pedacinhos, por sangue e morte, e mais do que isso... A maldita morte de Dante.

Ela franziu a testa. — Eles são deliciosos. — Seus olhos se moveram para a tela. — Kansas?

Eu balancei a cabeça, em seguida, peguei um dos biscoitos e dei uma mordida. Doce e macio. Eu coloquei a metade de volta no prato. Kiara pegou e comeu o resto.

Eu não gostei do jeito que ela me observava como se *soubesse*.

— Estive pensando sobre sua oferta.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando.

— Sobre treinar com você.

— Fiz essa oferta há mais de um ano, — eu disse.

Ela mordeu o lábio. — Eu não estava pronta na época.

Eu sabia outra razão pela qual não fiz parte de seu treinamento de defesa nos últimos meses. Nino estava desconfiado do meu estado emocional, mas ele estava visitando alguns de nossos laboratórios de drogas. Ele estava interessado nos processos químicos, mas eu só no resultado final. As únicas vezes em que visitei nossos laboratórios foram quando eles precisavam se lembrar de trabalhar com mais eficiência.

— E você acha que hoje é um bom momento para lutar comigo? — Eu perguntei em voz baixa.

— Não lutar. Treinar — ela corrigiu.

Eu me empurrei do sofá, elevando-me sobre ela. Ela não vacilou. — Agora?

Ela colocou o prato para baixo e indicou o ringue de boxe. Eu balancei a cabeça. — Na vida real, você não estará em um ringue de boxe quando estiver sendo atacada. Estará em um beco escuro, quando estiver a caminho de casa. Seu atacante estará seguindo e observando você por um tempo. Ele estará atrás de você.

Nós dois sabíamos que nunca chegaria a isso. Kiara nunca estava sozinha, e o estúpido bastardo que se atrevesse a olhar para ela do jeito errado perderia os olhos.

— Corra.

Ela piscou. — O quê?

Eu me inclinei, invadindo seu espaço pessoal, tentando aumentar sua pulsação. — Corra.

Compreensão encheu seus olhos. Ela deu um passo para trás e então se virou e começou a correr.

Peguei outro biscoito e mordi metade antes de colocá-lo de volta no prato. Então eu a persegui. Correr atrás de Kiara trouxe de volta memórias que eu não precisava, nem hoje nem nunca. Raiva surgiu através de mim. Subi os degraus de dois em dois e alcancei-a no corredor que ligava a ala deles. Eu agarrei sua mão e a derrubei de costas. Kiara engasgou, mas agiu imediatamente, girando sob mim antes que eu pudesse pressioná-la no chão. Ela sabia que não podia me permitir pressioná-la sobre seu estômago. Uma vez que meu peso descansasse em suas costas, ela não teria mais chance de se defender. Ela era boa, mas eu estava com raiva e não estava com vontade de tornar isso muito fácil para ela.

No segundo que montei seus quadris e pressionei seus braços acima da cabeça, o brilho de pânico encheu seus olhos.

— Escape disso, — eu pedi.

Eu vi a luta em seus olhos, as memórias ameaçando irromper, mesmo depois de todo esse tempo.

— Escape dessa porra, — eu rosnei. Eu não a libertaria se ela não o fizesse.

A indignação brilhou em seus olhos e ela contraiu seus quadris, mas eu era muito pesado. Ela era pequena e ágil, e conseguiu levantar a perna de um jeito que seu joelho bateu direto em minhas bolas.

Todas as fibras do meu corpo, todos os músculos, todas as células sanguíneas, agiam por instinto, querendo atacar. Eu a empurrei e afundei de volta contra a parede, o peito arfando, tentando acalmar a raiva em minhas veias.

— Desculpe, — disse Kiara, sentando-se e me observando preocupada.

Eu sorri sombriamente. — Não há necessidade. Você fez o que Nino lhe

ensinou.

— Mas você não recuou porque eu te machuquei... só para se impedir de me machucar em resposta.

Eu levantei minhas sobrancelhas. Ela era perceptiva. Eu não tinha certeza se eu gostava disso. — Não importa. Um homem normal não está tão familiarizado com a dor quanto eu. Um chute nas bolas iria distraí-los.

Ela assentiu, então ela me surpreendeu sentando ao meu lado contra a parede. — Hoje é o aniversário da Serafina, certo?

— Kiara, — eu disse em aviso.

Ela inclinou a cabeça. — Ela não se casou, não é?

— Eu não tenho espiões na Outfit, então não saberia.

— Teria sido notícia.

Eu parei de procurar notícias sobre Serafina alguns dias depois de tê-la libertado. Ela era uma coisa do passado.

— Eu achei que ela estava se apaixonando por você...

Eu fiquei de pé, olhando para ela. — Vocês, mulheres, sempre precisam transformar tudo em um conto de fadas, até mesmo um sequestro. Serafina era minha prisioneira. Sua única queda foi cair em desgraça.

Ela se levantou também. — Você pode fingir o quanto quiser, mas eu vi o jeito que você olhava para ela.

Eu a apoiei na parede. — Você não viu nada porque não havia nada. Eu fodi Serafina e aproveitei cada momento. Eu queria possui-la, queria arrancar sua inocência, e eu fiz. É isso aí.

— Se isso fosse tudo, você teria se banhado em seu triunfo depois. Mas você nem sequer a mencionou desde que a deixou ir... como se você não pudesse suportar dizer o nome dela.

— Kiara, — eu rosnei. — Não me empurre longe demais. Não agora.

Ela empurrou meu ombro e eu dei um passo para trás. Sem outra palavra,

ela saiu, mas seus olhos disseram mais que suficiente.

Quando voltei para a sala de jogos para chutar o saco de pancadas, Savio e Adamo estavam no sofá, jogando um maldito jogo de tiro. Como se não tivéssemos sangue suficiente na vida real. O prato com os biscoitos estava vazio.

— Há mais biscoitos na cozinha? — Perguntou Savio, sem olhar para cima.

— Como eu iria saber? Pergunte a Kiara.

Savio lançou um olhar curioso para mim. — O que está te irritando?

Eu afundei em frente a eles. — Neste exato momento? Você. Em geral? Kansas.

— Essa corrida será espetacular, — disse Adamo.

— Não soe tão excitado. Você não acredita realmente que Remo permitirá que você corra novamente depois da última vez, não é? — Savio murmurou, jogando os pés na mesa.

— Aquilo não foi culpa minha, — retrucou Adamo.

— Certo. Quando você bate um carro, nunca é sua culpa.

— Eu não vou bater dessa vez. Estou muito melhor. Vou ganhar.

Savio não parecia convencido. — É uma corrida mais longa. Oito horas no mínimo. Isso te dá muito tempo para estragar tudo.

— Eu não vou estragar tudo. E a longa distância é a melhor parte. É uma estrutura legal, — disse Adamo.

— Você não vai dirigir, — eu disse finalmente. — A corrida termina em Kansas City. Eu não quero você tão perto do território da Outfit.

— Ninguém precisa saber que estou lá. Eu estarei em um carro. Posso usar outro nome.

— Não. E ponto final.

Adamo franziu a testa e afundou ainda mais no sofá. — Você me prometeu

que eu poderia correr mais vezes se não faltasse a escola e cumprisse meus deveres na Camorra.

— E essa promessa está de pé, Adamo, mas não para esta corrida.

— Mas Luke estará lá novamente com um carro novo. Ele me bateu da última vez. Eu quero chutar a bunda dele e fazer com que ele bata o carro.

Eu me inclinei para frente. — Você não vai chegar nem perto dessa corrida, Adamo.

— Tudo bem, — ele murmurou. — Mas a próxima corrida é permitida?

Eu balancei a cabeça. Achava que o fascínio de Adamo pelas corridas iria diminuir com o tempo, mas não o fez. Ele ainda vivia para as corridas ocasionais, e eu comecei a recompensá-lo com elas por tarefas bem feitas. Ele ainda era um homem feito relutante, mas melhorou, não apenas suas habilidades de luta, mas também sua culpa sobre o que fazíamos. Às vezes eu me perguntava se deveria deixá-lo se tornar o organizador de nossas corridas e deixá-lo correr em nossos carros em vez de tentar forçá-lo a outro papel, mas precisávamos dele. A guerra aberta com a Outfit exigia cada homem feito que tivéssemos.

Capítulo Vinte e Cinco

SERAFINA

Papai estava ansioso. Ele continuou checando o telefone, que estava ao lado do prato. Ele geralmente não exibia seu telefone quando jantávamos. Era a nossa hora da família.

Mamãe levou uma colher com purê de batata-doce em um arco para a boca de Greta; Ela bateu os lábios alegremente ao redor da comida. Eu, por outro lado, tentei impedir que Nevio jogasse sua comida ao redor. Ele não gostava de ser alimentado e preferia enfiar comida na boca sozinho, mas ainda era muito pequeno para isso e fazia muita bagunça. Eu segurei suas mãos pequenas para que ele não pudesse pegar a colher e levei para sua boca. Foram necessárias três tentativas antes que ele aceitasse a comida.

— Eles são fofos, mas vê-los comer é um pouco nojento, — disse Sofia, com o nariz enrugado. — E desde que eles começaram a comer comida normal, suas fraldas fedem também.

Papai franziu a testa, obviamente infeliz com o assunto. Ele podia jantar enquanto alguém era torturado bem na frente dele, mas uma fralda fedorenta o incomodava. Homens.

Nevio soltou um uivo indignado quando tentei outra colherada de purê. Ele saltou em seu assento.

Os olhos de papai demonstraram desaprovação. Sete meses, e ele ainda não podia suportar a visão de Nevio. Pelo menos ele segurou Greta algumas vezes, mas eu não achei que ele pudesse ver além do DNA deles.

A porta da frente se abriu e Samuel correu para a sala de jantar, parecendo em êxtase e um pouco desequilibrado. Papai levantou-se devagar e Samuel sorriu. Eu tremi porque havia algo sombrio e terrivelmente ansioso na expressão do meu irmão gêmeo. — Nós o pegamos, — disse ele. — Nós pegamos o bastardo.

— Onde ele está? — Papai perguntou, sabendo exatamente a quem Samuel

estava se referindo.

Eu abaixei a colher. Mamãe e eu trocamos um olhar.

— Danilo e eu o levamos para nossa casa segura como combinado. — Danilo? Uma suspeita horrível me dominou.

Mamãe começou a limpar Greta.

Os olhos de papai se moveram para mim e, finalmente, Samuel se virou para mim também. Eu me aproximei deles. — Quem você pegou?

Samuel tocou meus ombros levemente, seus olhos brilhantes, mas em suas profundezas algo estava à espreita que me assustou. — Nós colocamos nossas mãos em Adamo Falcone. Ele estava participando de uma corrida de rua perto de nossas fronteiras e nós o pegamos.

Meu interior virou pedra. — Por que você o pegou? — Eu tinha a sensação de que sabia exatamente o porquê.

— Para torturar o pequeno bastardo e enviar um vídeo a Remo como ele nos enviou um vídeo seu. E talvez lhe mandemos cada parte de seu irmão que vamos cortar, envolta em uma fita branca.

— Sam, Adamo tem apenas quinze anos. Ele é um menino. Isso é errado.

O rosto de Samuel endureceu. — Ele é um membro da Camorra, a porra da tatuagem e tudo mais. E Remo Falcone não deu a mínima para o que era certo e errado quando sequestrou uma mulher inocente no dia de seu casamento e a torturou e estuprou.

A cor sumiu do meu rosto. — Não foi assim, — eu sussurrei.

Olhei por cima do ombro para os meus filhos, mas mamãe já estava pegando Greta. Eu tirei Nevio do banco e entreguei a ela também. Ela saiu rapidamente. Voltei-me para Samuel, tremendo porque ele disse um nome que eu não ouvia há algum tempo. Eu ainda me sentia incrivelmente culpada porque minha família não entendia que Remo não tinha me forçado, não entendia que ele só tinha aceitado o que eu tinha dado.

Papai se aproximou de Samuel. Ele ainda tinha dificuldade em encontrar meu olhar quando este assunto era abordado, vergonha demais por não ter sido

capaz de me proteger. — Seu irmão está certo. Os Falcones recebem o que merecem. Nós vamos destruir a sua família louca como eles destruíram a nossa.

Engoli. Isso é o que ele pensava? Que nossa família havia sido destruída? Eu via isso toda vez que ele olhava para meus filhos e sua expressão brilhava com culpa e desgosto.

— Remo não vai recuar e deixar você torturar seu irmão. Ele não se importará com o perigo. Ele entrará em nossa cidade e destruirá tudo que estiver em seu caminho.

Samuel baixou a mão, o rosto contorcido de ódio por si mesmo. — Como deveríamos ter entrado em Vegas e salvado você.

Papai passou a mão pelos cabelos. — Você sabe que não podíamos. Remo teria matado Fina no segundo em que nos aproximássemos. Tivemos sorte de ele não ter feito isso quando você foi até lá sozinho. Não poderíamos arriscar depois disso.

Remo nunca teria me matado, mas eles não sabiam disso, não podiam entender, e como eu poderia explicar para eles quando eu não entendia?

— Em vez disso, sentamos e esperamos que ele fizesse exigências enquanto estava ocupado a estuprando e engravidando.

— Estou aqui! Pare de falar de mim como se eu não estivesse aqui.

— Desculpe, pomba, — disse o pai com um suspiro. Meu coração acelerou. Ele raramente me chamava de “pomba”, não porque ele me amava menos, mas porque ele se sentia responsável por minhas asas quebradas.

— Eu não estou culpando nenhum de vocês, — eu disse com firmeza, olhando primeiro para o meu pai, em seguida, para Samuel. — Mas eu conheço Remo e ele fará qualquer coisa para salvar seu irmão. Qualquer coisa.

— Veremos. Nós vamos fazer uma gravação ao vivo para o filho da puta hoje. Ele pode assistir seu irmão sendo torturado ao vivo no Darknet. — Samuel sorriu.

Eu dei um passo para trás. — Você está brincando.

— Não, — disse Samuel. — Eu só vim buscar o papai. Danilo já está

preparando tudo, e Dante deve chegar a qualquer momento também.

— Você planejou isso?

— Não, Adamo não, — disse Samuel. — Queríamos atacar a corrida. Foi pura sorte que o pequeno bastardo gosta de carros de corrida.

Papai assentiu. — Nós devemos sair agora. Vamos lá.

Eu agarrei o braço de Samuel. — Deixe-me ir com você.

Ele trocou um olhar com papai que disse: — Não, pomba. Isso não é nada que você deva ver.

— Por que não? Eu fui uma prisioneira da Camorra por meses. Você realmente acha que tortura ou sangue ainda me incomoda? Você acha que qualquer coisa pode me deixar de joelhos? Eu não sou a garota inocente do passado. Eu tenho o direito de estar lá. Eu fui aquela que eles sequestraram. Vocês me devem isso então me deixem ir com vocês.

Os dois me encararam como se eu os tivesse socado, e senti uma pontada de culpa, mas jogar a carta de culpa era minha única chance de convencê-los, e eu precisava ver Adamo.

Papai fechou os olhos brevemente e deu um pequeno aceno de cabeça. — Vamos.

Ele foi em frente. Samuel passou o braço em volta do meu ombro e apertou. — Nós os faremos pagar pelo que fizeram com você. Remo vai se arrepender do dia em que colocou um dedo em você.

Eu desviei meus olhos e segui Samuel para fora de nossa casa, um lugar que parecia menos familiar a cada dia. A cada dia que Nevio parecia mais com o pai.



A casa para onde me levaram era um edifício surrado de três andares perto dos trilhos, localizado na parte industrial de Minneapolis. Quando entramos,

meus olhos registraram Danilo primeiro. Ele tinha os braços cruzados e estava olhando para uma tela em uma mesa contra uma parede. Ao lado dele estava meu tio Dante, como de costume, usando terno, mas seu casaco já estava pendurado em uma cadeira que estava na frente da tela, e ele arregaçara as mangas.

Meu estômago revirou. Eu nunca o tinha visto de mangas arregaçadas e sabia por quê. Eu nunca estive por perto quando ele torturou alguém. Havia outro homem, um dos soldados de papai, que trabalhava em um laptop, provavelmente estabelecendo a conexão com o Darknet. Eles se viraram quando entramos, e todos os olhos se concentraram em mim. Eu não deveria estar aqui.

Dante franziu a testa e veio em nossa direção. Danilo ficou onde estava, mas também me observou. Eu não era mais sua noiva. Eu não era nada para ele. Minha irmã era sua prometida e agora ela era tão preciosa quanto eu fui. E ainda assim ele faria parte da vingança da Outfit porque Remo insultou Danilo da pior maneira possível: ele me tirou dele.

Dante parou diante de nós, seus olhos frios repousando em mim. — Serafina, esse é o negócio da Outfit. Você não deveria estar aqui.

— É da minha conta, tio. Os Falcones me mantiveram prisioneira. — Eu encontrei seu olhar de frente. Depois de meses na companhia de Remo, eu não senti o desejo de baixar o meu olhar, apesar da vibração assustadora do meu tio, especialmente hoje. Havia algo de predador sobre ele, sobre todos eles. Ansioso para rasgar sua vítima, ouvir seus gritos e provar seu sangue.

Ele inclinou a cabeça. — Será brutal e sangrento. Você é livre para assistir na tela.

Ele se virou e caminhou de volta para Danilo, seguido por papai. Samuel apertou meu ombro. — Se for demais, vá sentar lá. — Ele apontou para um sofá atrás da mesa com a tela. — Você não deve sair do prédio. Eu não quero você do lado de fora sem mim ou papai.

Eu balancei a cabeça. Samuel me soltou e se juntou aos outros homens. Lentamente, me aproximei e quando cheguei à mesa, avistei a tela. Minha respiração ficou presa na minha garganta. Mostrava Adamo em uma sala vazia, amarrado a uma cadeira, a cabeça abaixada.

— Pronto? — Perguntou Dante. Danilo, papai e Samuel assentiram. Dante se virou para o homem na tela. — Estamos ao vivo?

— Tudo pronto. A câmera na sala de tortura está conectada.

— Bom, — disse Dante friamente. Com um último olhar para mim, os homens desapareceram por uma porta. Alguns minutos depois, eles apareceram na tela, entrando na sala. Eu afundei na cadeira ao lado do soldado do meu pai, que me deu um rápido olhar curioso. Eu podia imaginar o que ele estava pensando, o que todos pensavam. Desde que eu havia sido sequestrada, eu era conhecida apenas como a mulher que Remo Falcone manchou. A quebrada.

Samuel segurou algo sob o nariz de Adamo, então ele acordou, os olhos voando em estado de choque. Ele havia mudado desde a última vez que o vi. Seu rosto ficou mais duro, mais velho, e ele cresceu e ficou mais musculoso. Ele não estava usando uma camisa, e algumas cicatrizes enchiam seu peito, mas não tanto quanto o de Remo. A distante semelhança com Remo enviou uma facada no meu coração.

O olhar de Adamo percorreu meu pai, Samuel, Danilo e Dante, e por um segundo medo atravessou seu rosto. Então ele controlou suas feições.

Dante deu um passo à frente e o olhar em seu rosto enviou um calafrio pela minha espinha. — Adamo Falcone. Bem-vindo ao território da Outfit.

Adamo sorriu amargamente. — Eu teria vencido a corrida se você não tivesse atirado nos meus pneus.

Meus olhos se arregalaram. Provocar minha família em uma situação como essa era loucura.

A expressão de Dante ficou mais dura. Samuel já havia tirado a faca e Danilo parecia pronto para mergulhar sua adaga em Adamo também. Apenas papai permaneceu para trás. Ele era um homem contido, mas sua postura estava errada.

— Você compartilha a mesma disposição arrogante que seu irmão Remo, eu vejo, — disse Dante agradavelmente. — É justo que ele veja você pagar pelos seus pecados.

Adamo sacudiu a cabeça. — Não importa o que você faça, Remo não se

importará. Remo é mais cruel do que todos vocês juntos.

Dante inclinou a cabeça. — Veremos. — Ele pegou uma faca de uma mesa ao lado e voltou para Adamo, que ficou tenso e recostou-se. Dante estendeu a mão e cortou o braço direito de Adamo.

Confusão aproximou minhas sobrancelhas. Dante agarrou o braço de Adamo e o virou, exibindo a tatuagem da Camorra. — Há quanto tempo você é um homem feito?

— Um ano e quatro meses, — murmurou Adamo, olhando para o meu tio.

— Você será julgado como um homem feito, não um menino, Adamo Falcone.

Adamo fez uma careta. — Eu não dou a mínima para tudo isso. Faça o que você tem que fazer. Não vai mudar nada.

Dante recuou e apontou para os outros homens. — Quem quer ser o primeiro? Vocês são os mais próximos de Serafina.

Adamo estremeceu e olhou para Samuel, que deu um passo à frente. — Eu quero ir primeiro.

Lágrimas ardiam nos meus olhos. Por favor, não, Sam.

Samuel se moveu em direção a Adamo e deu-lhe um soco forte. A cabeça de Adamo caiu para trás, o sangue jorrou de seu nariz quando ele quebrou. Levantei-me devagar da cadeira, ignorando o olhar do homem ao meu lado. Samuel enfiou a faca no estômago de Adamo e deixou um longo corte. Adamo chorou e atacou com a mão livre, mas Samuel agarrou-a e torceu a mão para trás, quebrando-a. Eu dei um passo para trás, minha mão cobrindo minha boca. Eu nunca tinha visto Samuel assim. Eu sabia o que ele era, o que todos eles eram. Isso não estava certo. Eu tinha que pará-los de alguma forma.

— Veja, Remo, seu irmão vai sangrar em seu lugar. Vamos despedaçá-lo pedaço por pedaço pelo que você fez com a minha irmã. Ele sofrerá por você, — rosnou Samuel. Naquele momento, pouco do meu irmão gêmeo foi deixado. Um homem feito, um monstro. Só porque eu nunca vi seu lado monstruoso não significava que Samuel era menos monstro do que qualquer outro dos homens em nosso mundo.

Papai afastou-se da parede, agarrou o braço livre de Adamo e puxou-o para trás com um ruído repugnante. Ele tinha um olhar em seu rosto que eu nunca tinha visto. Os gritos de Adamo ecoaram pelos alto-falantes e comecei a correr.

Adamo não merecia isso. E com suas ações, eles tornariam tudo pior porque Remo procuraria retaliação. Ele atacaria cruelmente, mutilaria e mataria, não deixaria nada em seu rastro e, qualquer que fosse o resultado, eu perderia alguém com quem eu me importava. Ou meus familiares ou o pai dos meus filhos.

Eu segui os gritos até a última porta e explodi através dela, então congelei quando o cheiro de carne queimada encheu meu nariz. Adamo gritava enquanto Danilo segurava um isqueiro no antebraço, queimando a tatuagem da Camorra.

— Chega! — Eu chorei. Eu corri para frente e o empurrei para o lado antes que qualquer um deles pudesse me agarrar. Os olhos de Danilo brilharam de fúria e todos os homens me encararam. — Chega! — Eu gritei. — Já é o suficiente!

Adamo gemeu e eu me virei para ele, ajoelhando-me diante dele. Apenas uma pequena parte de sua tatuagem havia sido queimada e a pele estava empolada e vermelha. Eu toquei seu ombro e ele se encolheu. — Adamo, — eu sussurrei.

Ele levantou a cabeça alguns centímetros, os olhos lacrimosos encontraram os meus. Um sorriso fraco puxou seus lábios. — Serafina. — Como ele ainda podia soar amigável depois do que tinha sido feito para ele era um mistério para mim.

Uma sombra caiu sobre mim e eu olhei para cima. Samuel — Fina, você deveria ir embora. Ele está recebendo o que merece.

— Ele é um menino, — eu disse. — E ele sempre me tratou com gentileza.

— Ele é um Falcone, — disse Danilo, dando um passo à frente com o isqueiro ainda na mão. Seus olhos eram duros e impiedosos. — Você foi punida por algo que os soldados da Outfit fizeram. Adamo pagará por algo que seu irmão fez.

— Eu sofri por seus pecados, — eu cuspi para eles. — E ele sofrerá por

Remo. Eu estou cansada disso. Isso acaba aqui. Adamo não sofrerá mais dor sob suas mãos.

— Essa não é sua decisão, — disse Dante com firmeza.

Olhei de novo para Adamo, que parecia resignado e começara a tremer. Um telefone tocou e Dante atendeu. — Remo

Eu levantei meus olhos se arregalando.

REMO

Kiara estava dormindo com a cabeça no colo de Nino. Era o começo da tarde, então não entendi como ela poderia estar cansada. Talvez Nino a tenha mantido acordada a noite toda. Eu franzi a testa e voltei a olhar para a tela onde a corrida estava se desenrolando. O número de participantes era impressionante. Eles tiveram que começar de diferentes pontos, a mesma distância de Kansas City, para desviar a atenção da polícia. Alguns deles seriam presos como de costume, mas isso fazia parte do jogo. Eventualmente as rotas diferentes se fundiriam a uma das últimas 100 milhas antes do final.

As corridas de carros traziam um bom dinheiro, mas eu realmente não me importava com isso. Eu preferia lutar em gaiolas.

Savio comeu outro pedaço do bolo que Kiara havia assado. — Você acha que Adamo tem uma queda por aquela prostituta?

— CJ, — disse Nino.

— Tanto faz. Ele tem ido muito na Sugar Trap. Eles estão definitivamente fodendo. E vamos lá, ele passou a noite com ela novamente. O que ele está fazendo com ela? Abraçando? Ele não pode transar com ela por horas. Estou surpreso que ele consiga dar uma. Se ele tivesse que pagar por ela, estaria falido agora.

Dei de ombros. Eu não me importava se Adamo estivesse fodendo uma prostituta ou não. Eu nunca o tinha visto falar com nenhuma das outras

prostitutas. Isso me preocupou, sem mencionar que não era a primeira noite que ele passava com a prostituta no Sugar Trap. Fodê-la estava tudo bem, mas passar muito tempo com ela definitivamente poderia ser um problema.

— Acredite que Adamo vai se apaixonar por uma prostituta e será monogâmico quando ela tem cerca de uma dúzia de paus em sua boceta todos os dias, — disse Savio.

Nino fez um som impaciente, obviamente interessado em assistir a corrida em paz. Um dos participantes estava sendo perseguido por três carros da polícia. Apostas se o filho da puta conseguiria escapar ou não provavelmente já estavam nos enterrando.

— Você não sabe o que está acontecendo. Talvez ele só goste de suas habilidades.

Savio zombou. — Ela não é ruim, mas há melhores putas por aí.

— Não é como se ele tivesse muitas para comparar com ela, — eu disse, ficando cansado da discussão.

— Um dia destes ele a trará para cá e a manterá, — disse Savio.

A perspectiva mudou para outra câmera, e minhas sobrancelhas se uniram. Mostrou rapidamente alguns carros em chamas, alguns deles limusines negras. Os outros eram carros de corrida. Então mudou de volta para a perseguição policial.

— Que porra foi essa?

A porta da frente se abriu com um estrondo, passos trovejaram em nossa direção. Nino colocou um braço sobre Kiara e puxou sua arma. Eu me levantei com minha arma erguida. Fabiano invadiu a sala de estar, ofegando. — A Outfit atacou nosso território!

Eu congelei. Savio se levantou de um pulo.

— O quê? — Eu rosnei. Se Dante tivesse colocado um único pé no chão de Vegas, eu entraria em Chicago amanhã. Então outro pensamento me atingiu. — A corrida.

Fabiano assentiu. — O organizador da corrida do Kansas ligou há alguns

minutos. Houve um ataque na corrida. Acho que ele me ligou porque achou que isso impediria você de matá-lo.

Má sorte. Eu lidaria com ele assim que terminasse com a Outfit. — Há quanto tempo eles atacaram?

— Cerca de uma hora atrás. Há caos por lá. Mas a corrida continua com os carros restantes.

— Por que eles não nos alertaram mais cedo?

— Eles não sabiam o que estava acontecendo no começo. Quando eles perceberam que era a Outfit, tentaram desviar os outros carros de corrida primeiro para que pudessem continuar a corrida.

Kiara se mexeu. — O que há de errado?

Eu puxei minha faca, tremendo, furioso por Dante ter atacado novamente. Nino levantou, puxando Kiara a seus pés. — Vá para o nosso quarto.

Ela olhou para mim, arregalando os olhos, depois assentiu rapidamente e saiu correndo.

Meu telefone tocou. Eu peguei e trouxe para o meu ouvido. — Remo, — disse um homem. A voz era familiar, mas não consegui identificar. O ruído de fundo sugeria que ele estava em um helicóptero ou pequeno avião. — Aqui é Danilo Mancini. Estou ligando para dizer que estamos com seu irmão e vamos aproveitar os gritos dele como você se aproveitou de Serafina. Diga a Nino para configurar uma conexão na Darknet para mais tarde, para que vocês possam assistir enquanto nós o destroçamos. Eu vou gostar de cortá-lo em pedacinhos. — Ele desligou.

Meu cérebro levou alguns instantes para processar a informação. — Ligue para a Sugar Trap e pergunte se Adamo está lá, — eu pedi.

Fabiano franziu a testa, mas fez o que lhe foi dito. — Adamo está aí? — Perguntou ele sem cumprimentar. — Então pergunte a ela.

— Remo, o que está acontecendo? — Nino perguntou cuidadosamente.

Meu telefone apitou com uma mensagem recebida com instruções detalhadas para a conexão.

Eu mostrei para Nino, que pegou de mim, franzindo a testa. Sua boca apertou quando ele leu o que a mensagem dizia.

— Ele não está lá. Aparentemente ele saiu ontem à noite. CJ disse que ele pediu a ela para fingir que estava com ele porque ele queria participar da corrida.

Eu balancei a cabeça, tentando ignorar o jeito que meu peito latejava.

Savio não disse nada, apenas me encarou. Fabiano preparou uma bebida e bebeu de um só gole.

Por fim, Nino levantou os olhos do telefone. — Não seremos rápidos o suficiente para salvá-lo.

— Não haverá mais nada dele para salvar quando eles terminarem com ele, — eu disse, fúria e uma emoção mais fraca queimando em minhas veias. Por que o garoto não poderia ter escutar uma vez? Foda-se.

— Ligue para o Grigory. Diga a ele que pode ficar com o Kansas se atacar a Outfit.

Nino assentiu e pressionou o telefone de volta ao ouvido enquanto caminhava de um lado para o outro na sala.

Savio passou a mão pelos cabelos. — Porra. Nós temos que fazer alguma coisa.

Das palavras que peguei, Grigory não tinha intenção de se envolver. Eu joguei minha faca no saco de pancada. — Foda-se! — Eu rosnei antes de Nino ter pronunciado uma única palavra.

— Ele diz que esta não é sua luta.

— Bastardo, — Fabiano murmurou.

— Em breve eu farei disso a porra de sua luta. Para isso, vou declarar guerra a ele e a maldito Bratva no território da Outfit.

— Você quer que eu estabeleça a conexão? — Nino perguntou baixinho.

— Claro, — eu rosnei. — Se Adamo tiver que sofrer, vamos assistir. Nós vamos sofrer com ele. Foda-se tudo!

Nino não se mexeu por um momento. Então ele assentiu devagar.

— Precisamos descobrir para onde eles o levaram, — eu disse a Fabiano. Ele conhecia o Outfit melhor que qualquer um de nós.

— Eu assumo que a honra determina que eles o levem para Minneapolis porque é onde a família dela mora. Ela ainda não era casada com Danilo ou levariam Adamo à sua cidade para punir lá, — disse ele.

Levaria pelo menos três horas para chegar a Minneapolis e provavelmente mais algumas horas para descobrir onde eles mantinham Adamo. A conexão com o Darknet começaria em cinquenta minutos. Peguei meu telefone novamente e disquei o número de Dante. Ele rejeitou a ligação.

— Foda-se ele, — eu disse asperamente. — Ligue para o nosso piloto. O avião deve estar pronto em vinte minutos ou eu vou matá-lo.

Nino fez a ligação e partimos em direção ao aeroporto. Fabiano ficou com Kiara, que ele estava levando para uma casa segura com Leona. Eu alertara cada fodido soldado de Las Vegas para ficar vigilante.

O avião estava pronto a tempo e partimos quase imediatamente. Tentei ligar para Dante de novo, mas ele não atendeu.

— É o jogo dele desta vez, — Nino murmurou depois de um tempo.

Savio tinha o rosto enterrado nas mãos.

— É, — eu concordei. — E ele vai ganhar.

Nino ergueu as sobrancelhas.

— Vou permitir que ele me ponha em xeque-mate.

— Remo, — ele começou, mas sorri sombriamente e indiquei o laptop. — É hora de ligar isso.

Eu pressionei a lâmina contra a palma da minha mão quando Adamo

apareceu na tela. Ele estava caído para frente em uma cadeira.

Quando eles começaram a cortá-lo, o grito de Adamo encheu o avião, berrando dos alto-falantes impiedosamente, e porra, eles foram os primeiros gritos desde um tempo que ficaram sob a minha pele. O primeiro desde que *ela* gritou. Eu cortei minha mão, profundamente, tirando sangue. Savio segurou o braço do assento, seus braços tremendo. Nino estava atrás de mim, uma mão cavando no meu ombro.

Danilo foi o próximo e pegou um isqueiro. Eu levantei abruptamente, tremendo de raiva... tanta raiva, que ameaçou me rasgar. Os olhos de Adamo se arregalaram. Porra, ele era uma criança. Ele não era como nós. Esse deveria ser eu. Eu deveria queimar por ele.

Danilo tocou a chama na pele de Adamo e seus gritos ficaram mais altos. Eu alcancei meu telefone novamente, sabendo que Dante rejeitaria minha chamada como antes e odiando essa porra de senso de impotência. Eu deveria queimar por eles, por ele, e eu faria.

— Chega! — Uma voz feminina soou, e meus olhos voltaram para a tela enquanto Serafina se jogava na frente do meu irmão, protegendo-o. Eu congelei, incapaz de confiar nos meus olhos, de acreditar que a mulher que assombrava minhas noites estava realmente na minha frente.

Nino e Savio me encararam, como se esperassem que eu enlouquecesse completamente.

— Porra, — Sávio murmurou, sacudindo a cabeça.

Ela não voltou para mim como eu pensei que faria.

Ela me odiava mais do que eu esperava, e ainda assim ela protegia Adamo. Porque ele não era quem ela queria ver sofrer. Ela queria me ver sangrar. Ela teria seu desejo.

— Remo? — Nino disse com uma voz cautelosa.

Levantei o telefone ao ouvido, esperando pelo inevitável, mas desta vez não veio. Ele finalmente atendeu meu chamado. — Dante, vou te dar o que você realmente quer. Amanhã de manhã estarei em Minneapolis e me trocarei por Adamo. — Ele não precisava saber que já estávamos a caminho, mas talvez

soubesse.

— Remo, — ele disse friamente. Seus olhos focaram na câmera por um momento antes que a tela ficasse preta e Serafina e meu irmão desaparecessem de vista.

— Sou eu quem você quer ver queimar, não meu irmão, e você terá sua chance.

— Amanhã de manhã, às oito. Se você se atrasar, seu irmão não será mais reconhecido como seu irmão, entendeu?

— Entendido.

— Eu mandarei alguém lhe enviar os detalhes, Remo. Estou ansioso para encontrá-lo novamente, — ele disse friamente.

Eu desliguei.

— Eles vão te matar, Remo, — disse Savio.

— Eles vão me cortar, me esfolar, me queimar, cortar meu pau, e então talvez eles me matem, — eu disse baixinho. E tudo que eu podia imaginar era se Serafina os observaria.

Capítulo Vinte e Seis

SERAFINA

Eles me permitiram ficar com Adamo, e eu me agachei a seus pés, sentindo-me mal do estômago pelo que tinha testemunhado e ainda pior pensando no que estava por vir.

— Remo vai se trocar por você, — eu sussurrei. — Amanhã, você estará de volta em Las Vegas, e Nino tratará suas feridas.

Adamo inclinou a cabeça, olhos escuros sombrios. — Remo é o Capo. Ele não vai morrer porque fui idiota o suficiente para me deixar capturar. Eu tenho sido uma decepção para ele desde que nasci. Ele usará essa chance e matará Dante em vez de se entregar.

Eu levantei o tecido encharcado de sua queimadura e ele gemeu profundamente. Seu pulso e nariz estavam quebrados e seu ombro deslocado. Ele deve ter sofrido uma dor horrível e não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-lo. Jogar o cartão de culpa forçou minha família a me dar essa pequena liberdade. Não os convenceu a chamar um médico, no entanto. Eles provavelmente teriam continuado torturando Adamo se eu não tivesse me recusado a me afastar dele.

— Você está errado, Adamo. Remo irá protegê-lo. Ele não tem medo da morte ou da dor. Ele vai tomar o seu lugar porque você é irmão dele e ele se importa com você. Ele faria qualquer coisa por você.

Adamo soltou uma risada abafada. — Por que você fala sobre ele como se não o odiasse? Ele sequestrou você. Ele arruinou sua vida.

Eu desviei o olhar. Eu não contaria a ele sobre Nevio e Greta e certamente não sobre meus sentimentos distorcidos por seu irmão também.

Adamo se inclinou para frente, encolheu-se e aproximou nossos rostos, um risco porque estávamos, sem dúvida, sendo vigiados, e minha família ainda estava ansiosa para derramar sangue Falcone. Dele ou de Remo, não importava, desde que fosse um Falcone. Eu encontrei o olhar de Adamo e a compreensão se

estabeleceu em seu rosto.

— Foda-se, — ele sussurrou com voz rouca. Inclinou-se ainda mais perto, apesar da corda amarrar seu braço ileso à cadeira. — Você está me dando o mesmo olhar que Remo tem sempre que alguém menciona você.

Meu peito se contraiu. — Eu preciso ir agora. — Eu levantei e dei um passo para trás. Adamo Falcone. Falcone, o nome que meus filhos deveriam ter.

— Adeus, — eu sussurrei, mas no fundo me perguntei se esta era realmente a última vez que eu o veria.

Eu me virei rapidamente e saí do quarto. Samuel esperava bem na frente da porta. Ele me olhou, incompreensão em suas feições. — Por que você se importa com um maldito bastardo Falcone?

— Ele nunca me machucou. Ele é um menino.

Samuel sacudiu a cabeça. — Ele é um homem feito, Fina. Você deve nos deixar lidar com ele e Remo. Somos capazes de fazer o que precisa ser feito.

Entramos no salão principal onde papai, Danilo e Dante conversavam em voz baixa. Eles se voltaram para nós no momento em que entramos.

Eu enfrentei Samuel. — E o que é isso?

— Deixar Remo de joelhos. Fazê-lo implorar por misericórdia. Implorar pela morte. Eu mesmo vou cortar o pau dele. Danilo cuidará de suas bolas e então as manteremos em um belo saco com gelo para que ele possa vê-las enquanto nós o destroçamos. Então vamos empurrá-las por sua garganta.

Danilo sorriu sombriamente, e até papai parecia que não podia imaginar nada melhor do que cometer o assassinato mais brutal que conseguia imaginar.

Engoli. — Ele é o pai dos meus filhos.

Samuel segurou meus ombros com força, desesperadamente. — Ele quebrou você, Fina, — ele disse suavemente. Nenhum deles perguntou se eu me considerava quebrada. Eles me declararam como tal, e todos os quatro me fizeram sentir como se fosse.

— Ele é um monstro, — acrescentou Samuel.

— Ele não é o único, — eu sussurrei, meus olhos vagando sobre os homens reunidos.

Samuel baixou as mãos, o rosto torcido como se eu o tivesse esfaqueado. — Estou fazendo isso por você. Para vingar você.

— Algum de vocês perguntou o que eu queria? Se eu queria mais sangue derramado? Se eu queria ser vingada? — Eu gritei.

Dante avançou, expressão firme. — Você não quer ver Remo Falcone de joelhos? Você não quer vê-lo quebrado?

Eu queria, mas não da maneira que eles queriam. — Eu não quero mais nada, — eu disse baixinho, porque eles nunca, nunca entenderiam.

Samuel passou um braço em volta de mim e beijou minha têmpora. — Fina, vamos para casa.

— Sim, vamos para casa, — eu disse baixinho. Eu olhei para Samuel, percebendo que pela primeira vez na minha vida, não estávamos falando do mesmo lugar.

REMO

Nino, Savio e eu ligamos os braços, pressionando a tatuagem do outro. — Você será um Capo melhor que eu, Nino. Você não vai matar pessoas que possam ser úteis para nós. Sua lógica tornará a Camorra ainda mais forte.

Nino não disse nada, apenas me encarou.

Savio balançou a cabeça. — Remo, vamos atacá-los. Eu prefiro morrer lutando a deixá-los colocar as malditas mãos em você.

Eu sorri sombriamente. — Você terá que morrer outro dia. Eu pagarei pelos meus pecados.

Nino fez um som baixo. — Ela não voltou, Remo. Ela ficou em

Minneapolis. Eles não vão deixá-lo em qualquer lugar perto dela. Você vai morrer por nada.

— Não, eu vou morrer para que ela consiga o que quer.

Nino se afastou. — Droga. Seja razoável pela primeira vez.

— Eu tomei minha decisão e você vai aceitar.

Carros pararam, e eu me afastei dos meus irmãos que se abrigaram dentro do carro. Nino e Savio levantaram as armas pelas janelas abertas. Eu não estava armado enquanto caminhava em direção aos carros estacionados, meus braços levantados sobre a minha cabeça. Eu não achava que Dante iria atacar Nino ou Savio. Uma vez que ele me desmembrasse da maneira mais cruel possível, ele enviaria a gravação para meus irmãos e provavelmente para Luca também. Ele tentaria quebrar minha família como eu quebrei a dele, matar a todos nós não faria isso. Ainda não.

Dante saiu, seguido por Samuel, Pietro e Danilo, e mais homens que eu não conhecia e não dava à mínima. Samuel andou até a parte de trás do carro e puxou Adamo para fora.

Adamo mal podia ficar de pé quando Samuel o arrastou atrás de si até mim. Raiva ferveu sob a minha pele. Samuel empurrou Adamo para o chão na frente dos meus pés, e Adamo olhou para mim com o rosto coberto de sangue, embalando seu braço quebrado e queimado contra o peito.

— Não, — ele sussurrou. — Não faça isso. Não deixe que eles te matem por minha causa. Eu sou um maldito fracasso.

Eu me movi em direção a ele e toquei sua cabeça brevemente. — Você é o único de todos nós que menos merece a morte, Adamo. — Eu tirei minha mão de sua cabeça, mas antes que eu pudesse seguir em frente, ele agarrou meu antebraço, seus dedos enrolando sobre a minha tatuagem de Camorra. — Somos nós contra o mundo, — ele resmungou.

— Nós contra o mundo, — eu disse.

Samuel segurou meu braço e eu afastei o instinto de esmagar seu rosto. Eu vi seu punho vindo em direção ao meu rosto e sorri. O primeiro soco apenas turvou minha visão. Seu chute nas minhas bolas me deixou de joelhos. E sua

arma na parte de trás da minha cabeça finalmente me puxou para a escuridão.

SERAFINA

Samuel e Danilo arrastaram Remo para a casa segura, com os braços e as pernas amarrados, o nariz arrebentado e pingando sangue, o cabelo grudado na parte de trás da cabeça com mais sangue. Eu lentamente me levantei do sofá onde eu estava esperando por quase uma hora com dois guarda-costas.

Papai se aproximou de mim, tentando proteger Remo da minha visão - ou eu da dele. Eu não tinha certeza e não me importei. — Pomba, você não deveria estar aqui. — Seus olhos se estreitaram em meus guarda-costas, duramente, cruelmente. Eu toquei seu braço.

— Eu vou ficar, — eu disse com firmeza, minha voz resoluta.

Dante foi o último a entrar.

Os homens trocaram um olhar. A palavra deles era lei, não a minha, mas a sua culpa me dava poder sobre eles, mais poder do que eles já tiveram sobre mim. Eu odiava usá-lo contra eles, mas eles nunca me permitiriam ter poder por qualquer outro motivo.

Passei pelo meu pai, em direção a Danilo e Samuel segurando Remo entre eles. Sua cabeça baixa, o corpo mole. Tentei esconder o tremor que se apoderou de mim no momento em que o vi.

Remo Falcone.

A expressão de Danilo se contorceu como sempre fazia quando me via. Com culpa e um lampejo de humilhação porque algo havia sido tirado dele, porque Remo tinha tirado isso dele. Ele era um homem forte e poderoso e, ter me perdido, o assombrava como a todos os homens da sala. Eu era o fracasso deles. O orgulho deles era um trapo sujo e manchado. Toda vez que eles tinham que olhar nos meus olhos e, pior ainda, nos olhos dos meus filhos, eles eram lembrados.

Eles nunca me deixariam ser nada além da pomba com asas quebradas. Eles não podiam. Mas eu queria voar.

— Você veio assistir o bastardo morrer, Fina? — Samuel perguntou, seu rosto cruel, ávido, brutal enquanto seus olhos azuis se fixaram em Remo, que ainda não tinha se movido, mas notei a mudança quase imperceptível em seus ombros, sua músculos se contraindo. Ele estava acordando.

Meu coração batia mais rápido, minhas palmas ficando suadas.

— Eu sei que você merece sua vingança, pomba, mas isso vai ser demais para o seu estômago, confia em mim, — disse o pai, chegando atrás de mim e colocando a mão no meu ombro. Sua voz era suave, convincente, mas seu rosto continha uma ansiedade e crueldade aterrorizantes enquanto ele observava o pai de meus filhos.

— Quais são seus planos para ele? — Perguntei ao meu tio, porque ele era o homem que teria a última palavra sobre o assunto.

Seus frios olhos azuis não estavam tão controlados como de costume. Ele também queria rasgar Remo. Eles esperaram muito tempo por este momento. — Nós prolongaremos sua tortura o maior tempo possível sem arriscar um ataque da Camorra.

— Ele não vai morrer hoje?

— Oh, ele não vai morrer hoje, — murmurou Samuel. — Mas ele pode querer isso.

Eu dei um aceno de cabeça. Era o que eu esperava. Remo não experimentaria qualquer misericórdia nas mãos da Outfit, não que ele pedisse por isso.

— Ele *implorará* pela morte, — papai disse asperamente.

— Eu não imploro por nada, Pietro.

Estremeci com o timbre familiar, com a ameaça subjacente, a corrente subjacente de poder. Como ele fazia isso?

Remo levantou a cabeça, e meu irmão e Danilo apertaram suas mãos, mas eles se misturaram ao fundo quando os olhos de Remo finalmente encontraram

os meus. Quatorze meses.

A força do seu olhar me atingiu como uma onda de maré. No tempo desde que ele me libertou, muitas vezes me perguntei se eu poderia esquecê-lo, se poderia seguir em frente e viver uma nova vida, mas agora, olhando para ele, percebi que tinha sido tola em considerar isso uma opção.

Os cantos de sua boca se levantaram em um sorriso torcido. — Angel.

Meu irmão deu um soco no rosto de Remo, mas ele apenas riu sombriamente quando o sangue espirrou no chão.

— Esta é a sua chance de pedir perdão, — disse o pai.

Remo olhou para cada um deles até que seus olhos finalmente se fixaram em mim. — Você quer que eu implore por perdão?

Seus olhos me arrastaram ferozmente, impiedosamente, irrevogavelmente como sempre fizeram. Como sempre fariam. — Eu não vou te dar o meu perdão, — eu disse baixinho.

Algo cintilou nos olhos de Remo, mas Samuel e Danilo o afastaram do meu ponto de vista, pelo corredor até a câmara de tortura.

Papai beijou meu templo. — Nós vamos vingá-la, fazê-lo pagar pelo que ele fez.

Ele se afastou, deixando-me com Dante, que me encarou com escrutínio calmo. Ele tocou meu ombro levemente e eu encontrei seu olhar. — Ele pedirá perdão no final, — prometeu.

Eu toquei brevemente a mão dele. — Eu não quero que ele peça, porque seria falso.

Remo fazia tudo com uma paixão desenfreada, com uma raiva feroz, sem um pingo de arrependimento.

Ele consumia, obliterava, arruinava.

Ele tomava tudo e não deixava nada em seu rastro. Ele era um pecador impenitente. Ele era um destruidor, um assassino, um torturador.

Um monstro.

O pai dos meus filhos.

O homem que segurava meu coração em sua mão cruel e brutal.

— Você vai castrá-lo? — Era uma pergunta desnecessária. Eu sabia que eles iriam, e era apenas uma das muitas atrocidades que eles planejaram. Tudo que eu precisava saber era quando.

Dante deu um aceno conciso. — Amanhã. Hoje não. Isso aceleraria muito sua morte. Danilo e Samuel farão isso. Eu não tenho certeza se você deveria assistir a isso, mas talvez você precise. Hoje será mais fácil para seu estomago do que amanhã, então fique se é o que você quer.

— Obrigada, — eu sussurrei. Lentamente caminhei em direção à tela na mesa e liguei.

Meu irmão e Danilo estavam chutando Remo no estômago, no lado, e Remo não fez nenhum movimento para se defender. Quando eles finalmente desistiram, porque Dante tinha entrado, Remo rolou de costas e olhou diretamente para a câmera, sabendo que eu estava assistindo.

Ele não desviou o olhar quando meu pai pegou sua faca e cortou seu peito. Nem quando foi a vez de Samuel. Nem quando foi a vez de Danilo. Nem quando foi a vez de Dante.

Passei muitas horas, dia e noite, imaginando como seria a sensação de ver Remo quebrado, de vê-lo de joelhos.

Não era assim que eu imaginava que as coisas seriam, meu coração apertando meu peito com tanta força que eu mal conseguia respirar, as lágrimas queimando minhas pálpebras tão ferozmente que tive que morder o interior da minha bochecha para segurá-las. E mesmo com a tortura, Remo não parecia estar quebrado porque não podia ser quebrado, não com violência e dor. Talvez nunca poderia.

Eu me afastei da tela e fui embora. Meus guarda-costas seguiram logo atrás, seus passos lentos e medidos. Sombras destinadas a proteger e me salvar. Mas eu estava além da salvação. Minha família tentou me consertar, mas não precisavam porque eu não estava quebrada.

Deslizando atrás do volante da limusine Mercedes, liguei o motor no segundo em que meus guarda-costas entraram. Meu pé pressionou o acelerador. Eles olharam para mim, mas não falaram. Eles foram feitos para proteger não julgar.

Era-me permitida essa liberdade porque a culpa da minha família pagava por isso. Eles não suportariam manter a pomba com asas quebradas em uma gaiola dourada.

No segundo em que estacionei o carro em frente à casa da minha família, desliguei o motor e saí, sem esperar por eles. Eu entrei e corri para o andar de cima, não parei até entrar no berçário. Tanto Nevio quanto Greta dormiam no berço comum, parecendo pacíficos e meticulosamente bonitos.

Eu acariciei suas cabeças, os cabelos pretos grosso como o do pai deles. Quando meus dedos tocaram a testa de Nevio, seus olhos se abriram com aqueles olhos castanhos escuros, quase negros. Eu me inclinei e dei um beijo na testa dele e depois na de Greta, respirei o cheiro deles, depois afundei em uma cadeira e os observei dormir.

Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei assim quando a porta se abriu. Passos familiares soaram atrás de mim, passos que me acompanharam quase toda a minha vida. Uma mão quente caiu no meu ombro e eu a cobri com a minha.

Samuel pressionou um beijo no topo da minha cabeça e depois encostou a testa nela por alguns instantes. Tão gentil e carinhoso, tão diferente do homem que eu tinha visto torturar Remo. Ele se endireitou e eu inclinei a cabeça para trás, olhando para ele. Seu olhar repousou em Greta e Nevio, mas para ele não havia nada de bonito neles. Como sempre, seus olhos brilhavam com culpa e aversão quando ele os olhou antes de notar meu escrutínio e baixar o olhar para mim.

Calor encheu sua expressão. Eu gostaria que ele poupasse um pouco disso para as crianças que eu amava mais do que a própria vida. Samuel era meu sangue. Ele sempre seria. Ele era parte de mim como eu era parte dele, e eu não me ressentia por seus sentimentos em relação aos meus filhos. Eu sabia que ele odiava o pai deles, não eles, mas mais do que isso ele se odiava.

Eu me levantei, agarrei seu pescoço e o puxei até que sua testa descansou

contra a minha. — Por favor, Sam, pare de se culpar. Por favor, eu te imploro. Eu não estou quebrada. Você não tem motivos para se sentir culpado.

Ele voltou meu olhar, mas percebi que sua culpa era profunda demais. Talvez amanhã ele finalmente estivesse livre. Talvez ele pudesse soltar sua culpa quando tivesse que me soltar. — Eu te amo, — eu disse, sabendo que era a última vez.

Samuel passou os braços em volta de mim. — E eu amo você, Fina.

Capítulo Vinte e Sete

SERAFINA

Papai e Dante não voltaram para casa naquela noite. Eles passariam a noite no esconderijo. Casa segura. Que nome para uma casa onde se torturava inimigos.

Depois que Samuel se certificou de que eu estava bem, ele dirigiu de volta para lá também. Talvez eles estivessem preocupados que Remo conseguisse escapar ou talvez eles quisessem continuar torturando-o durante a noite. Provavelmente o último.

Peguei uma sacola e arrumei algumas coisas para Greta e Nevio. Então eu desci para o porão onde guardávamos nossas armas e outras necessidades em caso de um ataque. Eu examinei a exposição de armas e facas. Eu amarrei um coldre de arma no meu peito sobre a minha camiseta. Permitiu-me prender uma arma e uma faca aos meus lados, bem como outra arma nas minhas costas. Só por precaução, eu adicionei um coldre de faca na minha panturrilha. Eu tinha escolhido calças de linho soltas para a ocasião apenas para esse fim. Depois disso, vasculhei os suprimentos médicos. Samuel tinha me explicado tudo, então eu estaria preparada se algo acontecesse, não para que eu pudesse usar contra eles. Eu peguei uma seringa com adrenalina e outra com um sedativo. Depois de colocar meu cardigã grosso, enfiei as seringas nos bolsos e voltei para o andar de cima.

Estava quieto na casa. Sofia provavelmente estava lendo em seu quarto antes de dormir, e mamãe deveria estar fazendo o mesmo.

Os guarda-costas estavam em seus aposentos, nos fundos da casa, e dois vigiavam o muro que cercava o jardim. Coloquei tênis confortáveis e então fui para o berçário.

Pensei em ir até minha mãe, dizer adeus, pedir desculpas pelo que estava prestes a fazer, mas palavras nunca seriam suficientes para explicar minha traição. As palavras eram insignificantes demais. Eles nunca entenderiam. Eu tentaria ligar para ela mais tarde, uma vez que estivéssemos seguros.

Levantando a sacola sobre um ombro, agarrei Nevio e Greta antes de sair do berçário, movendo-me em silêncio.

Eu congelei quando vi Sofia em pé em sua porta em sua camisola rosa, cabelo castanho desgrenhado. Seus olhos absorveram tudo e uma pequena carranca juntou as sobrancelhas. — Aonde você vai?

Eu considerei o que dizer a ela, como explicar a uma criança de doze anos o que eu tinha feito e estava prestes a fazer. — Estou indo embora. Eu tenho que ir.

Os olhos de Sofia se arregalaram e ela se aproximou de mim com os pés descalços. — Por causa de Greta e Nevio?

Balancei a cabeça. Ela era jovem, mas não era tão inconsciente quanto todos nós queríamos acreditar. Ela parou bem na minha frente. — Você está nos deixando.

Engoli em seco. — Eu tenho que ir, joaninha. Pelos meus bebês. Eu quero que eles sejam seguros e felizes. Eu preciso protegê-los dos rumores.

Sofia olhou meus gêmeos. Ela se inclinou para frente e beijou cada um deles na bochecha, seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela olhava para mim. Meu coração se apertou com força. — Eu sei o que as pessoas dizem sobre eles, e eu odeio isso. Mas eu não quero que você vá... — Sua voz falhou.

— Eu sei. — Eu tentei segurar minhas emoções. — Me de um abraço.

Ela colocou os braços em volta de mim e dos gêmeos, e permanecemos assim por um momento. — Não conte a ninguém, por favor.

Ela se afastou com um olhar sábio. — Você vai voltar para o pai deles?

Eu balancei a cabeça, uma meia verdade, mas Sofia não precisava saber que nossa família e seu futuro marido estavam atualmente torturando o homem a quem ela estava se referindo.

— Você o ama?

— Eu não sei, — eu admiti. Sofia pareceu confusa por um momento, mas então ela assentiu, mordendo o lábio, mais lágrimas se acumulando em seus olhos. — Papai não vai permitir que eu te veja novamente, vai?

Engoli. — Espero que um dia ele entenda.

— Vou sentir sua falta.

— Eu sentirei sua falta também. Vou tentar entrar em contato com você. Lembre-se que te amo.

Ela assentiu com a cabeça, as lágrimas escorrendo por suas bochechas. Eu rapidamente me virei antes de desmoronar. Eu podia sentir os olhos de Sofia em mim enquanto descia as escadas. A luz do andar de cima iluminou meu caminho enquanto eu me dirigia para a garagem. Eu coloquei Nevio e Greta em seus assentos de carro, em seguida, deslizei para trás do volante. As armas cavavam desconfortavelmente nas minhas costas e nas laterais. A porta da garagem deslizou para cima e eu saí e guiei o carro pela longa entrada. Eu apertei o botão do portão e ele abriu.

Um guarda pisou na frente do portão e eu tive que parar ou atropelá-lo.

As janelas eram tingidas, então ele não podia ver as crianças no banco de trás. Eu abri uma lacuna na janela.

— Senhorita Mione, ninguém nos informou que você sairia.

— Estou te informando agora, — eu disse com firmeza.

Ele franziu a testa. — Eu vou ter que perguntar ao chefe.

Eu fiz uma careta. — Saia do meu caminho. Estou dirigindo até o esconderijo para matar o homem que me estuprou e me torturou.

Seus olhos se arregalaram e ele baixou o olhar, a vergonha de todos os soldados da Outfit refletindo claramente em seu rosto. — Eu vou ter que fazer uma ligação rápida.

Ele levou o telefone ao ouvido e eu pensei em acelerar. Ele abaixou o telefone, tocou a tela novamente, em seguida, levantou-a mais uma vez. — Samuel, não estou conseguindo falar com seu pai. Sua irmã está no portão, tentando sair.

Ele estendeu o telefone para mim. Eu o peguei com uma carranca.

— Fina, o que está acontecendo?

— Diga a ele para me deixar sair.

— Fina.

— Estou indo até aí. Eu preciso... Preciso ver o que você está fazendo. Você me deve isso, Sam.

Culpa cortou através de mim, mas eu a afastei.

— Você deve trazer um guarda-costas com você.

— Sam, — eu sussurrei duramente. — Deixe-me sair. Você quer que eu implore? Já fiz o suficiente disso, confie em mim. — Uma mentira, que eu nunca quis usar com Samuel.

Ele suspirou. — OK. Mas agora não estamos fazendo nada. Papai, Danilo e Dante estão dormindo um pouco. Tem sido um longo dia.

— Eu estarei aí em quinze minutos. Deixe-os dormir por agora. Eles não precisam saber que estou indo. Você sabe como o pai pode ser.

Eu entreguei o telefone de volta para o guarda e depois de um pedido do meu irmão, ele finalmente me deixou passar.



Samuel estava me esperando do lado de fora da casa segura quando eu estacionei. Eu programei o aquecimento para manter o carro quente para os meus bebês antes de sair. Samuel me olhou com uma carranca profunda. Ele estava usando uma camisa diferente da última vez que eu o vi, e quando cheguei mais perto, notei o vermelho sob as unhas. Ele passou um braço em volta dos meus ombros e, por um momento, fiquei tensa, porque estava preocupada que ele pudesse sentir o coldre, mas o braço dele estava muito alto e meu casaco de lã era muito grosso. Ele me levou para dentro. Meus olhos observando a área principal.

— Eles estão na área dos dormitórios no andar de cima. Você quer que eu os acorde?

— Não, — eu disse rapidamente. Meus olhos foram atraídos para a tela. Mostrou Remo deitado no chão, sem se mexer. Eu tentei avaliar o ângulo. Samuel seguiu meu olhar. — Nós vamos continuar em cerca de uma hora.

Eu levantei meus olhos para os dele. Sombras escuras se espalharam sob seus olhos. — Você parece precisar dormir um pouco.

— Alguém tem que vigiar.

— Não parece que ele pode fazer alguma coisa.

Os lábios de Samuel se curvaram. — Ele é um filho da puta difícil. — Sua expressão suavizou. — Mas vamos fazê-lo implorar. Em algum momento, até ele quebrará.

Eu duvidei disso, mas nunca descobriríamos. — Você tem algo para eu beber?

Samuel assentiu e foi até a mesa no canto. Eu tirei a seringa antes de segui-lo. — Água está ok? — Ele perguntou quando eu parei perto dele.

Eu toquei seu peito. — Sinto muito, Sam. — Suas sobrancelhas se juntaram em confusão, e eu enfiei a agulha em sua coxa.

Sam saltou. — Fina? O quê? — Mas ele já estava cambaleando, as pálpebras caídas. Eu o agarrei, tentando impedi-lo de cair e se machucar, mas ele era muito pesado. Ele afundou no chão. Seus olhos começaram a perder o foco. Eu me inclinei e beijei sua testa. — Eu espero que você me perdoe um dia.

Entrei na sala de tortura, meus olhos pousando em Remo. Ele estava esparramado no chão, deitado em seu próprio sangue, nu, exceto por cuecas pretas, seus braços e pernas amarrados a ganchos no chão com corda. Contusões e cortes enchiam quase cada centímetro dele. Na mesa à direita, pude ver ferramentas de tortura. As facas estavam cobertas de sangue, mas algumas das outras ainda estavam imaculadas e intocadas, esperando por seu propósito.

Os olhos de Remo abriram em seu rosto coberto de sangue, e eles me tiraram o fôlego de novo.

Um sorriso sombrio torceu sua boca, mas havia uma emoção em seus olhos que apertou meu estômago. — Angel, você veio ver sua família cortar meu pau? Eu ouvi que está programado para hoje.

Eu me aproximei dele, meus tênis se arrastando pelo sangue cobrindo o chão áspero. Meus passos não vacilaram. Sangue não me causava nada. Não mais.

Remo me olhou em silêncio. Seus olhos deslizaram pelo meu braço até a ponta da faca que saía da minha longa manga do cardigan. — Ou você veio fazer isso sozinha?

Eu parei logo acima de Remo. Mesmo estando de costas, cortado e machucado, coberto de sangue, ele parecia poderoso. Remo não podia ser quebrado porque ele não temia a dor ou a morte.

Isso era amor? Ou loucura?

Eu caí de joelhos ao lado dele, ajoelhada no chão pegajoso, minhas calças de linho brancas absorvendo o sangue avidamente. Minhas calças logo ficaram presas na minha pele com o sangue de Remo. — Não, — eu sussurrei, finalmente respondendo a ele.

Os olhos de Remo traçaram meu rosto. Ele parecia quase em paz. — Para me matar?

Inclinei a cabeça, olhando para ele. Remo era Nevio. Nevio era Remo. Como se tivessem sido esculpidos no mesmo molde. Meus filhos eram a imagem do pai deles. Mesmo que eu não tivesse sentimentos pelo homem diante de mim, nunca poderia matá-lo, porque os rostos de Greta e Nevio me lembrariam dele todos os dias da minha vida.

— Eu sempre achei que era para ser assim. Sua mão acabando com minha vida.

Eu balancei a cabeça. — Eu não vou te matar. — Eu me inclinei sobre Remo, meus dedos se espalhando pelo sangue dele no chão, meu cabelo mergulhando nele. Tanto sangue.

— Você não se casou com Danilo, — Remo murmurou.

— Como eu poderia? — Eu sussurrei, inclinando-me até que Remo e eu estávamos quase nos tocando. — Como eu poderia casar com ele quando estava grávida de seus filhos?

Remo ficou rígido. Eu me perguntei como ele reagiria se eu lhe contasse sobre Greta e Nevio, mas nada chegou perto do olhar em seu rosto. Choque completo e total, e mais do que isso... admiração.

— Quando você me entregou, eu carregava seus bebês comigo, Remo. Você nos entregou.

— Eu pensei que você voltaria para mim, — ele murmurou.

— Você me empurrou para longe.

— Eu te libertei.

— Eu não estava livre, — eu falei. Como eu poderia ser livre quando o nome dele estava gravado em meu coração?

— Você estava grávida, — ele disse baixinho.

— Eu estava grávida, uma lembrança viva do maior fracasso da Outfit, uma lembrança viva de algo sombrio e vergonhoso. Um lembrete de que você pegou algo da Outfit, tirou algo de mim. Isso era o que todos pensavam. Minha família e todos os outros na Outfit. Eu sabia que dar a luz a um filho seu arruinaria qualquer chance que tivesse de encontrar meu caminho de volta para a Outfit, de volta para minha família. Eu sabia que iria selar meu destino se tivesse seu filho. Eu seria condenada a viver uma vida de piedade e expressões de nojo.

Algo cintilou nos olhos de Remo. Medo, talvez até pavor. — Você se livrou dos bebês. — E sua voz vacilou levemente.

Um homem cruel e inquebrável.

Meu nêmesis, meu captor, o homem que tirou tudo de mim e sem saber me deu o maior presente de todos.

Eu sempre me perguntei o que seria necessário para quebrar Remo, e percebi que detinha o poder de fazê-lo, de esmagar o homem mais cruel e forte

que eu conhecia na minha mão, segurando-o na ponta da minha língua. Uma palavra iria quebrá-lo. O conhecimento me encheu de alegria incomparável, não porque eu poderia quebrar o homem diante de mim. *Não*, porque nossos filhos, mesmo sem conhecê-los, significavam tanto para ele que a morte deles o destruiria.

— Oh, Angel, eles mandaram você para dar o golpe final? Diga a Dante que ele venceu.

Eu balancei a cabeça. — Não, — eu disse baixinho, depois mais feroz: — Não. Eu não me livrei dos bebês, embora todos quisessem que eu fizesse isso.

Remo segurou meu olhar.

— Como eu poderia me livrar da mais bela criação que posso imaginar? Greta e Nevio são pura perfeição, Remo.

Ele exalou, e o brilho em seus olhos... Deus, esse olhar. Este homem cruel roubou meu coração e eu o deixei.

— Eles se parecem com você. Nevio é você. Todo mundo que o vê sabe que ele é seu.

Remo sorriu o mais escuro e triste sorriso que eu já vi. — Você veio me dizer antes da minha morte que eu nunca os verei? Angel, devo dizer que você é mais cruel do que eu jamais poderia ser.

Eu liguei meus dedos com os seus sangrentos, a lâmina entre as palmas das mãos. — Nossos filhos são perfeitos, mas aqui, na Outfit, eles representam vergonha e desonra. As pessoas sussurram por trás, chamam-lhes de Falcones como se fosse algo pecaminoso, algo sujo. Nossas crianças são lindas. — Minha voz ficou mais feroz com cada palavra. — Eles devem manter a cabeça erguida, não se envergonhar de quem eles são. Eles não estão destinados a se curvar, não estão destinados a viver nas sombras. Eles estão destinados a *governar*. Eles são Falcones. Eles pertencem a Las Vegas, onde seus nomes carregam poder e respeito. Eles estão destinados a governar ao lado do homem mais cruel e corajoso que eu conheço. O pai deles.

Remo não disse nada, mas sua expressão me deixou em chamas de emoção.

— Quão gravemente ferido você está? — Eu sussurrei em seu ouvido.

— Muito, — ele admitiu.

Eu balancei a cabeça, minha garganta apertando. Eu peguei a seringa no bolso e a tirei. — Adrenalina.

A boca de Remo se abriu mais. Eu injetei o líquido nele e ele estremeceu. Suas pupilas estavam dilatadas quando ele encontrou meu olhar novamente.

Meus lábios roçaram os dele levemente. — Quão forte você está, Remo Falcone?

— Forte o suficiente para levar você e nossos filhos para casa, onde todos vocês pertencem, Angel.

Eu sorri. Eu enfiei a lâmina debaixo da corda. — Jure não matar minha família. Nem meu irmão, nem meu pai, nem meu tio. Jure pelos nossos filhos, Remo.

— Eu juro, — ele murmurou. Eu cortei a corda quando ouvi o rangido da porta. Larguei a faca na mão livre de Remo.

— Serafina, saia de perto da porra do babaca! — Danilo rosnou, agarrando-me pelos ombros e me puxando para os meus pés. Eu me virei para ele, o enfrentando. — Não me diga o que fazer. Eu tenho o direito de estar aqui.

Danilo respirava com dificuldade, o peito arfando. Eu dei um passo para trás, mais perto de Remo novamente. Dante e meu pai entraram em cena. Eu protegi Remo principalmente da visão deles, mas isso não duraria muito.

— Você não deveria estar aqui, pomba. Isso não é algo para uma mulher — papai disse gentilmente.

Ele ainda acreditava na minha inocência, mas Dante e Danilo me olhavam com mais cautela. — Onde está Samuel? — Perguntou Dante.

Eu passei meus braços ao redor do meu corpo e deslizei minhas mãos por baixo do meu cardigã, meus dedos enrolando em torno da arma amarrada ao coldre ali.

— Sinto muito, — eu sussurrei e puxei a arma para eles.

Dante colocou a mão na arma na cintura, mas não a puxou. Meu pai e Danilo ficaram completamente congelados.

— Samuel vai ficar bem. Ele caiu atrás do sofá.

— Fina, — disse o pai em uma voz suave. — Você passou por muita coisa. Largue a arma.

Eu dei outro passo para trás, soltando a trava de segurança. — Sinto muito, — eu disse novamente, engolindo as lágrimas, pensando em Samuel, no que ele pensaria quando acordasse. Na minha visão periférica, Remo cortou a última corda ao redor do tornozelo.

Dante sacou a arma e Danilo também, mas eu impedi a visão de Remo. Eles não atirariam em mim, nem mesmo agora que eu estava os segurando com uma arma. Eu era uma mulher, alguém para proteger. Eu era sua responsabilidade e seu fracasso. Remo cambaleou de pé atrás de mim e Danilo apontou. Eu atirei nele, acertando o lado de fora de seu braço. Ele engasgou, seus olhos brilhando para mim.

— Nem um único movimento, — eu avisei. Remo pressionou atrás de mim, como de costume, sem levar em conta as medidas de segurança, elevando a cabeça sobre mim. — Nós só queremos sair. Ninguém precisa se machucar — sussurrei.

Remo pegou minha arma, mas eu balancei a cabeça. — Nas minhas costas, — eu disse a ele. Sua mão deslizou sob o meu cardigã e puxou a arma de lá.

— Pomba, — papai resmungou. — Você não deve nada a esse homem. Ele estuprou você. Eu sei que as emoções podem se confundir em uma situação como essa, mas temos pessoas que podem ajudá-la.

Eu sorri tristemente para ele e então Samuel tropeçou para dentro, segurando o batente da porta. Eu não ousei usar uma dose maior nele do que era absolutamente necessário; obviamente não foi o suficiente. Ele olhou para mim sem entender, seu braço com a arma pendendo frouxamente ao seu lado. Meu gêmeo, meu confidente. Durante a maior parte da minha vida, tive certeza que meu amor por Samuel, meu irmão gêmeo, nunca poderia ser desafiado, e ainda o

amava, o amava tanto que o olhar de traição em seu rosto me partiu ao meio, mas agora havia minhas crianças e o homem atrás de mim.

O olhar de Remo mudou de mim para ele, e ele tocou meu quadril. Eu engoli a emoção crescente.

— Por favor, deixe-nos sair, tio, — falei com Dante. — Essa guerra é por minha causa, e posso dizer que não a quero. Eu não quero ser vingada. Não roube meus filhos do pai deles. Eu vou para Las Vegas com Remo, onde eu pertenço, onde meus filhos pertencem. Por favor, se você se sente culpado pelo que aconteceu comigo, se quiser me salvar, então faça isso. Deixe-me voltar para Vegas com Remo. Isso não precisa ser uma espiral infinita de derramamento de sangue. Pode terminar hoje. Pelos seus filhos, pelos meus. Iremos embora.

Os olhos frios de Dante estavam em Remo, não em mim. — Ela está falando em nome da Camorra?

O aperto de Remo no meu quadril se apertou. — Ela está. Você violou meu território e eu violei o seu. Estamos quites.

— Nós não estamos! — Samuel rugiu, dando um passo à frente, oscilando. Remo levantou a arma alguns centímetros. — Você sequestrou minha irmã e a quebrou. Você a torceu como a porra da sua marionete. Nós não terminaremos até que eu esteja de pé sobre o seu cadáver estripado para que minha irmã esteja finalmente livre de você.

— Sam, — eu engasguei. — Não faça isso. Eu sei que você não entende, mas eu preciso voltar para Vegas com Remo, por mim, mas mais importante pelos meus filhos.

— Eu sabia que você deveria ter se livrado deles, — Samuel murmurou, seus olhos vítreos. A mão de Remo no meu quadril apertou e eu sabia que sem a promessa que ele me fez, ele teria matado meu irmão por suas palavras.

Papai chegou por trás de Samuel e colocou a mão em seu ombro. — Mande-os com ele para Las Vegas. Eles são Falcones, mas você não é Fina. Se livre deles e dele. Você pode começar uma nova vida.

— Onde meus filhos forem, eu irei, — eu disse. — Você não acha que já sofri o suficiente por todos os seus pecados? Não me transforme em outro peão

no seu jogo de xadrez. Liberte-me.

Realização se estabeleceu nos olhos de Sam, e isso quebrou meu coração. Eu sofria, sofria por minha família que nunca entenderia. Eu só podia esperar que eles me odiassem um dia para que não sentissem mais minha falta. O aperto de Remo no meu quadril afrouxou. Mesmo a adrenalina não o manteria de pé por um período infinito de tempo. Ele estava muito ferido para isso.

— Vamos embora. Vocês falharam comigo uma vez e agora estou perdida para vocês. Mas, por favor, permita-me levar meus filhos para uma família que os amará. Permita-me levar meus filhos para casa. Vocês devem isso a mim.

Danilo fez um som incrédulo, sua mão ao redor da arma apertando.

Eu me odiava por jogar o cartão de culpa, mas eu sabia que era a nossa única chance. Para Remo sair daqui vivo, tinha que machucar a família que amava.

Os olhos frios de Dante encontraram os meus. — Se eu permitir que você saia hoje, você será uma traidora. Você não fará parte da Outfit. Você será o inimigo. Você não verá sua família novamente. Não haverá paz com a Camorra. Esta guerra apenas começou.

Samuel respirou fundo, seus olhos me implorando para reconsiderar. Eu poderia viver sem ele?

— Quando esta guerra acabará, tio? — Eu perguntei baixinho. Ele olhou para Remo e eu sabia o que ele diria. — Nunca, — eu sussurrei a resposta.

Dante inclinou a cabeça. Papai olhou para mim como se fosse o último adeus, uma filha perdida para sempre.

— Saiam, — disse Dante friamente.

Danilo sacudiu a cabeça, incrédulo. — Você não pode estar falando sério, Dante. Você não pode deixá-los ir.

Dante olhou para o meu ex-noivo, parecendo cansado.

— Liberte-me, — eu disse suavemente.

— Saiam.

Alívio e melancolia me atingiram ouvindo essa palavra. — Obrigada.

Dante balançou a cabeça. — Não me agradeça. Não por isso.

Remo me cutucou levemente, e eu me aproximei da porta, mantendo meu corpo entre ele e os outros. Eu andei de costas para ficar de olho na minha família. Eles não atacaram. Eles não nos pararam. Papai e Samuel pareciam quebrados. Eu tinha aterrado o golpe final, os quebrando. Eu me perguntava como mamãe reagiria quando ela descobrisse. Ela seria esmagada. Meu coração estava pesado quando conduzi Remo ao carro estacionado. Ele afundou no banco do passageiro, desmaiando imediatamente. Fechei a porta e fiquei atrás do volante. Greta e Nevio ainda dormiam em seus assentos.

Pisei no acelerador e disparei com o carro pela longa estrada de cascalho. Eu rapidamente me conectei ao Bluetooth e liguei para o Sugar Trap. Foi o único número que encontrei na Internet.

Demorou um pouco até que o cara com quem conversei concordasse em telefonar para Nino e dar-lhe meu número. Eu estava começando a enlouquecer.

Remo não sobreviveria se eu tivesse que dirigir até Las Vegas com ele, e eu não poderia levá-lo para um hospital em território da Outfit. E se minha família superasse o choque inicial e decidisse se livrar de nós afinal de contas? Eu precisava chegar ao território da Camorra.

Meu pulso disparou quando meu telefone finalmente tocou. Eu atendi depois do segundo toque.

— Ele está morto? — Nino perguntou imediatamente.

Eu olhei para Remo que estava caído contra a porta do passageiro, respirando superficialmente.

— Ainda não, — eu disse.

Nino ficou quieto por um momento. — Você ligou para se vangloriar? Para me deixar ouvir os últimos gritos do meu irmão?

Isso era o que ele pensava?

— Eu estou em um carro com ele. Nós saímos. Estamos a caminho.

— Você o tirou de lá? — Nino perguntou bruscamente. — Onde você está? Vamos pegar um helicóptero e encontrar você no meio do caminho. Estamos em Kansas City. Vou verificar o melhor local agora.

Eu disse a ele onde eu estava, e concordamos em nos encontrar em um local a cento e vinte quilômetros de onde eu estava.

— Ele está gravemente ferido, — eu disse baixinho.

— Remo é forte demais para morrer, — disse Nino.

Lágrimas ardiam nos meus olhos. — Estou dirigindo o mais rápido que posso.

— Serafina, — Nino começou. — Ele achou que você voltaria. Ele queria que você voltasse por vontade própria.

Engoli em seco. Isso não era sobre Remo e eu. Isso era sobre meus filhos, e meu peito ainda doía de emoções quando eu observava o homem ao meu lado. Seu cabelo escuro grudado na testa ensanguentada. — Eu preciso dirigir, — eu disse e desliguei.

Cerca de uma hora depois, eu dirigi o carro em direção a um estacionamento deserto, onde um helicóptero já estava esperando. Nino e Savio estavam ao lado dele. Eu esperava que Fabiano estivesse lá. Eu confiava nele mais do que nesses dois.

Eu parei. Eles estavam com suas armas na mão, não confiando em mim. E eu também não confiava neles, mas Remo mal respirava. Eu peguei minha arma e saí do carro. Nino se aproximou, como de costume, uma expressão vazia no rosto. Eu apontei minha arma para ele como ele estava apontado para mim. Claro que, com suas habilidades, eu estaria morta antes do meu dedo sequer tremer no gatilho.

Eu abaixei minha arma e caminhei em direção à porta do passageiro, abrindo-a. Nino ainda me olhava com cautela. Savio apareceu atrás dele, com a arma ao lado, sem apontar para mim. — Você vai me ajudar? Ou você quer que Remo morra?

Nino avançou e no segundo que viu seu irmão, ele enfiou a arma no coldre e correu para o meu lado. Ele rapidamente verificou Remo, em seguida, agarrou-

o sob os braços. Remo gemeu. Savio pegou as pernas dele e estavam prestes a levantá-lo quando Greta acordou e soltou um grito ensurdecedor ao ver dois homens que ela não conhecia. Nino e Savio sacudiram a cabeça e congelaram. Nevio também acordou e seus olhos escuros olharam para eles. Meu pequeno Remo.

— Puta merda, — Savio engasgou. Seus olhos castanhos voaram para mim. — Eles são de Remo.

Não foi uma pergunta por que um olhar para Nevio e eles sabiam que era do irmão deles. — Eles são e ele desmaiou antes que pudesse vê-los. — Minha garganta se contraiu.

Nino segurou meu olhar por um momento e eu soube então que não me arrependeria da minha decisão, porque agora eu já podia ver que meus filhos seriam Falcones.

— Rápido, — Nino murmurou, e ele e Savio levaram Remo para o helicóptero.

Com o coração trovejando no peito, fui até a porta traseira e abri para desatar Nevio e Greta. — Shh, — eu acalmei a minha filha. Nevio parecia apenas curioso e um pouco sonolento.

— Você precisa de ajuda? — Savio perguntou logo atrás de mim, me surpreendendo.

Eu olhei por cima do meu ombro, hesitando, minha proteção levantando sua cabeça.

— Não me dê esse olhar. Seus filhos estão seguros. Eles estarão sempre seguros, e não apenas porque Remo me mataria se algo acontecesse com eles.

Eu balancei a cabeça. — Você pode pegar Nevio? Greta não gosta de ser pega por ninguém além de mim.

Savio foi até a outra porta, abriu-a e inclinou-se para Nevio, que o olhava com grandes olhos negros. — Eu nunca segurei um bebê, — disse Savio com relutância.

— Fale com ele suavemente e levante-o contra seu peito. Ele pode

sustentar sua cabeça sozinho.

— Ei, Nevio, — disse Savio, deslizando as mãos sob as axilas de Nevio e cuidadosamente levantou-o. Parecia que estava segurando uma bomba prestes a detonar, mas fiquei feliz por ele estar sendo cuidadoso. Eu não tinha pensado que Savio pudesse ser assim.

Eu me virei para Greta e rapidamente a levantei também, então me endireitei para ficar de olho em Savio. Ele segurava Nevio contra o peito, e meu filho parecia contente em ser segurado pelo homem desconhecido. Os olhos de Savio estavam curiosos e fascinados enquanto olhava para o meu menino. Nenhum ressentimento, nenhuma vergonha associada.

Juntos nós caminhamos em direção ao helicóptero. Greta se pressionou contra mim pelo barulho das pás do rotor. Nino estava inclinado sobre Remo dentro do helicóptero. Remo já estava recebendo uma transfusão de sangue e outro IV com um líquido claro, enquanto Nino apalpava seu corpo.

Um homem que eu não conhecia estava no cockpit.

Nino se virou para nós quando Savio alcançou Nevio para ele. Ele agarrou meu garoto imediatamente, um estranho olhar em seu rosto enquanto olhava para ele. Sávio subiu e estendeu a mão para mim. Eu desajeitadamente entrei com Greta ainda agarrada a mim com unhas e dentes.

Eu afundei no banco e Savio me ajudou a apertar o cinto. Nino devolveu Nevio a ele e Savio sentou-se ao meu lado. Os olhos de Nino continuavam se movendo entre Nevio e Greta, como se ele não pudesse compreender o que estava vendo. No momento em que o helicóptero decolou, Nino voltou para o lado de Remo.

Nevio olhou para o pai, depois para mim e eu engoli a emoção. E se Remo morresse antes que ele pudesse ver seus filhos? E se meus filhos nunca conhecessem seu pai?

Eu nunca esperei que Remo quisesse seus filhos, mas agora que eu sabia o que ele sentia, a culpa tomou conta de mim. Eu achei que os protegeria, escondendo-os dele, permanecendo na Outfit, mas eu estava errada. Las Vegas era a casa deles porque era a casa de Remo.

Capítulo Vinte e Oito

SERAFINA

Depois que desembarcamos em Las Vegas, Nino imediatamente levou Remo para um hospital com o qual Camorra trabalhava, e Savio ficou comigo. Eu estava exausta e emocionalmente esgotada. — O que vai acontecer com a gente agora? — Eu perguntei cansada.

Sávio me deu um olhar surpreso. — Vou levá-la para a mansão. Remo vai querer ter você e seus filhos por perto quando ele voltar.

— Você acha que ele vai sobreviver?

Sávio assentiu. — Remo não vai morrer.

Segui Savio até um carro e afundei no banco de trás com meus filhos.

Quando eu despertei, havíamos chegado e Fabiano estava olhando pela janela como se estivesse vendo um fantasma. Ele abriu a porta. — Que porra é essa?

— Remo tem filhos, — explicou Savio.

— Eu vejo isso, — disse Fabiano.

Savio pegou Nevio novamente e eu saí com Greta, que tinha o rosto enterrado no meu pescoço. Fabiano não conseguia parar de olhar para Nevio e finalmente encontrou o meu olhar. — Você salvou o Remo?

Eu balancei a cabeça. Fabiano examinou meus olhos e eu não tinha certeza do que ele estava procurando. — Está muito frio para que Nevio e Greta fiquem do lado de fora. Você pode pegar minha bolsa no porta-malas?

Fabiano assentiu e foi até a traseira do carro. Eu segui Savio para dentro da casa, uma estranha sensação de familiaridade me dominando. Este lugar não se sentia como casa. Eu só tinha vivenciado isso como uma prisioneira, e me perguntava como as coisas seriam agora que eu tinha vindo para cá livremente.

Isso poderia se tornar um lar para mim e meus filhos?

Savio dissera que Remo iria querer que eu morasse aqui com eles, mas não tinha certeza. Parecia surreal estar aqui, mas não havia como voltar agora.

A percepção afundou lentamente, e por um momento me senti imobilizada pelo peso disso. Segurar Greta pareceu me aterrar. — Você pode me dar Nevio, — eu disse, oferecendo meu braço livre.

As sobrancelhas de Savio se juntaram, mas ele me deu meu filho sem hesitação, e eu o abracei contra mim. Sávio e Fabiano me observaram por um momento, como se não tivessem certeza do que fazer comigo.

— Como ele está? — Kiara perguntou, correndo para o hall de entrada. Ela avançou até parar quando me viu com as crianças. Seus olhos se arregalaram.

— Nino levou-o ao hospital, — disse Savio.

Kiara apenas olhou para mim. Seus olhos se dirigiram para Nevio e Greta, e ela balançou a cabeça, incrédula. Uma menina com sardas e cabelos castanhos seguiu Kiara e também parou em suas trilhas.

Kiara foi a primeira a se mover. Ela veio em minha direção, os olhos brilhando de calor. — Como Remo reagiu?

Lágrimas surgiram em meus olhos e seu sorriso caiu.

— Ele desmaiou antes de vê-los, — eu sussurrei.

— Nada mata Remo, — disse Fabiano com firmeza.

Eu balancei a cabeça.

Greta começou a chorar e Nevio também estava ficando cada vez mais irritado. — Eu preciso alimentá-los e trocar suas fraldas. Então eles precisam de um lugar para dormir.

Sávio olhou para Fabiano, que encolheu os ombros.

Kiara revirou os olhos. — Tudo bem se eu te levar para o quarto em que você estava... da última vez? Não quero abrir os outros quartos da ala de Remo. Ou prefere ficar na minha ala e de Nino?

Eu solucei uma risada. — Eu vou ficar na ala de Remo.

A outra garota sorriu hesitante.

— Eu sou Serafina. E este é Nevio e Greta.

— Leona, — disse ela. — Prazer em conhecê-la. — Fabiano se aproximou dela e colocou a mão em sua cintura em um gesto possessivo. Então ela era sua namorada.

Kiara pegou minha bolsa de Fabiano e me levou até a ala de Remo. Eu sabia o caminho de cor, mas a companhia dela era boa. Quando entramos no meu antigo quarto, minha respiração ficou presa na minha garganta pela onda de lembranças que me dominaram, mas outro grito alto de Greta me tirou de lá. Fui até a cama e abaixei-a com cuidado.

Kiara continuou lançando olhares para meus gêmeos, desejo em seu olhar. — Como posso ajudá-la?

Abri a bolsa e estendi a fórmula do bebê. À noite, eles sempre precisavam da mamadeira para se acalmar. — Você poderia preparar duas mamadeiras?

Kiara voltou quinze minutos depois com as mamadeiras e se acomodou ao meu lado na cama. — Por que você não alimenta Nevio enquanto eu cuido de Greta, — sugeri.

Seus olhos se iluminaram. — Obrigada.

Eu ri. — Você está me ajudando. Eu deveria te agradecer.

Ela sorriu quando pegou Nevio e o colocou em seu colo.

— Eu deveria avisá-la. Ele é um pequeno lutador.

Kiara levou a mamadeira até a boca de Nevio e, como esperado, suas mãozinhas alcançaram a mamadeira, tentando arrancá-la de sua mão. Ela riu.

Eu pisquei para afastar as lágrimas enquanto me concentrava em Greta, que estava feliz mamando, seus grandes olhos escuros olhando para mim com sono. Emoções apertaram dolorosamente meu peito.

Remo tinha que sobreviver. Eu não podia acreditar que o destino seria tão cruel para arrancá-lo de mim antes que ele pudesse ver seus filhos. Talvez Remo merecesse a morte, mas eu não me importava. Ele precisava viver por Greta e

Nevio.

— Ele vai amar e protegê-los, — Kiara murmurou.

Remo iria protegê-los. Ele era capaz de amar? Eu não tinha certeza.



Depois que Kiara saiu, deitei ao lado de meus bebês, que já estavam dormindo depois de se alimentar. Eu não tinha camas para eles ou qualquer outra coisa, exceto pelas poucas coisas que eu tinha colocado na mochila.

Eu fechei meus olhos. A imagem de Remo em seu sangue passou pela minha mente e estremeci.

Eu devo ter caído no sono porque o lamento de Greta me acordou pouco depois. Era a primeira noite sem a ajuda de Samuel ou da minha mãe, e um peso enorme se instalou na boca do meu estômago pensando na minha família. Eu não tinha certeza de como minhas futuras noites seriam. Eu lidaria com tudo sozinha?



Eu acordei cedo na manhã seguinte e pisquei contra a luz suave que entrava pela janela. Eu mal dormi, e não apenas por causa dos horários erráticos dos meus gêmeos. A preocupação por Remo assombrara meu sono. Eu aprontei meus bebês antes de descer as escadas, carregando-os em meus quadris.

Seguindo o cheiro de café e bacon, fiz meu caminho até a cozinha, mas parei na porta. Adamo, Savio e Nino estavam sentados em volta da mesa da cozinha enquanto Kiara mexia alguma coisa em uma panela grande. Todos os olhos se voltaram para mim e eu balancei em meus pés. Eu sempre fui a inimiga, a prisioneira, e agora eu era o quê? Uma convidada? Uma intrusa?

— Bom dia, — eu disse, em seguida, me virei para Nino, o medo entupindo minha garganta. — Como ele está?

— Estável. Alguns ossos quebrados, contusões, ruptura do baço. Ele está lá em cima, nocauteado com analgésicos.

— Ele não vai gostar nem um pouco, — disse Savio sorrindo. — Você sabe que ele prefere a dor a estar impotente.

Eu ainda não tinha me movido da porta.

— Estou preparando um purê de abóbora para os bebês. Espero que esteja tudo bem? — Kiara entrou na conversa.

Eu balancei a cabeça. Nino pegou uma cadeira e a puxou para trás para mim. Com um pequeno sorriso, me aproximei da mesa e me afundei. Nevio derrubou o copo de Nino, derramando água sobre ele.

— Desculpe, — eu disse, inclinando-me para trás para que os braços sorrateiros de Nevio não causassem mais problemas. Ele ainda fazia movimentos de agarrar.

Nino olhou-o atentamente enquanto se secava com um pano de prato que Kiara lhe entregara.

Adamo sacudiu a cabeça. Seu braço estava enfaixado e seu rosto estava inchado. — Eu mal posso acreditar que Remo tem filhos.

— Aposto que a Outfit odiava vê-los. Quero dizer, não tem como eles não serem Falcones — disse Savio com um sorriso.

Eu endureci, a dor cortando através de mim. Eu desviei o olhar, engolindo em seco.

— É por isso que você está aqui? — Nino perguntou suavemente. — Para dar-lhes uma chance?

— Eu quero que eles se orgulhem de quem são, — eu disse. Eu não queria explicar tudo.

— Eles se orgulharão. Eles são Falcones, — disse Nino.

Eu olhei em seus olhos cinzentos sem emoção. — Simples assim? Minha família torturou Adamo e quase matou Remo e eu tecnicamente sou o inimigo.

— Simples assim. Você é de Remo e eles também são dele. Você é da família.

Eu fiz uma careta. — Eu não sou de Remo.

Nino me deu um sorriso torto. — Você é.

Kiara colocou um prato cheio de ovos, bacon e torradas na minha frente.

— Você tem um cobertor?

Ela saiu correndo e voltou alguns minutos depois, espalhando-o no chão. Eu coloquei Greta e Nevio de costas para que eu pudesse comer. Eu sorri quando Nevio rolou de bruços e levantou a cabeça com curiosidade.

— Isso é muito estranho, — disse Adamo. Eu dei-lhe um sorriso.

Savio balançou a cabeça. — Eu não vou trocar fraldas. Eu não dou a mínima se Remo der a ordem ou não. Eu não vou a lugar nenhum perto da merda de outra pessoa, bebê ou não.

Eu bufei. — Tenho certeza que você entra em contato com coisas mais repugnantes em uma base diária.

Adamo riu. — Ele é cheio de merda de qualquer maneira.

Savio deu um soco no braço ileso de Adamo.

Parte do peso que senti desde ontem saiu dos meus ombros.

REMO

Eu me senti como merda, boca de algodão e dor no corpo inteiro. Abrindo meus olhos, encontrei Nino olhando para mim. — Seu idiota. Você me deu analgésicos e algum tipo de sedativo.

— Seu corpo precisava disso.

Tentei me sentar, mas meu corpo era muito avesso à ideia. Eu lutei e lancei

um olhar mortal para Nino quando ele tentou me ajudar. Eventualmente, consegui me sentar contra a cabeceira da cama, cada centímetro do meu corpo latejando ferozmente. A maior parte do meu corpo e braços estavam cobertos por ataduras.

Nino sentou-se na beira da minha cama. — Você parecia uma merda quando Serafina trouxe você para nós.

Serafina salvou minha vida. A mulher que eu havia raptado, ela salvou a porra da minha vida. — Por um segundo achei que tivesse sonhado com toda essa merda, mas a maneira como meu corpo grita de agonia me diz que é verdade, — eu disse.

— Eles quase te mataram, e teriam se Serafina não tivesse te tirado de lá.

— Onde ela está? — Eu perguntei, ignorando o modo como meu peito esvaziou com o pensamento de que ela não estava em Las Vegas, afinal.

— Lá embaixo, — disse Nino lentamente, seus olhos procurando os meus. — Com seus filhos.

— Meus filhos, — repeti, tentando entender as palavras, tentando entender que eu era pai. Greta e Nevio. — Foda-se, — eu respirei.

— É como olhar para uma versão de bebê sua, — disse Nino com um olhar incrédulo.

— Certifique-se de que eles tenham tudo de que precisam. Não importa o que Serafina diga que precisa, você consegue para ela.

Nino assentiu. — Ela está aqui para proteger seus filhos porque a Outfit não os aceitou. Não por sua causa.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Eu não me importo porque ela está aqui. Tudo o que importa é que ela está. Eu te disse antes, não tenho um coração fodido que pode ser quebrado, ou você esqueceu?

Nino tocou meu ombro levemente. — Eu te conheço melhor do que ninguém, Remo. Ou *você* esqueceu?

— É por isso que você é tão bom em me irritar.

— Você quer que eu a chame?

Eu balancei a cabeça. Nunca pensei que quisesse mais nada. Eu teria passado por dias de tortura, durante semanas, para ver Serafina. Que ela me salvou? Porra, eu nunca considerei uma opção.

Depois que ela disse que não me daria seu perdão, aceitei o fato dela me querer morto, dela querer que meu sofrimento. Eu merecia isso. Não havia nenhum questionamento sobre isso. Eu sabia o que era.

Não havia nada de branco em mim, muito pouco cinza e uma tonelada de preto. E ainda assim ela estava aqui.

Ela estava aqui com nossos filhos.

Tentei imaginá-los, mas não consegui. Eu nunca quis ter filhos, porque tinha certeza de que nunca encontraria uma mulher que não provasse ser o mesmo fracasso que minha mãe tinha sido. Eu tinha certeza de que iria quebrar qualquer mulher, mas Serafina era forte. Ela provou que eu estava errado, tinha virado meu jogo até que me senti como o perdedor, como aquele que tinha levado o xeque-mate.

SERAFINA

Nino entrou na sala onde Kiara e eu estávamos sentadas em um cobertor com Nevio e Greta. Kiara era natural com as crianças, e era óbvio o quanto ela as amava. Ela segurou Nevio no colo enquanto mostrava a ele um livro de fotos. Greta sentou-se no meu colo, sua pequena mão em volta do meu polegar e olhando para o livro na minha mão livre.

Eu olhei para Nino, mas seus olhos estavam em Kiara, que estava sorrindo para o meu filho, praticamente brilhando de felicidade.

Lentamente, ele arrastou o olhar para cima. — Remo acabou de acordar.

Sem pensar, levantei-me com Greta agarrada a mim. Eu não queria meus filhos lá quando falasse com Remo pela primeira vez depois que ele

acordasse. Eu senti que precisávamos de um momento antes que pudesse permitir isso.

Desembaracei Greta gentilmente e a deitei no cobertor, depois hesitei. Kiara olhou para cima com um sorriso. — Nino e eu podemos assisti-los enquanto você conversa com Remo.

Nino se aproximou, mas eu fiquei onde estava. Não consegui evitar. Esta seria a primeira vez que os deixaria fora de vista desde a nossa chegada. — Cada um de nós daria a vida por essas crianças, — disse Nino. — Você os trouxe para cá. Eles são Falcones. Eles são filhos de Remo. Ele queimou por nós. Nós vamos queimar por eles.

Eu dei um pequeno aceno de cabeça e dei um passo para trás. Os olhos de Greta me seguiram. — Kiara, você pode pegar Greta. Ela é muito tímida com pessoas que não conhece, especialmente homens.

Nino se abaixou ao lado de Kiara e pegou Nevio dela. Fiquei tensa quando Kiara pegou minha filha, esperando um ataque de choro, mas o rosto de Greta se encolheu apenas por um breve momento, depois suavizou quando Kiara cantou suavemente. Eu dei outro passo para trás. Kiara sorriu para Nino quando ele colocou Nevio no colo e apontou para o livro de fotos. Nino escorria calma, o que era perfeito para os meus filhos.

Nevio ignorou o livro de fotos que Nino levantou e observou as tatuagens coloridas no braço de Nino, tocando-as com as mãos pequenas como se ele achasse que elas se tornariam vivas sob as pontas dos dedos. Meu coração inchou mais uma vez e eu me virei rapidamente antes de ficar emocional demais.

Eu respirei fundo antes de entrar no quarto de Remo. Ele estava sentado contra a cabeceira da cama, apoiado por travesseiros. A parte superior do seu corpo estava nua, exceto pelas muitas ataduras que cobriam sua pele - os cortes que minha família havia infligido para me vingar.

Ele olhou para cima de seu iPad, e eu dei um passo hesitante para mais perto quando deixei a porta se fechar.

Seu rosto puxou em um sorriso estranho. — Eu nunca teria pensado que você seria a única a me salvar.

Cheguei mais perto, meio aterrorizada, meio excitada, e parei ao lado dele. Os olhos escuros de Remo queimavam com emoções que incendiavam meu coração, mas eu empurrei as sensações para trás. — Eu salvei o pai dos meus filhos para que eles ficassem em segurança.

— Meus irmãos os teriam protegido mesmo que sua família tivesse me matado.

Eu coloquei uma mão ao lado dele na cabeceira da cama, pairando sobre ele. — Ninguém vai protegê-los como você. Você vai andar pelo fogo por eles.

Eu não perguntei. Eu *sabia* disso.

Ele levantou a mão rigidamente, a maior parte do braço enfaixado e segurou a parte de trás da minha cabeça. Eu deixei ele me puxar para baixo. — Por eles. Por você — ele murmurou ferozmente, asperamente, com raiva. Seus lábios roçaram os meus e todo o meu ser derreteu. Eu caí como a primeira vez que ele beijou. Estremecendo, recuei e me endireitei. Isso era cedo demais. Eu precisava resolver as coisas entre nós.

Ele me olhou com um sorriso amargo. Por alguma razão, a visão me rasgou. Eu me inclinei e rapidamente escovei seus lábios com os meus para mostrar a ele que a minha retirada não significava “nunca” apenas “mais tarde”.

Eu rapidamente dei um passo para trás e me virei.

— Você vai mostrá-los para mim? — Ele perguntou baixinho.

Eu olhei por cima do meu ombro. — Claro.



Eu segurei Greta e Nevio firmemente contra o meu corpo enquanto abria a porta. Então eu entrei. Eu estava inexplicavelmente nervosa. Minha família nunca havia olhado para meus filhos do jeito que eu os olhava, como se fossem algo precioso, um presente que eu queria amar todos os dias. Os olhos de Remo

se concentraram em nossos bebês quando me aproximei e ele não desviou o olhar novamente, parecendo quase atordoado. Sentei-me ao lado dele e cuidadosamente coloquei Nevio de costas ao lado de Remo. Greta ainda se agarrava a mim com força.

A expressão de Remo era de admiração, e quando ele ergueu os olhos para os meus, eles estavam mais suaves do que eu já os tinha visto. Ele esticou o braço enfaixado e passou a ponta do dedo sobre o peito de Nevio com reverência. Nevio sendo Nevio pegou o dedo de Remo e levou-o à boca para mastigá-lo com um sorriso desdentado. Os lábios de Remo se contraíram. Então ele levantou o olhar para Greta, que virou a cabeça para observá-lo com curiosidade.

— Ela é tímida ao redor da maioria das pessoas, — eu disse. Ela sempre foi assim, mesmo quando era uma pequena recém-nascida.

Eu peguei a mão dele, ela me observou fazendo isso, então trouxe para ela. Quando ela não protestou, soltei a mão de Remo e ele a acariciou com as pontas dos dedos. Ele era tão gentil e cuidadoso com ela, que eu podia sentir uma mistura de felicidade e melancolia subir pela minha garganta. Greta observou-o em silêncio. Ela sabia que ele era o pai dela?

Lágrimas correram pelas minhas bochechas. Remo acariciando as costas de Greta e com o dedo mastigado por Nevio era a visão mais bonita que eu podia imaginar. — Eu não acho que já estive tão feliz, — eu admiti, sem me importar em estar sendo emocional na frente de Remo. Isso não era mais uma batalha de vontades, um jogo de xadrez distorcido. Essas apostas eram muito altas.

Remo fechou seu olhar com o meu. — Eu *sei* que nunca estive mais feliz.

Capítulo Vinte e Nove

SERAFINA

No que se referia a doentes, Remo era um pesadelo. Ele era um pesadelo em muitos outros aspectos também, mas dar tempo ao seu corpo para curar não estava em sua agenda.

Nino não estava feliz com isso. — Você precisa descansar, Remo. Faz apenas três dias e você já está correndo por aí.

— Já estive pior. Agora pare a porra do exagero. Eu não sou uma criança.

— Talvez não. Mas sou obviamente o único de nós dois capaz de decisões sensatas.

— Nenhum de vocês é são. Agora me ajudem com este maldito berço — murmurou Savio.

Eu me inclinei contra a porta do futuro berçário. Nino e Kiara tinham ido fazer compras esta manhã e agora os quatro irmãos Falcone tentavam montar os móveis. Embora Nino e Savio estivessem fazendo todo o trabalho porque o braço de Adamo estava engessado e a maior parte do corpo de Remo estava enfaixado, para não mencionar os muitos ossos quebrados em seu corpo.

Adamo estava sentado em uma poltrona azul-bebê, que ficava perto da janela. Às vezes, quando ele achava que ninguém estava olhando, seus olhos se transformavam em algo escuro, algo atormentado. Algumas feridas demorariam muito tempo para cicatrizar. Remo estava encostado no peitoril da janela, usando apenas calças de moletom baixo, latindo ordens.

Um sorriso puxou meus lábios.

— As instruções são bem claras, Remo, — Nino demorou. — Eu não preciso de suas ordens sobre isso.

Savio zombou. — Como se isso fosse detê-lo.

Ainda era difícil entender o que aconteceu nos últimos três dias. Eu deixei

minha família, *Samuel*, para morar em Las Vegas com o homem que me sequestrou e sua família que o ajudou a fazer isso. Mas a cada hora que passava, eu percebi que tinha sido a decisão certa para meus filhos e talvez até para mim. No momento em que Remo viu seus bebês, um nó no meu peito afrouxou, um nó que havia me estrangulado desde que ele me libertou, apenas para ser puxado com mais força quando Greta e Nevio nasceram. Eles pertenciam aqui.

Eu tinha tentado manter distância de Remo até então, só o visitei duas vezes para que nossos gêmeos pudessem se acostumar com a sua presença, e eu sabia que ele não estava feliz com isso.

Remo me viu na porta, seus olhos ficando mais ansiosos e concentrados. Meu pulso acelerou, e eu me virei para voltar para Nevio e Greta que estavam esperando lá embaixo com Kiara.

Remo me encurralou no corredor. Para alguém com seus ferimentos, ele era irritantemente rápido. — Você está fugindo de mim, Angel? — Ele me apoiou na parede, com as palmas das mãos ao meu lado.

— Eu aprendi que isso não funciona. Você sempre me pega, — eu disse, me inclinando para trás porque com ele tão perto eu estava tendo problemas para me concentrar.

— Muitas vezes imaginei como seria vê-la novamente, — disse ele em voz baixa. — Mas este não foi um dos cenários que criei.

Eu olhei para ele. — Quando você me dispensou como uma coisa fácil de descartar, não parecia que você queria me ver novamente.

Ele balançou a cabeça, a raiva piscando em seu rosto. — Eu te dei uma escolha, uma que você nunca teve antes... e você escolheu ficar com a Outfit.

Eu bufei. — Isso é ridículo. Você me trocou como um pedaço de gado. Por que eu voltaria para você? Não tenho o hábito de me atirar em alguém que obviamente mal podia esperar para se livrar de mim.

Remo se inclinou ainda mais perto. — Você realmente acreditou que eu não te queria? Ou você disse isso a si mesma porque não queria deixar sua família?

Eu fiz uma careta. — Você poderia ter...

— O quê? — Ele rosnou. — Eu poderia ter o quê? Te sequestrado de novo? Pedir a Dante para mandá-la de volta?

Ele tinha um ponto e isso me incomodou.

— Quando você planejava me contar sobre nossos bebês? Você teria me dito se Adamo não tivesse sido capturado?

— Você me mandou embora, de volta para o meu noivo. Não achei que você se importaria com o que acontecesse comigo, muito menos com os bebês, — eu murmurei, mas algo em seus olhos me fez continuar. — Eu queria te contar. No momento em que os vi, sabia que precisava contar, mas não sabia como. Eu fui... uma covarde.

Sua mão subiu, cobrindo minha bochecha, seus olhos escuros impossivelmente possessivos. — Eu tinha certeza que você voltaria para mim. — Seus lábios roçaram os meus. — Você não é uma covarde. Você me salvou. Você enfrentou sua família para proteger nossos filhos. Você desistiu de tudo por eles... e por mim.

Aprofundei o beijo, não pude manter a distância que eu tão desesperadamente queria. Os lábios de Remo, sua língua, a sensação de sua palma áspera contra a minha bochecha despertaram uma profunda saudade, uma necessidade desesperada que mantive enterrada desde que ele me libertou.

Meu núcleo apertou quando seu familiar perfume masculino inundou meu nariz, e memórias de como as mãos de Remo, sua boca, seu pau se sentia vieram à tona...

Eu recuei, recuperando meus sentidos, e saí de debaixo do braço de Remo. Ele me deu um sorriso antes de eu sair correndo. Mas eu tinha visto a prova da reação de seu corpo por mim na protuberância de sua calça de moletom.

Apenas uma semana até o natal. A mansão estava lindamente decorada com bugigangas vermelhas, enfeites dourados e raminhos de visco. Felizmente,

Greta e Nevio ainda não estavam em movimento ou a vegetação teria que desaparecer. Eu mandei algumas mensagens para Samuel, dizendo que estava em segurança e perguntando se ele estava bem. Ele ainda não havia respondido, mas eu sabia que ele leu as mensagens. Talvez sua mágoa ainda estivesse fresca demais. Cinco dias não eram suficientes para aceitar o fato de que sua irmã te traiu por um homem que você odiava mais do que qualquer coisa no mundo. Minhas mensagens para mamãe e Sofia ainda não haviam sido recebidas. Eu suspeitava que meu pai tivesse comprado telefones novos para elas, então não poderia contatá-las.

Eu me aproximei de Kiara enquanto ela mexia um novo lote de comida para bebês, um purê de batata-doce. — Vocês compram presentes de Natal um para o outro?

Nino me deu um cartão de crédito de uma das contas bancárias dos Falcone ontem e, embora eu quisesse recusar a princípio, peguei o cartão. Remo parecia determinado a ter certeza de que eu tinha tudo de que precisava. Ainda assim, pareceu um pouco estranho usar seu próprio dinheiro para comprar presentes, mas não era mais como se eu pudesse acessar as contas da minha família.

— Bem, o ano passado ainda foi uma pequena tentativa de Natal. Nino e seus irmãos ainda precisavam se acostumar com um toque feminino em suas vidas, mas comprei presentes para eles, e alguns dias depois do Natal também recebi presentes deles. — Ela riu. — Eu acho que este ano eles devem dar presentes na hora certa.

— Eu não sei o que comprar para nenhum deles. Eu não os conheço bem o suficiente, e não me sinto como parte dessa família ainda...

Ela tocou meu ombro. — Mas você é Serafina. É uma situação estranha para todos nós, mas é a melhor coisa que poderia ter acontecido, especialmente para Remo.

— Você acha? — Eu sussurrei.

— Eu sei, — disse ela com firmeza. — Como estão as coisas entre vocês?

— Estou tentando manter distância. Estou com medo de permitir uma proximidade muito rápida.

— Mas você quer ficar com ele?

Eu ri. — Eu não acho que tenho uma escolha.

— Ele não vai te forçar.

— Não é isso que eu quero dizer, — eu disse baixinho. — Eu não acho que meu coração ou meu corpo me deixarão uma escolha.

Ela assentiu, compreensão inundando seu rosto. — Estou tão feliz por vocês dois, vocês quatro.

— Você acha que Remo é capaz de... amar?

Kiara ficou pensativa. — Ele e Nino passaram por coisas horríveis quando crianças. Isso os moldou nos homens que são hoje. Ainda os afeta. Não tenho certeza do que isso fez com Remo. Se partes dele foram irrevogavelmente destruídas...

Eu não perguntei que tipo de horrores houvera no passado de Remo. Kiara teria me dito se achasse que era o lugar dela compartilhar. Se eu quisesse descobrir, teria que perguntar a ele.

— Se você quiser ir às compras de Natal, podemos ir juntas amanhã. Fabiano poderia nos proteger.

— Isso seria bom, — eu disse.

Apesar das palavras de protesto de Nino, Remo veio jantar naquela noite, e todos nos acomodamos ao redor da mesa da sala de jantar. Greta e Nevio estavam em suas novas cadeiras altas entre Kiara e eu. Eu tinha assumido o trabalho de tentar colocar comida na boca de Nevio, já que Greta parecia estar bem perto de Kiara. Eu podia sentir os olhos de Remo em nós o tempo todo com uma expressão que só podia descrever como saudade. Minha comida estava esfriando de qualquer maneira, então decidi dar a ele uma chance de ser um pai de verdade.

— Por que você não tenta isso? — Perguntei a Remo. Eu não tinha certeza se ele estava interessado em alimentá-los ou se ele era como alguns pais cujo interesse em seus filhos terminava quando isso exigia que eles fizessem alguma coisa.

Todos pararam o que estavam fazendo por um momento. Remo largou o garfo e se levantou. Seus movimentos ainda estavam rígidos, não apenas por causa das ataduras; levaria algum tempo para que seus ossos quebrados e hematomas se curassem. Dei a ele minha cadeira, peguei meu prato e me acomodei no lugar que ele havia desocupado. Nevio estava fazendo movimentos de agarrar, mas a colher e a tigela estavam fora de seu alcance. Eu poderia dizer que ele estava ficando frustrado com a situação e um ataque estava se aproximando rapidamente.

Remo pegou a colher e levantou-a para o rosto de Nevio, mas ele não conteve os braços. Antes que eu pudesse avisá-lo, Nevio pegou a colher e catapultou purê de batata doce pela sala. A maior parte caiu na camisa de Remo. O resto no rosto de Nino.

Mordi o interior da minha bochecha para conter o riso.

Kiara não mostrou a mesma restrição. Ela começou a rir. Nino enxugou o rosto com um guardanapo, os olhos na esposa risonha - e mais suave do que eu jamais os havia visto.

Nevio balançou animadamente em sua cadeira, um sorriso desdentado no rosto. Remo olhou para baixo para si mesmo, depois para o filho e seus lábios se contraíram. Desta vez, ele pegou as mãos de Nevio na sua grande antes de levar a colher para a sua boca. Nevio apertou os lábios, obviamente infeliz com a situação.

— Isso me lembra de você, Adamo, — disse Remo.

Adamo fez uma careta.

Nino assentiu. — Você sempre fez uma bagunça durante a alimentação também.

— Se começarmos a trocar histórias de bebês, eu estou fora, — murmurou Savio.

Remo se virou para Nevio e cutucou seus lábios com a colher. — Vamos, Nevio.

Eu me levantei e fiquei de pé ao lado da cadeira alta de Nevio. — Vamos lá, Nevio, mostre ao seu pai o quão bem você pode comer.

Remo olhou para mim, sua expressão se acalmou quando o chamei de pai. Depois de um momento de hesitação, Nevio finalmente permitiu que Remo pusesse a colher na sua boca.

Eu sorri, me endireitei e dei um beijo na cabeça de Nevio. Então me inclinei sobre Greta e fiz o mesmo. Ela sorriu para mim com a colher na boca e meu coração explodiu de gratidão. Eu peguei os olhos de Remo, mas rapidamente desviei porque o olhar dele ameaçou esmagar a minha determinação de manter distância.



Depois de colocar os gêmeos na cama, peguei meu telefone e fui para o quarto de Remo. Nino praticamente o arrastou até lá para poder se deitar e descansar.

Eu bati.

— Entre, Angel.

Franzindo a testa, eu entrei. — Como você sabia?

Ele me olhou com uma expressão que enviou um pequeno arrepio na minha espinha. — Porque meus irmãos não batem, eles entram e Kiara geralmente fica longe do meu quarto.

Eu balancei a cabeça, minha mão ainda na porta, debatendo se deveria deixá-la aberta apenas por precaução.

Remo sorriu conscientemente. — Estou praticamente de cama. Não há razão para se preocupar. Não vou atacá-la.

De cama. Até parece. Esse homem não poderia ser quebrado facilmente. Eu fechei a porta. Eu não estava preocupada com Remo fazendo um movimento. Estava preocupada em jogar a cautela ao vento e fazer o que eu sonhava desde sempre. — Como se isso fosse pará-lo.

Remo não disse nada.

Eu levantei meu telefone. — Eu achei que você gostaria de ver fotos de Nevio e Greta.

— Eu gostaria disso, — disse Remo, movendo-se para o lado para que houvesse espaço ao lado dele na cama. Eu olhei para o local, em seguida, para Remo encostado na cabeceira com a parte superior do corpo nu. Mesmo as bandagens não tornaram Remo menos atraente.

Tentando esconder meus pensamentos, eu caminhei até ele casualmente e afundei ao lado dele, as pernas esticadas à minha frente. Os olhos de Remo permaneceram sobre elas. Eu estava usando um vestido e sem meias porque estava surpreendentemente quente na casa. Arrepios ondularam pela minha pele. Limpei a garganta e cliquei na primeira foto, que mamãe havia tirado logo depois de eu ter dado à luz aos gêmeos. Estava segurando-os em meus braços e olhando para eles com uma expressão exausta, mas de adoração.

Remo se inclinou e seu braço roçou o meu. Apesar do material do meu vestido entre nós, um arrepio me percorreu do contato breve.

— Você está pálida na foto, — ele disse baixinho.

— Depois de vinte e duas horas de trabalho de parto todas ficam.

Os olhos escuros de Remo piscaram com um toque de melancolia.

— Eu gostaria que você tivesse estado lá... se eu soubesse o que sei hoje, teria voltado para Vegas mais cedo. Me desculpe por ter tirado isso de você.

Remo segurou meu queixo e eu fiquei tensa porque parecia que ele ia me beijar. — Arrependimento pelo passado é energia desperdiçada. Não podemos mudar o passado, não importa o quanto queiramos fazer.

— O que você gostaria de mudar? — Eu perguntei, tentando ignorar a sensação do toque de Remo.

Ele balançou a cabeça com um sorriso sombrio. — Não o seu sequestro. Eu não sinto um pingo de arrependimento por ter roubado você.

— Você não sente? — Eu fiz uma careta, me afastando um pouco, mas Remo se inclinou, os dedos ainda no meu queixo.

— Nem um pouco. Eu te sequestraria de novo para ser presenteado por

você novamente. Você nunca teria sido minha se eu não tivesse roubado você.

Eu não discuti, nem sobre eu ser dele, nem sobre o fato de que, sem o sequestro, nunca teríamos nos encontrado.

— E você? — Remo murmurou. — Você se arrepende de ter se tornado minha?

— Não, — eu admiti e finalmente recuei de seu toque. — Isso não. Eu só queria que não tivesse custado tanto a minha família.

Remo assentiu e se recostou na cabeceira. — Dificilmente qualquer coisa que valha a pena pode ser obtida sem perda, dor e sacrifício.

Meus olhos percorreram suas feridas e contusões. Ele se sacrificou por seu irmão. Mas tive a sensação de que não era a única razão pela qual ele permitira que minha família o capturasse e torturasse. Ele aceitou a dor, talvez até perder a vida, por uma chance de me ver novamente.

Eu limpei minha garganta e cliquei na próxima foto. A primeira foto de Nevio e Greta deitados no berço um ao lado do outro.

Mostrei foto após foto, nenhum de nós disse nada. Era difícil se concentrar em nada além do calor de Remo, seu cheiro, a força e o poder que ele emanava.

Quando eu finalmente desliguei meu telefone, meu corpo estava zumbindo com a necessidade. Eu encontrei seu olhar, que descansava descaradamente em mim. Remo me olhou com uma expressão que eu conhecia muito bem. Fome e dominância. Ele tocou meu joelho nu.

Eu exalei.

Sua mão deslizou lentamente entre as minhas pernas. — Remo, — eu avisei, mas ele segurou meu olhar, seus lábios se alargando.

— Você deixou alguém tocar o que é meu?

Eu olhei, mas meu corpo gritava por mais. Pelo toque de Remo, pelos seus lábios.

Ele sabia a resposta, podia ver no meu rosto. — Não, — ele disse baixinho. — Tudo de você é só meu.

— Você me libertou, lembra? Eu pertenço a mim mesma.

Nós dois sabíamos que era uma mentira. Eu nunca me livrara de seu domínio sobre mim, mas ele também perdera sua liberdade. Sua mão escorregou mais até que finalmente ele roçou o tecido da minha calcinha. Ela estava encharcada, apenas por estar em sua presença.

Remo gemeu, baixo e sombrio, e minha determinação ruiu. Seu polegar desenhou pequenos círculos na minha virilha e eu podia me sentir ainda mais excitada. Os olhos escuros de Remo seguraram os meus e, como sempre, não consegui desviar o olhar. Seu polegar empurrou debaixo da minha calcinha e entre minhas dobras, espalhando minha umidade. Eu choraminguei pelo contato, pele na pele. Tão bom, tão desesperadamente necessário. Ele desenhou pequenos círculos no meu clitóris, girando e girando e girando. Eu separei minhas pernas um pouco mais e agarrei os lençóis, precisando de algo para segurar enquanto olhava para Remo. Seu olhar me possuiu como sempre fazia.

— Você vai gozar, Angel?

Eu dei um pequeno aceno de cabeça. Fazia muito tempo. Eu estava desmoronando tão rapidamente. Ele não acelerou o ritmo enquanto a outra mão levantava meu vestido para que ele pudesse ver seu dedo trabalhando em mim. Dando voltas. — Separe mais suas pernas, — ele rosnou, e eu fiz.

Ele deslizou entre minhas dobras novamente, espalhando minha umidade um pouco mais. — Eu quero tanto te foder.

— Você ainda está se curando, — eu disse asperamente. Seus ossos quebrados precisavam se reparar. Um de nós precisava ser a voz da razão, mesmo que meu corpo me odiasse por isso.

Ele sentou-se rigidamente. — Monte-me com o sua bunda de frente para mim.

— O quê?

— Faça isso, — ele ordenou.

Eu não o questionei, mal conseguia pensar corretamente pelas palpitações entre as minhas pernas. Eu me ergui e subi em cima de Remo, tomando cuidado para não bater meus joelhos em suas costelas. Minhas mãos descansaram ao lado

de seus joelhos quando me ajoelhei sobre ele, minha bunda empurrando para cima. Remo levantou meu vestido até que eu estava exposta e meu núcleo se apertou em antecipação. — Foda-se, — Remo murmurou, fazendo-me tremer novamente.

Eu ofeguei quando ele empurrou dois dedos em mim, minhas costas arqueando com a deliciosa sensação de minhas paredes agarrando-o. Remo soltou um gemido baixo, e eu quase ouvi isso. Eu podia ver a prova de sua própria necessidade lutando contra sua calça de moletom.

— A visão da sua boceta tomando meus dedos é a melhor.

Eu choraminguei em resposta e comecei a encontrar seus impulsos, precisando de seus dedos mais profundos, mais rápidos, mais duros.

— Sim, Angel, pegue-os, — ele murmurou.

Mais umidade se acumulou entre minhas pernas. Eu dei uma olhada por cima do meu ombro. Remo estava focado em seus dedos enquanto eles me fodiam, seus olhos escuros queimando com tanto desejo que roubaram minha respiração. Eu estremeci de prazer. Ele olhou para cima, seus lábios se curvando em um sorriso satisfeito.

— Vamos lá, Angel. Foda meus dedos. — Remo acrescentou um terceiro dedo e meus olhos reviraram com a sensação.

Eu me enterrei contra a mão de Remo, empurrando seus dedos mais fundos em mim. Ele me observou atentamente e sua outra mão começou a massagear minha bunda. Eu queria agarrar sua ereção, mas mal conseguia me sustentar com dois braços, já fora de controle. Ele juntou minha umidade com os dedos da outra mão, e então senti um dedo contra a minha entrada de trás. Eu fiquei tensa, mas não parei de montar os dedos de Remo.

— Relaxe, — Remo ordenou, seus olhos convincentes. — Vai ser bom.

Ansiosa e excitada, dei um pequeno aceno de cabeça. Lentamente ele empurrou um dedo em mim. — Oh Deus, — eu engasguei quando senti seus dedos em ambas as minhas aberturas. Houve um leve desconforto, mas não teve chance contra o prazer que os dedos de Remo no meu centro causaram.

Remo estabeleceu um ritmo suave com o dedo enquanto eu continuava me

esfregando contra a outra mão. Ele não tirou os olhos de mim enquanto trabalhava no meu corpo, e eu podia sentir o primeiro espasmo traidor do meu orgasmo. Minha boceta apertou em torno de seus dedos. Eu gemi, as sensações esmagadoras. Eu senti um segundo dedo na minha entrada de trás e fiquei tensa novamente. Remo acariciou minha bunda, e enquanto eu montava seus dedos profundamente em mim ele os enrolou e bateu no meu ponto-g. Eu gozei duro, chorando desesperadamente, e ele empurrou o segundo dedo na minha entrada de trás. Eu ofeguei da dor e meu orgasmo aumentou em força. Estremeci, entre o prazer intenso e a dor surda. Meus braços cederam e eu me apoiei em meus antebraços. Remo continuou empurrando.

— Sim, Angel, eu disse que te mostraria dor e prazer.

Metade abaixada para ele, eu podia sentir sua ereção cavando na minha barriga. Ele gemeu novamente, quase em agonia. Eu estava totalmente confusa, atordoada e um pouco envergonhada. Eu nunca imaginei permitir que alguém chegasse perto da minha bunda. Claro que Remo também queria essa parte de mim.

Remo saiu de mim lentamente e eu ofeguei. Suas mãos desceram nas nádegas da minha bunda e ele me massageou gentilmente. — Se eu morresse agora, valeria a pena.

Eu bufei. — Você não vai morrer hoje. Não vou explicar isso para o Nino. Não, obrigada.

Remo riu e o som enviou um tipo diferente de arrepio pelo meu corpo. Eu amava o som de Remo rindo, especialmente se fosse verdadeiro.

Eu me levantei e me ajoelhei ao lado de Remo. Ele enrolou a mão no meu pescoço e me puxou em direção a ele para um beijo lento. Quando ele recuou, seus olhos procuraram meu rosto. Eu sabia que minhas bochechas estavam coradas, não só do meu orgasmo, mas também do embaraço.

— Há tanto prazer que ainda quero mostrar a você, — Remo murmurou, traçando seus lábios sobre minha mandíbula e bochecha.

Ele baixou a cabeça contra a cabeceira da cama, suspirando enquanto pegava um copo cheio de líquido escuro em sua mesa de cabeceira.

Eu reconheci o cheiro imediatamente. — Uísque, realmente?

— Ajudará com a cura, confie em mim. Eu fiz muita pesquisa no passado.

Eu balancei a cabeça.

— E, — ele acrescentou, com um sorriso desafiador, — parece ser o único prazer que me é permitido hoje. — Ele tomou um gole.

Meus olhos correram para a impressionante protuberância em suas calças. Eu sabia o que queria fazer. Eu queria transformá-lo em uma confusão indefesa de desejo, como ele fez comigo.

— Tentando decidir se você é corajosa o suficiente?

Eu olhei furiosamente. — Eu te dei um boquete antes.

Sua boca se contraiu. — Você tentou, mas não terminou, então não conta.

Eu sabia que ele estava tentando me incitar. Infelizmente, estava funcionando.

Eu me movi até me ajoelhar ao lado de sua virilha. Remo pegou as calças e as puxou para baixo, fazendo uma careta ao fazê-lo.

— Muito ansioso, não é? — Eu provoquei.

Ele sorriu, mas era sombrio e faminto, e seu corpo estava tenso. Eu abaixei minha cabeça e peguei a ponta dele na minha boca. Remo gemeu, seus dedos emaranhando no meu cabelo. Eu girei minha língua ao redor dele, e meu próprio núcleo apertou com necessidade renovada. A respiração de Remo acelerou, seus músculos enrijeceram enquanto ele me observava.

— Tome mais de mim, — Remo ordenou calmamente, e eu fiz. Eu o deixei reclamar minha boca até que ele bateu na parte de trás da minha garganta. Ele empurrou para dentro de mim lentamente, a mão no meu cabelo me mantendo no lugar. Ele segurou meu olhar quando o deixei reivindicar minha boca. Sua outra mão segurou minha bochecha. Remo. Brutalidade e ternura. Eu ainda não o entendia, nem a nós.

O corpo de Remo flexionou mais forte, seus quadris se agitaram com menos controle, os lábios se abriram em um gemido baixo.

— Eu vou gozar, — ele disse asperamente. Eu vi a pergunta em sua expressão, e meu coração se encheu de afeição... e Deus me ajude... amor.

Eu dei um pequeno aceno de cabeça em torno de sua cabeça antes que ele dirigisse mais fundo em minha boca novamente, e seu aperto no meu pescoço se tornou mais firme. Seu rosto se contorceu de paixão, seus olhos quase duros com a luxúria quando ele ficou tenso e gozou com uma expiração aguda. Eu tive dificuldade em engolir em torno do seu comprimento, e Remo tirou sua mão do meu pescoço para que eu pudesse puxar um pouco para trás. Ele continuou balançando os quadris, sua respiração dura.

O olhar de Remo reivindicou outra parte de mim, possessivo e quente, enquanto ele acariciava minha bochecha. Eu lentamente libertei seu pau dos meus lábios e engoli, franzindo a testa para o gosto. Remo me puxou para ele, roçou meus lábios nos dele e me entregou seu copo com uísque. Tomei um gole e tossi. Isso era ainda pior.

— Você vai se acostumar com o gosto, — disse ele com uma risada pequena.

— O uísque ou o seu...?

Ele segurou meus braços e me puxou contra ele, então eu estava embalada contra seu peito. Eu notei seu estremecimento, mas depois ele se foi. — Meu gozo, — ele murmurou enquanto lambia meus lábios, em seguida, mergulhou na minha boca. Nosso beijo foi lento, quase provocante, até que não foi. Tornou-se necessitado e ansioso.

Ele me posicionou de modo que uma das minhas pernas foi jogada sobre sua virilha, minha cabeça contra seu ombro. Sua mão me separou, em seguida, seus dedos deslizaram sobre a minha calcinha encharcada. Ele empurrou o tecido para o lado e lentamente empurrou dois dedos em mim. Sua outra mão começou a beliscar e girar meu mamilo. Ele jogou-me magistralmente com os dedos enquanto eu estava deitada sobre ele. Nós nos beijamos suavemente, nossos olhos trancados o tempo todo, até que uma nova onda de prazer passou por mim.

Eu mal conseguia respirar quando o grito de Greta soou.

Suspirei com um pequeno sorriso.

— Cronometragem perfeita, — ele murmurou, me dando outro beijo prolongado. Eu rapidamente deslizei para fora da cama e corri para o banheiro para lavar as mãos antes de voltar para o quarto. Remo estava ao lado da porta, esperando por mim.

— Você deveria ficar na cama e descansar, — eu disse.

— Eu deveria ajudá-la com nossos filhos.

Sua voz não permitia qualquer objeção, e eu tive que abafar um sorriso satisfeito. Quando chegamos ao berçário, Nevio também começou a chorar. Eu peguei Greta porque ela não conhecia Remo bem o suficiente. Remo tirou Nevio do berço sem hesitar e apertou-o contra o peito. Era óbvio que ele tinha segurado um bebê antes, que sabia como lidar com eles. Eu cheirei o ar. — Novas fraldas.

Remo levou Nevio até o trocador e começou seu trabalho. Eu o observei por um momento a mais, meu corpo inundou com tantos hormônios, que pude sentir o começo das lágrimas. Eu pisquei e desviei o olhar. — Eu vou até a cozinha e preparo suas mamadeiras.

Remo olhou para cima, seu olhar demorando nos meus olhos, depois assentiu.

Quando voltei dez minutos depois, Nevio já estava vestido e descansando no braço de Remo. Eu lhe entreguei uma mamadeira e ele afundou na poltrona, estremecendo novamente. Ele estava se movendo mais rigidamente do que antes, provavelmente do esforço excessivo.

Troquei a fralda de Greta antes de me instalar no apoio de braços ao lado de Remo e começar a alimentá-la. — Isso é estranho, — eu sussurrei depois de um momento.

Remo franziu a testa. — Não é o que eu imaginei quando te sequestrei.

Eu procurei seu rosto, tentando descobrir o que isso significava para ele, o que eu realmente significava para ele, mas não ousei perguntar. Eu sabia que era inútil ficar longe de Remo, não só porque meu corpo já estava chamando pelo seu toque de novo, mas também porque meu coração ansiava por sua proximidade.

Depois que eles voltaram a dormir, eu estava indo para o meu quarto

quando Remo agarrou meu pulso, me impedindo. — Fique comigo.

Eu balancei a cabeça e permiti que Remo me puxasse de volta para seu quarto, onde coloquei uma de suas camisas antes de deslizar sob as cobertas. Remo me puxou contra ele, estremecendo quando eu toquei suas contusões. — Você está com dor, — eu protestei, tentando colocar distância entre nós, mas Remo apertou seu abraço em mim.

— Foda-se a dor. Eu quero você em meus braços.

Eu parei e finalmente relaxei contra ele, minha bochecha pressionada contra o seu peito forte. Isso parecia bom demais para ser verdade.

Capítulo Trinta

SERAFINA

O Natal chegou. O primeiro Natal de Nevio e Greta. O primeiro Natal como parte do clã Falcone. Depois de desejar a Samuel um feliz Natal e não ouvir nada em troca, desci com Nevio e Greta. Remo já estava na sala de estar com seus irmãos, discutindo seus planos para futuras corridas. Após o ataque da Outfit, medidas de segurança teriam que ser duplicadas. Eu deveria ajudar Kiara na cozinha, mas ainda precisava descobrir o que fazer com as crianças.

Remo olhou para cima quando entrei. Como de costume, sua expressão se acalmou quando ele me viu com nossos gêmeos, quase como se ele ainda tivesse dificuldade em confiar em seus olhos. — Você pode ficar com eles? — Eu perguntei enquanto me dirigia em direção a eles.

Nino estava sentado ao lado de Remo. Adamo e Savio estavam no sofá em frente a eles. — Você pega Nevio? — Perguntei a Nino, que se levantou imediatamente e tirou meu filho de mim. Nevio não se importou, também fascinado pelas tatuagens nos braços de Nino. Eu me aproximei de Remo. Greta estava agarrada a mim, ainda tímida em torno dos outros. Remo me deu um olhar questionador. Ele ainda não segurara a filha. A única pessoa, exceto por mim, que não fazia Greta choramingar, era Kiara.

Ele gentilmente acariciou seu tufo preto de cabelo, em seguida, passou a mão pelas costas dela. Sua voz era baixa e suave enquanto ele falava com ela. — Greta, *mia cara*.

Meu coração pareceu pular uma batida. Era a primeira vez que ouvia Remo falar italiano. Minha família e eu só falávamos italiano quando estávamos cercados por estranhos e eu sabia que muitas famílias lidavam com isso da mesma maneira. Eu cuidadosamente a desgrudei do meu pescoço e a entreguei a Remo. Seus grandes olhos escuros piscaram para ele e seu rosto começou a se contorcer. Remo balançou-a suavemente na dobra do braço, em seguida, abaixou o rosto e beijou o topo de sua cabeça. Ela soltou um grito hesitante, como se não tivesse certeza se queria lamentar ou não. Entreguei-lhe seu chocalho favorito e ele mostrou a ela.

Ela estendeu a mão, os olhos já brilhando, e ele ajudou-a a sacudi-lo. Eu dei um passo para trás, em seguida, outro enquanto Remo a balançava. Remo afundou, ainda a sacudindo e sussurrando palavras de consolo. A expressão de Greta deixou claro que ela ainda não estava convencida, mas que não estava chorando era um bom sinal.

Savio e Adamo pareciam ter sofrido um derrame. Eu percebi isto. Remo era um dos homens mais temidos do país, e aqui estava ele embalando sua menina nos braços, paciente e cuidadoso. Nino estava balançando Nevio na coxa e meu filho soltava gritos de prazer.

— Suponho que seja o fim dos meus dias de putaria na casa — murmurou Savio.

Remo afastou os olhos de Greta, estreitando-os. — Eu não quero uma prostituta em qualquer lugar perto de meus filhos.

Greta chorou com a dureza de sua voz, e os lábios de Remo se apertaram. Ele a sacudiu gentilmente e depois murmurou algo que eu não entendi. No momento em que ela parou de chorar, eu me virei e saí. Meus bebês estavam bem cuidados.

Eu finalmente fui ajudar Kiara na cozinha. Kiara estava preparando os aperitivos vegetarianos e o prato principal vegetariano, enquanto eu usei meus talentos em uma carne assada e um bolo de chocolate. Eu não tinha muita experiência em preparar qualquer tipo de comida, exceto o ocasional purê de bebê, então isso provou ser um desafio.

Mais tarde, todos nós nos acomodamos ao redor da mesa com um rosbife bem feito, não tão mal passado como deveria, e um bolo de chocolate levemente queimado, mas ninguém se importava. Durante meu cativeiro, eu só vislumbrei o vínculo fraterno que Remo e seus irmãos compartilhavam, mas agora, quando me tornei parte de sua família, percebi o quão fortemente eles se importavam um com o outro. Remo havia se trocado por Adamo, havia assinado sua sentença de morte para que Adamo pudesse viver. Não havia sinal maior de amor do que esse. Isso me deu esperança de que Remo fosse capaz desse tipo de emoção.

Quando Remo e eu voltamos ao nosso quarto naquela noite, arrisquei um outro olhar para o meu telefone e meus ombros caíram. Sem mensagens.

Remo veio por trás de mim, suas mãos na minha cintura, seus lábios quentes na minha garganta. — Você se arrepende de deixar a Outfit?

Eu me inclinei contra ele. Seu peito estava nu e ele removeu a maioria das ataduras, apesar dos protestos de Nino. — Não. Greta e Nevio serão mais felizes aqui.

Ele mordeu minha garganta suavemente. — E você?

Eu me virei e o beijei. — Eu acho que vou ser feliz também.

Remo puxou meu vestido por cima da minha cabeça antes que ele me apoiasse na cama, e nós dois caímos. Nós nos beijamos por um longo tempo até que eu estava desesperada e quente. Remo desceu pelo meu corpo e tirou minha calcinha e depois se esticou entre as minhas pernas. Seus lábios e língua me empurraram para a borda dentro de alguns minutos, então ele subiu novamente, seu corpo cobrindo o meu, seu peso apoiado em seus antebraços. Seus olhos seguraram os meus quando ele bateu em mim, me reivindicando totalmente pela primeira vez em catorze meses. — Remo, — eu ofeguei.

Apesar dos flashes de dor no rosto, os impulsos de Remo não vacilaram. Ele bateu fundo e duro, seus olhos me dominando. Quando ele enfiou a mão entre nós e acariciou meu clitóris, eu gritei, apertando em torno dele e segurando seus ombros com força. Remo rosnou de dor e prazer, mas continuou empurrando enquanto eu saía do meu orgasmo. Ele me beijou ferozmente, possessivamente, depois puxou para fora.

Ele me virou no meu estômago antes de beijar minha orelha enquanto se acomodava entre as minhas coxas. Senti uma presença firme na minha bunda e enrijeci de surpresa e medo. Remo acariciou minhas costas, massageando minha bunda.

— Eu quero possuir cada parte de você, — ele murmurou, beijando meu ombro. Ele virou minha cabeça para que eu encontrasse seu olhar e me beijou lentamente. Remo colocou os dedos em mim algumas vezes, mas sua ereção era muito maior.

— Diga alguma coisa, — ele pediu.

Eu engoli em seco, nervosa. — Sou sua. Tudo de mim.

Os olhos de Remo se suavizaram. — Relaxe, Angel. Eu vou tomar cuidado.

Por um momento, seu peso diminuiu e ouvi-o pegar algo da gaveta. Sobre o meu ombro eu o vi cobrindo seu pênis com lubrificante, em seguida, ele estava de volta sobre mim. Ele mordeu minha omoplata levemente quando ele empurrou para frente, e eu arqueei quando o alongamento ficou muito ruim. Remo parou, beijou meu ombro, minha bochecha. Suas mãos deslizaram sob o meu corpo, encontrando meu mamilo e meu clitóris. Ele puxou meu mamilo enquanto seus dedos acariciavam meu clitóris e abertura. Logo, me soltei ao redor dele enquanto dor e prazer se misturavam. Ele empurrou dois dedos em mim e gemeu rudemente, o som tão primitivo e erótico meu núcleo apertou com a excitação. — Eu sinto meu pau dentro de você. É perfeito.

Eu gemi quando ele moveu seus dedos lentamente enquanto sua outra mão continuava torcendo meu mamilo. Apesar da dor, senti um alívio se aproximando. Meus lábios se separaram e meus músculos se apertaram quando o prazer me dominou. Remo empurrou seu pau em mim até o fundo, e eu gemi e choraminguei, presa entre dor e prazer. Eu nunca me senti mais esticada, oscilando no limite da dor esmagadora e ainda feliz que Remo tinha reivindicado essa parte de mim também.

Eu tremi, dominada pelas sensações.

Remo beijou minha bochecha. — Eu posso?

Eu dei um aceno de cabeça e ele puxou quase todo o caminho. Eu tremi quando ele empurrou de volta. Ele continuou trabalhando minha boceta enquanto empurrava para dentro de mim lentamente.

— Vai ficar melhor, Angel, — ele murmurou.

Seus movimentos se tornaram mais rápidos e eu mordi meu lábio. Dor e prazer se misturavam, quase se tornando um. O corpo de Remo me pressionou no colchão enquanto seu pau e seus dedos me reivindicaram.

Com um gemido gutural, Remo bateu em mim mais uma vez, e eu senti

sua liberação. Eu estremeci desesperadamente debaixo dele. Remo ficou dentro de mim por alguns segundos, sua respiração quente no meu ombro, seus dedos gentis, quase calmantes no meu clitóris.

Ele saiu de mim com cuidado, então me virou de lado e se apertou atrás de mim, beijando meu ombro. Eu não conseguia me mexer, sobrecarregada, atordoada. Toda vez que eu pensava que Remo tinha levado tudo, ele tomava outra parte minha.

— Angel, — ele perguntou em voz baixa.

Eu me virei em seu abraço e me aninhei perto dele, meu nariz enterrado na curva de seu pescoço. Remo ficou tenso e segurou meu queixo, cutucando meu rosto para cima. Eu podia ver uma sugestão de hesitação em seu rosto enquanto ele avaliava minha expressão.

— Você nunca deve se render à minha vontade porque acha que eu quero que faça isso. Foi muito doloroso?

Eu olhei para cima, engolindo em seco. Remo estava preocupado comigo. Cruel, implacável, brutal até o âmago e ainda *preocupado comigo*. — Eu queria me render a você, me entregar a você desse jeito. Você já possui todas as outras partes de mim.

Suas sobrancelhas se uniram ainda mais. Ele traçou meu rosto com o dedo. — Eu não gosto de machucar você, a menos que isso aumente seu prazer.

Eu inclinei minha cabeça. — Você parece surpreso.

— Eu gosto de ferir as pessoas, mas você não, nunca você.

Fiquei em silêncio, imaginando o que significava. Remo se levantou e estendeu a mão sobre mim e na gaveta de sua mesa de cabeceira. Ele puxou um pequeno pacote e colocou-o entre nós. — Para você, — disse ele.

Minhas sobrancelhas se levantaram. Ele não me deu um presente mais cedo, mas assumi que os presentes para Greta e Nevio também eram destinados a mim. Foi difícil o bastante comprar algo para Remo. Eventualmente, eu tinha optado por um guia de pistas de corrida da região, bem como um livro fotográfico rapidamente montado a partir dos primeiros sete meses dos nossos gêmeos.

— O que é isso?

— Abra, — exigiu Remo, pontas dos dedos traçando meu lado e quadril.

Eu levantei a tampa e minha respiração parou quando meus olhos registraram o colar com o pingente em forma de asas. Era uma linda peça de ouro finamente trabalhada. Intrinsecamente linda. Eu peguei com cuidado.

— Onde você conseguiu isso? Você não saiu de casa.

— Eu mandei fazer artesanalmente por um ourives local pouco depois de te libertar.

Meus lábios se abriram de surpresa. Remo me ajudou a colocar o colar e o ouro frio se estabeleceu no vale entre meus seios. — Devastadoramente linda, — Remo murmurou enquanto traçava minha pele.

Eu lancei-lhe um olhar curioso.

— Você me arruinou para todas as outras mulheres.

Uma onda de possessividade me dominou. Remo era meu.

REMO

Observei Serafina enquanto ela acariciava as cabeças de nossos filhos, paciente, amorosa, embora ambos estivessem chorando por horas. Ela cantou para eles, sussurrou palavras doces para eles. Ela havia deixado sua família por eles, assim eles estariam seguros, para que eles pudessem ter a vida que mereciam, a vida que estavam destinados. Eu tinha visto o brilho em seus olhos quando ela disse adeus ao seu irmão gêmeo. Serafina havia desistido de muito por nossos filhos.

Seu corpo era mais frágil que o meu. Ela não era tão dura ou cruel ou destemida.

Mas Deus ela era forte.

Quando Nevio e Greta finalmente adormeceram, ela se endireitou de onde estivera debruçada sobre o berço e, quando reparou em mim, ficou tensa, mas veio na minha direção. Ela estava estranhamente quieta hoje, e eu sabia que algo a estava incomodando, mas não falava sobre emoções se eu pudesse evitar.

Serafina parou no corredor. — Estou aqui há três semanas, mas ainda não sei o que somos.

Eu me apoiei ao lado de seus ombros, olhando para ela. — Você é um anjo, e eu sou sua ruína. — Meus lábios puxaram em um sorriso irônico.

Ela balançou a cabeça quase com raiva. — O que eu sou para você? Sua amante? Sua namorada? Uma variação agradável das suas putas habituais?

Minha própria raiva aumentou. — O que você quer que eu diga?

— Nada, — ela disse baixinho. — Eu quero a verdade. Eu preciso saber o que esperar de você.

— Eu amo a morte. Adoro derramar sangue e causar dor. Eu amo ver o terror nos olhos das pessoas, e isso nunca mudará, — eu sussurrei duramente porque era verdade.

Ela olhou para mim. — Você é o homem mais cruel que eu conheço. Você tirou tudo de mim.

Eu balancei a cabeça porque isso era verdade também. — Poucas mulheres podem suportar a escuridão. Eu não posso forçar você a ficar comigo. Você é livre.

— Livre para fazer o que quiser, — ela murmurou, quente e suave contra mim. Tentadora. — Até mesmo levar outro homem para a minha cama?

Uma explosão de raiva me encheu. Eu a queria só para mim, queria permanecer como o único homem que já provou esses lábios perfeitos, que já a reivindicou, mas mais do que isso, eu queria que ela também quisesse. Eu engoli minha fúria. — Mesmo isso, — eu disse então continuei em um sussurro áspero, — eu não vou te impedir. Eu não vou te punir por isso.

Ela deu um sorriso conhecedor. — Mas você vai matar qualquer um que me tocar.

Eu aproximei nossos lábios. — Não apenas matá-los, destruí-los da maneira mais cruel possível por tocar em algo de que eles são indignos.

O desafio cintilou em seus olhos. — Você é digno?

Reivindiquei sua boca, dura e desesperadamente, antes de me afastar. — Oh não, Angel. Desde o dia em que te vi, eu sabia que era o menos digno de todos eles. — Eu nunca deveria ter colocado uma mão sobre ela, mas eu era um filho da puta e tinha tomado tudo o que ela estava disposta a dar.

Ela inclinou a cabeça para cima, me olhando. Ela abriu minha camisa devagar, um botão após o outro, e ela cedeu sob aqueles dedos elegantes. Ela descansou a palma da mão contra o meu peito, sobre o meu coração. — Existe algo aqui capaz de amar?

Meu peito se contraiu. — O que quer que esteja aí, é seu. Qualquer amor que eu seja capaz, é seu também.

Ela segurou meu rosto, seus olhos ferozes, quase brutais em sua intensidade. — Você está além da redenção, Remo, — ela sussurrou, e eu sorri amargamente porque eu sabia disso.

Ela balançou a cabeça. — Mas eu também estou, porque mesmo livre para fazer o que quiser, escolho você. Não sou um anjo. Um anjo não amaria um homem como você, mas eu amo. Eu te amo. — E ela me beijou asperamente, brutalmente, toda raiva e amor, e eu a beijei de volta com o mesmo amor, a mesma raiva.

Essa mulher roubou meu coração negro. Desde o primeiro momento em que a vi, quis possuí-la. A princípio, para destruir a Outfit e Dante, mais tarde, porque se tornou uma necessidade irresistível, um desejo voraz. E no final, Serafina era quem me possuía, coração negro, alma condenada, corpo marcado.

Cada parte de mim era dela, e se ela me deixasse, eu seria dela até o meu último dia.

SERAFINA

Meu coração queimava com emoções. Ferozmente. Remo havia declarado seu amor por mim. Algo que eu nunca considerei uma possibilidade.

Este homem cruel possuía meu coração, e eu não queria de outra maneira.

O beijo de Remo foi violento, duro. Então ele se afastou. — Case comigo.

Eu congelei. Era uma ordem. Remo não era um homem que pedia algo. Me inclinei contra a parede lentamente, procurando em seus olhos.

Ele não me deixou recuar. Ele me beijou novamente, mas gentil. — Case comigo, *Angel*.

Ainda não era uma pergunta, mas sua voz não era mais dominante. Era macia, atraente, crua. — Tornar-me uma Falcone? — Murmurei contra seus lábios.

— Torne-se uma Falcone. Torne-se minha.

Eu sorri. — Eu tenho sido sua por um longo tempo.

— Isso é um sim? — Ele perguntou, sua mão deslizando sobre a minha coxa, acariciando, distraindo-me.

— Sim, — eu sussurrei.

— Serafina Falcone, — ele murmurou. — Eu gosto do som disso.

Eu sorri porque esse nome parecia certo, mais certo do que Mancini já foi.

Isso era amor? Isso era loucura? Eu não me importava. Era perfeito de qualquer maneira.

Capítulo Trinta e Um

SERAFINA

Eu estava inexplicavelmente nervosa quando Remo me disse que queria anunciar nosso casamento a seus irmãos e Kiara no dia seguinte. Todos nos reunimos na cozinha para o café da manhã, Nevio no colo de Kiara e Greta no meu.

— Teremos um novo casamento pela frente, — disse Remo sem aviso prévio.

Cada par de olhos disparou dele para mim. Minhas bochechas coraram. Eu não tinha certeza do que Savio e Nino pensavam da situação. Adamo e Kiara gostavam de mim, mas os outros dois...

— Nos permitirão sequestrar alguém? Ou pelo menos derramar sangue? Já que você provou a mercadoria antes, lençóis ensanguentados não acontecerão afinal de contas, — Savio falou, sorrindo.

Remo esticou o braço sobre a mesa e bateu na cabeça dele. Savio apenas riu.

— Cuidado para não derramar o seu sangue.

Adamo sorriu para mim e depois revirou os olhos para Savio.

Kiara se levantou, entregando Nevio para Remo para que ela pudesse me abraçar. — Estou tão feliz.

Savio e Nino definitivamente não pareciam infelizes, mas a reação deles não foi tão entusiasmada quanto à de Kiara ou Adamo, não que eu esperasse que fosse.

Quando Savio se levantou para atender uma chamada, eu o segui, mas esperei até que ele terminasse, antes de me aproximar dele. Ele me olhou curiosamente quando me notou. Ele não parecia mais um adolescente, especialmente agora que estava com barba por fazer.

— Estamos bem? — Perguntei.

— Se você está falando sobre o incidente da sopa, isso foi esquecido. Acredite em mim, a maioria das pessoas quer fazer coisas piores comigo, especialmente às mulheres, então aprendi a não guardar rancor. — Ele deu de ombros. — E fomos os únicos a te segurar em cativeiro, então você tem mais motivos para ficar chateada.

— Verdade. Mas minha família raptou seu irmão mais novo e quase matou o mais velho, então acho que estamos quites?

A expressão de Savio endureceu brevemente a menção da minha família e meu próprio estômago revirou dolorosamente. — Você faz parte da nossa família agora. Eu não dou a mínima para o passado. Apenas certifique-se de não quebrar o maldito coração de Remo.

— Você acha que é uma possibilidade? — Eu provoquei.

Suas sobrancelhas escuras se uniram. — Antes de você, eu apostaria minhas bolas contra isso. Para ser honesto, eu não tinha certeza se Remo tinha algo parecido com um coração.

— Ele te ama.

Savio desviou o olhar, obviamente desconfortável. — Nós somos irmãos. Morreremos um pelo outro.

Eu sorri.

— Devemos voltar — murmurou Savio. — Eu não quero que Remo pense que estamos jogando sujo pelas costas dele.

Eu bufei. — Desculpe, Savio, nada contra você, mas você não tem chance.

Sávio me deu um sorriso arrogante. — Você gosta do que vê, admita. — Ele voltou para a cozinha antes que eu pudesse atirar em algo de volta. Mas por alguma razão, seu ego insuportável era quase cativante. Isso me lembrou um pouco de Samuel, o que era consolador e doloroso ao mesmo tempo.

Depois da minha conversa com Savio, senti-me melhor. Agora eu só precisava acertar as coisas com Nino. Ele e eu nunca tínhamos realmente simpatizado um com o outro, e eu não tinha certeza se era porque Nino não

gostava de mim ou se era por causa de sua natureza.

Remo se inclinou quando me sentei ao lado dele. — Ele se comportou?

Savio revirou os olhos para o irmão.

— Ele tentou, — eu disse.

— Isso é tudo que posso esperar. Talvez eles testem a sua paciência como fazem com a minha.

— Criar gêmeos ensina a ter a paciência de um santo. Eu duvido que seus irmãos possam me testar.

— Vamos ver, — disse Savio com uma risada. — E não prenda a respiração. Remo não alcançará a santidade tão cedo.

— Eu não quero que ele seja um santo, — eu disse, olhando para Nevio e Remo, ambos me observando com aqueles olhos incrivelmente escuros.



Depois do café da manhã, perguntei a Nino se poderíamos conversar. Nós nos dirigimos para o jardim, apesar da expressão desconfiada de Remo.

— Você desaprova nosso casamento?

Nino me avaliou sem um piscar de emoção. — Não. Eu nunca considerei casamento uma opção para Remo, mas isso não significa que eu não acho que seja uma coisa boa. Foi para mim, apesar da minha relutância em relação ao casamento.

Eu balancei a cabeça. — Você nunca pareceu gostar muito de mim.

— Nunca foi uma questão de antipatia, Serafina. Você era nossa prisioneira, o inimigo, e eu não queria que Remo se perdesse em seu jogo. Eu achei que não funcionaria. Mas eu estava errado. Você o salvou.

— Eu não podia deixar minha família matá-lo.

Nino sacudiu a cabeça. — Não é isso que eu quero dizer.

Eu esperei, observando o perfil de Nino enquanto ele olhava para longe.

— Remo e eu somos confusos de uma forma que não pode ser consertado, não realmente. Para alguém nos aceitar, apesar do que somos, é preciso muito perdão e amor. Nosso passado... quebrou certas partes de nós.

— Remo nunca fala sobre o passado.

Nino assentiu. — Ele vai te contar eventualmente. Dê-lhe tempo.

— Nós temos toda a nossa vida.

REMO

Segurei Serafina em meus braços depois do sexo, meu peito pressionado contra suas costas, meu nariz enterrado em seu cabelo macio, saboreando seu aroma doce. Ela traçava as cicatrizes na minha palma. Ela fazia isso com frequência. No começo, havia me incomodado porque era uma parte de mim que eu não compartilhava com ninguém exceto Nino.

— Eu tinha nove anos, — comecei, então parei porque, mesmo com Nino, nunca havia discutido o que tinha acontecido. As palavras sempre pareciam carentes de transmitir nossos horrores compartilhados. O cheiro de sangue encheu meu nariz como sempre acontecia quando me lembrava daquele dia. Logo o cheiro de tecido e pele queimando se juntou ao odor metálico.

Os dedos de Serafina na minha mão pararam. — Eu te amo independentemente de qualquer coisa. Já ouvi falar de todos os horrores que você cometeu e eu ainda estou aqui.

Ela estava. Eu podia imaginar que tipos de histórias eram sussurradas na Outfit e eram todas verdadeiras. E Serafina tinha experimentado uma pequena parte de nossa natureza quando a capturei, quando a cortei. Olhando para a cicatriz branca desbotada, eu ainda sentia uma pontada no meu peito. Eu escovei o cabelo dela para o lado e beijei sua nuca. Que ela encontrou espaço em seu coração para me amar apesar de tudo, que ela confiava em mim com nossos

filhos, parecia impossível.

— Eu sei o que sou. Mas meu pai, ele era monstruoso de um jeito diferente. Ele gostava de torturar as pessoas que deveria proteger, tanto quanto seus inimigos, talvez até mais. Minha mãe o amava e temia igualmente, e ela permitiu que ele a humilhasse e torturasse por causa disso. Permitiu que ele fizesse o mesmo conosco. O amor a deixou fraca.

Serafina deu uma pequena sacudida de cabeça. — O verdadeiro amor não te deixa fraco. O amor como deve ser te faz mais forte. Mas não há espaço para o medo onde há amor.

Eu apertei meu abraço ao redor dela. — Você não tem medo de mim?

— Eu costumava, mas não mais e nunca mais.

Eu descansei minha testa contra o cabelo dela. Muito poucas pessoas não me temiam. Meus irmãos e talvez Kiara, e isso era o que eu queria, no que eu trabalhava. — Eventualmente, ela odiava meu pai mais do que o amava, e decidiu puni-lo da única maneira que achava que podia.

Fechei meus olhos, lembrando-me daquele dia.

Mamãe entrou no meu quarto com sua longa camisola, que estava esticando sua barriga. Ela nunca nos colocou para a cama ou desejou boa noite, então eu fiquei tenso quando a vi na porta. Habituei-me a preparar a mim e meus irmãos para dormir enquanto ela ficava deitada no sofá, olhando para o nada.

— Remo, meu filho, você pode vir comigo?

Estreitei meus olhos. Ela parecia muito carinhosa, muito amorosa. Meu filho? Ela parecia uma mãe. Ela sorriu e eu dei um passo hesitante para frente, mais esperançoso do que suspeito.

— Nino e Savio já estão no meu quarto.

Isso me convenceu. Eu a segui em direção ao seu quarto. Por um segundo, considerei deslizar minha mão na dela, mas ela nunca segurou minha mão assim e eu estava muito velho agora. No momento em que entrei no quarto, ela fechou a porta e nos trancou. Meus olhos registraram Nino ajoelhado no chão,

segurando o braço dele. Tudo estava vermelho. Riachos de vermelho desciam por seus braços, seus pulsos escancarados. Seus olhos encontraram os meus. Ele não estava fazendo um som, apenas chorando enquanto sangrava. Sangue. Por toda parte. Isso entupiu meu nariz.

Eu procurei freneticamente por Savio e o encontrei imóvel na cama. Um grito encravou na minha garganta até que notei a subida e descida de seu peito. Não morto.

A mãe deu um passo à minha frente e segurou meu braço. Prata brilhou diante dos meus olhos e eu empurrei. Minhas mãos e rosto queimaram quando a lâmina me cortou. Eu bati e arranhei e rugi, lutando contra ela. E então ela parou e o cheiro de fumaça encheu o quarto. As cortinas estavam queimando. Nós queimaríamos. Nós todos queimaríamos. Nino começou a cantarolar, balançando para frente e para trás, pálido e suado.

Eu corri para a janela. Lá fora eu ouvi os gritos dos homens do meu pai. Rasguei as cortinas e as chamas lamberam minhas palmas, pescoço e braços, agarrando avidamente minha pele. Eu gritei quando quebrei a janela. Eu ajudei Nino a sair, em seguida, peguei Savio e pulei para fora da janela com ele em meus braços. Ossos quebraram e eu queimei todo. Agonia, pura e esmagadora. Olhando para a janela, vi o rosto desesperado de nossa mãe chorando em meio à fumaça e as chamas. Chorando porque eu tinha tirado sua vingança, porque não tinha morrido com meus irmãos como deveríamos. Eu queria que ela queimasse, queria que ela sumisse da nossa vida. Eu a queria morta.

Serafina ficou quieta quando terminei. Ela engoliu em seco. — Como uma mãe pode fazer isso com seus filhos? Eu morreria por Greta e Nevio. Eu nunca os machucaria. E se você alguma vez os machucar, Remo, eu mato você. Isso é uma promessa.

— Espero que você mate, porque se eu machucar, não mereço nada menos que uma faca na porra do coração.

Serafina se virou em meus braços, seus olhos azuis ferozes e confiantes. — Mas você nunca vai machucá-los. Eu sei que não vai e você protege as pessoas que ama.

Eu balancei a cabeça. — Eu não vou e ninguém mais também. — Eu

destruirei qualquer um que tentar.

Ela traçou a cicatriz na minha sobrancelha. — Eu sei que é errado, mas eu gostaria de ter matado sua mãe pelo que ela fez com você.

Meu peito se apertou. Eu não disse a ela que minha mãe ainda estava muito viva. Eu trouxe a mão de Serafina para o meu rosto e beijei sua palma, em seguida, a cicatriz que eu havia criado. — Eu não vou permitir que você seja arrastada para baixo na minha escuridão.

Eu ia matar minha mãe um dia.

Um dia, Nino e eu seríamos fortes o suficiente para fazer isso.

— Isso não é sua escolha.

— Eu domino centenas de homens. Eu posso ser muito convincente se tentar.

Ela deu um sorriso lento e feroz. — Acredite em mim, eu sei. Você me convenceu a me apaixonar pelo meu captor. Mas eu posso ser muito teimosa.

Eu a puxei para mais perto. — Isso é verdade. Você quase me deixou de joelhos.

Ela levantou uma sobrancelha loira perfeita. — Quase?

— Você me teve deitado no meu próprio sangue aos seus pés, não é o suficiente? — Eu perguntei em voz baixa.

— Não faça isso nunca mais.

— Eu não vou. O próximo sangue que vou derramar não será o meu.

A realização cintilou em seus olhos. Ela suspirou e depois me beijou. — Você jurou não matar minha família.

— Angel, eu jurei não matá-los naquele dia. Os homens da sua família são membros do alto escalão da Outfit. Seu tio é Dante fodido Cavallaro. Se eu quiser ganhar esta guerra, eu vou ter que matá-lo, e vou vencer essa guerra fodida. Porque se não for eu, Cavallaro vai e isso significa que Nevio e Greta, você, meus irmãos... não estarão seguros. E eu não me importo com quantos

terei que matar para garantir sua segurança. Vou matar todos que ameacem as pessoas sob minha proteção. — Toquei sua garganta, acariciando a pele macia ali. — Você não pode ter tudo. Você tem que fazer uma escolha.

Ela balançou a cabeça. — Eu fiz a minha escolha, Remo. Eu escolhi você e escolherei você de novo e de novo.

Porra. Eu não merecia essa mulher.

SERAFINA

Nós morávamos em Las Vegas há dois meses. Eu estava começando a me sentir em casa, mais em casa do que em Minneapolis desde que eu dera à luz aos meus gêmeos. Eu continuei enviando mensagens a Samuel, mas elas se tornaram menos frequentes por causa de sua falta de reação. Toda semana eu lhe enviava uma pequena nota dizendo que eu estava bem e uma foto dos gêmeos e de mim. Ele não havia respondido até agora, mas eu sabia que ele os lia e até mesmo isso foi uma pequena vitória. Ele não me bloqueara. Ele ainda queria saber como eu estava, embora eu fosse praticamente o inimigo agora. A guerra entre a Camorra e a Outfit não terminaria tão cedo, mesmo que as coisas estivessem calmas no momento. Dante provavelmente estava planejando algo, e eu estava bastante certa de que Nino e Remo não iriam se acalmar com a Outfit também.

O aniversário de Remo era amanhã e, mesmo que ele não o celebrasse, eu queria lhe dar algo especial. Era difícil encontrar um presente para alguém que governava a Costa Oeste e podia comprar qualquer coisa que ele quisesse porque o dinheiro não era um problema.

Demorei muito tempo para descobrir algo que tivesse significado e mostrasse a Remo o que ele significava para mim. No início da manhã, depois de mais uma noite sem dormir com os gêmeos, eu me aproximei de Nino, que estava nadando suas costumeiras voltas na piscina. Kiara estava vigiando os bebês, já que ambos estavam bastante agitados no momento devido a sua dentição.

Nino percebeu que eu estava ao lado da piscina e nadou até a borda. — É algo importante?

— Eu tenho um favor para lhe pedir.

Nino saiu da água. Meus olhos examinaram a miríade de tatuagens na parte superior do seu corpo e coxas. Nino me olhou com curiosidade e percebi que estava olhando. — Desculpa. Eu não queria ficar de boca aberta, mas fiquei me perguntando onde você fez suas tatuagens.

Nino foi até a espreguiçadeira e pegou a toalha. — Algumas delas eu fiz por mim mesmo. Aquelas em lugares que não consigo alcançar, eu fiz em um estúdio de tatuagem não muito longe.

— Você faz tatuagens?

— Eu posso fazê-las, sim, — disse ele. — Por quê?

Eu hesitei. — Porque eu quero fazer uma tatuagem. Você pode fazer isso para mim?

— Depende exatamente do que você quer.

— Eu quero asas de anjo na parte de trás do meu pescoço, — eu disse, um rubor se espalhando nas minhas bochechas sob o escrutínio de Nino. Eu não tinha certeza se ele sabia o apelido de Remo para mim, mas parecia que eu estava compartilhando algo pessoal.

— Asas, eu posso fazer... se você tiver um desenho em mente. Você pode me mostrar onde exatamente quer a tatuagem?

Ele veio até mim e eu empurrei meu cabelo para o lado, mostrando minha nuca e tocando o local. — Aqui.

— Será doloroso, — alertou Nino.

Eu enviei-lhe um olhar. — Eu dei à luz a gêmeos. Eu acho que posso aguentar uma agulha.

Nino inclinou a cabeça. — Isso é verdade. Embora não possa avaliar a força da dor do parto desde que nunca a experimentei, presumo que seja excruciante.

— É, — eu disse. — Então você vai fazer isso?

— Se é o seu desejo, então sim. Quando?

— O mais cedo possível. A tatuagem é o presente de aniversário de Remo.

Mais uma vez, Nino me deu um olhar levemente curioso. — Podemos fazer isso no final da tarde. Posso arrumar tudo em um dos quartos.

— Obrigada, — eu disse.

— Agradeça-me uma vez que esteja feita e você fique feliz com o resultado. — Ele fez uma pausa. — Eu suponho que você não quer que Remo descubra por enquanto.

Eu balancei a cabeça. — Se possível.

— É um segredo que não me importo em manter do meu irmão.



Como prometido, Nino preparou tudo em um quarto de hóspedes em sua ala. Eu estava nervosa apesar das minhas melhores intenções de não estar.

Nino escorria calma enquanto eu me esticava de bruços na cama. Ele desinfetou meu pescoço antes de tocar a agulha de tatuagem na pele, e eu estremeci com a primeira picada. Logo me acostumei com a sensação de queimação. Nino se movia rapidamente, meticulosamente, e eu não falei enquanto ele trabalhava, não querendo distraí-lo. Quando ele finalmente terminou, sentei-me e aceitei o espelho que Nino me ofereceu. Ele segurou um segundo espelho atrás do meu pescoço.

O resultado foi mais impressionante do que eu poderia imaginar. Eu não sabia que era possível pintar uma obra de arte tão complexa com uma agulha. As penas das asas pareciam tão reais que eu esperava que elas se agitassem ao vento.

— É lindo, — eu admiti.

Nino assentiu. — Remo vai apreciar a mensagem.

— Você sabe que ele me chama de Angel?

— Eu o ouvi dizendo isso, sim, e você é a contrapartida do anjo caído em suas costas.

— Você tatuou também?

— Sim, — Nino murmurou.

— Por que as asas quebradas e chamuscadas? O anjo caído está ajoelhado e as pontas das penas estão tortas e queimando.

Nino me olhou de perto. — O que Remo lhe contou sobre o nosso passado?

— Ele me disse que sua mãe tentou matá-lo e que você quase queimou até a morte.

O rosto de Nino se apertou e ele assentiu. — Remo se queimou para nos salvar. Eu nunca perguntei a Remo sobre os detalhes do porquê ele queria fazer a tatuagem, mas acho que tem algo a ver com aquele dia.

— Obrigada, Nino.

Nino deu uma pequena sacudida de cabeça. — Não precisa agradecer.



Esconder minha tatuagem de Remo se mostrou difícil. Eu tinha coberto com o meu cabelo, mas quando movia minha cabeça, muitas vezes tive que me impedir de estremecer.

Naquela noite, depois de levar os gêmeos para a cama, Remo me puxou contra ele em nosso quarto, suas mãos apertando minha bunda antes que se movessem mais para cima. Ele me beijou e tocou meu pescoço. Eu recuei com um estremecimento antes que pudesse me impedir. Seus olhos se estreitaram.

— O que há de errado?

Eu considerei inventar alguma coisa, mas Remo era muito bom em

detectar mentiras, e faltava apenas duas horas para o seu aniversário. — Este deveria ser seu presente de aniversário, — eu disse suavemente quando levantei meu cabelo e me virei para que ele pudesse ver meu pescoço.

Remo estava quieto e eu arrisquei um olhar para ele por cima do meu ombro.

Lentamente ele levantou os olhos das minhas asas com um sorriso estranho. — Asas.

Eu sorri. — Porque você me deu asas.

Ele balançou a cabeça, seus olhos escuros se suavizando. — Angel, — ele disse baixinho, roçando os dedos sobre a minha pele macia. — Você tinha asas o tempo todo. Você só precisava de um pequeno empurrão para espalhá-las e voar.

Eu me virei para encará-lo. — Talvez, mas eu não teria feito isso sozinha.

Nós nos beijamos devagar no começo, mas Remo rapidamente aprofundou nosso beijo, e de repente estávamos na cama puxando nossas roupas e acariciando cada centímetro de pele nua que poderíamos alcançar. Empurrei Remo de costas, sorrindo, e seu sorriso de resposta, todo desejo e dominação, enviou uma pontada de excitação através de mim. Inclinando-me para reivindicar sua boca em um beijo, eu me abaixei em sua ereção, gemendo com a sensação de plenitude. Remo levantou-se em uma posição sentada, trazendo-nos peito a peito, batimentos cardíacos acelerados a batimentos cardíacos acelerados. Eu engasguei com a mudança dele dentro de mim, com a sensação de sua força enquanto seus braços pendiam nas minhas costas. Eu rolei meus quadris, dirigindo-o profundamente em mim enquanto nos beijávamos.

Mantivemos o olhar um do outro como sempre fizemos, e os olhos escuros me cativaram como haviam feito desde o começo. Tão frequentemente cruéis e impiedosos, mas apaixonados e reverentes quando descansavam em mim, carinhosos e cuidadosos quando observavam nossos gêmeos.

Quando nós dois encontramos a nossa libertação, ficamos envolvidos um no outro assim, nossa respiração irregular, corpos escorregadios de suor. Passei as pontas dos dedos pelas costas de Remo, traçando o local onde as asas de seu anjo caído se espalhavam. Ele arrastou as pontas dos dedos para cima, ao longo da minha espinha até chegar à minha nova tatuagem. Estremeci ligeiramente e o

toque de Remo ficou ainda mais suave. Meu coração estava pronto para sair da minha caixa torácica pelo brilho em seus olhos.

Remo examinou minha expressão, as sobrancelhas se unindo.

Suspirei. — Desculpa. Desde a minha gravidez eu estou mais emocional. Espero que desapareça em breve. — Limpei a garganta e descansei a palma da mão sobre sua omoplata. — Qual é o significado da sua tatuagem? Você sabe por que eu fiz a minha, mas me pergunto por que você fez a sua.

Uma sugestão de cautela brilhou nos olhos de Remo, as paredes que ele costumava manter erguidas querendo voltar para o seu lugar. — Nino fez isso. Cerca de sete anos atrás.

Eu balancei a cabeça para mostrar a ele que eu estava ouvindo.

— É um anjo caído, como você disse. Representa a queda que Nino e eu tivemos no dia em que nossa mãe tentou nos matar.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Queda? Você salvou seus irmãos. Como isso é uma queda?

A expressão de Remo era sombria e retorcida, os olhos distantes, assombrados, zangados. — Até aquele dia, Nino e eu éramos inocentes. Depois disso, deixamos de ser. Nós já tínhamos experimentado nosso quinhão de violência do nosso pai, mas isso nunca nos afetou como naquele dia. As chamas daquele dia queimaram nossas asas e nossa queda na escuridão começou. Nos tornamos quem somos hoje. É por isso que o anjo caído está ajoelhado em poças de sangue.

Eu tinha notado que o anjo caído se ajoelhava em poças de algum tipo de líquido, que algumas de suas penas chamuscadas mergulhavam nele, mas eu não tinha percebido que era sangue. Por um momento não tive certeza do que dizer, como consolar Remo. Poderia as palavras ser suficientes para tornar os horrores de seu passado melhor?

— Sinto muito, — eu disse baixinho.

O olhar de Remo se concentrou em mim, afastou as imagens do passado. — Não é você que deveria se desculpar. E eu não vou perdoá-la, não

importa quantas vezes ela se desculpe. Não que ela tenha feito isso.

Eu congelei. — Sua mãe não morreu naquele dia?

— Não. Mesmo que eu a quisesse morta, estou feliz que ela tenha sobrevivido naquele dia ou Adamo não estaria aqui. Ela estava grávida dele.

Eu balancei a cabeça, completamente perdida sobre o que a mãe de Remo tinha feito. — Onde ela está?

— Em uma instituição mental. — A voz de Remo mergulhou e virou viciosa. — Estamos pagando por isso para que ela possa viver e respirar e existir, quando ela não deveria estar fazendo nada disso.

— Por que você não a matou? — Com qualquer outra pessoa, eu nunca teria perguntado algo assim, mas este era Remo. Matar estava em sua natureza, e suas palavras deixaram claro que ele odiava sua mãe.

Remo pressionou a boca na curva do meu pescoço. — Porque, — ele rosnou. — Por algum motivo bagunçado, Nino e eu somos fracos demais para matá-la. Nós não a vemos há mais de cinco anos...

— Savio e Adamo sabem o que aconteceu?

— Savio já sabe há algum tempo. E conversamos com Adamo alguns meses depois de ele ter sido iniciado.

Eu acariciava o pescoço de Remo. — Você já pensou em visitá-la novamente para tentar encontrar o fechamento?

Remo olhou para cima, sua expressão dura. — Não haverá nenhum fechamento até que ela esteja morta. Eu não quero desperdiçar outro segundo da minha vida com ela. Ela já está morta para mim. Você e Greta e Nevio são o que importa agora. Meus irmãos são o que importam. É isso aí.

Eu o beijei para mostrar a ele que eu entendia. Eu não achei que fosse tão fácil assim. Sua mãe ainda dominava parte de sua existência, mas eu respeitava que Remo não estivesse pronto para buscar uma solução agora. Eu não tinha direito de me intrometer. Ele e seus irmãos teriam que encarar a mãe um dia, e talvez eles pudessem passar por seus demônios.

Tudo o que eu podia fazer era mostrar a Remo um futuro melhor. Um

futuro com uma família que o amava. Ele sempre teve apenas seus irmãos, mas agora ele também nos tinha.

Capítulo Trinta e Dois

REMO

Serafina, Leona e Kiara estavam ocupadas na cozinha, fazendo bolos de aniversário para os gêmeos cujo primeiro aniversário era hoje. Já estava perto do meio dia. Eu duvidava que elas preparassem o bolo a tempo para a tarde, mas não disse nada.

— Parece um desperdício de esforço criar bolos elaborados na forma de um unicórnio e um carro quando o único propósito deles é ser comido, — Nino comentou quando saímos da cozinha para dar às mulheres seu espaço. Elas haviam encontrado imagens de bolos complicados na Internet e estavam determinadas a recriá-las para Greta e Nevio.

— Eu não dou à mínima, mas Serafina está tão animada com os bolos, então acho que vale a pena o trabalho. Eu duvido que as crianças se importem muito. Eles só vão esmagar suas mãos no bolo e se empanturrar, — eu disse, olhando para Greta, que eu embalava na dobra do meu braço. Ela se sentia completamente confortável na minha presença agora, e parecia um dos maiores triunfos da minha vida ter seus grandes olhos negros olhando para mim com confiança. E pela minha porra de honra e tudo mais que importava, eu nunca faria nada para trair essa confiança. Quando ela era cautelosa comigo no começo, parecia uma punhalada no coração. Eu sempre saboreei o medo nos olhos dos outros, com exceção dos meus irmãos, mas com meus filhos e Serafina, nunca mais queria vê-lo novamente.

— Eu nunca considerei casamento uma opção para nós dois, — disse Nino pensativo quando paramos ao lado da piscina.

— Eu nunca pensei que encontraria uma mulher que não gostaria de matar depois de algumas horas.

Greta me deu um sorriso cheio de dentes e eu acariciei seu cabelo para trás. Tinha ficado comprido e ligeiramente ondulado como o cabelo de Adamo.

— Hmm, *mia cara*, pronta para o seu primeiro mergulho?

Nevio estava aninhado no braço de Nino e, como de costume, as mãos agarradas nas tatuagens coloridas. Eu já podia adivinhar o que ele iria fazer quando fosse mais velho.

Fabiano já estava descansando no flutuador de flamingo rosa que Savio usava antes de eu ter banido qualquer tipo de putaria na mansão. Eu revirei meus olhos para ele. — Essa é uma visão perturbadora.

Fabiano deu de ombros. — É confortável.

Savio e Adamo estavam jogando bola perto da cachoeira na piscina e brigando como de costume.

Era o primeiro mergulho dos bebês, uma vez que não tínhamos piscina aquecida antes e só a instalamos agora que os bebês faziam parte da nossa família. Nino entrou lentamente na piscina com Nevio.

Nevio soltou um grito, sorrindo para mim. Meu maldito coração inchou de orgulho. Esse menino não temia nada. Às vezes quase me preocupava o quanto ele era parecido comigo. Ele se meteria em problemas assim que pudesse andar melhor.

Nino andou até Fabiano no flutuador, e Nevio agitou as mãos, querendo montar no flamingo com Fabiano. Fabiano ergueu os olhos para os meus, pedindo permissão. Eu assenti, torcendo meu antebraço com a tatuagem. Entre nós significava mais do que apenas um juramento à Camorra, mais do que ser um homem feito. No dia em que Fabiano havia jurado por mim, pela Camorra, ele se tornara família e eu confiava nele com meus filhos. Eu nunca lhe disse, mas entendia porque ele tinha agido daquele jeito quando tentei separar Leona e ele. Ele queria protegê-la, queria proteger alguém que pudesse ver além da escuridão, que o amava apesar de tudo.

Serafina mudou meu ponto de vista sobre as coisas e, se fosse da minha natureza, eu poderia ter me desculpado com Fabiano pelo modo como agira.

Fabiano estendeu os braços, e Nino entregou-lhe Nevio, que chutou alegremente com as pernas até se sentar na frente da boia, segurando o pescoço do flamingo.

— Eu espero que você tenha feito uma boa limpeza nessa coisa, — eu

gritei para Savio, que me deu o dedo.

Desci os degraus da piscina. No momento em que os pés de Greta tocaram a água, seu rosto se contorceu, mas eu fiz um som baixo e suave e ela relaxou. Deslocando-a para que a cabeça dela estivesse nivelada com a minha, eu afundei ainda mais na água quente. Greta me segurou, olhando a água criticamente. Depois de um tempo ela sorriu e bateu na água com a palma da mão. Fui até o flutuador de flamingo, mas Greta me apertou quando tentei colocá-la sobre ele.

Nevio balbuciou, suas pequenas pernas se mexendo enquanto Fabiano o segurava pela cintura. Ambos Greta e Nevio eram ótimos em balbuciar, mas os dois não diziam nenhuma palavra, exceto por 'mamãe', e enquanto Nevio já estava dando seus primeiros passos, Greta apenas rastejava. Ela era uma criança cautelosa e me lembrou muito de Nino.

Nevio sorriu para mim, apertando o pescoço do flamingo antes de estender os braços com as mãos abertas. — Pai. Paaai.

Por um momento, eu congelei, minha expressão tranquila. Fabiano sorriu e Nino apertou meu ombro. Eu passei meu braço em torno de Nevio e o pressionei contra o meu peito. Greta pressionou a palma da mão molhada contra a bochecha de Nevio, rindo. Eu andei pela água com os dois, mergulhando mais fundo, fazendo-os gritar de alegria.

Serafina veio em nossa direção em um biquíni branco de tirar o fôlego e sexy, Kiara e Leona logo atrás dela.

Ela se abaixou na beira da piscina.

— Mãe! — Greta gritou, e eu entreguei nossa filha para Serafina. Fiquei por perto e toquei a coxa de Serafina. Ela ergueu as sobrancelhas. — Algum problema? Você está com uma expressão estranha.

— Nevio disse papai, — eu disse a ela.

Ela se inclinou e me beijou, sua expressão tão cheia de felicidade que encheu meu coração cruel de calor.

— Papai, — Nevio confirmou, batendo na superfície com a palma da mão novamente e enviando água por toda parte.

Serafina balançou a cabeça com um sorriso suave enquanto deslizava na água com Greta pressionada contra o peito.

— Isso está perto da perfeição, — eu disse, indicando as pessoas reunidas em torno de nós. — Todo mundo que importa está aqui.

E eu protegeria todos eles com a minha vida.

Uma sombra passou pelo rosto de Serafina e ela desviou o olhar, piscando. Envolvi minha mão em seu pescoço, aproximando nossos rostos. Ela trancou os olhos com os meus. — Eu sei que você sente falta deles, especialmente seu irmão.

Ela assentiu. — Eu sinto, e gostaria que você pudesse conhecer Sofia e minha mãe. Eu gostaria que eles pudessem vê-lo como eu vejo.

Serafina me via de um jeito que a maioria das pessoas nunca faria porque eu nunca permitiria que fizessem isso. — Eu não posso te prometer paz. Não é uma decisão só minha, e há muito sangue ruim entre a Camorra e a Outfit. Não vou recuar, não quando Cavallaro foi o primeiro a invadir meu território.

Eu ainda queria me banhar no sangue de Cavallaro e sabia que ele compartilhava o sentimento. A paz nunca aconteceria.

— Eu sei e posso lidar com isso. Esta é minha nova família agora, e estou feliz que os bebês e eu estamos aqui onde pertencemos. — Ela fez uma pausa, suspirando. — Mas não posso deixar de sentir falta da minha família, especialmente de Samuel. Sempre fomos tão próximos e agora não tenho notícias dele há tanto tempo. É difícil.

Eu estava acostumado a controlar as coisas, acostumado com as coisas do meu jeito, mas isso era uma coisa que eu não podia mudar para ela. Eu não ia propor um acordo de paz para Cavallaro, mesmo que o ataque à Roger’s Arena tenha sido orquestrado por Scuderi, o ataque à nossa corrida no Kansas definitivamente não foi. Ele torturou meu irmão. Essa era outra coisa que eu não poderia esquecer facilmente. Eu queria que eles sangrassem. Pelo menos Dante fodido Cavallaro.

Greta riu novamente e Nevio a acompanhou. A expressão de Serafina se iluminou e ela sorriu para mim. Porra. Esse sorriso me pegou o tempo todo.

SERAFINA

Nevio era um pequeno redemoinho e só piorara desde que começara a andar. Era um dia antes ao nosso casamento e apenas quatro dias após o aniversário dos gêmeos, e Kiara estava ocupada com os últimos detalhes, mesmo que fosse um pequeno evento. Adamo estava no serviço de babá para Nevio, que consistia principalmente em correr atrás dele e garantir que ele não quebrasse o pescoço ou colocasse as mãos em algo que pudesse quebrar.

Toda vez que Adamo erguia Nevio em seus braços, ele começava a gritar em protesto. Dei a Adamo um sorriso compreensivo quando ele soltou um suspiro. — Eu posso assumir se você quiser?

Adamo sorriu timidamente. — Eu preciso de um tempo.

Rindo, eu peguei Nevio dele e o ergui no meu quadril apesar do protesto alto. — Mãe, não. Não, não, não!

— Eu estava tão ansioso para eles falarem, — disse Remo de seu lugar em um cobertor onde ele brincava com Greta enquanto tentava fazer o trabalho em seu iPad simultaneamente. — Mas Nevio gosta demais da palavra 'não' para o meu gosto.

Não, mamãe e papai eram as únicas palavras que Nevio dominava por enquanto.

— Não! — Nevio gritou.

Eu ri.

Remo sacudiu a cabeça. — Nevio, já chega.

Nevio franziu a testa, seus lábios se transformando em um beicinho. — Não?

A boca de Remo se contraiu.

— Se você ficar quieto, eu vou te colocar no chão, — eu disse. Nevio me olhou, então para Remo, obviamente inseguro se nossa oferta valia a pena.

Greta se aproximou de Remo e ele olhou de volta para ela. Ela apoiou as mãos nas pernas dele e lentamente empurrou para cima, a bunda dela levantou, então ela tropeçou em seus pés. Remo estendeu a mão e ela envolveu a mãozinha em torno do dedo indicador e os outros dedos de Remo cobriram os dela, firmando-a e meus olhos começaram a lacrimejar.

— Bom, — Remo encorajou.

Ela olhou para ele, surpresa e ainda um pouco insegura.

Ela deu um passo hesitante e ele sorriu. — Muito bom, *mia cara*. — Seu sorriso se alargou e ela deu alguns passos incertos e descoordenados e tropeçou nele. Ele ficou imóvel enquanto ela se agarrava à sua camisa e ao dedo, olhando para ele com absoluta confiança.

Eu coloquei Nevio no chão porque pude ver que ele queria se juntar a eles. No segundo em que seus minúsculos pés atingiram o chão, ele cambaleou em direção a Greta e seu pai. Remo também passou um braço ao redor dele.

Greta soltou a camisa de Remo e movimentou as mãozinhas quando quis colo. Ela ainda preferia ser carregada. Remo colocou uma mão sob o traseiro dela enquanto a outra a segurou por trás e a pressionou contra o peito dele. Ele estendeu a mão para Nevio. — Colo?

Nevio assentiu com a cabeça uma vez, e Remo se inclinou para levantá-lo também. Ele se endireitou com uma criança em cada quadril e deu um beijo no topo de suas cabeças. Seus olhos encontraram os meus e não me importei que ele visse minhas lágrimas. Hoje de bom grado as daria a ele.

Remo estava além da redenção aos olhos de muitos.

Ele era o homem mais cruel que eu conhecia.

Mas com cada átomo do meu corpo, eu sabia que ele nunca machucaria nossos filhos. Ele iria protegê-los. Eles eram Falcones. Eles eram dele. *Nossos.*

Nós dois morreríamos por eles, um pelo outro.

Amanhã eu me tornaria oficialmente uma Falcone, assim como meus

filhos. Eu sabia que todos nós carregaríamos o nome com orgulho.

Capítulo Trinta e Três

SERAFINA

O casamento estava marcado para o final da tarde. Eu escolhi um vestido estilo Boho sem pérolas ou um corpete. A parte de cima era costurada com um decote em V e a saia fluía livremente ao redor do meu corpo, tocando o chão em ondas suaves. Meu cabelo estava solto e caia em cachos indomáveis ao redor dos meus ombros.

Eu me permiti outro momento para observar meu reflexo. Este dia parecia muito diferente do dia do meu último casamento. Naquela época eu estava com medo do desconhecido, mas determinada a fazer o que era esperado de mim, contente em me casar com um homem que eu mal conhecia e definitivamente não estava apaixonada. Hoje eu estava absolutamente certa do meu amor pelo meu futuro marido. Remo segurou meu coração com força, e eu não queria de outra maneira.

O amor pode florescer no lugar mais escuro, e o nosso o fez descontroladamente, livremente, indomável.

Eu não achava que era possível sentir isso por alguém; ocasionalmente sonhava com isso ou, tolamente, esperava por isso, mas sabia que era um presente raro em nossos círculos.

Saí do nosso quarto e andei pelos corredores silenciosos da mansão, um lugar que se tornara meu lar e um refúgio seguro para Greta e Nevio. Falcone. Um nome que todos nós carregaríamos com orgulho. Um nome que nossos filhos sempre seriam capazes de falar de cabeça erguida.

Adamo esperava por mim na sala de jogos e sorriu quando me viu. As janelas francesas estavam abertas e uma suave brisa entrava, quente e reconfortante. Adamo vestia calça social e camisa branca e cortara o cabelo para domar seus cachos selvagens para a ocasião. Lágrimas surgiram nos meus olhos e meu peito se contraiu dolorosamente. Este deveria ser Samuel. Eu o queria ao meu lado em um dos momentos mais importantes da minha vida. Ele deveria me guiar pelo corredor. Sempre foi destinado a ser ele, mas ele não estava aqui.

Adamo estendeu a mão e eu coloquei a minha nela. Ele apertou. — Um dia sua família vai entender. Um dia haverá paz.

Eu olhei para ele, o seu sorriso gentil e seus olhos calorosos, depois abaixei meu olhar para a marca de queimadura em seu antebraço, os cortes curados. Ocasionalmente, eu ainda via o brilho assombrado em seus olhos e me perguntava se ele escondia o pior de sua luta de nós. Ele mal parava em casa. Tanta dor e sofrimento em nome da vingança e honra. — Você quer paz depois do que minha família lhe fez?

— Você vai se casar com o homem que te sequestrou.

Eu ri. Ele me pegou. Se alguém tivesse me dito no dia do meu quase casamento com Danilo que me tornaria uma Falcone, eu teria rido na sua cara. Tanta coisa mudou desde então. Eu mal conhecia a garota daquela época. Ela foi substituída por alguém mais forte.

Adamo puxou levemente minha mão e indicou os jardins. — Vamos. Estão todos esperando, e você sabe como é o Remo. Paciência não é o seu forte.

Não, não era, mas ele esperou por mim mais de uma vez.

Adamo me conduziu para fora da mansão e passou pela piscina em direção à pequena congregação no gramado.

Meus pés descalços tocaram a grama quente, e então avistei Remo no final do corredor sob um arco de madeira branca, e uma sensação de justiça me encheu. Rosas vermelho sangue percorriam o arco, contrastando lindamente com o branco. Kiara tinha organizado tudo com a ajuda de Leona.

Não era um grande banquete com centenas de convidados, a maioria dos quais sem importância nenhuma. Éramos só nós, os irmãos de Remo, Fabiano, Kiara, Leona e os gêmeos, e parecia perfeito assim. Ao não convidar cada subchefe da Camorra, Remo arriscou insultar muita gente, mas como sabíamos ele não dava a mínima e seus soldados provavelmente sabiam que não deveriam manifestar seu descontentamento caso sentissem isso.

Em sua calça escura, camisa preta e colete vermelho-sangue, Remo era um espetáculo para ser visto. Alto e moreno e brutalmente bonito. Seus olhos me queimaram de longe, e um canto de sua boca parou naquele sorriso torcido,

sempre à beira da escuridão, que aprendi a amar.

— Pronta? — Perguntou Adamo quando chegamos ao ponto inicial do longo corredor de pétalas brancas. Eu nem queria saber quanto tempo Kiara e Leona tinham gasto organizando-as em uma trilha, mas elas insistiram em fazê-lo.

— Sim, — eu poderia dizer sem dúvida, sem hesitação.

Todos se reuniram em ambos os lados do arco. Kiara segurava Greta em seus braços e Nino segurava Nevio. Eu mal podia esperar que eles fossem pais também. E então eu avistei uma cabeça loira ao lado, longe do resto, muito à margem, e minha garganta se apertou. Meu olhar se fechou com o de Samuel. Ele estava parado com as mãos enfiadas nos bolsos, sua expressão ilegível. Por um momento fiquei completamente imobilizada pelas minhas emoções. Pura alegria e um lampejo de preocupação, porque definitivamente não havia paz entre a Camorra e a Outfit. Afastei o último sentimento, concentrando-me no fato de que meu irmão gêmeo, meu Samuel, estava aqui em um dos dias mais importantes da minha vida.

Adamo e eu começamos a andar pelo corredor. Eu ainda queria que Sam fosse aquele andando ao meu lado, mas entendi por que ele não podia, porque seu orgulho não permitia que ele me entregasse para Remo.

Meu olhar se afastou de Samuel em direção ao homem que havia capturado meu coração com um abandono selvagem. Os olhos escuros de Remo seguraram os meus enquanto eu me dirigia para ele. Quando chegamos na frente, Greta me viu e me deu um enorme sorriso. Uma única pétala estava presa no canto de sua boca. Foi por isso que Kiara só comprou flores comestíveis. Ela era perfeita com crianças.

Meu coração transbordou de amor por todos eles. Nevio estava ao lado de Nino, ou melhor, segurando sua perna, mas percebi que ele estava ficando cansado de ficar parado. Ele logo percorreria os jardins com pernas instáveis.

Larguei Adamo e peguei a mão estendida de Remo. Sorrindo para Remo, eu sussurrei. — Como? Como você conseguiu que Samuel viesse? — Meus olhos dispararam para o meu irmão gêmeo por um momento, descrente, incrédula e tão incrivelmente feliz.

Eu olhei de volta para Remo, tentando conter minhas emoções.

Remo correu o polegar sobre as costas da minha mão, seus olhos escuros cheios de um calor que ele não dava a muitos.

— Jurei que ele estaria seguro se viesse. Eu usei o seu telefone para ligar para ele. Foi um processo difícil.

Engoli em seco. Eu podia imaginar quanto tempo e esforço havia custado para convencer Samuel a vir aqui, arriscar tanto. E eu sabia que Remo teve que deixar um pouco do orgulho de lado para dar um passo em direção ao meu irmão, o inimigo. Ele fez isso por mim. — Ele te torturou, quase te matou...

Remo apertou minha mão. — Eu fiz pior. Eu tirei você dele. Se eu fosse ele, também não me perdoaria.

— Obrigada por trazê-lo aqui, Remo. — Eu toquei seu peito, esperando que ele pudesse ver o quão ferozmente eu o amava.

— O que quer que esteja aí, é seu, — ele disse com um sorriso sombrio.

— E eu amo cada parte disso, *de você*, o bom, o ruim, a luz, a escuridão, até mesmo os cantos mais sombrios.

Os olhos de Remo brilharam com afeição feroz.

Nino fez a cerimônia desde que não queríamos nenhum estranho em volta no nosso dia especial. Ele conseguiu a licença para fazê-lo recentemente, o que não representa um grande problema em Las Vegas.

Mantivemos a cerimônia curta, deixando de lado um longo discurso tradicional antes de proferirmos nossos votos. Cada um de nós tinha escolhido anéis para o outro que ainda não tínhamos visto.

Eu peguei a mão de Remo e coloquei o anel. Era um anel de carboneto de tungstênio preto com uma incrustação em madeira de ébano. Remo ergueu as sobrancelhas, surpreso. — Carboneto é duas vezes mais forte que o aço, — eu sussurrei. — Porque você é o homem mais forte que eu conheço. — Eu sorri com o brilho de adoração em seus olhos. — E ébano porque a madeira é duradoura e porque você não só me deu raízes, mas também nossos filhos e seus irmãos.

O olhar no rosto de Remo deixou claro que eu tinha feito à escolha certa e o alívio me encheu. Ele pegou minha mão e colocou um anel na forma de duas asas entrelaçadas, uma pontilhada de diamantes brancos, a outra com pedras preciosas negras.

— A asa branca representa você, — disse Remo em voz baixa, inclinando-se mais perto para que só eu pudesse ouvi-lo. — Porque você é pura perfeição, meu *anjo*. E a asa com as safiras negras me representa, minha escuridão, que você consegue aceitar.

Remo me beijou, seus dedos tocando a tatuagem no meu pescoço.

— Você me libertou, — eu disse, minha voz cheia de emoção.

Ele balançou a cabeça e nossos lábios roçaram, seus olhos escuros e decididos. — Eu era o único que precisava ser libertado.

Eu o beijei ferozmente. Livre das algemas do seu passado. Quando nos afastamos, percebi que todos tinham dado alguns passos para nos dar privacidade. Meus olhos foram atraídos para Samuel cuja expressão era como pedra.

Eu precisava falar com ele, abraçá-lo. Remo apertou minha mão para me mostrar que estava tudo bem.

Eu fui até Samuel e Remo soltou minha mão, mas meus dedos se agarraram a ele, puxando-o junto.

— Angel, você teve um casamento arruinado. Você quer adicionar um sangrento à sua lista?

Eu olhei para ele. — Você não vai atacar meu irmão.

Seus olhos passaram por mim. — *Eu* não vou.

— E Samuel não vai atacar você também, — eu disse com firmeza.

Samuel permaneceu ereto, expressão dura enquanto observava Remo. Finalmente soltei a mão de Remo, e ele ficou alguns passos para trás enquanto eu preenchia a distância restante entre Sam e eu. Parei bem na frente do meu irmão gêmeo. Olhei para Samuel e ele baixou o olhar para o meu e, apesar de tudo o que eu fizera, tudo o que ele sabia, sua expressão suavizou-se

com amor e ternura.

Comecei a chorar porque não tinha percebido o quanto sentia falta dele, o quanto ansiava pelo perdão dele. — Você veio.

Passei meus braços em torno de sua cintura, e ele me abraçou de volta. — Eu faria qualquer coisa por você Fina, inclusive encarar os olhos do homem que quero matar mais do que qualquer coisa neste mundo. — Nós ficamos abraçados um ao outro por alguns momentos, tentando fazer cada segundo durar uma vida porque sabíamos que haveria poucas chances assim no futuro.

Eu me afastei, procurando em seus olhos azuis. — Eles não sabem que você está aqui.

— Ninguém sabe. Se eles soubessem... seria considerado traição. Estamos em guerra.

— Você está se arriscando muito por mim, — eu sussurrei.

— Eu não arrisquei o suficiente. É por isso que estamos aqui hoje. — Ele suspirou. — Eu recebi todas as suas mensagens. Eu as li e considerei responder tantas vezes, mas fui um idiota. Eu estava com raiva e magoado.

Eu toquei sua bochecha. — Me perdoe.

— Fina, eu te perdoaria de qualquer coisa. Mas ele... — Samuel indicou Remo —... nunca perdoarei por tirar você de nós, de mim. Nem em um milhão de anos.

Engoli. — Eu o amo. Ele é o pai dos meus filhos.

Samuel beijou minha testa. — É por isso que não vou colocar uma bala na sua cabeça hoje, mesmo que tenha pensado em fazer isso no caminho até aqui.

O amor de Samuel por mim o impediu de matar Remo, e o amor de Remo por mim o impediu de matar meu irmão gêmeo. Eu desejei que o amor deles também os fizesse ver além da rivalidade, passando pelo velho ódio. — Você vai estar seguro?

— Não se preocupe comigo, Fina. — Ele levantou o olhar para o homem atrás de mim. — Eu não tenho que perguntar se você estará segura porque os olhos dele me dizem tudo que preciso saber. Ele é um filho da puta assassino,

mas um bastardo que vai matar qualquer um que se atreva a olhar para você do jeito errado.

Olhei por cima do ombro para Remo, que estava nos observando abertamente. Ele parecia relaxado para alguém que não o conhecia muito bem, mas percebi a tensão sutil em seus músculos, a vigilância em seus olhos. Ele não confiava em Samuel. Mais abaixo ao lado do arco, Nino continuava lançando olhares de avaliação também. — Remo passará pelo fogo por mim e nossos filhos, — eu sussurrei.

Samuel assentiu. Eu poderia dizer que ele precisava ir. Ele estava cercado por seus inimigos, e mesmo que eu soubesse que ele estava seguro porque Remo o havia declarado como tal, ele se sentia desconfortável.

— Vou ver você de novo? Eu não posso te perder, Sam.

Samuel apoiou a testa na minha. — Você não vai me perder. Eu não sei como, mas vou tentar falar com você no telefone e responder às suas mensagens. Mas eu não posso vir aqui novamente. E você não pode ir para o território da Outfit.

— Obrigada por estar aqui.

Ele beijou minha testa novamente. Então, com outro olhar duro em direção a Remo, ele se afastou, de lado, nunca dando as costas completamente, porque não confiava na promessa de Remo. Quando ele finalmente desapareceu de vista, soltei um suspiro agudo. Uma felicidade agridoce me encheu.

Remo veio atrás de mim, seus braços envolvendo meu peito, me puxando contra ele. — Você vai vê-lo novamente. Ele não vai desistir de você. Ele é tão teimoso quanto você.

Eu dei a ele um olhar indignado. — Eu não sou teimosa.

— Claro que não. — Ele beijou minha omoplata, em seguida, mordeu levemente a dobra do meu pescoço, fazendo-me tremer de desejo. Eu mal podia esperar para ficar sozinha com ele.

REMO

Serafina estava praticamente tremendo de excitação enquanto eu a levava ao nosso quarto depois da festa de casamento. Ela era uma linda noiva, livre e indomável e radiante de felicidade. Ela era tudo o que deveria ser.

Quando chegamos ao nosso quarto, ela me empurrou contra a porta, fechando-a no processo. De pé na ponta dos pés, ela pressionou seu corpo contra o meu, seus dedos varrendo meu cabelo enquanto sua boca saboreava a minha. Porra. Eu encontrei sua língua com fome e necessidade enquanto minhas mãos seguravam seu traseiro através de seu vestido, apertando com força. Ela gemeu na minha boca, esfregando seus seios contra o meu peito. Uma de suas mãos deslizou pelo meu peito e fechou em meu pau, que já estava dolorosamente duro.

Eu balancei meus quadris, empurrando contra a palma da sua mão.

Agarrando a mão de Serafina, virei-nos, prendendo-a entre a porta e o meu corpo, o braço erguido acima da cabeça, pressionado contra a madeira. — Tão dominante, — ela brincou, e eu a silenciei com um beijo mais duro, empurrando contra ela para mostrar o que a esperava. Eu levantei sua saia longa. — Segure, Angel, — eu pedi.

Ela mordeu o lábio, sufocando um sorriso. Seus dedos se enrolaram sobre o tecido, e ela o segurou, revelando uma tanga de renda frágil.

Eu abaixei-me em um joelho, sorrindo sombriamente enquanto deslizava a fina peça de roupa por suas pernas, deixando sua boceta nua para mim. — Lembra-se da primeira vez que eu provei sua boceta?

Ela ampliou ligeiramente sua postura, fazendo um pequeno e impaciente movimento de balanço com a pélvis. — Como eu poderia esquecer? Foi a melhor coisa que eu já senti. — Sua voz estava pesada de excitação.

— Vou fazer ainda melhor hoje, — prometi.

— Por favor, Remo, apenas me prove já.

Eu prendi minha mão sob o joelho dela e a abri quando pressionei sua

perna contra a porta. Finalmente, me inclinei para frente e dei uma longa lambida. Recuando, eu murmurei. — Oh, Angel, você já está tão pronta para o meu pau.

Seus olhos se estreitaram. — Eu não me importo. Eu quero sua língua primeiro. Agora pare de falar.

Eu ri, ridiculamente excitado por seu desejo e autoritarismo. Empurrando dois dedos nela, comecei a chupar seu clitóris. Ela gritou, uma das mãos segurando minha cabeça enquanto eu alternava entre chupar seu cerne e seus lábios macios enquanto meus dedos a trabalhavam profundamente. Sua umidade e o cheiro inebriante de sua excitação me deixaram louco de desejo, meu pau quase em combustão. Eu só queria fodê-la, mas ela teria o que queria primeiro. Seus gemidos e choramingos se tornaram mais desesperados enquanto eu a levava próxima ao limite apenas para liberar seu clitóris e sugar o interior de sua coxa, meus dedos se acalmando.

— Remo, — disse ela, meio zangada, meio desesperada.

Eu fechei minha boca sobre o clitóris quando bati meus dedos nela, e Serafina se arqueou, gritando meu nome quando sua liberação sacudiu seu corpo. Eu continuei empurrando e sugando até que ela começou a tremer, oprimida pela sensação. Deslizando meus dedos para fora de seu canal, mergulhei minha língua, fazendo-a soltar outro gemido baixo. Eu me levantei, baixando minhas calças e batendo meus lábios contra os dela para que ela pudesse provar a si mesma. — Pronta para ser fodida agora? — Eu rosnei.

— Oh sim, — ela gemeu, suas bochechas de mármore coradas de desejo.

Eu a ergui contra a porta, o vestido dela se agrupou entre nossos corpos enquanto Serafina envolvia suas pernas ao redor dos meus quadris. Bloqueando os olhares, eu dirigi nela em um impulso duro. Suas paredes apertaram em torno do meu pau, e ela inclinou a cabeça para trás com um suspiro, mostrando a garganta perfeita. Marquei sua pele imaculada, meus dedos cravando em suas coxas macias enquanto eu batia nela de novo e de novo. Ela se agarrou aos meus ombros, seus lábios entreabertos, as pálpebras pesadas de prazer. Seu aperto se tornou doloroso quando ela chegou mais perto, seus saltos cravando na minha bunda. Eu gemi, minhas bolas apertando, mas continuei empurrando nela, empurrando-a contra a parede, e então ela congelou com um lindo choro. Levou

todo o meu autocontrole para não ser levado com ela. Grunhindo, eu continuei balançando meus quadris até que ela suavizou, e sua cabeça caiu para frente para um beijo descoordenado.

— Não fique muito confortável. Eu não terminei com você — eu disse asperamente.

Ela sorriu contra a minha boca, seu cabelo loiro grudado nela e na minha testa enquanto eu a levava para a nossa cama. Deixei-a cair no colchão e ela soltou um bufo indignado, as pernas já se separando em convite.

Eu balancei a cabeça com um sorriso sombrio. — De joelhos.

Ela rolou, expondo as nádegas da bunda redonda, em seguida, ajoelhou-se na cama. A visão dela me esperando assim fez meu pau se contorcer. Eu me inclinei sobre ela e mordi sua bunda antes de puxá-la em direção ao meu pau esperando. Eu peguei a ligeira contração de seus músculos, o jeito que ela se preparou, mas ela relaxou, ficou macia quando deslizei para dentro de sua boceta não sua bunda.

Nós tentamos algumas vezes. Sempre foi o meu favorito antes dela, mas eu poderia dizer que Serafina só fazia isso por mim. Ela não gostava e, por sua vez, perdeu seu apelo para mim. Eu queria Serafina louca com a luxúria não tensa de desconforto.

Eu estabeleci um ritmo duro e rápido, minhas bolas batendo contra sua boceta. Serafina deslizou a mão sob seu corpo e começou a acariciar seu clitóris, escovando meu pau com as unhas no processo, me deixando completamente louco. Inclinando-me para frente, eu afastei seu cabelo de lado para que pudesse ver suas asas tatuadas. Eu já estava perto, e quando bati em Serafina mais fundo do que antes, finalmente me soltei. Serafina também foi pega pelo meu clímax e arqueou, seus braços cederam quando sua própria liberação a atingiu. Continuei bombeando nela até estar completamente gasto. Eu dei uma palmada na sua bunda antes de sair e cair ao lado dela. Ela se aconchegou contra mim, nossa respiração irregular, corpos escorregadios de suor. Nós compartilhamos um beijo lento e demorado.

Eu passei um braço em volta do ombro dela, e Serafina uniu nossas mãos, segurando-as. O anel alado com os diamantes e safiras negras parecia perfeito em seu longo dedo. Eu tinha encomendado para ela, e levou várias tentativas do

joalheiro para conseguir exatamente como eu queria. Sua testa estava sempre banhada de suor quando eu lhe fazia uma visita.

Serafina me pegou de surpresa com sua escolha para mim, mas ela não poderia ter escolhido melhor. O carboneto o centro de ébano preto não parecia estranho na minha mão como eu temia que fosse. Eu nunca usei qualquer tipo de joia, e pensei que nunca o faria. O casamento estava fora de questão. Eu nunca entendi seu apelo. Eu tinha a companhia dos meus irmãos e mulheres suficientes à disposição para fazer sexo.

Eu nunca me importei com nenhuma mulher, exceto Kiara, talvez, mas esse era um tipo diferente de carinho. E então veio Serafina, meu anjo, a mulher que deveria ser meu maior triunfo, e foi - só não da maneira que eu achava que seria.

— O que você está pensando? — Serafina murmurou, sua voz lenta e relaxada.

— Que você é meu maior triunfo.

Ela olhou para mim. — Eu sou a rainha. Você é o rei. E você me usou para colocar a Outfit em xeque-mate.

Sua voz era suave e provocante porque ela sabia que eu não queria dizer isso, não mais.

— Se alguém levou o xeque-mate, então fui eu, — murmurei. — Você me derrubou, limpou minha determinação, capturou meu coração negro e cruel.

Ela levantou a cabeça. — Nenhum de nós levou xeque-mate. Nós dois vencemos o jogo. Nós temos um ao outro. Nós temos Nevio e Greta.

— Você teve que perder alguma coisa para ganhar.

Ela assentiu, mas seus olhos não estavam tristes. — Sim. Mas perder algo faz você apreciar muito mais as coisas que tem. Não me arrependo de nada porque me trouxe até aqui. Eu te amo com todas as fibras do meu ser.

Eu a puxei para um beijo, ainda atordoado por ela conseguir me amar depois do que fiz. Eu levemente tracei a cicatriz quase invisível em seu antebraço. — E eu te amo, — eu murmurei duramente. Nunca pensei em dizer

essas palavras a ninguém, embora tivesse admitido meus sentimentos a Serafina antes. — Porque você enfrenta a minha escuridão todos os dias, porque você deveria correr, mas não o fez, porque você me deu o maior presente de todos, nossos filhos e você mesma.

— Eu encaro sua escuridão alegremente porque sua luz brilha mais forte contra ela, — ela disse. Eu a beijei ferozmente.

Essa mulher tinha meu coração cruel. Ela sempre teria isso.

Eu era cruel.

Eu estava além da redenção, mas não me importava muito desde que Serafina... desde que Nevio e Greta vissem alguma coisa redentora quando olhassem para mim. Eu me certificaria de nunca trair o amor e a confiança deles. E se alguém ousasse tirá-los de mim, eu mostraria aos desgraçados infelizes o que era para aqueles a quem não dava a mínima: o homem mais cruel do Oeste.

Fim!

Notas

[←1]

Uma estepe, uma pessoa sobressalente, indesejada.

[←2]

Basicamente, **é** uma metáfora de guerra, como “fazer sua posição” ou “desenhar uma linha na areia”. Isso significa “você realmente **quer** insistir em seu ponto de vista sobre isso”?

[←3]

Alusão a fábula ‘Cachinhos Dourados e os Três Ursos’, uma pessoa que procura fazer tudo corretamente.

[←4]

Peixe Frio – Apelido para o Dante.

[←5]

Kifli, que significa "twist", "crescente" é um tradicional rolo de fermento europeu feito em forma de lua crescente. A pastelaria chama-se kifli em húngaro, *rohlík* em tcheco, *Kipferl* em alemão austríaco.